



UnB

INSTITUTO DE PSICOLOGIA (IP)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL, DO TRABALHO E
DAS ORGANIZAÇÕES (PSTO)

**Gênero, Sofrimento e Virilidade: psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos
guardas civis metropolitanos de Goiânia**

Ronaldo Gomes Souza

Orientadora: Profa. Dra. Ana Magnólia Mendes

Brasília

2017

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA (IP)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL, DO TRABALHO E
DAS ORGANIZAÇÕES (PSTO)

**Gênero, Sofrimento e Virilidade: Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos
guardas civis metropolitanos de Goiânia**

Ronaldo Gomes Souza

Orientadora: Profa. Dra. Ana Magnólia Mendes

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia Social, do Trabalho e das
Organizações, do Instituto de Psicologia da
Universidade de Brasília, como requisito parcial à
obtenção do título de Doutor.

Brasília

2017

Tese defendida em 08/12/2017, avaliada pela banca examinadora constituída por:

Professora Dra. Ana Magnólia Bezerra Mendes
Presidente da Banca Examinadora
Instituto de Psicologia – Universidade de Brasília

Professora Dra. Carla Sabrina Antloga
Instituto de Psicologia – Universidade de Brasília

Professora Dra. Maria Elisa Ansoleaga
Facultad de Psicología - Universidad Diego Portales

Professor Dr. Johnny Javier Orejuela Gómez
Escuela de Humanidades – Universidad EAFIT, Medellín

Professora Dra. Elaine Rabelo Neiva
Instituto de Psicologia – Universidade de Brasília – Suplente

One day you learn ...	Um dia você aprende ...
<p>After awhile you learn the difference, the subtle difference between holding a hand and chaining a soul. And you learn that love does not mean leaning and company does not always mean security or proximity. And get learn that kisses are not contracts, nor promises of everlasting love. Begin to accept your defeats with your head up and eyes radiant with the grace of an adult - and not the grief of a child. And learn to build all your roads on today because tomorrow's ground is too uncertain for plans, while the future has a way of falling down in mid-flight.</p>	<p>Depois de algum tempo você aprende a diferença, a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma. E você aprende que amar não significa apoiar-se, e que companhia nem sempre significa segurança ou proximidade. E começa aprender que beijos não são contratos, tampouco promessas de amor eterno. Começa a aceitar suas derrotas com a cabeça erguida e olhos radiantes, com a graça de um adulto – e não com a tristeza de uma criança. E aprende a construir todas as suas estradas no hoje, pois o terreno do amanhã é incerto demais para os planos, ao passo que o futuro tem o costume de cair em meio ao vão.</p>
<p>After a while you learn that the sun can burn out if we get exposed to it for long. And you learn that no matter how much you care, some people simply do not care ... and you accept that no matter how good a person, it will hurt you every once in a while, and for this you must always be willing to pedo it.</p>	<p>Depois de um tempo você aprende que o sol pode queimar se ficarmos expostos a ele durante muito tempo. E aprende que não importa o quanto você se importe: algumas pessoas simplesmente não se importam... E aceita que não importa o quão boa seja uma pessoa, ela vai ferí-lo de vez em quando e, por isto, você precisa estar sempre disposto a pedoá-la.</p>
<p>You learn that talking can ease emotional pains. Discover that it takes a while to build trust and only seconds to destroy it, and you in a moment, can do things we regret it for rest of life. Learns that true friendship continues to grow even over long distances, and, indeed, good and true friends were our own family that allowed us to know. You learn that we do not have to change friends, if we understand that friends change (like you), you realize that your best friend and you can do anything or even nothing, having, anyway, good times together.</p>	<p>Aprende que falar pode aliviar dores emocionais. Descobre que se leva certo tempo para construir confiança e apenas alguns segundos para destruí-la; e que você, em um instante, pode fazer coisas das quais se arrependerá para o resto da vida. Aprende que verdadeiras amizades continuam a crescer mesmo a longas distâncias, e que, de fato, os bons e verdadeiros amigos foram a nossa própria família que nos permitiu conhecer. Aprende que não temos que mudar de amigos: se compreendermos que os amigos mudam (assim como você) perceberá que seu melhor amigo e você podem fazer qualquer coisa, ou até coisa alguma, tendo, assim mesmo, bons momentos juntos.</p>
<p>Discovers that the people you most care about in life are taken from you too soon or too quickly. Therefore, we should always let people who truly love with soft words, Love, because every moment that passes carries the possibility of being the last time that we will see, learn that the circumstances and environments have influence on us, but we are only responsible for ourselves, begin to understand that one should not compare yourself with others, but the best you can be.</p>	<p>Descobre que as pessoas com quem você mais se importa na vida são tomadas de você muito cedo, ou muito depressa. Por isso, sempre devemos deixar as pessoas que verdadeiramente amamos com palavras brandas, amorosas, pois cada instante que passa carrega a possibilidade de ser a última vez que as veremos; aprende que as circunstâncias e os ambientes possuem influência sobre nós, mas somente nós somos responsáveis por nós mesmos; começa a compreender que não se deve comparar-se com os outros, mas com o melhor que se pode ser.</p>
<p>Discover that it takes a long time to become the person you wish to make, and that time is short. Learn that no matter to the point where we have arrived, but where we are, in fact, going - but if you do not know where you're going, anywhere will do.</p>	<p>Descobre que se leva muito tempo para se tornar a pessoa que se deseja tornar, e que o tempo é curto. Aprende que não importa até o ponto aonde já chegamos, mas para onde estamos, de fato, indo – mas, se você não sabe para onde está indo, qualquer lugar servirá.</p>
<p>You learn that either you control your actions and temperament, or end up a slave himself, because they will eventually control it, and that being flexible does not mean being weak or have no personality, because no matter how delicate or fragile the situation is there are always two sides to be considered, or analyzed.</p>	<p>Aprende que: ou você controla seus atos e temperamento, ou acabará escravo de si mesmo, pois eles acabarão por controlá-lo; e que ser flexível não significa ser fraco ou não ter personalidade, pois não importa o quão delicada ou frágil seja uma situação, sempre existem dois lados a serem considerados, ou analisados.</p>
<p>You learn that heroes are people who were courageous enough to do what was necessary to do, facing the consequences of their actions. You learn that patience requires a lot of persistence and practice. Discovers that sometimes the person you expect to kick you when you fall, you may be one of the few that will help you get up. (...) You learn that no matter how many pieces your heart was broken: the world simply will not stop so you can fix it. You learn that time is not something that can go back. So plant yourself your garden and decorate your own soul - instead of waiting forever for someone to bring you flowers. And you learn that, indeed, all can support, that is really strong and can go much further - even after thinking not being able. And that life really has its value, and, you, your own and unquestionable value in life.</p>	<p>Aprende que heróis são pessoas que foram suficientemente corajosas para fazer o que era necessário fazer, enfrentando as consequências de seus atos. Aprende que paciência requer muita persistência e prática. Descobre que, algumas vezes, a pessoa que você espera que o chute quando você cai, poderá ser uma das poucas que o ajudará a levantar-se. (...) Aprende que não importa em quantos pedaços o seu coração foi partido: simplesmente o mundo não irá parar para que você possa consertá-lo. Aprende que o tempo não é algo que possa voltar atrás. Portanto, plante você mesmo seu jardim e decore sua alma – ao invés de esperar eternamente que alguém lhe traga flores. E você aprende que, realmente, tudo pode suportar; que realmente é forte e que pode ir muito mais longe – mesmo após ter pensado não ser capaz. E que realmente a vida tem seu valor, e, você, o seu próprio e inquestionável valor perante a vida.</p>
<p><i>William Shakespeare</i></p>	<p><i>William Shakespeare</i></p>

Dedico este trabalho à Sara Marques Bringel (in memorian),

*Uma grande amiga que me ensinou e me estimulou a
lutar pela coexistência de todas as belezas das
pessoas do mundo e que todas as cores são
importantes no movimento e no quadro da vida.*

AGRADECIMENTOS

Esta tese de doutorado não seria possível sem o carinho, apoio e ajuda de muitas pessoas que tive a honra e privilégio de conhecer, compartilhar histórias e aprender tantas coisas que foram muito valiosas antes, durante e após a “conclusão” desta experiência na academia. Experiência esta que foi marcada tanto por muitos altos e baixos acadêmicos, profissionais e pessoais e, claro, quanto da constante tensão de prazer e sofrimento de desenvolver a própria tese. Assim, agradeço, em detalhes, a todas as pessoas abaixo... meus tesouros...

Primeiramente gostaria de agradecer à minha orientadora, **Ana Magnólia Mendes** que, com seu sorriso, boa vontade, carinho, paciência e astúcia, me acolheu e me estimulou a conhecer mais de perto os desafios que os sujeitos enfrentam no trabalho. Ela me mostrou que, com a psicodinâmica, é possível construirmos outros caminhos para ressignificar o sofrimento no trabalho. Ainda, me mobilizou e me sensibilizou a conhecer e mergulhar nas contradições do mundo, para lutarmos por um sujeito que possa encontrar no trabalho uma fonte de mais prazer e saúde, de forma política (mais democrática), ética, crítica e criativa.

À **Carla Sabrina Antloga** que, graças à sua dedicação, paciência, carinho e atenção, me possibilitou construir um projeto mais robusto, me dando mais força e confiança para desenvolver a presente tese. Suas orientações, elegância, inteligência e suporte fizeram toda a diferença para a existência deste trabalho, deixando-o mais belo, organizado e coerente.

À **Guarda Civil Metropolitana de Goiânia (GCM)**, que aceitou o processo de pesquisa, contribuindo, significativamente, para a coleta de dados e, na medida do possível, de forma acessível, prática e amigável. Obrigado por abrir suas portas para tentarmos entender um pouco mais sobre a psicodinâmica que configura a realidade do trabalho de vocês. Em especial, agradeço a todos os participantes que se envolveram diretamente com este trabalho. Sem vocês, essa tese não existiria. Obrigado.

À **Universidade de Brasília...** uma instituição acadêmica de excelência e que me orgulho muito de ser um estudante de doutorado. Como disse na minha carta do processo seletivo, sempre foi um sonho meu estudar na UnB. Obrigado por possibilitar tal formação que, agora, tenho a honra e compromisso de compartilhar o que aprendi com todos que me cercam.

Ao Programa de Pós-graduação em **Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (PSTO)**, por me permitir otimizar meus conhecimentos na área e aprender mais sobre pesquisa. A todos os colaboradores da secretaria, professores e alunos do programa. Da secretaria, destaque para o **Thiago**, que sempre foi muito educado e, com muita paciência e

profissionalismo, atendeu às minhas solicitações, esclarecendo dúvidas, me ensinando e me orientando sobre diversas questões e demandas do programa.

Aos meus colegas do **Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho (LPCT)**, especialmente à **Fernanda Duarte** que, muitas vezes, me iluminou com suas ideias e me aqueceu com seu amparo e com alguns diálogos. À **Laene Gama**, que é uma excelente psicóloga e profissional. Uma pessoa agradável e muito criativa. À **Victória Gómez, Emílio Facas, Thiele Castro, Murylo Galvão, Fernando Vieira, Graziela Amaral; Katsumi Takaki, Liliam Ghizoni**.

Aos meus colegas do PSTO, **Daniel Barbosa** por todo o suporte, dicas e atenção, **Thaísa Tiba**, por compartilhar politicamente comigo algumas ideias sobre a academia e **Daniel Pagotto**, que me acompanhou em muitas viagens de Goiânia à Brasília e vice-versa, para fazermos uma disciplina no PSTO da UnB, trocando muitas ideias sobre tudo. A todos os meus demais colegas que compartilharam matérias comigo, trocando ideias e aprendo mais uns com os outros, tanto o pessoal do mestrado quanto do doutorado, como a **Viviane da Mata, Jesselyn Tashima, Francisco Júnior, José Torres (“Zé da Colombia”)** e **Kelma Soares**.

Aos professores do PSTO, especialmente para a **Elaine Neiva**, que me guiou e me ajudou muito em diferentes matérias e processos acadêmicos, com sua honestidade, paciência, atenção e carinho. Ao **Fabio Iglesias**, que acreditou em mim e me estimulou para me inscrever e enfrentar o concurso da PUC Goiás, na área de Psicologia Social e do Trabalho. Seu apoio foi fundamental para me sentir mais forte e confiante (e tive êxito). Além disso, sua postura como professor me inspira a ser um professor e um pesquisador melhor a cada dia. Ao **Claudio Torres** e à **Katia Puente-Palacios** pelo carinho, confiança e todo conhecimento compartilhado.

Aos meus colegas de trabalho e alunos da **Faculdade Sul-Americana (FASAM)**, em especial ao professor **José Auricícero** que sempre me apoiou, me incentivou e me cativou para integrar suas atividades acadêmicas. Obrigado pela confiança. Você é um excelente profissional. Ao professor **Frederico Paixão** pelo carisma, elegância e sorrisos, me fazendo acreditar que, mesmo diante dos desafios mais árduos, há uma luz no fim do túnel. Aos professores **Sérgio Miranda**, pelo carisma, parceria e torcida incondicional antes e durante o processo seletivo do doutorado, pelas conversas, amparo e ideias; **Silvia, Carol, Eloisa, Elaine, Bruno, Roberta, Regina, Jullena, Chris, Renato, Márcio, Kátia, Laise, Iury, Ângela, Ednilto, Ítalo Camilo e Eugenio**, todos os colaboradores técnico-administrativos e os diretores, especialmente, ao **Ítalo Castro**, pelo apoio, paciência, confiança, auxílio e

compreensão de todo o processo antes e depois de entrar no doutorado do PSTO da UnB e ao diretor **Paulo Gonçalves**; eu me identifico com sua história de luta e de superação... suas conquistas e determinação me enchem de esperança e novos sonhos.

À **Alba Cristhiane Santana**. Sinta-se parte desta realização, desta conquista. Você, como ninguém, me mostrou que seria capaz de lutar por aquilo que acredito, com qualidade e disciplina. Você é uma pessoa que admiro muito, me espelho nas suas ideologias e práticas como psicóloga e como excelente professora que você é. Você me faz acreditar em um mundo melhor, assumindo o papel de resistente. Sem seu incentivo, não teria iniciado essa trajetória na UnB. Muito obrigado por acreditar, por me ouvir e confiar em mim.

Aos meus colegas de trabalho, alunos e monitores da **Pontifícia Universidade Católica de Goiás** (PUC). Para mim, é uma honra poder trabalhar ao lado de muitas pessoas que eu admiro. Sinto-me um privilegiado de trabalhar com os meus mestres, em uma instituição que me formei e que, hoje, me permite continuar formando novos psicólogos. Obrigado **Pedro Humberto Faria Campos, Ilma Goulart, Lorismário Simonassi, Mercedes Cupolillo, Agda Dias, Anita Resende, Adriana Pereira, Ivana Oriente, Sonia Gomes Sousa, Antônio Carlos, Flávio Borges, Alberto de Oliveira, Izabela Sousa, Helenides Mendonça, Katia Macêdo, Maria Augusta, Ana Maria, Maria da Conceição Procópio** (*in memoriam*), em especial ao **Lauro Nalini** que, com sua ética profissional, enquanto coordenador do programa, na época, fez justiça para nós, bolsistas do CNPq, para recebermos nossa bolsa de forma regular e integral. Uma vez que o sistema estava dando erro e repassando nosso benefício de forma parcial, você foi atrás de soluções e resolveu tal problema. Saiba que isso fez muita diferença para mim, que tinha poucas condições financeiras. A partir desse dia, tive outro exemplo de honestidade e profissionalismo, me inspirando a continuar lutando para um mundo melhor, ajudando as pessoas, nas minhas limitações. Eu admiro você, Lauro; obrigado.

E, graças ao mestrado, pude continuar minha jornada na academia, na condição de doutorando e com o prazeroso compromisso de produzir e disseminar conhecimento, qualificando, ainda mais, também, meu papel de educador. Obrigado, mais uma vez, também, ao **CNPq**, por ter acreditado no meu projeto/trabalho e me apoiado no mestrado.

Às minhas colegas de trabalho, alunos, colaboradores e voluntários da extensão do **PNV**, especialmente para **Vera Morselli**, símbolo da resistência, luta e conquistas. Seu carisma, bravura e inteligência me conquistaram à primeira vista. Obrigado por me cativar, confiar e acreditar nas minhas competências e profissionalismo. Graças a você, conheci o PNV e me reconheci, ainda mais, enquanto um psicólogo social e do trabalho. Seu apoio e carinho

me transformam todas as vezes que nos encontramos. Tenho você como referência, exemplo. Eu te respeito e te admiro muito. À **Iracema Gonzaga**, que sempre nos defende e nos representa enquanto equipe. Obrigado pelo carinho e apoio. À **Julia Pargeon**, minha querida parceira da frente “saúde do trabalhador”. Sempre aprendo muito com as suas sacadas nas interações grupais que realizamos juntos. Você é uma querida. Obrigado pela ajuda e pelo companheirismo e à **Tahiná Vianey** pela atenção e carinho.

À Comissão Intersetorial de Saúde e Segurança do Trabalho dos Profissionais do município de Goiânia, em especial ao **Leonardo, à Genivalda Cravo, Márcia Maristela e Marlúcia Coutinho**. A disposição, energia e luta de vocês por melhorias me iluminaram inúmeras vezes para continuar firme na tentativa de entender melhor a psicodinâmica do adoecimento dos guardas homens e, assim, poder apontar alguns caminhos de ações para promover mais saúde psíquica para eles e demais servidores do município.

Aos meus colegas de trabalho e alunos do **CCAA**, especialmente para o professor **Diogo, Aline e à Vania**, companheiros de muitas conversas e diversão, e aos diretores, os irmãos Rosa: **Daniela, Reinaldo e Luciano**. A confiança e oportunidade que vocês me deram, foram decisivas para eu poder continuar com os meus sonhos. Sou muito grato a vocês, por tudo.

Ao pessoal da Nova Acrópole, especialmente à **Maria Inês**, minha eterna mestra, à **Alice, ao Idelfonso, à Marcela, Julia e Pilar**. Com vocês, fui tocado pela filosofia. Foi lá que me descobri docente e aprendi mais sobre ciências, religião, política e arte. Era lá que dormia meu desejo de ser professor universitário. Obrigado a todos vocês que fizeram acordar em mim, o professor universitário que sou hoje, tentando trilhar e orientar as pessoas no/para o caminho da beleza, da bondade e da justiça. Aprendi tanto na Nova Acrópole, e de uma forma tão intensa, que uso até hoje os conhecimentos compartilhados lá, me inspirando a ser um professor, um psicólogo, um discente, um cidadão, um amigo mais ético, envolvido, comprometido, disciplinado, honrado, motivado e amoroso.

Aos demais colegas, professores e pessoas queridas que já passaram por mim e, apesar de não ter muito contato hoje, me ajudaram e me apoiaram em todos os diferentes caminhos que trilhei ao longo da vida. Obrigado **André Souto, Frederico Oliveira, Isabela Rebouças, Paulo Veras, Marcélio Rodrigues, Ludmilla Silva, Jean Lousa, Diego Marques, Dona Helena, Douglas Vasconcelos, Heitor, à Dona Ana Maria**, minha segunda mãe, **ao João Lemos, Dalva Souza, Rangel Ribeiro, Fernando Lima**, pela atenção, ajuda, conversas, apoio e carinho. À professora **Regina Helena** que me disse que eu seria um bom psicólogo, frase

essa que mudou a minha vida, e decidi, aos 14 anos, ser um psicólogo... sempre me estimulou a escrever e expressar meus sentimentos por meio de textos, poemas, “redações”... Ao professor **Ruener Fabio**, que me ensinou a não ter medo de ser quem eu sou. Ao pessoal do **IDEA**... onde sempre me senti valorizado e respeitado. Por isso, obrigado **Cleber** e nossa querida diretora, sua mãe, e, claro, a toda a equipe, principalmente ao **Kesley** e ao **Isaías**, pela paciência e suporte de sempre. Ao meu querido **José Eduardo Macedo**, por me acompanhar em algumas viagens para UnB, pelos presentes, por me ouvir e me apoiar. A todo o pessoal de Araguari, especialmente à **Dona Maria, Sonia, Marlene** e ao **Emílio**.

Aos meus cachorrinhos (um casal de *chow chow*): **Lacan e Sofia**, que têm sido minha companhia, no pouco tempo que consigo ficar em casa, me enchendo de alegria e retribuindo respeito e carinho.

Aos meus amigos, meus irmãos, **Marcelo Perilo, Kelly Rodrigues, Fernanda Sousa, Fátima Regina Freitas, Gabriel Queiroz, Leonardo Giordani, Sara Bringel** (*in memoriam*), **Graziela Vieira, Marcielle Aparecida; Joaquim Filho; Janaina Duque e Vinícius Fabrine**. Vocês dão mais graça à minha vida. Vocês são o meu sol, minhas estrelas, minha lua, meu planeta, meu sistema solar, meus cosmos, minhas galáxias, meus átomos... Vocês sempre torceram por mim. Amo, profundamente, todos vocês. Graças à amizade de vocês, eu sou quem eu sou. Graças aos seus amores, eu consegui conquistar tudo o que tenho hoje. Vocês são a prova que todo o esforço vale a pena e que somos, realmente, responsáveis por aquilo que cativamos. Admiro e respeito, carinhosamente, cada singularidade e peculiaridade de vocês.

E, por fim, todos os meus parentes e familiares... que, mesmo sem entender direito até hoje que fico estudando e trabalhando todos os dias, por horas; passo TODOS, TODOS os domingos na frente do computador lendo, escrevendo, trabalhando e/ou estudando e, muitas férias, fazendo essas mesmas coisas... Porém, vocês nunca desistiram de mim... mesmo não retribuindo o carinho e a atenção que vocês merecem... em especial às minhas tias **Iraci e Iracema**, principalmente à minha tia Iraci que, muitas vezes, me ajudou, me apoiou... sempre torceu por mim e admira minha trajetória e minhas conquistas. Seu carinho me dá força para querer ir mais longe. Aos meus irmãos **Albenize e Euciner**, pelo carinho e admiração. Às minhas queridas e doces sobrinhas, **Thauana e Thaynara**. Ao meu pai, **Ronaldo**, pelo suporte financeiro nos meus estudos e à minha mãe, **Maria Alice**: mulher batalhadora, guerreira, determinada. Você foi minha mãe e meu pai. Sua força me inspira. Você é um exemplo para mim. Graças a você, pude continuar seguindo meus passos. Seu apoio diário é fundamental para que eu possa continuar realizando meus dois grandes sonhos, que tenho o privilégio de

exercer todos os dias, que posso cumprir o motivo da minha existência nesse planeta: ocupar os papéis sociais de psicólogo e professor (como expressão de cidadania). Muitas vezes tivemos limitações financeiras, mas você estava ali, dando o que você podia e nem podia só para garantir minha educação, minha saúde, meu conforto, meu bem-estar e ter um pouquinho mais de qualidade de vida. Você é do tipo de mãe que tira da própria boca para dar para os seus filhos. Já chegou a trabalhar 3 turnos, na escola, como professora, para sobrar um pouquinho a mais de dinheiro para me dar presentes e me reconhecer pelos meus esforços de ser um bom estudante, um bom filho e por toda minha dedicação e esforços. Você é uma fofa e eu te amo muito. Acho que nunca vou poder retribuir um teço do que você foi capaz de fazer por mim até hoje. Muito obrigado por tudo.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	6
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	14
Resumo.....	16
Abstract	17
INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO 1. BREVE HISTÓRICO DA GUARDA MUNICIPAL NO BRASIL	29
1.1 A Guarda Civil Metropolitana (GCM) de Goiânia.....	35
CAPÍTULO 2. GÊNERO MASCULINO, VIRILIDADE E TRABALHO	45
2.1 Masculinidade e virilidade	55
2.2 Trabalho masculino e a defesa da virilidade	65
CAPÍTULO 3. TRABALHO E AS ESTRATÉGIAS DEFENSIVAS FRENTE AO SOFRIMENTO: O MODELO TEÓRICO DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO.....	72
3.1. Trabalho	72
3.2 Psicodinâmica do Trabalho	80
3.3 Defesas e processo de adoecimento no trabalho	86
CAPÍTULO 4. MÉTODO	92
4.1 Pesquisa qualitativa.....	94
4.2 Entrevista semiestruturada e observação não participante.....	95
4.3 Análise de Contéudo (AC) de Bardin (1977).....	96
4.4 Procedimentos e sujeitos participantes	98
CAPÍTULO 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	104
5.1 Pré-pesquisa – entrevista coletiva.....	104
5.1.2 Atividade complementar sobre saúde do trabalhador com GCMs adoecidos.....	129
5.2 Entrevistas individuais com GCMs adoecidos e não adoecidos	141
5.2.1 Entrevistas individuais com GCMs adoecidos	142
5.2.2 Entrevistas individuais com os GCMs não adoecidos	174
CAPTÍTULO 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	196
REFERÊNCIAS.....	209
APÊNDICES	217
Apêndice 1 - Termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	218
Apêndice 2	220
Apêndice 3	221
Apêndice 4 – Cartaz sobre as fontes de sofrimento do trabalho do GCM – grupo 1.....	222

Apêndice 5 – Cartaz sobre as fontes de prazer do trabalho do GCM – grupo 1.....	223
Apêndice 6 – Cartaz sobre as fontes de sofrimento do trabalho do GCM – grupo 2.....	224
Apêndice 7 – Cartaz sobre as fontes de prazer do trabalho do GCM – grupo 2.....	225
Apêndice 8	226
ANEXOS	227
Anexo 1	228
Anexo 2 – mapa do município de Goiânia, suas respectivas administrações regiões e população por região	229

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADROS

Quadro 1 - Diferença entre as polícias e a guarda municipal.....	32
Quadro 2 - Capítulos I e II da Lei 13.022 de 2014	33
Quadro 3 - Missão da GCM de Goiânia, presente na Lei Municipal 9.354 de 2013.....	36
Quadro 4 - Objetivos dos GCMs de Goiânia, presente na Lei Municipal 9.354 de 2013.....	37
Quadro 5 - Algumas atribuições dos GCMs de Goiânia, presente na Lei Municipal 9.354 de 2013.....	38
Quadro 6 - Diretrizes dos GCMs de Goiânia, presente na Lei Municipal 9.354 de 2013	39
Quadro 7 - Requisitos para ingresso no cargo de Guarda Civil Metropolitana de Goiânia, presente na Lei Municipal 9.354 de 2013	40
Quadro 8 - Requisitos para progressão vertical dos GCMs de Goiânia, presente na Lei Municipal 9.354 de 2013.....	40
Quadro 9 - Pares de opostos relacionados ao masculino e feminino manifestos nas falas dos profissionais de saúde	68
Quadro 10 - Etapas do desenvolvimento da pré-pesquisa e da pesquisa (propriamente dita)	94
Quadro 11 - Processo da Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (1977); Adaptado pelo autor (2016).	97
Quadro 12 - Descrição das imagens e frases do cartaz sobre as fontes de sofrimento do trabalho do GCM – grupo 1 (Apêndice 4)	130
Quadro 13 - Descrição das imagens e frases do cartaz sobre as fontes de prazer do trabalho do GCM – grupo 1 (Apêndice 5).....	136
Quadro 14 - Descrição das imagens e frases do cartaz sobre as fontes de sofrimento do trabalho do GCM – grupo 2 (Apêndice 6)	138
Quadro 15 - Descrição das imagens e frases do cartaz sobre as fontes de prazer do trabalho do GCM – grupo 2 (Apêndice 7).....	139
Quadro 16 - Temas da Análise de Conteúdo (AC) dos guardas adoecidos	142
Quadro 17 - Relato do GCM1 sobre quando percebeu que estava adoecido	155
Quadro 18 - Relato do GCM2 sobre a falta de preparo e adoecimento no trabalho.....	157
Quadro 19 - Relato do GCM3 sobre a falta de preparo e adoecimento no trabalho.....	159
Quadro 20 - Relato da estratégia para lidar com o adoecimento do GCM1	162
Quadro 21 - Relato da estratégia para lidar com o adoecimento no trabalho do GCM2	163
Quadro 22 - Relato da estratégia para lidar com o adoecimento no trabalho do GCM3	165
Quadro 23 – Relato sobre o constrangimento da ineficiência da política de repressão contra os problemas sociais de violência do GCM4.....	167
Quadro 24 - Relato de falta de reconhecimento da sociedade do GCM4	168
Quadro 25 – Relato de racionalização e relação gênero/defesa de virilidade x saúde psíquica no trabalho do GCM7.....	169
Quadro 26 - Relato da consequência de se ter um atestado que confirma que se fracassou no trabalho do GCM8	169
Quadro 27 - Relato sobre formas de enfrentar o constrangimento; masculinidade/virilidade... armamento/defesa de si e dos outros do GCM4	170
Quadro 28 - Tema: Doenças no trabalho.....	175

Quadro 29 - Tema: Família como explicação de ter problemas psicológicos e enfrentarem o sofrimento usando drogas; a doença começou em casa, fora da guarda, na família e a solidão/falta de suporte da família.	175
Quadro 30 - Tema: falta de estrutura, materiais, espaço físico, recursos, instrumentos e negação das doenças, problemas, sofrimentos psicológicos	175
Quadro 31 - Tema: orgulho do que faz	176
Quadro 32 - Tema: os GCMs sem defesa própria para defender a população	176
Quadro 33 - Tema: gênero masculino, força do coletivo, brincadeiras... ..	176
Quadro 34 - Tema: constrangimento e contradições	176
Quadro 35 - Tema: racionalização, negação, rigidez e mais contradição	177
Quadro 36 - Tema: Masculinidade, virilidade e impacto na saúde psíquica	177
Quadro 37 - Tema: Discurso de masculinidade, relação de poder, GCM vs Polícia Militar (PM); analogia instituição pública vs privada	177
Quadro 38 - Tema: doenças no trabalho	178
Quadro 39 - Tema: precarização, falta de estrutura, equipamento, mudança da lei de 2013 (municipal)/2014 (federal).....	178
Quadro 40 - Tema: novas demandas na segurança pública; preconceito e falta de reconhecimento da sociedade e constrangimento	178
Quadro 41 - Tema: qualificação dos guardas; referencia para outros; masculinidade / virilidade e o trabalho do guarda	179
Quadro 42 - Tema: Masculinidade / virilidade	179
Quadro 43 - Tema: masculinidade, virilidade, heroísmo, valentia	179
Quadro 44 - Tema: relação virilidade ao longo do tempo; lidar com os problemas e estresses dos outros.....	180
Quadro 45 - Tema: herói, virilidade, justiça, honra, masculinidade	180
Quadro 46 - Tema: constrangimento.....	180
Quadro 47 - Tema: enrijecimento, defesa viril, racionalização.....	181

TABELAS

Tabela 1 - Referência de vencimentos (remuneração em reais) dos GCMs de Goiânia com cargas horárias de 40 a 80 horas semanais, em relação à progressão vertical (I-V) e horizontal (A-J)	41
Tabela 2 - Categorias a partir da Análise de Conteúdo dos guardas adoecidos	143
Tabela 3 - Categorias a partir da Análise de Conteúdo dos guardas não adoecidos.....	181

Resumo

O objetivo desta tese é relacionar organização do trabalho, sofrimento e estratégia defensiva individual e coletiva da virilidade utilizada pelos guardas civis metropolitanos de Goiânia do gênero masculino com a negação do adoecimento no trabalho. Para tanto, é utilizado as orientações da psicodinâmica do trabalho, que permite aprofundar nas lacunas que existem entre o trabalho prescrito e o trabalho real, bem como as relações de prazer/sofrimento e saúde/doença no trabalho. A segurança pública do município, assumido pela Guarda Civil Metropolitana de Goiânia, enfrentou e enfrenta diferentes desafios sociais para combater a violência, manter a ordem e segurança das pessoas, bens, serviços e patrimônios públicos locais. Estudos, no Brasil, mostram que há uma desvalorização dessa profissão, que é exercida, historicamente, em sua grande maioria, por homens. Eles enfrentam problemas constrangedores causados pela organização do trabalho como falta de equipamentos e treinamentos, falta de reconhecimento por parte da própria instituição, da população e, até, de familiares e da mídia/imprensa. Questiona-se, então, como esses profissionais lidam com essas fontes de sofrimento, as defesas que eles usam e o impacto que a variável gênero masculino/virilidade tem nesse processo, mais especificamente aqueles que adoeceram no trabalho. Assim, tem-se como tese que os guardas civis metropolitanos de Goiânia, homens, para confrontar o sofrimento originado nos constrangimentos da organização do trabalho, usam as estratégias defensivas individual e coletiva de virilidade, que é reforçada pelo gênero e produtora da ideologia da negação do adoecimento no trabalho da categoria. Na literatura, encontra-se que o homem, histórica, cultural e socialmente, é tido como forte, valente, corajoso, ágil, deve proteger, principalmente, as crianças, mulheres, idosos, os mais fracos, etc..., defendendo uma imagem de virilidade, algo que está entre o ser homem, homem de verdade, e o ser o super-homem, o herói. Como a profissão de segurança pública é tipicamente masculina e a organização do trabalho articula prescrições, desejos, demandas e necessidades para os guardas ocuparem o lugar do herói, quando ele é impossibilitado de ocupar esse lugar, aciona suas defesas para se protegerem do sofrimento. A literatura também aponta que o homem tem a tendência de se fazer de forte e negar o processo de sofrimento e adoecimento. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e é dividida em pré-pesquisa e a pesquisa propriamente dita. A pré-pesquisa é feita por uma entrevista coletiva semiestruturada com 4 guardas e uma observação não participativa com 9 guardas adoecidos, além de conversas informais e análises documentais. E, na pesquisa, foram realizadas 15 entrevistas individuais, constituídas por 2 grupos: um com os participantes adoecidos (6) e outro com os não adoecidos (9), que passaram pela Análise de Conteúdo (AC). Os temas gerados pela AC, as falas e relatos tanto na pré-pesquisa quanto na pesquisa, corroboram com os achados na literatura, pesquisas, e a tese em questão. Conclui-se que a toda a configuração social e cultural que constitui a história da guarda, envolve: falta de treinamento e equipamentos de segurança, defesa e/ou armamento; a base da hierarquia que os GCMs ocupam na relação de poder dentre os demais profissionais de segurança pública no Brasil; menosprezo, desqualificação, desrespeito e a falta de reconhecimento pelos demais profissionais de segurança pública (policiais), pela imprensa (mídia) e pela população, as mudanças e novas exigências, leis, normas, regras, prescrições da GCM de Goiânia; interferem na psicodinâmica do adoecimento dos guardas, principalmente porque esse cenário, dentre outros fatores, acionam as defesas individual e coletiva da virilidade, que é atravessada e agravada pelo gênero masculino.

Palavras-chave: psicodinâmica do adoecimento, estratégia defensiva, gênero masculino, virilidade, segurança pública.

Abstract

The aim of this thesis is to relate the work organization, suffering and individual and collective defensive strategy of virility used by the male metropolitan civil guards of Goiânia with the denial of illness at work. Therefore, the guidelines of the work psychodynamics are used, which allows to deepen the gaps that exist between the prescribed work and the real work, as well as the relations of pleasure / suffering and health / illness in the work. The public security of the municipality, assumed by the Metropolitan Civil Guard of Goiânia, faces and faced different social challenges to combat violence, maintain order and security of people, goods, services and local public assets. Studies in Brazil show there is a devaluation of this profession, which is practiced, historically, for the most part, by men. They face embarrassing problems caused by work organization such as lack of equipment and training, lack of recognition on the part of the institution itself, the population, and even family members and the media. It is questioned, then, how these professionals deal with these sources of suffering, the defenses they use, and the impact that the male gender / virility has on this process, more specifically those who become illness work. Thus, the thesis is: the metropolitan civil guards of Goiânia, men, to confront the suffering originated in the constraints of the organization of work, use the individual and collective defensive strategies of virility, which is reinforced by the gender and producer of the denial ideology illness in the category. In the literature, it is found that man, historically, culturally and socially, is considered as strong, brave, courageous, agile, must protect, especially, children, women, the elderly, the weak ones, etc ..., defending an image of virility, something that is between being a man, a real man, and being the superman, the hero. Because the public safety profession is typically male and the work organization articulates prescriptions, wills, demands and needs for guards to take the place of the hero, when he is unable to occupy that place, he triggers his defenses to protect himself from suffering. The literature also points out that man tends to become strong and deny the process of suffering and illness. It is a qualitative research and is divided into pre-research and research itself. The pre-research is made by a semi-structured collective interview with 4 guards and a non-participatory observation with 9 guards who are ill, as well as informal conversations and documentary analyzes. In the research, 15 individual interviews were carried out, consisting of two groups: one with the participants who were ill (6) and the other with the non-sick (9), who underwent Content Analysis (CA). The themes generated by CA, the speeches and reports in both pre-research and research, corroborate with findings in the literature, research, and this thesis. It is concluded that the whole social and cultural configuration that constitutes the history of the guard, involves: lack of training and equipment of security, defense and / or weaponry; the basis of the hierarchy that the GCMs occupy in the relation of power among the other professionals of public security in Brazil; disregard, disqualification, disrespect and lack of recognition by other public security professionals (police), by the press (media) and by the population, changes and new requirements, laws, norms, rules, prescriptions of Goiânia's MCG; interfere in the psychodynamics of guards' illness, mainly because this scenario, among other factors, trigger the individual and collective defenses of virility, which is crossed and aggravated by the male gender.

Key words: psychodynamics of illness, defensive strategy, masculine gender, virility, public safety.

INTRODUÇÃO

A solidão me pesa. A sociedade também...

Sobre o embrutecimento das pessoas e a metáfora da ascensão dos governos totalitários (grifo nosso), *nota-se quão influenciável e vulnerável é o homem perante uma ideologia qualquer em evolução.*

Com rinocerontes por toda parte, a minoria humana passa então a questionar sua própria natureza. Afinal, é difícil resistir quando se é minoria.

Ionesco (2015) – O rinoceronte.

Este estudo foi embasado na perspectiva da psicodinâmica do trabalho e se dedicou para encontrar na literatura, estudos e pesquisas sobre as temáticas: gênero masculino/virilidade, sofrimento, estratégias defensivas da virilidade no trabalho e segurança pública local, na seara das guardas municipais. No intuito de aprofundar sobre os sentidos e significados que os guardas homens, mais especificamente, do município de Goiânia, atribuem sobre as situações de sofrimento e adoecimento no trabalho, foi utilizado a pesquisa qualitativa a partir de entrevistas e Análise de Conteúdo (AC).

As questões de gênero, da psicodinâmica do adoecimento e das relações de prazer e sofrimento no trabalho integram o cenário de intensas transformações das relações humanas na contemporaneidade. Cada vez mais complexa e dinâmica, a convivência humana, sensível aos movimentos políticos e culturais ao longo da história, tem se tornado mais desafiadora, principalmente em grandes centros urbanos como Goiânia, onde abriga conflitos entre grupos sociais, podendo estes serem revelados em forma de violência (Dahlberg & Krug, 2007).

Goiânia, de acordo com o mapa de violência no Brasil (Waiselfisz, 2016), é uma das capitais com maior taxa de homicídio no país, ocupando a sétima posição. E, para que os moradores de Goiânia possam estar nas ruas da cidade de forma mais segura, os profissionais da segurança pública são acionados para proteger os cidadãos de possíveis atos criminosos.

Tal é o trabalho de segurança pública da Guarda Civil Metropolitana (GCM). Os profissionais envolvidos se esforçam para não somente proteger os bens públicos do município



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

(como praças, prédios públicos, escolas, creches, hospitais...) como para, também, proteger o bem mais precioso da cidade: os cidadãos.

O trabalho de segurança pública, então, envolve risco para os profissionais. Os guardas são formados para agir de forma ostensiva: realizam rondas, revistam e abordam suspeitos, portam diferentes armas, incluindo armas de fogo. Todas essas atividades impactam na saúde mental dos guardas (Baierle & Merlo, 2008) e colocam um fenômeno em evidência: a virilidade (Baubérot, 2013).

A maioria do quadro de profissionais da GCM de Goiânia é masculina. São mais de 1400 guardas e, desses, cerca de 90 é do sexo feminino (Guarda Civil Metropolitana, 2015). Historicamente e culturalmente foram construídas concepções sobre a masculinidade que permanecem em discussão até os dias atuais. Apesar da figura e o gênero masculino estarem em constante movimento e ressignificação (Silva & Leite, 2016), a dicotomia entre o que é ser homem e o que é ser mulher ainda se faz presente no discurso e práticas sociais (Sayão, 2003).

Ser homem, então, ser “homem de verdade”, implica usar sua virilidade, sua masculinidade. Ou seja, ser bruto, forte, corajoso, potente, o que resiste a tudo, que é herói, que é destemido, que tudo enfrenta, que não expressa seus sentimentos nem fraquezas, que não sofre, nem adocece (Bourdieu, 2003; Foucault, 1996; Caniato e Lima, 2008). Dessa forma, a GCM de Goiânia, com servidores predominantemente do sexo masculino, lida com essas concepções que foram criadas histórica e socialmente no cotidiano do seu trabalho e que marcam a sua profissão, uma vez que eles podem ocupar o lugar, o papel do herói, daquele que protege, que guarda, que salva, que aguenta tudo.

Porém, vale lembrar que todos têm suas limitações. A realidade é constituída de imprevistos e de uma constante tensão entre prazer e sofrimento, principalmente a realidade do trabalho que possui demandas e necessidades que nem sempre podem ser atendidas pelos seus



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

trabalhadores. Assim, a organização pode gerar situações de constrangimentos nos trabalhadores ao exigir deles ações que ela mesma não oferece os recursos necessários para o desenvolvimento do trabalho solicitado ou exigido. Ou seja, constrangimento no sentido de se sentir impotente, de ter vergonha, angústia, de se sentir humilhado, castrado (Dejours, 2007; Caniato & Lima, 2008; Grenier-Pezé, 2004; Merlo & Mendes, 2009). Diante desse constrangimento, para que os sujeitos se protejam, há estratégias defensivas individuais e coletivas para tentarem suportar o sofrimento causado pela organização do trabalho (Mendes, 2007).

A atual configuração do trabalho da GCM de Goiânia, pautada na Lei Municipal 9.354 de 2013 e na Lei Federal 13.022 de 2014, mudou a natureza das atividades dos serviços prestados pelos guardas civis metropolitanos (GCMs). Tal mudança não estava prevista na Constituição Federal de 1988 (única lei que sancionava o trabalho das guardas no Brasil) e intensificou as estratégias defensivas de virilidade dos mesmos uma vez que estas leis legitimam ações mais ostensivas, reconfigurando os papéis dos GCMs, pautados em ações similares aos da polícia militar no combate à violência urbana.

Consequentemente, os GCMs passaram a ter treinamentos e um processo de formação profissional que envolvem atividades de maior periculosidade, exigindo desses profissionais atividades como fazer rondas, revistar suspeitos, portar armas de fogo, defender a população, perseguir e deter bandidos, por exemplo. Assim, a virilidade, a ideia de se tornar um homem com atos heroicos e corajosos para defender a cidade como um todo e principalmente os cidadãos, passa a ser exigida pelas guardas em todo país, aumentando assim, a frequência de ações mais ostensivas, viris.

Contudo, questiona-se se as guardas de todo país estavam preparadas para atender às demandas da Lei 13.022. Nas pesquisas de Jábali-Júnior (2013), Paula (2010); Lima (2015) e



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

na própria Matriz Curricular Nacional para Guardas Municipais (2005) é possível perceber que as guardas já realizavam atividades mais ostensivas, conforme descritas acima. O problema é que a Constituição Federal de 1988 não discriminava, em detalhes, os métodos, as estratégias que as guardas deveriam ou poderiam usar para realizar o serviço de segurança. Nem especificava as atribuições das guardas no país, gerando confusão, desrespeito e descontentamento por parte dos demais policiais (civis, militares e federais), bem como da própria população, segundo os estudos de Baierle (2007), Castro (2010) e Heloani e Silva (2006).

A construção da Lei 13.022 de 2014, então, foi necessária pois ela sancionou, organizou e especificou as limitações do trabalho das guardas em todo país. Porém, as novas exigências e demandas geradas por tal lei não desfez o histórico de constrangimento de muitas guardas no país.

Baierle (2007), Castro (2010), Heloani e Silva (2006), Jábali-Júnior (2013); Lima (2015) e Paula (2010) relatam em suas pesquisas que a organização do trabalho, as gestões institucionais e os líderes das guardas exigiam dos profissionais certas atividades que não iam ao encontro da formação que recebiam. Exigiam dos profissionais atividades ostensivas, sem oferecer treinamentos e materiais/instrumentos para realizarem o trabalho. O servidor, então, tinha que lidar com uma situação de constrangimento gerada pelas demandas e necessidades da organização do trabalho da guarda: ser mais ostensivo, sem preparação para tal. Antes, não havia jurisprudência para ser ostensivo. Com a lei, passou a ser realidade do trabalho das guardas realizarem atividades ostensivas.

Os guardas, nesse sentido, podem vivenciar situações de constrangimentos quando não conseguem corresponder às demandas da organização e/ou as demandas sociais. E isso gera



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

um sentimento de vergonha, fragilidade e desamparo que impacta na imagem de proteção, de virilidade, de coragem e heroísmo dos GCMs. É exigido deles algo que eles não podem fazer.

Como já argumentado, há demandas organizacionais e sociais de uma proteção mais ostensiva que os GCMs se veem impotente de realizar pelo fato do trabalho não oferecer os recursos necessários. Há uma situação vergonhosa, de constrangimento, de ser julgado pelos outros por incompetência, fraqueza e despreparo. Ameaçando sua figura viril e, assim, suas defesas diante as fontes de sofrimento no trabalho fracassam, e os guardas adoecem.

De acordo com os parâmetros de virilidade presentes em nossa sociedade, um homem não pode fracassar. Ao admitir que fracassou, que não foi forte, que não conseguiu realizar seu dever, pode virar alvo de mais constrangimentos. Então, para evitar esses constrangimentos, para evitar o medo de uma castração simbólica (Caniato & Lima, 2008) e ele perder sua identidade enquanto homem, ele usa estratégias viris e pode negar seu adoecimento.

A região metropolitana de Goiânia, bem como muitos centros metropolitanos no mundo inteiro, possui diversos desafios econômicos e sociais que se revelam em forma de violência. Assim, os governos federal, estaduais e municipais elaboram diferentes estratégias de segurança pública para manterem a ordem e a justiça dos cidadãos, por meio do poder de polícia.

Muitos estudos na área de segurança pública, realizados com policiais, e também realizados com outras profissões com um quantitativo expressivo do gênero masculino, enfatizam que a virilidade é concebida socialmente como uma característica e, muitas vezes, como uma virtude do homem, reforçando a identidade masculina (Almeida, 2012; Machin, 2011; Molinier, 2004; Salvagni, 2013). A virilidade, então, passa a ser um instrumento de dominação e poder do homem e ganha o sinônimo de coragem. Homens valentes, corajosos, são homens bons, são homens de verdade. Assim, muitos que trabalham com segurança pública vão proteger essa ideologia e se defender com atitudes viris para manter sua masculinidade.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Diante da dinamicidade e complexidade que constituem a região metropolitana de Goiânia, para além do exercício das demais policiais existentes em todo país (federal, militar e civil), a população possui exigências de justiça. E, por diferentes formas, a população deseja sentir mais segura nas ruas, praças, escolas, hospitais... da cidade. Ciente dessa demanda, a GCM de Goiânia, instituição civil participante desta tese, se esforça para aumentar a segurança pública da cidade.

Nesse sentido, pergunta-se como os guardas de Goiânia, diante das situações de riscos que se apresentam no exercício da profissão, se defendem das fontes de sofrimento no trabalho. Questiona-se, também, como eles constroem suas estratégias de defesa quando precisam e buscam saúde psíquica no trabalho.

Frente aos argumentos levantados até aqui, questiona-se, ainda: estariam os homens que trabalham na GCM de Goiânia desenvolvendo uma estratégia defensiva específica para suportar, evitar, negar e/ou, até eufemizar o sofrimento psíquico no trabalho? Para melhor compreensão da relação entre masculinidade/virilidade e trabalho, Caniato e Lima (2008), Dejours (2007), Grenier-Pezé (2004); Molinier (2004) e Rego (2013) ressaltam a estratégia defensiva da virilidade e afirmam que a virilidade é a capacidade de alguém de provar sua masculinidade, de provar que é forte, resistente. E quem é forte e resistente é imune ao sofrimento, ao adoecimento. Assim, o “homem de verdade” não tem problemas psicológicos, não sofre, não fica doente, (ele nega a doença).

Acrescentam-se, então, para a construção desta tese, as seguintes perguntas:

- a) qual a dinâmica do sofrimento encontrada na base da virilidade?;
- b) como se caracterizam as defesas individual e coletiva da virilidade dos guardas?;
- c) de que modo o gênero influencia no agravamento do sofrimento e no uso da defesa individual e coletiva da virilidade? e;
- d) qual é o impacto do uso da estratégia defensiva de virilidade antes e após o adoecimento?



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

A complexidade da atividade de tais trabalhadores ainda inclui problemas (e limitações) políticos, jurídicos e sociais no exercício de suas profissões. Até o ano de 2014, não havia lei federal que prescrevia e legitimava as ações e atribuições das guardas municipais em todo país, como já pontuado. Então, vale detalhar que a Constituição Federal de 1988, no parágrafo 8º do artigo 144, que reconhece como segurança pública os policiais federais, civis e militares e afirmam que cada município tem autonomia de instituir suas guardas. Não deixa claro, portanto, o poder de polícia das guardas, tão pouco que elas se enquadram enquanto segurança pública.

Porém, desde 2014, os guardas contam com o exercício de nova lei federal que, finalmente, institui e legitima a profissão dos guardas municipais: a Lei 13.022 de 2014 que prevê o poder de polícia e a tarefa de zelar pela segurança pública. Todavia, as guardas enfrentam críticas que ameaçam os poderes pertinentes às atividades descritas. O argumento principal é que a Lei 13.022 é inconstitucional por não ser consonante ao artigo 144 da Constituição Federal de 1988, que não especifica as atribuições das guardas e não as reconhece enquanto segurança pública com o poder de polícia.

Apesar de seu processo histórico ser marcado por preconceitos e falta de reconhecimento ora das demais polícias e do governo, ora da própria população e da mídia, as guardas continuaram (e continuam) a realizar seus serviços de proteger os bens públicos e os cidadãos. Isso não é diferente para a GCM de Goiânia, cujo mote (lema) é “guardiã da cidadania”.

Os princípios do trabalho da GCM de Goiânia, dessa forma, são consonantes aos princípios da Lei 13.022 de 2014. De acordo com o artigo 3º, os guardas devem:

- ✓ proteger os direitos humanos fundamentais, o exercício da cidadania e a liberdade pública;
- ✓ preservar a vida, reduzir o sofrimento e perdas; realizar patrulhamento preventivo;
- ✓ contribuir para evolução social da comunidade e fazer uso progressivo da força.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Como é possível perceber, tais princípios estão vinculados aos atos de heroísmo, de proteger, de ser forte, de ter coragem, de usar a virilidade.

Ainda sobre algumas jurisdições sobre o trabalho da guarda no Brasil, a GCM de Goiânia, assim como as demais guardas no país, possui regulamentação própria, regida pela Lei Municipal 9.354 de 2013. Isso significa que os guardas devem ser efetivos, mediante concurso público. Possuem plano de carreira, treinamentos para formação profissional de segurança e salário pago pelo governo do município de Goiânia. Nessa mesma lei (9354/13), é possível discriminar as especificidades, características e atribuições do cargo, os requisitos para o ingresso no cargo, a estrutura da carreira, a jornada de trabalho, o vencimento e a remuneração, promoção funcional, progressão horizontal e vertical, avaliação de desempenho, e, por fim, disposições finais e transitórias (das quais algumas são detalhadas mais adiante).

Baierle (2007), face às jurisdições, prescrições e organização do trabalho da guarda municipal de Porto Alegre, pontua relações de prazer e sofrimento dos profissionais que (a partir da pré-pesquisa realizada nesse projeto de tese) são condizentes com a realidade do trabalho da GCM de Goiânia; por exemplo: os guardas acham o salário baixo, muitas vezes trabalham em condições precárias, nem sempre são reconhecidos pelos cidadãos e/ou pelos pares e alguns procuram trabalhos secundários para complementarem suas rendas.

Essas fontes de sofrimento geram, mais uma vez, uma situação de constrangimento nos guardas e enfraquecem a masculinidade/virilidade desses profissionais, uma vez que ameaçam o papel que têm socialmente como progenitor da família (devido ao baixo salário), que não podem realizar suas atividades laborais com êxito (falta de treinamentos, recursos e instrumentos de trabalho), fragilizando sua imagem de forte, de protetor, de herói, de masculinidade (devido à precarização no trabalho). Ou, ainda, por exemplo, o fato de ter que complementar a renda fazendo outros trabalhos para manter a honra de “ganhar mais”, ter mais



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

recursos, ser trabalhador (no sentido de ser esforçado, forte, resistente, que vai à luta) que honra seu papel de homem, de progenitor, que mantém o sustento da casa.

Por outro lado, sentem-se orgulhosos da profissão e muitas vezes são reconhecidos por ajudarem a proteger as pessoas na cidade, bem como por poder auxiliar o trabalho das outras polícias. Fazem jus, assim, à proposta de lutar pela proteção e guarda dos cidadãos (fontes de prazer no trabalho).

A organização do trabalho da GCM de Goiânia, então, é caracterizada por contradições e por diferentes desafios que impactam nas relações de prazer/sofrimento e saúde/doença dos guardas e marcada pela concepção de masculinidade/virilidade dos mesmos. Não foi encontrado muitos estudos, entretanto, que abordem a questão da virilidade no contexto de guardas e polícias. Mesmo o estudo de Baierle (2007), apesar de descrever e compreender o trabalho da guarda de Porto Alegre, não enfatiza a relação de gênero dos guardas e o impacto que tal variável (masculinidade) teria na constituição das defesas (viris), bem como na relação saúde/doença no trabalho.

A perspectiva teórico-metodológica adotada para esta tese é a da psicodinâmica do trabalho (Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994). Tal perspectiva ressalta as estratégias defensivas individuais e coletivas que são construídas a partir das tensões de prazer e sofrimento no cotidiano do trabalho, bem como as relações de saúde e doença. Entende-se que é a abordagem apropriada para atender os objetivos e o objeto desta tese e que permitirá compreender como os guardas de Goiânia elaboram suas estratégias defensivas para enfrentarem os diferentes sofrimentos no trabalho, provenientes da concepção do gênero masculino e da virilidade.

Muitos estudos descrevem que o gênero masculino interfere nas relações de trabalho e algumas pesquisas revelam estratégias que homens têm para lidar com a relação saúde/doença



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

no trabalho (Almeida, 2012; Machin, 2011; Molinier, 2004; Salvagni, 2013). Mas não foram localizadas, na pesquisa bibliográfica, pesquisas referentes especificamente ao objeto e ao contexto desta tese que relacionam gênero, sofrimento e estratégias de defesas de virilidade na perspectiva da psicodinâmica do trabalho, com os GCMs de Goiânia.

Dessa forma, tem-se como tese que os guardas civis metropolitanos de Goiânia, homens, para confrontar o sofrimento originado nos constrangimentos da organização do trabalho, usam a estratégia defensiva individual e coletiva de virilidade, que é reforçada pelo gênero e produtora da ideologia da negação do adoecimento no trabalho da categoria.

O objetivo geral desta tese é relacionar organização do trabalho, sofrimento e estratégia defensiva individual e coletiva da virilidade utilizada pelos guardas civis metropolitanos de Goiânia do gênero masculino com a negação do adoecimento no trabalho. Especificamente, objetiva-se:

- a) avaliar os constrangimentos da organização do trabalho dos guardas e o sofrimento dela decorrente;
- b) identificar as estratégias defensivas individual e coletiva de virilidade usadas pelos guarda civis metropolitanos de Goiânia e;
- c) descrever a dinâmica de negação do adoecimento.

Desenvolver este trabalho com a GCM de Goiânia se revela, assim, como uma oportunidade para se compreender melhor o funcionamento da psicodinâmica do sofrimento e do adoecimento dos guardas homens, implicando na possibilidade de mobilizações, sensibilizações e construções:

- ✓ de políticas públicas para melhorar as condições de trabalho dos guardas, inspirando transformações em demais categorias profissionais;
- ✓ de ressignificação das estratégias para lidar com problemas sociais que envolvem segurança pública, como a violência urbana;
- ✓ de desenvolver melhorias nas jurisdições, posicionamento político, de reconhecimento (da própria guarda, da mídia/imprensa, da sociedade) e nas estratégias de prevenção de doenças e promoção de saúde psíquica tanto para os guardas homens (gênero masculino) e demais profissionais de segurança pública, quanto para demais homens que, como apontado acima, historicamente, possui



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

resistência de assumir suas fontes de sofrimento e adoecimento psíquico, e aderirem à diversos tratamentos de saúde;

Além das relevâncias/importâncias políticas, culturais, sociais que o estudo em questão aponta, academicamente, cientificamente, pode contribuir no avanço e aprofundamento sobre a estratégia defensiva da virilidade que são construídas no contexto de trabalho dos profissionais de segurança pública (guardas municipais); as implicações que as condições de trabalho, a organização do trabalho, o gênero masculino e a relação do trabalho prescrito e real possuem nas relações de prazer/sofrimento e saúde/doenças no trabalho.

Buscando atender ao proposto, traçamos, neste documento, o seguinte percurso:

- 1- Inicialmente, no capítulo 1, apresentamos um breve histórico da Guarda Municipal no Brasil. Os diferentes elementos que marcaram a trajetória das guardas em municípios distintos no país, bem como diferentes procedimentos legais que legitimaram a existência e as ações das guardas são detalhados. Descrevemos as diferenças que existem dentro do âmbito da segurança pública no Brasil: as polícias civis, militares e federais e as guardas municipais. Há, também, os princípios da nova Lei 13.022 de 2014, que detalha e organiza as prescrições das guardas municipais em todo o país. Em seguida, apresentamos a Guarda Civil Metropolitana (GCM) de Goiânia: sua breve história e peculiaridades como a missão, os objetivos, as diretrizes e algumas atribuições da categoria.
- 2- No capítulo 2, enfatizamos teorias e pesquisas sobre o gênero masculino, virilidade e trabalho. Há argumentos sobre o processo histórico, cultural e social da masculinidade e da virilidade, bem como a relação de gênero masculino no contexto de trabalho. Foram enfatizadas características do gênero masculino para lidar com as relações de prazer/sofrimento e saúde/doença no trabalho, principalmente a estratégia de defesa da virilidade.
- 3- No capítulo 3, são apresentadas diferentes dimensões sobre o trabalho ao longo da história, a psicodinâmica do trabalho e as defesas e patologias do trabalho. Há conceitos estruturantes da perspectiva teórica e metodológica da psicodinâmica do trabalho, destacando a organização do trabalho, as relações de prazer/sofrimento e saúde/doença no trabalho e, também, as estratégias defensivas individuais e coletivas.
- 4- A seguir, no capítulo 4, mostramos o método. Como já anunciado, trata-se de uma pesquisa qualitativa, seguindo a perspectiva da psicodinâmica do trabalho para desenvolver atividades, no intuito de captar, compreender e interpretar o fenômeno em questão. Para tanto, utilizamos uma entrevista coletiva (com 4 GCMs), uma observação não participante (com 9 GCMs adoecidos/em readaptação), e entrevistas individuais divididas em 2 grupos: os guardas adoecidos (6 GCMs) e não adoecidos (9 GCMs).



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Tivemos 77 voluntários para participarem das entrevistas individuais, porém, entrevistamos, ao todo, 15 guardas homens.

- 5- No capítulo 5 são apresentados os discursos, falas, as redes de sentidos e significados subjetivos, simbólicos e aparentes dos trabalhadores pesquisados. É possível perceber o fenômeno estudado, possibilita a compreensão e interpretação dos dados e a confirmação da tese.
- 6- Por fim, o capítulo 6, que tece um texto apontando as conclusões, limitações, êxitos, analogias e implicações sociais, culturais, políticas e históricas que os guardas civis metropolitanos de Goiânia, homens, desenvolvem, ao confrontar o sofrimento originado nos constrangimentos da organização do trabalho, usando a estratégia defensiva individual e coletiva de virilidade, reforçada pelo gênero, e produtora da ideologia da negação do adoecimento no trabalho da categoria.

A seguir, é possível acompanhar como a segurança pública na figura das guardas municipais do Brasil e, principalmente, no município de Goiânia, é caracterizada e como a trajetória histórica, cultural e social do gênero masculino e da virilidade interferem na relação saúde/doença no trabalho, desacatando a defesa da virilidade dos homens para tentar lidar com o sofrimento e/ou negação da doença no trabalho.



CAPÍTULO 1. BREVE HISTÓRICO DA GUARDA MUNICIPAL NO BRASIL

*Sejas forte, não como o vento que a tudo destrói,
mas como a rocha que a tudo suporta.*
Carlos Fox

Durante todo processo histórico de civilização, o homem enfrentou diferentes desafios de interação. Para tornar suportável a convivência entre os homens, construíram-se normas e regras específicas para instaurar e defender a segurança pública, visando proteger, vigiar, policiar, fiscalizar, prender, deter, advertir... as pessoas em relação à inúmeros comportamentos, objetivando manter a ordem e defesa dos espaços públicos e patrimônios do governo. Assim, por todo o mundo, nações e municípios desenvolveram suas próprias estratégias de segurança pública: militares, de policiamento e guardas (Magalhães, 2015; Zaluar, 2007).

No Brasil, Lima (2015) descreve o processo histórico da construção das guardas municipais desde os primórdios da colonização pelos portugueses até a atualidade. É uma história marcada por contradições e diferentes dificuldades de atuação e permanência enquanto profissão perante a lei. O autor (Lima, 2015) afirma que em meados de 1548 os governantes e dirigentes do Brasil se organizaram para administrar o país e criar um sistema de proteção do bem público, com a criação do governo geral. Com essa estratégia, a população militar (Magalhães, 2015) foi formada em escalões: havia aqueles que eram remunerados pelos dirigentes da época e aqueles que eram lavradores e/ou donos de terra que possuíam armas podendo ser recrutados pelo governo mediante necessidade.

Quando o Brasil começa o encerramento do processo de colonização, são instauradas as primeiras tentativas de legitimar um sistema policial mais desenvolvido, a partir da iniciativa de quadrilheiros, com os objetivos de “investigar, perseguir, prender e entregar aos juízes



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

completando o ciclo social” (Lima, 2015, p. 187). A guarda real de polícia foi institucionalizada com a vinda da família real para o Brasil em 1808, tanto do patrimônio público e quanto da própria família real.

Após um período de adaptação às peculiaridades históricas do Brasil no que concerne à segurança pública, em 1831, no período do Brasil Império, a Regência promulgou a lei de 10 de outubro de 1831, que autorizava a criação do corpo de Guardas Municipais. O objetivo das guardas era de manter a ordem social e auxiliar a justiça de acordo com suas necessidades. Dois anos depois, em Curitiba, foi organizada a celebração que comemorava a criação do dia Nacional do Guarda Municipal, no Congresso Nacional de Guardas Municipais. Então, a partir de um decreto regencial, foi instituído o corpo de Guarda Municipais Permanente, em 1839. Entretanto, Baierle (2007) e Lima (2015) enfatizam que a primeira Guarda Municipal do Brasil é a de Porto Alegre, instituída em 1892 e extinta em 1986, sendo subordinada/incorporada à polícia administrativa até 1928 (Lima, 2015).

Somente em 1866, a partir de uma Lei Provincial, as atividades das guardas estavam amparadas e sancionadas para garantir a segurança pública. Contudo, com o aumento da população e problemas sociais, econômicos, políticos e de criminalidade na época, as guardas começaram a apresentar problemas em sua forma de atuação e encontraram dificuldades em manter suas prescrições. Por isso, em 1968, foram absorvidas pela força pública, e incorporaram seu poder de polícia que, de acordo com Zaluar (2007), é criticado na contemporaneidade, por não estar consonante ao artigo 144 da Constituição Federal (1988).

A partir do início do século XX, a guarda municipal passou a assessorar, de forma mais explícita, outras formas de organização de militarismo e policiamento, mas não sendo nem policiais, nem forças do exército nacional. A assessoria consistia em contribuir com diferentes atividades relacionadas à policiamento e instrução, em meados de 1929 até 1957. Incorporada



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

ao Estado a partir de 1957 com o Decreto nº 1410, criou-se o “Setor de Guardas”, substituído por outro nomeado de “Serviço da Guarda Municipal”, dois anos depois, instaurando-se em 1960 o termo “Guarda Municipal” (Lima, 2015, p. 188).

Durante o século XX, apesar das atividades das guardas se diferenciarem entre os municípios do país, todas estiveram voltadas para a realização do serviço de segurança pública, principalmente para proteção dos locais e patrimônios municipais (exemplo: prédios públicos, praças, monumentos, parques), manutenção da ordem social e auxílio aos demais sistemas de segurança, como o corpo de bombeiros, trânsito, polícias federais, civil e militar (Jábali-Júnior, 2013). Como era uma prescrição do seu trabalho proteger locais e demais patrimônios da cidade, precisavam ter treinamentos específicos, diferentes recursos e armamentos. Assim, não era consenso o uso de armas de fogo, uma vez que a guarda era também concebida como protetora da cidadania, realizando atividades menos ostensivas. Caberia às demais instâncias de segurança pública (policiais federais, militares e civis) a posse, treinamento e uso das armas de fogo (Castro, 2010).

A Guarda Municipal do Recife, por exemplo, no final do século XIX, atuava na proteção de algumas praças, mas não podiam prender ninguém. Somente “... com a edição da Portaria nº 247, de 11 de maio de 1951, foi permitido que seus integrantes portassem armas de fogo, sendo datada dessa época a criação da Associação da Guarda Municipal” (Lima, 2015). Foi a partir dessa data e portaria que as guardas, em diferentes municípios, foram reconhecidas pelas autoridades policiais, civis e militares do Estado (Lima, 2015). E foi a partir dessa mesma portaria que a guarda passou a sofrer questionamentos quanto a sua atuação, necessidade e legitimidade. Então, a guarda se tornou alvo de críticas por parte dos cidadãos e das próprias forças de policiais (Baierle, 2007; Castro, 2010).



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Paula (2010) diferencia as polícias Federais, Militar e Civil das Guardas Municipais (nome dado em algumas cidades do interior dos Estados brasileiros) ou Guarda Civil Metropolitana (nome dado em algumas capitais de diferentes Estados do Brasil), conforme disponível na ilustração abaixo (Quadro 1).

Quadro 1 - Diferença entre as polícias e a guarda municipal

Polícia Federal	Polícia Militar	Polícia Civil	Guarda Municipal
Realiza a atividade de fiscalizar, vigiar e proteger as fronteiras nacionais do país contra diferentes crimes que afetam todo o país. É dirigida por delegados e a autoridade máxima é o Ministro da Justiça.	Trabalha com a prevenção de crimes e, quando não consegue prevenir, podem prender os bandidos. Realizam patrulhas, auxiliam na organização do trânsito e podem aplicar multas.	Fiscaliza e autoriza o funcionamento de diferentes eventos e atividades da população, bem como a investigação de crimes em seu território.	Protege os patrimônios, praças, prédios e diferentes bens, serviços e instalações do município. Auxilia os demais policiais (federais, militares e civis), utiliza poder de polícia (administrativa) a partir de leis complementares e, mais recentemente, pela Lei 13.022 de 2014.

Elaborado pelo autor (2016).

A Constituição Federal (1988) apresenta uma única descrição referente ao trabalho das guardas na seara da segurança pública brasileira, no § 8º do artigo 144, que reza que: “os Municípios poderão constituir guardas municipais destinadas à proteção de seus bens, serviços e instalações, conforme dispuser a lei”. Foi somente com a Lei 13.022 de 2014 que houve a especificação, prescrição, caracterização e limites das ações das guardas em todos os municípios do país.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

A Lei 13.022 de 2014, então, esclarece o papel da guarda e aponta que a mesma, para além de protetora de bens públicos, deve, também, proteger os cidadãos do município. Essa proteção pode ser feita em parceria com as demais polícias, fazendo patrulhas, portando armas de fogo e realizando demais atividades que se aproximam das próprias atividades das outras polícias, de forma mais ostensiva, no âmbito do município que atua e/ou região metropolitana, confirme os capítulos I e II (ilustração 2). Algo que, como já apontado, não ficava muito claro na Constituição Federal (1988).

Apesar da Lei 13.022 de 2014 ser considerada um marco histórico importante para as guardas, uma vez que é a única lei que, de fato, pela primeira vez, discrimina com mais detalhes o trabalho das guardas, há prescrições nessa lei que contradizem algumas diretrizes da Matriz Curricular para Guardas Municipais, do Ministério da Justiça (2005), no que se refere às atividades de prevenção e manutenção da ordem pública.

Quadro 2 - Capítulos I e II da Lei 13.022 de 2014

Capítulo I	Capítulo II
Disposições preliminares	Dos princípios
Art. 1º - Esta Lei institui normas gerais para as guardas municipais, disciplinando o § 8º do art. 144 da Constituição Federal.	Art. 3º - São princípios mínimos de atuação das guardas municipais:
Art. 2º - Incumbe às guardas municipais, instituições de caráter civil, uniformizadas e armadas conforme previsto em lei, a função de proteção municipal preventiva, ressalvadas as competências da União, dos Estados e do Distrito Federal.	I - Proteção dos direitos humanos fundamentais, do exercício da cidadania e das liberdades públicas;
	II - Preservação da vida, redução do sofrimento e diminuição das perdas;
	III - Patrulhamento preventivo;
	IV - Compromisso com a evolução social da comunidade; e
	V - Uso progressivo da força.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Elaborado pelo autor (2016).

Na referida matriz, há a defesa de que os guardas municipais devem passar por um processo de formação na qual se possa compreender qual é a missão e o papel da guarda municipal; quais são as funções e atribuições dos servidores para que o exercício da profissão promova o bem-estar e a segurança da população local.

Na matriz encontra-se, também, a prescrição de que suas ações devem estar pautadas na ética e nos direitos humanos, defendendo a cidadania e orientando os cidadãos sobre seus direitos e deveres. Neste sentido, o guarda é entendido como um ser ativo, dinâmico, reflexivo, consciente de seus atos e que, em parceria com os cidadãos, manterá a ordem, a paz, a justiça e a segurança do município (Matriz Curricular para Guardas Municipais; do Ministério da Justiça, 2005).

Além disso, como foi descrito, o trabalho das guardas no Brasil é caracterizado por atividades e responsabilidades que vão ao encontro de atividades e responsabilidades dos seres humanos do gênero masculino, que foram criados histórica e culturalmente. Assim, associar a reponsabilidade de proteção e de portar armas, historicamente, remete à figura masculina. Os cavaleiros, os samurais, os policiais, em sua grande maioria, para não dizer em sua totalidade, talvez com raríssimas exceções, são homens, em diferentes culturas, na história da humanidade (Almeida, 1995).

Dessa forma, aqueles que combatem a violência, que protegem as pessoas da violência e, em alguns momentos, para realizar o serviço de proteção, usam da violência por meio de força física e uso de armas, em termos históricos, são os homens (Muszkat, 2011). O serviço da guarda municipal, no Brasil, então, em sua grande maioria, é ocupado por homens que usam de sua virilidade para realizar e manter suas atividades laborais.



Esta tese investiga o caso da Guarda Civil Metropolitana de Goiânia. Visando compreender melhor as especificidades deste contexto. Eis, a seguir, o histórico desta guarda.

1.1 A Guarda Civil Metropolitana (GCM) de Goiânia

A fama dista muito de ser sempre a garantia segura do merecimento.
Axel Oxenstiern

Para se conhecer melhor o funcionamento e a história da Guarda Civil Metropolitana de Goiânia, realizou-se análise documental (disponível no blog da guarda: <http://guardamunicipalgoiania.blogspot.com.br>), visitas a campo e pré-pesquisa (detalhada no capítulo 5.1). Embora os resultados específicos destas etapas sejam apresentados posteriormente, há que se explicar aqui como se deu a formação histórica da mesma, bem como algumas dimensões simbólicas, políticas e sociais dos trabalhadores em questão.

Apesar do serviço da Guarda do município de Goiânia existir desde 1970, tendo sido criado por meio do Decreto nº 484, da Divisão Administrativa de Vigilância e zeladoria do Município de Goiânia, foi somente no ano de 1988 que a Guarda Municipal de Goiânia foi fundada legalmente, com a Lei nº 6.570.

Posteriormente, com o Decreto nº 750, a guarda foi reestruturada e passou a ser denominada de Coordenadoria de Edifícios Públicos. Com a Lei Orgânica do Município, nº 7.471, em 1997, passou a ser denominada Departamento da Guarda Municipal, da unidade da Secretaria de Administração e Recursos Humanos. Em 2008, com a Lei Complementar nº 180, foi criada a Superintendência da Guarda Municipal de Goiânia, que legitimou a natureza autárquica e autonomia administrativa, financeira e patrimonial da mesma.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Com a Lei nº 747 de 1997, a Guarda Municipal de Goiânia, foi designada a promover a segurança do patrimônio e apoio administrativo municipal, com o poder de polícia administrativa, em consonância às políticas e diretrizes da segurança urbana e preventiva de Goiânia.

A Lei Complementar nº 183 de 2008 transformou a corporação em Agência da Guarda Municipal de Goiânia (AGMG) e passou a promover políticas e diretrizes próprias, ampliando diferentes atuações de serviços. Todavia, foi no ano de 1998, com a Lei 6.570, que a Agência Civil Metropolitana foi criada. Assim, com a Lei orgânica de 2013, nº 55, a Agência da Guarda Municipal de Goiânia, com o registro no Comando Militar no Planalto, da 11ª Região Militar, nº 1.152 de 1998, renovado em 2001 e com alterações da Lei Orgânica nº 55, é denominada de Guarda Civil Metropolitana de Goiânia, instituída conforme lei própria, mantendo o lema “Guardiã da Cidadania”. Adiante, apontamos as especificidades sobre a missão, os objetivos, algumas atribuições, as diretrizes e demais detalhamentos que caracterizam o trabalho da Guarda Civil Metropolitana de Goiânia, bem como informações presentes na Lei 9.354 de 2013.

Quadro 3 - Missão da GCM de Goiânia, presente na Lei Municipal 9.354 de 2013

Quem são os GCMs de Goiânia

Segundo as Leis Complementares nº 180/183 de 2008 a Agência da Guarda Civil Metropolitana - AGCMG é uma entidade de natureza autárquica, dotada de personalidade jurídica de direito público interno, com autonomia administrativa e financeira e patrimonial, integrando os órgãos da administração indireta do Sistema Administrativo da Prefeitura, nos termos da Lei nº 747/97, com a finalidade de promover a proteção do patrimônio, bens, serviços e instalações públicas municipais, o apoio à administração municipal no exercício de seu poder de polícia administrativa e a execução das políticas e diretrizes relacionadas à segurança urbana preventiva e à defesa civil, nos limites das competências legais do município.



Elaborado pelo autor (2016).

Abaixo, na ilustração 4, seguem os objetivos dos GCMs de Goiânia. As informações contidas abaixo estão disponíveis no Blog da GCM de Goiânia.

Quadro 4 - Objetivos dos GCMs de Goiânia, presente na Lei Municipal 9.354 de 2013

Objetivos dos GCMs de Goiânia
<ul style="list-style-type: none">✓ Segurança Patrimonial de bens públicos;✓ Segurança em escolas e ronda escolar;✓ Fiscalização de normas e posturas municipais;✓ Intensificação de segurança pública;✓ Força de controle e repressão a atividades ilegais;✓ Prestação de serviços mediante convênios;✓ Segurança armada e constituição de uma força policial;✓ Implementação de ações de prevenção e comunitárias;✓ Orientação e informação ao turista;✓ Proteção ambiental;✓ Segurança pessoal de autoridades do município;✓ Atividades de defesa civil;✓ Atuação Defesa Civil – As Guardas Municipais devem assumir os COMDECS – Conselhos Municipais de Defesa Civil.✓ Atuar antes, durante e depois de desastres.

Elaborado pelo autor (2016).

Em seguida, há algumas atribuições dos GCMs de Goiânia. São prescrições que caracterizam as ações que são desenvolvidas por eles. Logo, embasado nessas atribuições, bem como na missão e objetivos acima, a instituição cria suas expectativas em relação ao trabalho realizado pelos guardas. Essas informações também são relevantes para informar os cidadãos qual é o papel da GCM de Goiânia e como esta poderá auxiliar a população nas atividades de segurança pública da região metropolitana em questão (quadro 5).



Quadro 5 - Algumas atribuições dos GCMs de Goiânia, presente na Lei Municipal 9.354 de 2013

Algumas atribuições dos GCMs de Goiânia

- I – Desenvolver ações de segurança e proteção dos bens, instalações serviços públicos municipais;
- II - Prestar apoio e assistência aos demais servidores municipais, no exercício do poder de polícia administrativa, visando o cumprimento da legislação municipal de posturas e edificações, saúde pública, meio ambiente, trânsito e transportes e relativas ao ordenamento e ao uso adequado dos espaços urbanos;
- III - Exercer a segurança, interna e externa, dos próprios municipais e dos eventos promovidos pelo poder público municipal;
- IV - Prevenir a ocorrência de atos que resultem em danos ao patrimônio público ou em ilícitos penais;
- V - Prevenir sinistros e atos de vandalismo;
- VI - Orientar o público e o trânsito de veículos;
- VII - Auxiliar na segurança pública e prevenir atentados contra a pessoa;
- VIII - Dotar os procedimentos de segurança nos espaços dos próprios municipais, documentos, obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural do Município;
- IX - Desempenhar atividades de proteção do patrimônio ecológico e ambiental do Município;
- X - Prestar auxílio nos serviços de combate a incêndio, salvamento e pronto socorro;
- XI - Atuar em ações de Defesa Civil, na proteção e defesa da população e de seu patrimônio, em casos de calamidade pública;
- XII - Participar nas ações de reintegração de posse de bem municipal;
- XIII - Prover a segurança das autoridades municipais;
- XIV - Zelar pelo regular funcionamento dos serviços de responsabilidade do Município, cumprindo as leis e assegurando o exercício dos poderes constituídos, no âmbito de suas competências;
- XV - Monitorar e fazer rondas ostensivas, especialmente nas imediações dos próprios públicos municipais, nas praças, parques, bosques e jardins, de forma preventiva e comunitária;
- XVI - Conduzir veículos e viaturas oficiais da Guarda Civil Metropolitana no desempenho de suas funções;
- XVII - Atender situações excepcionais de interesse público do Município.

Elaborado pelo autor (2016).

E, por fim, as diretrizes que norteiam todas as atividades desenvolvidas pela GCM de Goiânia (quadro 6).



Quadro 6 - Diretrizes dos GCMs de Goiânia, presente na Lei Municipal 9.354 de 2013

Diretrizes dos GCMs de Goiânia
I - Desenvolver mecanismos de participação da comunidade na proteção do patrimônio público, na prevenção à violência urbana;
II - Promover a integração e a coordenação das ações de segurança dos Órgãos, bens e próprios públicos municipais, serviços e demais áreas de competência do Município, com a utilização racional dos recursos públicos disponíveis;
III - Atuar, em colaboração com órgãos estaduais e federais, no desenvolvimento e provimento da segurança urbana no Município, visando prevenir ou cessar atividades que violem as normas de saúde, higiene, segurança, funcionalidade, moralidade e quaisquer outros interesses do Município;
IV - Cooperar com outras esferas de governo, compartilhando institucionalmente informações relevantes à segurança urbana e patrimonial, inclusive com integração das comunicações;
V - Implantar postos fixos da GCM, em pontos estratégicos, de acordo com o interesse da segurança urbana;
VI - Desenvolver serviço de “disque – denúncia”, a respeito de atos de vandalismo praticados contra os equipamentos públicos municipais e o meio ambiente;
VII - Integrar e desenvolver ações de defesa civil no âmbito do Município;
VIII - Acionar os órgãos de segurança pública estaduais e federais, nos casos que excedam a sua competência específica.

Elaborado pelo autor (2016).

Atualmente, a Guarda Civil Metropolitana de Goiânia possui em torno de 1400 servidores. Desses, aproximadamente 90 são do gênero feminino. De acordo com informações coletadas na pré-pesquisa, os guardas se queixam de algumas condições de trabalho similares àquelas apontadas como precárias no que se refere a profissões semelhantes no nosso país, nas atividades de segurança pública, como os policiais civis, federais e militares. Os trabalhadores se queixam que as condições de trabalho não são boas, nem o plano de carreira, muito menos o salário (cujos os requisitos da relação de cargos e salários estão nas ilustrações a seguir). Para que eles consigam aumentar sua renda e manter as contas em dia, acabam realizando trabalho extra, como o serviço de segurança de diferentes eventos e segurança particular, por exemplo.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

No intuito de melhorar a compreensão sobre o desenvolvimento da carreira dos GCMs de Goiânia, o quadro 7 ilustra os requisitos para ingresso no cargo.

Quadro 7 - Requisitos para ingresso no cargo de Guarda Civil Metropolitano de Goiânia, presente na Lei Municipal 9.354 de 2013

Requisitos para ingresso no cargo
<ul style="list-style-type: none">- Ensino Médio Completo;- Carteira Nacional de Habilitação- Categoria AB;- Ter idade entre 18 (dezoito) e 30 (trinta) anos na data de admissão;- Ter altura mínima de 1,65m (um metro e sessenta e cinco) para sexo masculino e 1,60m (um metro e sessenta) para feminino;- Aprovação em Concurso Público.

Elaborado pelo autor (2016).

Em seguida, nota-se que a GCM de Goiânia possui um plano de cargos e salário. A ilustração 8 demonstra os requisitos para a progressão vertical dos cargos.

Quadro 8 - Requisitos para progressão vertical dos GCMs de Goiânia, presente na Lei Municipal 9.354 de 2013

Graduação	Requisitos	Nível
GCM I	<ul style="list-style-type: none">- Ensino Médio Completo;- Aprovação em Concurso Público.	I
GCM II	<ul style="list-style-type: none">- 4 (quatro) anos de efetivo exercício no Nível I; e,- Aprovação em Avaliação de Desempenho; e,- Cursos de aperfeiçoamento técnico profissional na área de segurança pública ou equivalente, perfazendo o total de 160 (cento e sessenta) horas.	II
GCM III	<ul style="list-style-type: none">- Escolaridade: Curso Superior na área de Segurança Pública, com carga horária mínima de 600 (seiscentas) horas ou de Tecnólogo ou de Graduação de Nível Superior, todos reconhecidos pelo MEC; e, - 4 (quatro) anos de efetivo exercício no Nível II; e, - Aprovação em Avaliação de Desempenho, e, - Cursos de aperfeiçoamento técnico	III



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

	profissional na área de segurança pública ou equivalente, perfazendo o total de 160 (cento e sessenta) horas.	
SUBINSPETOR	- Escolaridade: Curso Superior na área de Segurança Pública, com carga horária mínima de 600 (seiscentas) horas ou de Tecnólogo ou de Graduação de Nível Superior, todos reconhecidos pelo MEC; e, - 4 (quatro) anos de efetivo exercício no Nível III; e, - Aprovação em Avaliação de Desempenho; - Aprovação em Processo Seletivo próprio; e, - Aprovação no Curso em área de Comando da Guarda e/ou Segurança Pública, com carga horária mínima de 160 (cento e sessenta) horas.	IV
INSPETOR	- Graduação de Nível Superior e Curso de Especialização em área de Comando da Guarda e/ou Segurança Pública de 360 (trezentas e sessenta) horas, todos reconhecidos pelo MEC; e, - 4 (quatro) anos de efetivo exercício no Nível IV; e, - Aprovação em Processo Seletivo; - Aprovação em Avaliação de Desempenho.	V

Elaborado pelo autor (2016).

Já a ilustração 9, demonstra a remuneração correspondente às progressões verticais (de I a V), seguindo as descrições mostradas na ilustração 8, e horizontais (de A à J). Conforme os estudos de Baierle (2007) com a guarda municipal de Porto Alegre e a pré-pesquisa realizada com os GCMs de Goiânia, a ilustração 9, então, retrata uma das principais fontes de sofrimento da profissão. Com a exigência da nova Lei 13.022 de 2014, as responsabilidades e os riscos dos guardam aumentam e, até então, os salários não acompanham a complexidade agregada aos cargos por esta lei.

Tabela 1 - Referência de vencimentos (remuneração em reais) dos GCMs de Goiânia com cargas horárias de 40 a 80 horas semanais, em relação à progressão vertical (I-V) e horizontal (A-J)

REFERÊNCIAS										
Nível	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
I	855,51	863,92	872,4	880,88	889,35	897,8	906,28	914,75	923,23	931,69
II	1.026,57	1.036,74	1.046,89	1.057,06	1.067,22	1.077,40	1.087,59	1.097,73	1.107,83	1.118,01
III	1.231,88	1.244,09	1.256,28	1.268,46	1.280,68	1.292,88	1.305,11	1.317,27	1.329,42	1.341,60
IV	1.293,47	1.306,29	1.319,09	1.331,88	1.344,71	1.357,52	1.370,37	1.383,13	1.395,89	1.408,68
V	1.358,15	1.371,61	1.385,05	1.398,48	1.411,95	1.425,40	1.438,88	1.452,29	1.465,69	1.479,11



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Lei Municipal 9.354 de 2013.

Além do descompasso da relação entre cargos e salários dos guardas, de acordo com o mapa de violência realizado por Waiselfisz (2015), em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2016), e o Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM, 2016) do Ministério da Saúde gerido pela Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS), Goiânia, no ano de 2015, estava no *ranking* entre as capitais mais violentas do Brasil, ocupando o 9º lugar em 2012 (com a taxa de homicídio igual a 43,0) e o 7º lugar em 2014 (com a taxa de homicídio igual a 48,5) de acordo Waiselfisz (2016).

Frente ao cenário de violência nas capitais dos diferentes Estados do Brasil e conseqüentemente sua região metropolitana, a atual cúpula que administra e organiza a guarda de Goiânia, em consonância com a Lei 9.354 de 2013 e 13.022 de 2014, fornece treinamento, em parceria com a polícia militar (e outros órgãos de segurança pública) para que os guardas possam prevenir a violência na cidade.

Os líderes da instituição defendem que isso é uma oportunidade para eles aprenderem novas competências, crescerem na carreira dentro da guarda e ajudarem a defender o lema “Guardiã da cidadania”. O argumento é que, como marcado acima, os próprios cidadãos exigem justiça. E, por isso, a guarda deve ser ajustada às atuais mudanças do cenário social, tornando-se mais ostensiva para proteger o povo que reside na região metropolitana de Goiânia.

Entretanto, tal “oportunidade” não é bem vista por parte dos guardas pois, uma vez submetidos ao treinamento oferecido pela instituição, a despeito de adquirirem novas competências, passam, por outro lado, a realizar um serviço que coloca a própria vida em risco. Apesar da profissão de segurança pública envolver certa periculosidade, há muita diferença



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

entre o risco que se corre protegendo um parque ou uma praça e aquele envolvido em entrar em uma patrulha e auxiliar as demais polícias na captura de um bandido, por exemplo.

As limitações e resistências para garantir a Lei 13.022 em Goiânia vão além. Muitos não enxergam que o problema não é somente fazer os treinamentos. Alguns até se submetem aos treinamentos ostensivos, mas reclamam que não são dados a eles os recursos necessários para realizar o serviço de proteção ao cidadão ou de auxílio às demais polícias.

Isso significa que muitos realizam o trabalho sem a proteção necessária em caso de um tiroteio e/ou não possuem arma de fogo, nem sequer, em alguns casos, um cassetete oferecido pela instituição. Toda essa configuração, então, impacta significativamente na psicodinâmica do trabalho dos guardas, bem como na dimensão da masculinidade/virilidade dos mesmos, uma vez que é exigido destes profissionais que eles exerçam um serviço de segurança sem a formação, instrumentos e segurança pessoal necessários para tal.

Dessa forma, muitos resistem e boicotam os treinamentos ostensivos e/ou realizam atividades de transgressão no trabalho como comprar armas por conta própria e, algumas vezes, até de forma ilegal. Argumentam que, se precisarem da autorização ou iniciativa da instituição para certos recursos de trabalho, acabarão morrendo. Se não for por meio da transgressão no trabalho, eles correm risco de perder a vida.

Outro aspecto que é alvo de descontentamento refere-se à possibilidade de ascensão na instituição. Argumentam que não acham justa a forma vigente para a ascensão (vertical) aos cargos. De acordo com eles, a única forma é a partir de indicação política. Assim, toda vez que muda o prefeito, muda a gestão e, conseqüentemente, os gestores. A guarda então é vulnerável aos cargos políticos da cidade, dando oportunidade àqueles que são “de confiança” do governo que está no poder do município.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Além do contexto nacional já ser marcado por diferentes dificuldades, encontram-se algumas singularidades na GCM de Goiânia que impactam na imagem masculina dos guardas homens. Uma vez que se está em um contexto de trabalho que é constituído predominantemente pelo público do gênero masculino, hipotetiza-se que lidar com as contradições apontadas acima pode desencadear estratégias viris para tentar suportar o sofrimento no trabalho.



CAPÍTULO 2. GÊNERO MASCULINO, VIRILIDADE E TRABALHO

*O dom da masculinidade é severo. Ser um homem e ter o coração de um,
é tanto um fardo quando um dom. Às vezes, é muito bom,
às vezes é doloroso. Ser homem é demonstrar força e virilidade,
mesmo quando se é apenas um menino que precisa de carinho.
Ser homem é ter de aprender a remar com todas as forças contra a
correnteza da vida, contra os desejos sem freio, os hormônios incontroláveis,
as ambições desmedidas. Ser homem é amar com desespero justamente
a mulher que nunca se terá nos braços, é ser a companhia que
nunca será perfeita, o amigo que nunca será compreendido,
o amante que nunca será acolhido. Ser homem é uma das
tarefas mais complexas, perigosas e deliciosas que existem.
Ser homem é padecer de feridas invisíveis e encontrar
a cura nos lábios alheios. Ser homem cansa, mas enaltece.
Enfraquece, mas fortifica, corrompe, mas glorifica.
Ser homem é maravilhoso, mesmo quando aquele homem
aparenta ser o mais insignificante na multidão.
Não se aprende a ser um, se nasce como tal.
Depois disso, tudo o que vier é experiência.
Não julguem os homens. Somente nós sabemos o peso e a dificuldade
de carregar o título. Mas se me pedissem, eu diria que não me
imagino de outra forma. Sou quem devo ser, e viverei sendo quem sempre fui.
Homem entre os homens, mortal entre os mortais.
Apenas mais um rosto nu, no baile de máscaras das emoções humanas.
André William Segalla*

A identidade do gênero masculino se transformou ao longo da história. Contudo, o homem do século XXI ainda reproduz algumas imagens e comportamentos que eram desempenhados desde o início das primeiras civilizações, principalmente no que tange na tentativa histórica, cultural e social do homem estabelecer uma relação de dominação e supremacia em relação à mulher (Silva & Leite, 2016). Nessa ótica, os homens construíram uma configuração subjetiva de masculinidade pautada em atividades que exigiam força física, astúcia, velocidade e vantagens sociais que colocaram eles na centralidade de diferentes instituições como a família e o Estado. Assim, a imagem de provedor, de forte, viril, herói, protetor, destemido e potente foi reforçada na trajetória histórica do gênero masculino (Bourdieu, 2003).



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Silva (2000) enfatiza que há uma crise da identidade masculina na contemporaneidade. Para desenvolver essa tese, o autor tece concepções de sexualidade e, principalmente, de gênero que foram perpassadas por construções históricas, sociais e culturais da diferença entre os sexos: o homem foi concebido como aquele que domina e a mulher deve ser submissa ao homem, sendo dominada. Foucault (1986) argumenta que o termo sexualidade surgiu somente no século XIX, e ressalta normas que diferenciavam homens de mulheres. Assim, a mulher foi concebida como um homem invertido e que o modelo de perfeição estava na anatomia masculina (do macho). O homem ganha destaque como um símbolo de poder, dominação e superioridade e, a mulher, é seu oposto, ou seja, símbolo de fragilidade e submissão.

Tendo o corpo do homem como referência, iniciou-se a justificativa das diferenças morais entre os comportamentos masculinos e femininos, embasados em uma sociedade burguesa, individualista, colonialista e capitalista nos países europeus do século XIX (Almeida, 1995). Uma perspectiva político-ideológica vai fundamentar os direitos e deveres de homens e mulheres. Nesse processo, o homem ganha destaque nas interações sociais dentro e principalmente fora de casa e supremacia nas decisões políticas e econômicas, diferentemente das mulheres.

Essas, então, são vistas como inferiores, frágeis e não desfrutam de privilégios como os homens, o que resulta no culto à masculinidade, ao vigor, ao poder, à força, à virilidade. Tal culto só começa a ser questionado com a influência das ideias de liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa, das revoluções industriais e das guerras mundiais que se sucederam (Silva, 2000).

Porém, mesmo diante de questionamentos sociais sobre o papel do homem na sociedade, nota-se a preocupação de manter e consolidar a imagem viril, resistente, máscula do homem (Mennitti, 2014; Silva, 2000). Os seres humanos do sexo masculino, em diferentes momentos,



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

experiências e fenômenos tem sua masculinidade posta à prova. Precisam provar que são homens, que são machos, que aguentam tudo, que são fortes e não são seres frágeis, passivos, afetuosos, sentimentais, como as mulheres que eram amáveis com seus filhos, submissas e obedientes aos seus maridos, cuidavam da casa e envolviam-se em afazeres “fáceis” de serem realizados, no sentido de não exigirem, aparentemente, muita força física, agilidade e/ou astúcia (Muszkat, 2011).

Dessa forma, o homem precisava, no século XIX, provar que não era uma mulher e, como pontua Silva (2000), jamais homossexual, pois ao homossexual anexava-se a imagem de ser uma “mulherzinha”, que é delicado, frágil, afetuoso e tem desejo sexual por outro homem, contrariando a virilidade, hegemonia e heteronormatividade da figura masculina.

A forma de falar, a entonação de voz, a forma de se vestir, de se comportar, os gestos, formas de andar, a musculatura e contornos masculinos, o vigor, bem como qualidades psicológicas como bravura e heroísmo eram marcas de uma masculinidade burguesa do século XIX e que ainda hoje exerce influência na construção histórica do homem, do macho (Silva & Leite, 2016). O ideal de beleza, do corpo e dos comportamentos e qualidades psicológicas, aqui, de forma linear, deveria restringir-se de acordo com sua identidade biológica: se nasceu com pênis, é homem e deve se comportar enquanto tal; se nasceu com vagina, é mulher e deve se comportar enquanto tal. Defendia-se o ideal de virilidade e quem era desviante dessa norma era repellido, zombado, punido (Silva, 2000).

O ideal de virilidade, defendido por uma consciência burguesa, só foi questionado quando a mulher, após as duas grandes guerras mundiais, começou a sair da configuração dos espaços privados (do lar) para espaços externos (públicos, sociais). A partir das revoluções industriais e dos movimentos sociais pós-guerra, começa o desenvolvimento de pesquisas,



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

questionamentos, discussões e redefinições dos papéis sociais de gênero (Sayão, 2003; Silva, 2000).

Uma nova forma de ver o homem, então, surge, com a permissão para relativas fraqueza, vulnerabilidade e fragilidade. A anatomia, fisiologia, biologia, o corpo, não servem mais para impor a condição masculina. Novas subjetividades masculinas e femininas e até novas concepções de gênero e sexualidade constituem o cenário contemporâneo (Mennitti, 2014; Silva & Leite, 2016). Botton (2007) e Silva (2000) argumentam sobre as masculinidades (no plural) e que para conseguir lidar com as infinitas possibilidades de construção, desconstrução e reconstrução das masculinidades, é preciso de ir além do gênero.

Porém, mesmo diante dos avanços dos estudos sobre gênero e sexualidade e mesmo diante de novas configurações subjetivas de homens (e mulheres), os novos formatos, avanços e ressignificações conceituais ainda não conseguem dizer sobre a “verdadeira identidade masculina”. Essas novas concepções não descrevem todos os homens nem resolvem a “atual crise de identidade masculina” (Silva, 2000, p. 6). Ainda há a preocupação de muitos homens em manter uma imagem viril e uma figura mais tradicional masculina, aquele que é o provedor, o herói, o protetor (Morgante, 2015).

Bourdieu (2003) defende a existência de uma dominação masculina. Essa dominação está embasada na ideia do poder que os homens exercem a partir dos gestos, expressões, rituais e estratégias que reproduzem um mundo social e simbólico, tendo como referência diferentes instituições como o Estado, a família e a escola, por exemplo, que legitimam tal dominação. Assim, há uma forma ideal e esperada segunda a qual o homem deve se comportar. Há métodos dos homens pensarem, agirem e sentirem. Para que a masculinidade do homem seja reconhecida socialmente como dominante, é preciso uma divisão entre os sexos. A dominação



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

masculina, então, é revestida de uma naturalidade que é dispensada de justificação (Bourdieu, 2003).

Aqui, a diferenciação dos sexos e a exclusão das mulheres são necessárias. A virilização se torna a negação da parte feminina do masculino. Tal processo é construído e compartilhado histórica e culturalmente. Percebe-se, então, que o homem não nasce homem. Ele torna-se homem (Bourdieu, 2003). Assim, a concepção do homem, caracterizada por atributos de força, justiça, honra, poder e a dominação masculina, está presente na formação desse homem (antigo e contemporâneo); do ser masculino, de dominação masculina.

Ao longo do século XX, diferentes valores sociais embasaram os rituais de virilidade de vários meninos e homens. Entre as qualidades que constituíam os rituais está o duelo, exigindo do envolvidos coragem, sangue-frio, autocontrole e honra. Porém, essas qualidades só têm valor perante os olhos de todos. Os homens de honra, o homem de verdade, é aquele que mantém seu compromisso e precisa provar para todos sua bravura, força e coragem. “A honra viril modela a condição masculina e impõe sua lei” (Guillet, 2013, p.98).

Nesse curso, o homem tem um novo desafio e a perspectiva da virilidade ganha um novo alicerce que está entre a honra e a razão. O homem de verdade deve colocar a prova sua força, mas ela não deve ser algo gratuito, sem sentido, como um animal raivoso. A lei da honra deve triunfar sobre a razão. No campo de batalha, no duelo, o homem deve colocar suas emoções de lado. Qualquer suspeita do homem ser covarde deve ser eliminada. Por isso, é inadmissível recusar um duelo e ser concebido pelos outros por “frouxo”. Afinal, a “frouxidão” é um defeito da capacidade viril.

Guillet (2013) especifica episódios de duelos com armas de fogo e espadas na França e enfatiza que a concepção ideológica dos homens sobre a honra é que esta é o pudor viril. E a vergonha de não ter honra é tudo para os homens. Ou, como o autor (2013) destaca, fazendo



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

uma analogia com a religião: é a partir da honra que o homem cumpre seu papel social e cumpre, assim, sua salvação. Ou seja, para ele ser salvo e digno de “ir para o céu/paraíso”, ele deve ser um homem de honra. Assim, ser homem, assumir sua virilidade e ser honrado são praticamente sinônimos. É uma obrigação do homem ser honrado.

A preocupação com a honra não tem limites claros. Guillet (2013) afirma que o poder social de ser homem, de usufruir e defender a honra, submete diferentes homens a uma exigência ética muito rigorosa. “A honra depende de uma ética da responsabilidade e da autonomia que delinea, em contrapartida, uma ética feminina fundada sobre a submissão e marcada pela influência exercida pela religião sobre as mulheres” (Guillet, 2013, p.115). O homem, assim, pode exercer seu papel de herói, de salvar as donzelas e até disputa-la com um outro homem.

No modelo militar-viril, os soldados passam por uma formação interna na qual se tornam os principais depositários e mensageiros do sentimento coletivo da “honra e pátria”. Com o tempo, os militares, no século XIX, foram se tornando uma referência de masculinidade e gozavam de prestígio social. A roupa, o uniforme, (a forma de cuidar dos pelos: o corte do cabelo, fazer a barba...; Silva & Leite, 2016) e a farda viram símbolo de poder e respeito, legitimando a honra militar e, portanto, um tom conservador da figura masculina.

Um homem honrado deve saber o motivo pelo qual luta, duela, combate e só aceita a luta quando sua honra, de fato, foi atingida. Assim, em defesa da honra, da sua imagem, da sua identidade, ele duela. E, dependendo do caso, pode ser um duelo que envolve armas e que pode, até defender tal honra com a própria vida.

A circulação social dos valores da honra é propriamente uma característica do século XIX. A elite operária não desdenha responder às provocações de militares (...). Em termos de representações, a honra e a defesa da honra também são temas



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

particularmente estimulados nas comédias e revistas, e lidas por um público que se torna burguês apenas na segunda metade do século. Virilidade e honra se juntam na recusa de alguns grupos sociais de serem confundidos como uma criadagem cujo serviço se assemelha ao das mulheres, e nutrem alguns conflitos, como o movimento dos atendentes dos bancos da França que, em 1878, queriam obter o direito de usar barba e bigode. Afinal, a virilidade não é uma forma de nobreza oferecida para todos? (Guillet, 2013, p. 127).

A ética da honra está atrelada ao respeito. Homem que é homem “não leva desaforo para casa”; ninguém o lesa impunemente – *Nemo me impune lacessit* (Guillet, 2013, p.131). Quando um homem não pode defender sua honra, ele é invadido por um sentimento de vergonha insuperável, que pode o impedir, literalmente, de viver.

Nessas condições, o resultado do combate pouco importa: morrer em um duelo não é o melhor modo de provar sua dignidade e, portanto, sua virilidade? É costume, ao final de um combate, reconciliar-se, mesmo moribundo, com seu adversário, isto é, reconhecer a sua igual honorabilidade. O duelo forja, nesse reconhecimento mútuo uma virilidade partilhada (Guillet, 2013, p. 133).

A honra viril se nutre a partir de uma instabilidade e sentimento de insegurança que é espalhada pela mídia, na modernidade, desestabilizando/fragilizando o discurso que se vive em um contexto pautado na democracia cidadã. Assim, principalmente onde há muitas pessoas, ou seja, nos grandes centros urbanos, torna-se mais complexa a expressão da democracia. Como os desejos, necessidades e demandas das minorias e/ou diferentes grupos sociais não são/será atendidos/garantidos por parte do Estado, é esperado, então, certa hostilidade e repulsão das pessoas, que se transformam em ódio e, logo, em combate. Nessa lógica, é difícil manter-se no controle das emoções e ter, ao menos, a aparência de ser um homem de honra, que respeita o espaço dos outros.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Guillet (2013, p.150-151) destaca uma nova reflexão sobre a virilidade, diferenciando os duelos individuais entre homens que defendem sua honra, em contraste de um fenômeno que não é um duelo a larga escala: a guerra:

Esses tipos de duelo por demais policiados não simbolizam somente a decadência da classe dirigente, mas exercem uma influência nefasta contribuindo (...) para o abaixamento do nível moral nacional e para a destruição dos caracteres. Um povo precisa de outras virilidades, outras seguranças para os dias sombrios, em que a pátria ameaçada reclama não apenas o braço, mas os corações (...).

Ainda sobre o contexto militar, Bertaud (2013, p. 199-200) afirma que, nos períodos entre as Grandes Guerras, a sociedade mudou o olhar sobre os soldados, tendo eles como referência de virilidade, na qual a virtude principal era a honra.

Mudança do olhar da sociedade sobre o militar, mudança intelectual de alguns oficiais que se tornam filósofos e proveem seu *metiê* com uma nova ética. Eles se esforçam para serem ao mesmo tempo homens honestos e homens da guerra, aliar o espírito guerreiro aos bons sentimentos, unir, enfim, a honra militar e à utilidade social. Para eles, a virilidade do soldado ou do guerreiro se adquire mais por meio de exercícios físicos do que pela multiplicação excessiva das manobras. Ele se conserva graças a uma educação moral animada pelo amor à pátria. A virilidade militar toma as cores do patriotismo e o soldado se torna cidadão.

Assim, a honra deve penetrar a sociedade civil e influenciar o olhar dos cidadãos que os militares estão prontos, e devem sacrificar-se por um bem maior: o bem comum, o bem e a paz de todos. Uma vez nessa atmosfera, só resta à sociedade se deslumbrar com a aquisição de uma nova virilidade, resultado do brilho das vitórias e medalhas conquistadas com honra.

No processo de formação desse homem viril, dentro ou fora do contexto militar e de guerra, há uma pressão constrangedora para se manter a tensão afirmadora da dominação, da masculinidade e virilidade do homem. Bourdieu (2003, p. 67) afirma que “a virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante de outros homens, para outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída,



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

primeiramente, dentro de si mesmo”. Nota-se, então, uma naturalização biológica de “ser homem”. Naturalização esta que foi construída socialmente e que legitima o homem como viril, dominante, impactando na subjetividade desses homens enquanto seres sociais. Assim, o homem passa por uma situação vergonhosa/constrangedora caso não consiga provar sua força, sua masculinidade.

Botton (2007) corrobora com Silva (2000) ao retratar as transformações históricas e sociais da masculinidade e acrescenta que há, na verdade, masculinidades (no plural). E, como mencionado antes, e a partir do estudo de diferentes pesquisas sobre o gênero masculino, Botton (2007, p.110) esforça-se para fazer uma aproximação teórico-conceitual, de forma crítica e processual, entre história e outros campos das ciências humanas como a sociologia, antropologia, letras e psicologia, para aprofundar sobre o fenômeno “masculinidades”, argumentado que “é um campo de saber de todos e de ninguém”. Ou seja, se por um lado é estudado por muitas abordagens interdisciplinares e vem aumentando o número de pesquisas sobre, de acordo com Silva e Leite (2016), por outro lado torna-se mais abrangente e complexo.

Caniato e Lima (2008); Cerqueira (2011); Dejours (2007); Grenier-Pezé (2004); Guimarães-Júnior e Macêdo (2013); Machado (2004); Mennitti (2014); Molinier (2004); Morgante (2015); Rego (2013); Silva e Leite (2016) enfatizam a relação entre masculinidade e virilidade, argumentando que os homens defendem sua masculinidade a partir de um campo, de um cenário, de um mundo viril. A virilidade está associada aos desejos e necessidades que os homens têm de afirmarem sua força, bravura e coragem. O homem precisa legitimar seu falo simbólico, reforçando seu lugar de progenitor, aquele que penetra e, logo, marcar sua relação de poder em relação à mulher. O homem passa, então, a expressar sua dominação sob a submissão feminina (que é penetrada, que fica “por baixo”). E, nesse ponto de vista, para reforçar sua imagem de virilidade, o homem precisa reforçar sua identidade masculina, usando,



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

se preciso, seu poder coercitivo e de violência, reproduzindo sua supremacia de gênero (Botton, 2007; Machado, 2004).

Em diferentes culturas, de acordo com os estudos de Nascimento (2011) é possível observar que a violência (Muszkat, 2011) é o indicador mais evidente da virilidade. Assim, o “homem de verdade” precisa rejeitar e negar a feminilidade (Cerqueira, 2011) e se identificar com a disposição e desejo de lutar.

O homem que não consegue provar sua virilidade coloca sua masculinidade em situação de suspeita. E, não conseguindo mostrar sua potência, discrição, força e dominação e se comportando de forma a deixar sua masculinidade em risco, pode gerar temor, sentimento de fracasso e vergonha. Ou seja, o homem precisa buscar estratégias para negar a feminilidade e ressaltar sua virilidade. Do contrário passará pelo constrangimento de se passar por “fraco” (característica feminina) e ser vítima de preconceito, discriminação e agressão física, principalmente de outros homens que suspeitam da masculinidade daquele que não faz jus ao ideal viril (Nascimento, 2011). Posto que, segundo Bourdieu (2003), a virilidade masculina é conceituada como a capacidade reprodutiva, sexual e social, o poder que o homem tem de ocupar o papel de procriador, de progenitor. Essa ideia vai ao encontro à noção de honra e, assim, deve ser colocada à prova, deve ser experimentada perante outros homens e ser por esses outros homens validada.

Ainda no quesito violência, Abramovay et al. (2002) alertam em suas pesquisas que os homens são os que mais aparecem como autores e vítimas de violência, principalmente entre homens jovens (até 29 anos). Para a Abramovay et al. (2002) a violência, dentre outras facetas, assume um papel de identidade. O jovem que conseguir competir e impor sua força sobre os mais fracos, ganha destaque, respeito e honra.



Assim, agir de forma viril tem um destaque em diferentes grupos, sendo que o homem pode interagir porque pode ser mais valorizado por se comportar como um “homem de verdade”. Ou seja, aquele que consegue reproduzir as expectativas do papel do homem viril, que foi historicamente e culturalmente construído, pode ter um destaque positivo, ao agregar valores sociais à sua imagem e ser reconhecido e prestigiado pelos seus pares e até mesmo constituir uma relação dialética de respeito/temor: respeito por ser o mais forte e temor daqueles que são mais fracos. Dessa forma, o homem conquista seu espaço, respeito e admiração ao honrar sua masculinidade, ao cumprir seu papel como um homem de verdade: durão, destemido, herói, másculo, viril (Cerqueira, 2011; Morgante, 2015; Muszkat, 2011; Nascimento, 2011).

2.1 Masculinidade e virilidade

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico é capaz de definir a forma que assume dentro da sociedade o macho humano; é um conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o homem e o super-homem que chamamos de viril. (Beauvoir, 1972, p. 497).

Baubérot (2013) delinea diferentes características da construção da masculinidade e pontua os processos que vão para além da maturação do menino que se torna, um dia, um homem adulto, enfatizando uma espécie de conformação simbólica, física e moral do estado viril ao qual os homens são pressionados ao longo da vida. Os meninos, então, são levados a interiorizar certos pensamentos e formas de agir como partes integrantes de formação enquanto homens para assumirem uma posição de poder e dominação. Tal formação é reforçada por diferentes instituições como a escola, a igreja e a família, por exemplo, apoiando a transições



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

normativas e estereotipadas de como um homem (menino do sexo masculino) deve reagir perante a sociedade.

Ao longo da história, a divisão dos gêneros é avaliada de diferentes maneiras e em níveis. O impacto dessas influências históricas foi consolidado durante séculos e a expressão que temos hoje, segundo Baubérot (2013), teve suas raízes em torno do período pós 1ª Guerra Mundial. Assim, a forma de se vestir, os tipos e tamanhos das peças de roupas, a forma de falar, o tamanho do cabelo, os jogos e brinquedos, o cuidado com o corpo, as brincadeiras em grupo... já era possível distinguir entre: um menino ou uma menina. Já era possível perceber qual era o papel esperado para cada um e qual a identidade eles deveriam assumir: “de menino” ou “menina”. Nota-se uma identidade visual do “macho” e como ele deveria ser concebido, tratado e respeitado e, também, de forma previsível, como se esperava, ou espera, que um “homem” deve se portar, se vestir, brincar, jogar... de se expressar publicamente.

É em grupo, então, que a virilidade tem sua iniciação, uma espécie de ritualização. Baubérot (2013) afirma que são em “bandos” que os garotos procuram seus pares e se masculinizam, se virilizam. Enquanto, geralmente, as meninas ficavam em casa, com suas colegas (de bairro, rua ou familiares como primas, tias, etc.) os meninos saíam para se divertir. O duelo era um jogo (ou brincadeira) muito presente entre os garotos e também entre os jovens adultos. Disputavam quem era mais o ágil, mais forte, mais astuto, quem manuseava melhor uma arma (vara, espada, bastão, arma de fogo...), entre outras atividades. Além disso, eram eles que faziam as travessuras, animavam os lugares, festas, carnaval e casamentos, eram eles os aventureiros, animados, divertidos. Então a bebedeira, a algazarra, as rixas são signos de masculinidade. Mas que devem ser moderadas pois é preciso se desculpar pelos exageros e tolices típicas e justificáveis pela fase da adolescência (Baubérot, 2013; Donato & Zeitone, 2006; Guillet, 2013; Turazzi & Demarco, 2016).



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

A ligação entre o consumo de álcool e masculinidade/virilidade é presente em diferentes momentos históricos e sociedades e é, também,

(...) em bandos que os jovens vão ao bar, lugar de grande sociabilidade masculina e, conseqüentemente, etapa decisiva para o percurso da iniciação viril. Os jogos de azar comprovam a saída da infância, mas eles não bastam para garantir o acesso ao estatuto de homem. O bar tem sua ordem interna, que pode ser vista na hierarquia das bebidas alcoólicas e nos códigos de comportamento. (...) os egressos do serviço militar, que acabam de voltar do serviço militar, ensinam a arte do bilhar e a esses jovens, tendo o papel de grupo intermediário na cadeia iniciática do bar (Baubérot, 2013, p. 197).

Além do militarismo, expressão máxima da cobrança de ser homem, de ser macho, Baubérot (2013) e Bertaud (2013) acrescentam, dentre outras atividades, que o escotismo é também uma educação para virilidade. É lá que os garotos aprendem sobre hierarquia, *status*, dominação, afirmar sua força e astúcia, vencer, competir, ter honra, mobilizar o instinto combativo, jogos de conquista ou de confronto, enfim, para fins educativos, é lá (no escotismo) que eles mostram o ímpeto viril da adolescência. Aqui a virilidade se constrói e ganha um novo estereótipo (Guillet, 2013). Não é somente viril aquele homem experiente, maduro. Mas um jovem que é aventureiro, que tem contato com a natureza, que desbrava e controla, transforma, domina a natureza. Assim, os homens contrastavam da imagem feminina e reafirmava sua masculinidade: um “mochileiro/alberguista” que vão de um lugar a outro sem precisar de escova de dente e maquiagem.

Uma vez mais, na escola, notamos uma centralidade na formação viril. Eles aprendem, a partir de autores antigos, a eloqüência máscula com diferentes recursos e instrumentos de dominação tanto na política quanto no mundo dos negócios. Na França e Inglaterra, por exemplo, desde o fim do século XIX, haviam os internatos, que influenciaram e influenciam ainda hoje a “postura masculina”. Lá os garotos eram submetidos a rigorosos métodos para molda-los para serem “homens de verdade”, similar ao rigor de um quartel ou convento.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Baubérot (2013) comenta que um universo exclusivamente masculino pode ser marcado pela violência, naturalizando o comportamento agressivo dos homens. Como se os homens tivessem que provar, o tempo todo, que suportam tudo, que devem disputar e dominar seus adversários ou aqueles desviantes das normas aceitas socialmente. Assim, o desenvolvimento físico e moral dos alunos era introduzido no esporte, similares às práticas militares (Bertaud, 2013; Viana & Ferrarini, 2016).

No âmbito do trabalho, no início dos anos de 1950, na Europa ocidental, a maioria dos garotos entre 14 e 16 anos já estavam empregados. Isso porque o *status* de homem era mediado pela atividade produtiva remunerada, plasmada em uma atividade que exigisse conhecimento que se adquire fora da escola e que envolvesse força física como os cargos de operário ou de camponês. Mas o jovem, mesmo empregado, destinava boa parte do salário para ajudar os pais em casa, até que ele conquistasse sua autonomia e pudesse sair – de casa (Pereira & Souza, 2016).

Desde o início da primeira revolução industrial, muitos jovens começavam suas atividades laborais com atividades não qualificadas: serventes, pedreiros, carpinteiro, marceneiro, trabalhadores agrícolas. Nesses espaços, marcados pelo público masculino, os jovens desenvolviam uma assimilação progressiva dos ritos, normas e regras do trabalho. Os homens mais velhos se comportavam com brutalidade para endurecer, enrijecer e impor respeito aos mais jovens. Davam tapas, chutes e empurrões para, mais uma vez, estabelecer uma relação de poder e de dominação entre eles (Almeida, 2012; Guilett, 2013; Pereira & Souza, 2016; Magalhães, 2015).

Porém, os comportamentos de “homem” não eram praticados somente nas fábricas, nas construções civis ou nos campos. Estavam também no contexto militar; sendo o quartel a expressão máxima da formação viril nos países que existiam o recrutamento universal



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

(Bertaud, 2013). No quartel, os profissionais de segurança pública “fabricavam masculinidade”. O recruta conquistava várias habilidades e competências que caracterizavam o “homem feito”, envolvendo atividades de força física, domínio de armas, coragem e disciplina.

Há, assim, na história da virilidade, uma dialética entre inclusão e exclusão entre os homens. Aqueles que reproduziam e reforçavam tais habilidades e competências era “homem de verdade” e era incluído no grupo de homens, de machos (Guillet). Principalmente aqueles que participavam da expressão máxima da virilidade: o militarismo (Almeida, 2012). Aqueles que eram inaptos ao serviço militar (fracos, doentes, com pouca: virilidade, astúcia, heroísmo, coragem...), eram desvalorizados, sem chances de encontrar uma esposa, de ser pai, de ser um chefe de família.

Os que tinham a experiência de ser aceito, aprovado pelo serviço militar poderia gozar de uma aprovação e vantagens sociais, construído uma carreira com possibilidades de cartões e medalhas que confirmasse sua bravura e masculinidade, podendo ser atrativo para as moças, ir comemorar com os amigos com muitas bebidas e ir aos bordéis (ação de dominação das mulheres como uma premiação de reconhecimento por seus méritos enquanto homem/viril).

Ao longo dos anos de 1970, segundo Guillet (2013) iniciava a ideia de questionar, de dissociar-se dos estereótipos e da naturalização masculina. Os homens, aqui, poderiam começar a se libertar do terrorismo da virilidade. Isso foi possível graças a diferentes discussões de gênero, principalmente de movimentos feministas e de igualdade de gênero. Então, foi possível conceber, compreender e interpretar que a virilidade é, na verdade, uma construção de um conjunto de processos educativos e sociais com o objetivo de perpetuar, de uma forma consciente e/ou simbólica, a dominação masculina. E que os homens não tinham a obrigação de carregar o peso desse fardo nos ombros e que as mulheres não deveriam aceitar



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

passivamente as consequências brutais de uma falsa naturalização da virilidade e da dominação masculina na organização da sociedade.

Nota-se que hoje o modelo de virilidade tradicional não foi substituído por um novo modelo mais contemporâneo (reformular). Hoje, há a coexistência de diferentes masculinidades/virilidades, que abrigam contradições, diálogos e tensões. O que denota a necessidade de se reinventar, ressignificar a virilidade. A educação viril, então, segundo Botton (2007); Cerqueira (2011); Guillet (2013); Mennitti (2014); Morgante (2015) e Silva e Leite (2016), passa por uma nova roupagem. Mesmo que muitos comportamentos ainda refletem as raízes tradicionais da virilidade, a educação, formação viril, está em transformação. Há indícios que a preocupação maior hoje está pautada no bem-estar e relações de afeto entre as pessoas.

Porém, ainda há uma força histórica significativa sobre os ombros da sociedade de mostrar o lugar do homem. Por isso, ainda parece um pouco vago a legitimação de novas estratégias de conceber as relações sociais embasadas em relações afetivas visando a ordem e bem-estar de todos. Parece que ainda há uma necessidade de mostrar de que homens e mulheres encontram estratégias diferentes de manterem o bem-estar na sociedade. Há uma expectativa binária de como as mulheres podem contribuir para esse desejado bem-estar e como os homens podem contribuir para o mesmo fim.

De qualquer forma, discutimos os novos papéis que os homens devem assumir na sociedade. Baubérot (2013) argumenta na figura do “novo pai”. As atividades domésticas, por exemplo, passam a ser exercidas, também, pelos homens. Mesmo que ainda de forma desigual e ainda mais tímida, os homens passam a compartilhar responsabilidade dentro de casa, como cuidar da prole e dos afazeres domésticos como cozinhar e limpar o lar. Porém, uma pesquisa citada por Baubérot (2013) nos anos de 1980 revelou que as meninas participam 3 vezes mais



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

das atividades domésticas do que os meninos. Ou seja, apesar dos homens participarem, as mulheres ainda se destacam nos afazeres domésticos.

No quesito familiar, por outro lado, Bauberót (2013) pontua que o número de divórcio aumenta consideravelmente nos anos de 1960, redesenhando a estrutura familiar e, conseqüentemente, a figura paterna. Geralmente as mães ficavam com a guarda dos filhos e os pais (homens) contribuía com pensões (dinheiro). Esse episódio, por exemplo, marca um novo contrato social para os homens manterem sua dignidade e sua honra. Ele poderia ser um homem divorciado, mas teria a honra de manter a paternidade de manter sua honra, contribuindo com a pensão (Guillet, 2013).

A configuração da família monoparental, então, rompe com o processo de interiorização da identidade masculina de provedor/pai de família, tornando a dinâmica da virilidade mais complexa, impondo aos homens e as mulheres da sociedade novos modelos para superarem as dicotomias e contradições de gênero.

Como resultado das novas configurações de expressão da virilidade masculina, as próprias instituições sociais são forçadas a acompanhar as transformações ideológicas e práticas dos grupos sociais. Assim, surge uma nova relação entre a escola, o trabalho e o quartel. Se antes dos períodos entreguerras a escola se empenhava para educação física e conhecimentos das humanidades clássicas para os meninos, agora, principalmente a partir de 1924, com as salas mistas, devido a manifestações e reivindicações feministas, as relações, os métodos, as políticas educacionais mudam. Hoje, desde 1975, temos inúmeras instituições de ensino que não fazem distinção de ingressantes pelo sexo. E o mesmo ocorre ao ingressar no mercado de trabalho e nas forças militares. Mulheres, doravante, participam, ativamente, de espaços que, historicamente, foram espaços ditos “masculinos” (Bertaud, 2013).



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Mesmo que hoje percebemos que há desigualdades de salários e posições de chefia ocupado mais por homens que mulheres, essas mudanças e conquistas das mulheres para participarem mais ativamente em diferentes instituições sociais impactam diretamente na concepção de virilidade (Tosta, 2011). A validação simbólica da identidade viril é enfraquecida e reconfigurada. Se antes um garoto de 15 anos tinha o fenômeno “ter um emprego” como um rito de passagem para legitimar sua masculinidade e poder perante os demais que não tinham um emprego e as demais mulheres, isso perde o sentido com o tempo. Porque agora, as mulheres também não somente procuram e têm empregos como participam do cenário militar que, antes, só era ocupado por homens e era considerado o estágio último da formação viril (Baubérot 2013; Bertaud, 2013; Guillet, 2013). Então, alguns ritos de passagem, para reforçar e afirmar a masculinidade, mais uma vez, requer outras estratégias, requer mudanças.

Assim, com o “fim” da exclusividade masculina para certas atividades sociais há a transformação histórica da formação viril.

A valorização da juventude e de seus lazeres, a fragilização do *status* profissionais, a vulnerabilidade da unidade familiar e o enfraquecimento da figura paterna fizeram com que o status do homem adulto perdesse uma parte importante de seu valor social. O homem jovem que amadurece vê afundar, portanto, seu capital juvenil sem poder compensar verdadeiramente essa perda pelo ganho de um capital viril. Diversas estratégias lhe são oferecidas para permitir o prolongamento de sua juventude, mas elas contribuem, de forma mais ampla, para a dissolução progressiva das fronteiras que separam tradicionalmente a idade jovem da idade viril. Dessa forma, as cartas de socialização viril dos jovens encontram-se embaralhadas não só por conta do questionamento da repartição tradicional dos papéis e das funções entre homens e mulheres, mas porque também o modelo de virilidade ao qual conduzia tal socialização perdeu sua pertinência social e seu poder de atração. A virilidade, considerada agora como hábito e não mais como demarcador de idade, entretanto, não desapareceu do ambiente cultural e do universo mental da juventude masculina. Aos seus olhos, determinados comportamentos e atitudes com reputação viril ainda preservam reais atrativos (Baubérot, 2013, p. 215).



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Todavia, mesmo diante das transformações da figura masculina, Baubérot (2013) argumenta que até os anos de 1970 os valores de virilidade eram significativamente presentes na cultura operária. Os homens, entre si, cobravam uns aos outros, cotidianamente, atos de força, resistência e bravura, consonantes ao modelo tradicional do homem viril e tal lógica e referencia impactam, também, diretamente na imposição cultural da virilidade sobre os meninos dessa mesma época, em diferentes espaços sociais.

Já que os ritos de passagens foram desfeitos e os contrastes de poder e dominação mais visíveis entre homens e mulheres foram ressignificados, restam aos homens, então, uma outra dinâmica para lidar com a virilidade. Ao invés de criarem uma cultura de integração para aprovar quem é homem e como devem fazer parte do grupo deles, a cultura viril da juventude passa agora a funcionar por rejeição. Isso explica, em partes, a inquietação e insistência dos episódios, ainda contemporâneos, do excesso de virilidade “a moda antiga”, em forma de protesto e rebeldia, reafirmando sua juventude, sua força, sua vitalidade.

Um exemplo de excesso, rejeição, rebeldia na juventude de classe média na contemporaneidade é expressado por modelos de virilidade para socialização como participar de festas e fazer parte de grupos que nem sempre é complacente ou sereno. Geralmente nota-se mediações violentas entre eventos de sociabilização entre eles, com consumo de álcool e outras drogas, consumo de pornografia em excesso e sexualidade compulsiva. Trata-se de virilidades desenfreadas, com necessidade de autoafirmação, demonstrando, simbolicamente, que, na verdade, trata-se de jovens que se sentem desorientados e são inconsequentes. E, para lidarem com suas frustrações, manifestam atos e atitudes de violência gratuita (Machado, 2004), reinterpretando, forçadamente, estereótipos viris tradicionais, legitimando, então, uma rejeição, uma contracultura.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

(...) o lugar que ocupa o estereótipo viril hoje em dia na socialização e na educação dos meninos é marcado por uma contradição evidente. O modelo de homem adulto para o qual eles são convidados a crescer se tornou uma figura incerta, cuja masculinidade não é mais caracterizada pela posse dos atributos da dominação. A própria paternidade deixou de ser um indicador da virilidade, de um lado porque as sociedades deixaram de separar simbolicamente sexualidade e procriação, de outro em razão da depreciação que sofreu a potência paterna. Enfim, a maioria dos adolescentes interiorizou o ideal social de igualdade ao qual as meninas de sua idade se mostram, de bom grado, firmemente ligadas. Por tudo isso, os valores e as atitudes viris não desapareceram do campo social. Cotidianamente, através do espetáculo esportivo, do cinema ou dos inúmeros lazeres, a cultura de massa veicula ícones que simbolizam esses valores e exercem seu poder de fascínio junto aos adolescentes. O modelo de identificação masculina que constituía a idade viril foi substituído por um imaginário da virilidade amplamente desconectado das responsabilidades comuns do homem adulto. A contradição entre a fragilidade e a incerteza do gênero masculino, de um lado, e a pressão dos estereótipos viris, do outro, estaria (...) na origem da relação atormentada que entretêm muitos adolescentes com sua masculinidade (Baubérot, 2013, p.220).

Basta ligar a TV, o computador, ter acesso à internet, assistir filmes, comerciais, seriados e veremos o quanto a imagem do homem forte, viril, aventureiro, destemido e herói é explorada por inúmeros recursos midiáticos e desejada pelos jovens de hoje. Por outro lado, como acrescenta Baubérot (2013, p.220):

(...) os jovens que se apropriam de uma imagem viril veiculado pela cultura de massa não são necessariamente enganados. Eles adotam, através dele, uma cultura jovem que lhes é própria e que alimenta, por vezes, suas relações conflituosas com o mundo adulto. Através de suas experiências de virilidade selvagem e desenfreada, talvez eles estejam buscando um meio de compensar o emprego cada vez mais forte dos processos educativos e sociais e o peso das normas de uma sociedade policiada e rotineira. O imaginário viril lhes permite identificar-se com heróis repletos de força e bravura, sonhar com horizontes mais longínquos onde a aventura tem o sabor de perigo. Horizontes aos quais, tornando-se adultos, a maioria deles deverá renunciar.

Assim, conforme as descrições e recortes históricos sobre o processo de virilização do homem, nota-se que há uma ideologia da virilidade na contemporaneidade que pressiona os homens a compensarem as transformações históricas e culturais que os colocaram em desvantagens sociais de dominação, prestígio e poder. Para os homens experimentarem o poder, se identificam com os heróis que salvam, são queridos e respeitados por todos. Porém,



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

nesse processo, deturpam a imagem do herói que se identificou por meio de comportamentos violentos, abuso de força, faz algazarras, travessuras, briga e até alteram o estado de consciência, usando drogas, para diminuïrem as defesas e, até, ficarem mais valentes... para mostrar que podem destruir, que têm força e que é pode ser uma ameaça ou, até um “herói”. Se as pessoas não aceitarem, eles impõem o respeito à força, excedendo suas virilidades, em nome de uma identidade viril, em nome de uma identidade, na busca de um nome... de ser “homem”.

2.2 Trabalho masculino e a defesa da virilidade

*Coragem é a resistência ao medo, domínio do medo,
e não a ausência do medo.*
Mark Twain

Mais especificamente no contexto de trabalho, Molinier (2004) destaca, na relação de poder entre gêneros, a existência de um complexo de masculinidade, pautado na virilidade social. Assim, quando um homem, em uma profissão de riscos físicos e psicológicos, por exemplo, precisa lidar com alguma fonte de sofrimento que ameaça seu papel enquanto homem, ou seja, enquanto dominante, corajoso, ela usa de estratégias defensivas. A virilidade, então, pode se tornar uma defesa (Guimarães-Júnior & Macêdo, 2013; Rego, 2013). Um homem que precisa demonstrar sua masculinidade, não permitindo que o outro o castre, impõe sua força e tentar conquistar e manter seu poder enquanto homem, aquele que é bravo, enfrenta tudo, é destemido, honrado, forte.

Dejours (1988) alega que “são as ideologias defensivas da profissão que produzem a expressão específica da virilidade no trabalho, no início essencialmente voltadas à defesa contra o sofrimento, se mostraram num segundo tempo utilizáveis para aumentar a



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

produtividade”. Isso implica que o homem, para não ser castrado/destronado de sua masculinidade, precisa, a “qualquer custo”, mostrar que é homem de verdade.

Para sintetizar como o processo das defesas, virilidade e masculinidade se desenvolvem, Caniato e Lima (2008, p. 189) afirmam que

o “cinismo viril” é a estratégia coletiva de defesa, na qual a experiência do fracasso (“castração simbólica”) é objeto de uma negação e uma racionalização coletivas, mobilizadas para enfrentar o sofrimento gerado pelo medo, conduzindo a participação ou tolerância no/do “trabalho sujo”, as quais erigem-se em “ideologia defensiva do realismo econômico”. Dessa forma, na ideologia defensiva do cinismo viril a racionalização pelo econômico é uma forma de domínio simbólico típico do gênero masculino, objetivando-se por meio da afirmação do cinismo como força de caráter, senso de responsabilidade coletiva e da exacerbação da virilidade sob o respaldo de uma racionalidade econômica ou científica (racionalidade estratégica). A virilidade é concebida socialmente como um atributo sexual que confere à identidade masculina a capacidade de expressão do poder. Associada ao exercício da força, da agressividade, da violência, da dominação, obtém garantia de segurança e proteção para o sujeito e para os que lhe são chegados, estando simbolicamente associada ao medo e à luta contra o medo, ou seja, a coragem. A virilidade é considerada como uma qualidade, uma virtude: eis aí racionalização do “mal” no “bem”, na qual a ética (racionalidade moral-prática) não é abolida, mas invertida. A coragem, em estado puro, tem a ver com a autonomia moral-subjetiva, dispensando o reconhecimento alheio, é uma conquista individual diante da neutralização do medo. Via de regra, manifesta-se silenciosamente e é julgada pela própria consciência. Já a virilidade, é uma conduta cujo mérito está na validação alheia. A “coragem viril” por sua vez, necessita de uma plateia, de demonstrações, evidenciando-se não apenas nas condutas e comportamentos, mas também e fundamentalmente na ordem do discurso. O “discurso viril” é apoiado no conhecimento, na comprovação técnico-científica, no raciocínio lógico, visando afastar toda ameaça de fraqueza ou fracasso, é um discurso de domínio sobre o mundo.

Nessa trajetória, o homem anestesia não somente o medo, mas o sentido moral do trabalho, podendo praticar injustiças com ações autoritárias para manter a produtividade e seu valor no coletivo, mostrando aos outros que ele é homem de verdade e homem de verdade não tem crises, sabe controlar suas emoções e suas fontes de sofrimento (Molinier, 2004). “É por isso que nos encontramos entre o sujeito masculino e os constrangimentos deletérios das situações de trabalho, o risco de captura da identidade masculina pela virilidade defensiva é real. O homem virilizado escora seu funcionamento mental e social” (Molinier, 2004, p. 22).



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

A título de exemplificação, estudos realizados com trabalhadores homens do setor elétrico (Salvagni, 2013), homens no setor de segurança pública -policiais militares- (Almeida, 2012; Magalhães, 2015) e homens pilotos de avião (Almeida, 2001) corroboram as colocações de Molinier (2004), Caniato e Lima (2008), Dejours (1988), Nascimento (2011) e Botton (2007); Romagem (2013) sobre a defesa da masculinidade e virilidade dos homens. Como amostra desta exemplificação, Salvagni (2013) enfatiza que os homens do setor elétrico têm a tendência de manter a virilidade e provar sua masculinidade para os seus pares, negando o risco que envolve o trabalho deles. Os atos de bravura, de coragem de enfrentar os desafios, fortalecem a imagem viril dos trabalhadores e aumentam o respeito aos demais (Almeida, 1995; Almeida 2001; Almeida, 2012). Como prova de tal ato, alguns trabalham sem equipamentos de segurança, por exemplo. “O gozo no enfrentamento do risco para a manutenção de tal identidade vai se apresentar com um risco ainda maior” (Salvagni, 2013, p.26). O risco passa a ser, então, um objeto de identificação, de manutenção do heroísmo e da legitimação da soberania, dominação e supremacia masculina e negação da feminilidade, podendo, como consequência, se revelar em forma de adoecimento psíquico.

Machin et al. (2011) acrescentam que o processo de negação da dor e sofrimento por parte dos homens tem um impacto negativo em sua saúde, pois acabam não desenvolvendo comportamentos preventivos de doenças, nem de promoção da saúde, em defesa da sua virilidade. Assim, defender sua masculinidade se torna algo mais importante que a própria saúde, mantendo a concepção de uma masculinidade hegemônica que um homem é invulnerável, não adoece e, por isso, somente crianças, idosos e mulheres deveriam procurar os profissionais da saúde. Machin et al. (2011) diferenciam os pares de opostos dos gêneros a partir de falas dos profissionais da saúde, na Ilustração a seguir:



Quadro 9 - Pares de opostos relacionados ao masculino e feminino manifestos nas falas dos profissionais de saúde

Contexto de expressão	Homens	Mulheres
Procura/Demanda	<ul style="list-style-type: none">• Ausentes nos serviços• Invisibilidade, questão cultural	<ul style="list-style-type: none">• Presente nos serviços.• Visibilidade, questão biológica
Relação com atendimento	<ul style="list-style-type: none">• Pouco paciente• Direto, objetivo• Desconhece os códigos	<ul style="list-style-type: none">• Muito paciente• Queixas vagas• Conhecimento dos códigos
Uso do serviço	<ul style="list-style-type: none">• Práticas curativas/doença	<ul style="list-style-type: none">• Práticas preventivas/saúde
Adesão a tratamento	<ul style="list-style-type: none">• Menor aderência	<ul style="list-style-type: none">• Maior aderência

Adaptado de Machin et al. (2011); elaborado pelo autor (2017).

É possível notar que, de acordo com essa pesquisa com profissionais da saúde, os homens, comparados às mulheres, são menos pacientes no processo de atendimento, são mais diretos e objetivos, têm a tendência de não procurar ajuda dos profissionais e, quando têm problemas de saúde, possuem práticas curativas, invisibilidade de assumirem o papel de cuidador, têm menor aderência a tratamento, entre outras características.

Molinier (2004, p.24) observou, em pesquisas ao longo de quinze anos, diferenças significativas de gênero no contexto de trabalho e concluiu que a saúde é uma construção intersubjetiva. Há um peso histórico, cultural, social, coletivo por trás da configuração da identidade masculina no trabalho, corroborando com os achados de Machin et al. (2011), mostrando o preço que muitos homens pagam para manter suas virilidades que, muitas vezes, se revelam em doenças físicas e, principalmente, doenças psíquicas.

Almeida (2012, p.110) desenvolveu uma pesquisa com militares e argumentou que “o corpo construído pela ordem militar, como discurso, está associado a traços distintivo de certa masculinidade tomada aqui como hegemônica: virilidade, resistência, força”. Almeida (2012) continua e diz que o adoecimento psíquico (Barros & Mendes, 2003), no sentido de enfatizar a



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

situação do descontrole do corpo, da raiva, da ansiedade, da bipolaridade, do estresse, da depressão, é visto pelos colegas como alvo de piadas e deboches.

A falta de controle de diferentes situações de trabalho, dos afetos, das doenças se converte em sinônimo de fraqueza. Sinônimo esse que não caracteriza, nem está em conformidade com o ideal de masculinidade do contexto militar e, por isso, deve ser evitado, deve ser negado. Almeida (2012) e Magalhães (2015) identificaram, ao entrevistar os militares sobre a origem do estresse que eles sentem no trabalho, que eles atribuíram fatores externos como as raízes de tal estresse: dia-a-dia da profissão, prescrições, demandas, ritmo, pressão e exigências do cargo que ocupam. Assim, parece que não há uma consciência por parte dos militares da relação entre o constrangimento gerado pela organização do trabalho e a configuração história (e cultural) que atravessa a construção de masculinidade como uma possível origem das doenças mentais no trabalho. Ou seja, a questão de gênero não é considerada como uma variável, um elemento a ser valorizado para compreender melhor a relação de saúde/doença no trabalho dos militares. Ou, ainda, a configuração hegemônica de masculinidade/virilidade não faz sentido para os militares como possível constituinte de algumas doenças mentais que desenvolvem no trabalho (Morgante, 2015).

Ramagem (2013, p. 32), em seus estudos, também, com policiais, acrescenta que:

As entrevistas foram bastante ricas e foi possível constatar ainda o uso da virilidade que, segundo Dejours (2007) é uma estratégia coletiva defensiva para lidar com as contradições de um trabalho que, em sua grande maioria, expõe a riscos. O uso desse tipo de estratégia é bastante comum à atividade policial.

Ainda sobre o mundo do trabalho, Grenier-Pezé (2004) afirma que a partir de uma visão distorcida da realidade, marcada por uma organização do trabalho rígida, homens e mulheres podem desenvolver valores viris para lidar com episódios de injustiça e de sofrimento, se



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

revelando em ideologias defensivas da profissão. Essas ideologias se tornam cada vez mais consonantes com tais condições de trabalho, enrijecendo as defesas com atitudes viris.

Para suportar o sofrimento, é preciso desenvolver estratégias de resistência embasadas em uma virilidade social. Assim, a violência se torna necessária, dentro de uma construção social do masculino, despertando o medo de ser constrangido, castrado, submisso, passivo. A virilidade, então, é medida a partir da capacidade de alguém de provar sua masculinidade, sendo bruto, forte, que não adoece, que resiste. Nesse processo, as defesas se tornam um fim em si mesmas, exacerbando comportamentos viris, comprometendo a saúde psíquica e podendo até alienar e paralisar o sujeito (Dejours, 2007).

Um contexto de trabalho precarizado (Alves, 2011) no qual haja metas inatingíveis (Gaulejac, 2006), falta de treinamentos específicos ou recursos apropriados para desenvolver as devidas tarefas exigidas por certos cargos contribui para o desenvolvimento de defesas viris (Grenier-Pezé, 2004). Uma vez que o sujeito precisa mostrar seu valor perante o coletivo, comprovar que é macho, acaba desenvolvendo métodos para atingir seu trabalho, mesmo que ele não volte vivo para casa, como é o caso de algumas profissões na área de segurança pública (Almeida, 2012). Assim, para não ter que lidar com o sofrimento e constrangimento de ser julgado pelos outros homens como alguém fraco, fracassado, incompetente, “mulherzinha”, ignora as consequências de desenvolver doenças psíquicas no trabalho (Almeida, 2012; Grenier-Pezé, 2004; Dejours, 2007).

O homem que consegue manter a “qualquer preço” sua masculinidade a partir de defesas viris, ganha o prestígio e respeito do coletivo constituído de outros homens e acaba desenvolvendo um mecanismo patológico de se proteger. E, quando acontece, por exemplo, de um homem ser encaminhado para um profissional da saúde (psiquiatra) e ser diagnosticado com alguma doença psíquica, esse diagnóstico se transforma em uma prova concreta que ele



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

falhou, fracassou. Ele ganha um comprovante que atesta sua fraqueza (Dunker, 2011), o que compromete sua imagem masculina.



CAPÍTULO 3. TRABALHO E AS ESTRATÉGIAS DEFENSIVAS FRENTE AO SOFRIMENTO: O MODELO TEÓRICO DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

*Não é no silêncio que os homens se fazem,
mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.*
Paulo Freire

3.1. Trabalho

O trabalho possui várias dimensões históricas, sociais, culturais e políticas. Um dos conceitos do trabalho gira em torno da ideia da capacidade do homem de criar, produzir e transformar diferentes elementos que estão a sua volta na natureza e, nessa dinâmica, transforma a si mesmo. O trabalho pode ter diferentes significados para as pessoas e pode servir para interação e integração do sujeito na sociedade, sendo, portanto, fundante para constituição de sua subjetividade, uma vez que esta é construída na relação com o outro (Frigotto, 1995). Assim, o homem, ao tentar controlar, impulsionar e regular a natureza e atender diferentes demandas, desejos e necessidades, criam artifícios, instrumentos e estratégias para gerir seu tempo e suas atividades, impactando diretamente nas relações humanas, no modo de produzir as atividades, na forma de trabalhar, bem como a forma das pessoas agirem, sentirem e pensarem.

Na história das primeiras civilizações, há registros que o homem começou a desenvolver instrumentos para facilitar seu trabalho, no cotidiano, para garantir sua sobrevivência. Ao aprimorar diferentes ferramentas e estratégias para manter sua vida, desenvolveu a técnica da agricultura e deixou de ser nômade. A noção de propriedade privada é fomentada e a concentração e defesa das terras ganham centralidade nas atividades de diferentes grupos. Criam-se os feudos, e, na Idade Média, estes são atravessados por uma ideologia religiosa que medeia as relações de poder, indicando quem deve escolher o tamanho



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

e qualidade dos objetos, alimentos e moradias e quem não teria direito, bem como quais atividades e fontes/tipos de trabalho cada um deveria exercer. Fartos desse sistema que privilegia uma classe em detrimento de outra, há a iniciativa de mudança, com a formação dos burgos. O artesanato, o questionamento da força religiosa sobre a vida das pessoas e a liberdade para escolher, para decidir e consumir produtos e serviços a partir da sua força do trabalho é estimulada. Com os burgos, houve a sofisticação de diferentes recursos tecnológicos para alavancar os negócios, às custas da produtividade e trabalho humano. Gerando, assim, na era industrial, novos desafios que repercutem até hoje (Oliveira, 1995).

Ainda, para além de sua dimensão histórica, o trabalho está no nosso cotidiano de uma forma direta ou indireta. Está presente ao perguntar uma criança o que ela vai ser quando crescer, está em diversos outros assuntos que permeiam as atividades humanas como ir ao supermercado e consumir produtos que foram mediados pelo trabalho de outrem ou, ainda, está no pensamento e nos afetos dos sujeitos ao enxergar no trabalho uma forma de realizar diversos desejos e sonhos. Assim, procurar uma profissão que o legitimará enquanto um sujeito ou realizar atividades que podem se tornar fonte de prazer e orgulho se torna central na constituição da subjetividade dos sujeitos na contemporaneidade. Pois é mediado pelo trabalho que o sujeito pode emancipar seu poder político, social e econômico, podendo aumentar seu poder de consumo, ter mais prazer, bem-estar e ter o sentimento de ser uma pessoa importante e realizada (Bock, Teixeira & Furtado, 2011b).

Nesse cenário neoliberal globalizante, aumentar o poder de consumo pode ser, equivocadamente, sinônimo de felicidade. Como argumenta Freud (1930), no texto sobre mal-estar na civilização: felicidade é evitar a dor e experimentar o prazer. Assim, os sujeitos, para diminuir a dor, procuram garantir mais saúde, educação de qualidade, conforto e segurança para suas vidas. Todavia, temos um sistema político-econômico vigente que defende um



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

discurso no qual todos têm liberdade e têm o poder para desenvolver atividades na sociedade (trabalho) propiciando mais conforto, saúde, etc. por meio de consumo de produtos e serviços, garantindo, assim, a felicidade. A lógica deste discurso, então, é: ganhando dinheiro, o salário em troca do trabalho, os sujeitos podem consumir mais e ter acesso a melhores produtos e serviços.

Porém, as atividades humanas são muito mais complexas do que somente reproduzir meros comportamentos consumistas. As relações de prazer e sofrimento ultrapassam e constituem as dimensões do trabalho, bem como os diferentes papéis sociais que os sujeitos desempenham ao longo da vida. Mas o trabalho se torna central, mais uma vez, pois ele estabelece no sujeito um propósito de vida, de sobrevivência. É trabalhando que se pode manter-se vivo. É trabalhando que o sujeito pode se articular no mundo, ter onde morar e garantir suas necessidades básicas. Além disso, uma profissão pode se tornar algo promissor para se sentir importante, para expressar sua subjetividade no mundo e dizer às suas redes sociais o quanto seu trabalho é fonte de orgulho e prazer. Logo, o discurso de ser um vencedor e que as pessoas devem ser fortes e perseverantes na vida se faz presente. E, conseqüentemente, não há espaço para ser um fracassado. Uma pessoa que não consegue se dar bem no trabalho e na sua profissão, aproxima-se da ideia de se ser uma pessoa que fracasso, que não conseguiu se adaptar ou ter resiliências em relação às demandas do mundo do trabalho. Buscar conhecimento, informação e fazer cursos que são valorizados pela sociedade capitalista acaba se tornando o foco da atenção de muitos sujeitos que desejam não somente garantir sua sobrevivência, mas também ser essa pessoa forte e que se “deu bem na vida” (Bock, Teixeira & Furtado, 2011b).

Ter uma profissão, ter um trabalho remunerado, na atualidade, ultrapassa, também, uma mera lógica de assumir, enriquecer ou fortalecer seu papel de consumidor. Trabalhar não



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

significa somente ganhar um salário para garantir sua sobrevivência. O sujeito quer se encontrar no trabalho. O sujeito procura, no trabalho, se dignificar. Procura ser reconhecido. O salário pode não ser a única fonte de prazer no trabalho. Pelo fato de que, com o salário, o sujeito se torna “livre” para comprar o que quiser e “ser feliz”. O trabalho, então, ganha outra dimensão. Ele passa a assumir uma atividade central na vida dos sujeitos porque ele não somente vai mediar a relação de sobrevivência dos sujeitos, a liberdade de expressão e felicidade de ocupar o papel de consumidor (que pode comprar o que quiser com seu dinheiro), mas também vai impactar diretamente na subjetividade desse sujeito como um todo. Um sujeito desejante, que procurará no trabalho se satisfazer de diferentes formas, sentindo-se útil, importante, capaz (Bock, Teixeira & Furtado, 2011b; Dejours, 2008).

Contraditoriamente, esse mesmo cenário do trabalho que promete a chance do sujeito “mudar de vida” e poder viver de forma mais segura, confortável e feliz, abriga relações de prazer/sofrimento e saúde/doença. O sujeito vai ter que lidar com diferentes desafios para enfrentar os seus próprios desejos em contraste aos desejos da organização. O resultado desse processo integra sua subjetividade e nem sempre o sujeito o experimentará de forma saudável e prazerosa. Nesse sentido, o trabalhador se tornar em mais um recurso para a organização, como se ele fosse um instrumento, uma ferramenta, uma coisa. Assim, o contexto de trabalho pode coisificar e dessubjetivar o sujeito (Augusto, 2009).

O termo trabalho se origina dos termos em latim *tripalium*, *trabacula*, que remetem a um contexto de tortura, ou como atividade que não é digna de ser valorizada seja por si mesmo ou pelos outros, uma atividade vergonhosa, penosa, fonte de sofrimento. Para os gregos antigos, por exemplo, o trabalho era uma atividade executada pelos escravos, que eram responsáveis pelas atividades braçais, sustentando um contexto, um ambiente limpo, agradável



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

e saudável para elite “pensante” (atividade nobre, para poucos), que construía e tinha acesso ao conhecimento e ao poder na sociedade (Borges & Yamamoto, 2014).

Porém, na atualidade, desde a revolução industrial, a partir da concepção capitalista, o trabalho recebe uma nova roupagem. Marx (2006) contribui significativamente para uma reflexão e uma mudança mais visível sobre o trabalho, ao organizar todo o processo histórico da humanidade a partir dos modos de produções de diferentes civilizações. Para o autor (2006), o modo de produção capitalista está pautado no lucro. No contexto industrial, o capitalista oferece os meios de produção para construção/fabricação de um produto ou serviço, contrata e remunera (com salário) sujeitos (operários) para exercerem certas atividades (trabalho). O operário, então, contribui com sua força de trabalho e a vende como mercadoria, o que aliena o valor de uso no que produziu, gerando a mais-valia. Ser mercadoria significa representar um valor de uso, passível de se tornar um valor de troca. E é nesse processo de que o capitalista gera lucro, ao explorar a mão-de-obra de diferentes sujeitos (operários) para comercializar seus produtos (Borges & Yamamoto, 2014).

Assim, para gerar mais lucro para as fábricas, indústrias, organizações, surgem diferentes perspectivas para otimizar os processos organizacionais, para tornar o trabalho humano mais eficaz e eficiente. Porém essa lógica não se faz presente somente no contexto privado. Ele acaba impactando, também, nos órgãos públicos. Para tanto, Taylor (1998) argumenta que há a necessidade de desenvolver métodos científicos no processo de produção, capazes de eliminar movimentos desnecessários, lentos e ineficientes e tornar tudo mais rápido. O foco é: ganhar tempo para lucrar mais. Por isso, desenvolveu técnicas e conhecimentos para os sujeitos não precisarem pensar. Todo o trabalho já estava pronto e decidido. O papel dos operários eram seguir as prescrições, uma vez que elas continham a forma mais rápida e eficiente de desenvolver o trabalho. Assim, bastava obedecer ao proprietário da organização.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

No fordismo, foi mantido esse mesmo modelo desenvolvido por Taylor (e aprimorado por Fayol, que enfatizou as funções e gerenciamento da organização), mas foi avançada aqui a padronização, criando uma cadeia de montagem (Borges & Yamamoto, 2014). No caso, o produto era o automóvel, de modelo único, e o sujeito contratado para realizar o trabalho fazia uma única atividade todos os dias. O que foi redimensionado no Toyotismo, trazendo um caráter mais dinâmico, holístico e sistêmico, pautado na qualidade total, no qual os sujeitos diversificavam suas tarefas e responsabilidades, sendo mais produtivos, ágeis e eficazes possível (Alves, 2002).

No que concerne à perspectiva da psicologia, face aos modelos de gestão pautados na produtividade e lógica capitalista, Sampaio (1998) defende três faces da psicologia do trabalho; a saber: a psicologia industrial, a psicologia organizacional e a própria psicologia do trabalho. A primeira é caracterizada pela influência da administração clássica (taylorista, fordista), pelo behaviorismo e a necessidade de contratar psicólogos para atender as necessidades e interesses das indústrias. Essa fase foi marcada pelos assuntos e temas como lei da fadiga, seleção, orientação vocacional, novos estudos sobre grupos e liderança, psicométrica, treinamento, entre outros.

Com a crise do modelo clássico, surge uma nova proposta para suprir as necessidades do mercado e, de certa forma, as demandas do sujeito trabalhador. Assim entra a psicologia organizacional, com o foco nas estruturas da organização, produtividade dos trabalhadores, desenvolvimento dos recursos humanos, teorias comportamentais, mudanças planejadas, eficácia, além da eficiência, análise transacional, gestão pautada nas normas e valores instituídos, redução de conflitos, mais flexibilidade, compreensão do sistema mais importante do que reproduzir uma técnica ou habilidade profissional e interdisciplinaridade (sociologia, administração, psicologia). A psicologia organizacional marca a transição para a psicologia do



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

trabalho e, de acordo com Sampaio (1998), apesar de apresentar diferentes avanços em relação à psicologia industrial no que diz respeito à valorização do trabalho humano, foi criticada por ainda desenvolver diferentes estratégias de persuasão para aumentar a produtividade dos trabalhadores.

A psicologia do trabalho, por sua vez, se preocupa em desenvolver estudos e pesquisas que busquem a compreensão do trabalho humano em todos os seus significados e manifestações. Não somente se limitando a corresponder às expectativas organizacionais ou elaborar diferentes métodos para tornar o trabalho dos sujeitos mais ágil, eficaz e produtivo (Sampaio, 1998; Dejours, 1994). A psicologia do trabalho para Sampaio (1998) concebe um sujeito desejante, há elaboração e construção de ações para prevenção e promoção de saúde de forma coletiva; há influência da psicossociologia e da psicanálise, considera poder e conflitos, processos inconscientes e políticas que se preocupam com o trabalho humano. Percebe-se então, até aqui, que o contexto do trabalho é atravessado por um processo histórico e por diferentes perspectivas.

Todo esse cenário de tentativa de aperfeiçoar o contexto do trabalho, gerando mais lucro para as organizações privadas e deixando as organizações estatais e municipais mais competitivas, eficazes e produtivas, é criticado por vários autores (Alves, 2011; Antunes & Alves, 2004; Arendt, 1989; Carmo, 1992; Gómez, 2014; Fernandes, 2011; Franco, Druck & Seligmann-Silva, 2010; Jilou, 2013; Stenger *et al*, 2014). O sistema político-econômico vigente influencia diretamente a forma das pessoas agirem, pensarem e sentirem. E, de acordo com Marx (2006), o capitalismo desenha um contexto de trabalho que é alienante, explorador, humilhante, monótono, discriminante, embrutecedor e submisso (Borges & Yamamoto, 2014).

Os artifícios utilizados no trabalho nem sempre são justos, prazerosos ou saudáveis. E a organização, ao desenvolver suas prescrições, suas normas, regras e expectativas sobre os



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

sujeitos que lá vão trabalhar, não os consideram de forma ativa e dinâmica, viabilizando ou possibilitando esse sujeito a ter acesso ao seu gozo no trabalho (Lacan, 1998). A organização do trabalho presente nas organizações, então, pautadas na lógica capitalista, acaba reproduzindo os princípios dos modelos de gestão tayloristas-fordistas/toyotistas (Braverman, 1975) para garantirem lucro, e/ou ordem, poder e controle nas organizações privadas e públicas, prometendo “felicidade” para os sujeitos. Como as expectativas organizacionais não são totalmente atendidas pelos trabalhadores e vice-versa, o sujeito acaba acionando suas defesas para não adoecerem no trabalho. Os sujeitos que não acessam experiências de prazer no contexto de trabalho, que não usam de sua mobilização subjetiva para lidar com o sofrimento, acabam adoecendo (Facas, 2013; Lima, 2005).

O processo de adoecimento ocorre, de acordo com Mendes (2007), quando as estratégias de defesa dos sujeitos trabalhadores falham. Eles não conseguem ressignificar o sofrimento e transformá-lo em prazer, em algo saudável. Os trabalhadores se esforçam para amenizar o sofrimento no trabalho, para amortecerem o impacto das exigências e rigidez da organização do trabalho. Mas nem sempre têm sucesso; sofrem e adoecem. Eles fracassam e não correspondem às demandas, exigências e expectativas organizacionais. Assim, o trabalho, uma vez mais, pode dessubjetivar o sujeito.

Augusto (2009) diz que a dessubjetivação no trabalho se passa por um processo pelo qual o sujeito, na sua singularidade, nega seu próprio elemento subjetivo. Há a coisificação do sujeito. Ele é negado, então, enquanto sujeito. Dependendo da organização do trabalho e do modelo de gestão, a dimensão do trabalho se torna um elemento hostil uma vez que uma ideologia criada pela organização o faz acreditar que ele é um empreendedor de si mesmo. E, enquanto empreendedor de si mesmo, tendo o controle e sucesso de si, pode auxiliar a organização a ter sucesso também. Um ajuda o outro. Um contribui com o outro. O sujeito



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

passa a ser um colaborador, um parceiro da empresa. Como se houvesse uma relação simbiótica entre eles: um depende do outro para viver, para vencer.

A análise e a identificação desse processo de dessubjetivação do trabalho são incompletas caso não se atente para seu limite, que pode ser sintetizado em um “paradoxo da dessubjetivação do trabalho”. Tal paradoxo pode ser apreendido pelo fato de que a dessubjetivação do trabalho, a apropriação da subjetividade do trabalhador pelo capital no processo de trabalho, pressupõe a própria negação do elemento constitutivo fundamental da subjetividade, a autonomia. (...). Patentea-se, assim, um paradoxo que revela os limites da dessubjetivação do trabalho: o capital, no processo de trabalho, só pode se apropriar de uma subjetividade vazia de seu elemento definidor, a autonomia (Augusto, 2009, p.325).

Nesse processo, há uma ideologia de responsabilizar e/ou culpabilizar o próprio sujeito do seu sucesso e fracasso, ao ser empreendedor de si mesmo. Isso ameniza ou retira a responsabilidade da organização do trabalho sobre os efeitos nefastos na subjetividade do sujeito, caso eles ocorram. E, se o sujeito fracassar, é culpa dele mesmo por não ser capaz de lidar com as demandas, desafios e realidade do trabalho. Cabe, então, uma reflexão sobre a autonomia do sujeito, pois ele se perde nas dinâmicas das exigências da organização, sendo um “cumpridor de metas”, e não um sujeito ativo, pensante, criativo que pode negociar e dialogar sobre o seu próprio trabalho. Aqui, o sujeito está na organização para reproduzir as prescrições e não criar e (re)construir, no coletivo, de forma democrática, o que deve e não ser feito. Por isso, a organização do trabalho pode dessubjetivar o sujeito.

3.2 Psicodinâmica do Trabalho

*Mas amor e sofrimento são a vida,
e negando-se a eles você se nega a si mesmo.*
Marina Colasanti



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Vasconcelos (2015) pontua que a obra de Christopher Dejours: *Travail: usure mentale – essai de psychopathologie du travail* costuma ser referenciada como um marco da psicodinâmica do trabalho e acrescenta que a mesma foi influenciada por diferentes fontes teóricas e metodológicas, tais como: psiquiatria, psicopatologia do trabalho, psicanálise e a ergonomia. Molinier (2013) acrescenta que Dejours foi o autor pioneiro a enfatizar a centralidade do trabalho na vida do sujeito. Assim como Freud concebe a sexualidade como central nas dinâmicas que atravessam, formam e constituem a subjetividade do sujeito, para Dejours, essa centralidade se dá na dimensão do trabalho.

Tal centralidade, para Dejours, está embasada, principalmente, no reconhecimento que o trabalho adoece e é fonte de sofrimento para o sujeito, mas também tem o potencial de ser fonte de prazer e saúde. Essas relações de prazer/sofrimento e saúde/doença reverberam na subjetividade do sujeito, nos diferentes papéis que o sujeito assume nos vínculos sociais que constroem ao longo da vida (Lima, 2005; Mendes, 2007).

Todavia, inicialmente, Dejours (1992) se dedica a estudar o contexto do trabalho e o impacto que ele tem na vida do sujeito. Dejours (1992) observou que o trabalho enlouquece as pessoas. O ritmo de trabalho, a ideologia da organização, a pressão do trabalho, a natureza das tarefas, as jornadas de trabalho, a política institucional, a organização do trabalho, as relações de poder, os modelos de gestão, as intensidades de trabalho influenciam a forma dos sujeitos pensarem, sentirem e agirem. Notou, ainda, que quanto mais autoritário for o contexto, embasado em lógicas tayloristas-fordistas, cujo o foco é transformar o trabalhador em uma máquina de produtividade para atender os desejos organizacionais, mais propício é para o desenvolvimento de patologias no trabalho (Dejours, 1992).

Ao assumir essa postura, o sujeito se torna passivo, não participando ativa e intencionalmente das atividades do trabalho. Ele não se sente e/ou não é o artista da sua própria



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

obra. Não se reconhece no trabalho. Só está na organização para satisfazer as necessidades da empresa e o treinamento/conhecimento que recebe e as competências que desenvolve lá, só fazem sentido para própria organização e não para o sujeito.

Como se não bastasse, muito trabalho que o sujeito executa não é reconhecido pelos seus pares e/ou superiores. Enquanto o foco for atender às expectativas de um mercado competitivo, exigente, que precisa ser sempre ágil, dinâmico e com vantagens econômicas e sociais que garantam sua sobrevivência e lucro das organizações, fica difícil desenhar um cenário no qual o sujeito possa manter sua saúde ou ver o trabalho como fonte de prazer.

Avançando no estudo de suas obras, verifica-se que Dejours percebeu que nem todos os sujeitos adoecem. Reconheceu que o sujeito pode, sim, encontrar no trabalho fontes de saúde e prazer (Dejours, 2004a, 2004b, 2007, 2008; Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994).

Para explicar a dinâmica no contexto do trabalho e suas respectivas relações de prazer/sofrimento e saúde/doença no trabalho, Dejours (2006, 2008) argumenta que existe o trabalho real, o trabalho vivo e as prescrições do trabalho (que configuram a organização do trabalho). As prescrições são um conjunto de normas, regras e expectativas que a instituição desenvolve, no intuito de organizar o trabalho. Assim, a organização do trabalho influencia no ritmo, na qualidade, na quantidade, na intensidade do trabalho, impactando em outras dimensões mais subjetivas do trabalho.

Nesse curso, a forma, os métodos adotados dentro do trabalho, a maneira das pessoas comunicarem, realizarem seus trabalhos, estão pautadas na cultura da organização, que dita ao outro como os trabalhadores devem exercer suas atividades. A filosofia, políticas, linguagem, ritos, mitos, valores, tipo, tamanho da organização, são tecidos por prescrições, que projetam seus desejos, necessidades e expectativas organizacionais para um sujeito também desejante: com seus conflitos pessoais e profissionais, com suas próprias demandas de realização, de



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

felicidade, de satisfação e de gozo, assim como a própria organização (Dejours, 2007; Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994; Freud, 1930)

Contudo, por mais organizadas, claras, objetivas e bem desenhadas que sejam as prescrições, elas não são realizadas em sua totalidade conforme prevista pela instituição. O trabalho real nem sempre corresponde ao trabalho prescrito. A complexidade humana e suas demandas simbólicas atravessam a relação entre as prescrições e o que é feito de fato, no trabalho vivo, no trabalho real (ou seja, no trabalho que realizado, de fato, concretamente, pelo trabalhador).

Nem sempre as expectativas, desejos, demandas e prescrições da organização vão ao encontro do trabalho realizado pelos sujeitos. Há, então, uma lacuna entre o trabalho real e o trabalho prescrito, que é preenchida pelo sofrimento do sujeito. Assim, o sujeito nem sempre desempenha ou alcança o resultado que foi prescrito, dito, combinado, desenhado, planejado pela organização. Nesse processo, a organização, então, pode exigir que o sujeito desenvolva uma atividade que ela mesma não oferece recursos (treinamentos e instrumentos) necessários para tal. Gerando, assim, uma situação de constrangimento. O sujeito depara-se com uma experiência de medo, vergonha e desamparo. E, ainda, quando o que é feito não é reconhecido pela organização, por exemplo, o sujeito pode acionar suas defesas para tentar suportar as fontes de sofrimento e, se elas fracassarem, ele adocece.

O sofrimento é conceituado “como o espaço de luta que ocorre o campo situado entre, de um lado, o bem-estar, e, de outro, a doença mental ou a loucura” (Dejours, 1993, p. 153).

A gênese do pensamento dejouriano, sobre o sofrimento humano, encontra-se nos fundamentos do desenvolvimento industrial do século XIX, caracterizado pelo crescimento da produção, êxodo rural e concentração de novas populações urbanas, portanto, com destacado cunho sociológico (...).O sofrimento no trabalho constitui-se uma das consequências da insistência do ser humano em viver em um ambiente que lhe é adverso. A relação do homem com o trabalho nunca foi fácil, até mesmo a etimologia da palavra denota algo penoso e, até mesmo, indesejado (...). O bem-estar



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

está relacionado à ideia de ambiente gratificante e, assim, quando o mesmo é realizado em tal ambiência, leva os trabalhadores a gostarem do produto realizado. Já, a ideia de sofrimento está relacionada à subjugação do trabalho e, quando isso ocorre, se imprime raiva ao produto. Percebe-se, assim, que o trabalho está conformado pelo afeto. Essa ideia de afeto implica “amor” ou “ódio” ao trabalho e gera outros binômios paralelos: “alegria” ou “tristeza”, “entusiasmo” ou “desânimo”, “anelo” ou “desprezo”. Como a grande maioria das vezes, o trabalho acaba se associando mais à ideia de sofrimento, as pessoas acabam rompendo o conceito afeto/trabalho tornando o primeiro restrito ao lar, à família, expulsando o segundo de sua relação afetiva; e, assim, o trabalho fica desafetivado e, conseqüentemente, insuportável (Rodrigues, Alvaro, Rondina, 2006, p. 02-03).

Dejours (1993) e Dejours, Abdouchelli e Jayet (1994) desenharam uma analogia do trabalho com o teatro, argumentando que o sofrimento é inevitável e ubíquo, atravessando todos os espaços que há interações humanas. Assim, a origem do sofrimento,

(...) por sua vez, tem suas raízes na história singular de toda pessoa (...) e repercute naquilo que ele chama de “teatro do trabalho”, ao entrar numa relação com a organização do trabalho. Dejours quer dizer, com isso, que o sofrimento é individualizado e depende da construção social e psíquica de cada pessoa. E que isso, invariavelmente, acaba repercutindo no ambiente de trabalho, em seu “teatro”, com os seus “personagens” (patrão, empregado, supervisor, colega de trabalho), “seu enredo” (a estrutura de poder e hierarquia, preconceitos, valores), “o cenário” (o macroambiente, o desemprego, a instabilidade, as incertezas); até mesmo, “espectadores” (família, amigos, adversários), que, afinal, “aplaudiram” ou não, numa analogia com a vida real, o fruto de uma vida, aprovando-a ou não. E como a busca pela aprovação é quase que uma unanimidade na vida das pessoas, sua falta pode trazer um terrível incômodo e sofrimento psíquico. Esse “teatro do trabalho”, na grande maioria das vezes, acaba, por fim, a se converter em um verdadeiro “drama” da vida real, de maior ou menor intensidade de sofrimento, dependendo do conjunto “personagem, enredo, cenário, plateia”, que pode ser mais opressivo ou não. Por exemplo, em uma sociedade, extremamente, machista, a mulher tende a apresentar um nível de sofrimento no trabalho maior do que em sociedades mais liberais, convivendo com iguais cobranças, menores salários, dentre outras perdas, como o assédio sexual, os estigmas da fragilidade e da inferioridade intelectual. Logo, percebe-se que a normalidade, mesmo com todo o esforço para obtê-la, é muito difícil, senão impossível de se obter, ante um meio tão adverso em que se converte esse “teatro laborativo” (Rodrigues, Alvaro, Rondina, 2006, p. 07).

Mas há diferentes formas do sujeito trabalhador lidar com esse sofrimento. Dunker (2011) corrobora afirmando que no

(...) mundo do trabalho derivamos a oposição entre produção e improdução. Neste caso o patológico aparece como efeito de um trabalho psíquico ou de uma elaboração (*Ducharbeiten*) entre desejo e linguagem, capaz de criar novos objetos de troca, de



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

consumo, de cessão ou de fantasia. Contudo, tais objetos instituem subtrações, deformações e repetições que acabam por disseminar a perda da experiência que em tese eles mesmos deveriam recompor e reparar (p. 121-122).

Para a psicodinâmica do trabalho, existe o sofrimento patogênico e o sofrimento criativo. O sofrimento patogênico é aquele no qual o sujeito se vê incapaz de realizar a tarefa. Ou, ainda, aquela tarefa não faz sentido para ele, não é dada a ele a chance de opinar e mudar seu próprio trabalho, fazer de uma maneira mais criativa ou que se adeque as necessidades do sujeito. Nesse processo, o sujeito fica alienado, conformado, paralisado, adoecido. É quando a organização utilizou de todas as estratégias de adaptação e ajustamento para enquadrar o sujeito às suas necessidades. O sofrimento patogênico, então, é aquele que paralisa o sujeito, o impede de ter ação, de ser dinâmico e criar novos destinos mais saudáveis para seu próprio sofrimento.

O sofrimento criativo, ao contrário, é aquele no qual o sujeito dá novos sentidos para seu sofrimento, ressignificando-o, transformando o que poderia o adoecer em algo saudável e prazeroso (Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994; Merlo & Mendes, 2009). Assim,

(...) a saúde mental para a psicodinâmica coloca-se entre a patologia e a normalidade, ou seja, resulta dos modos como os sujeitos-trabalhadores reagem e agem frente ao sofrimento originado nos constrangimentos impostos pela organização do trabalho. O sofrimento é o modo de evitar a patologia. O trabalhador, ao mesmo tempo, sofre e busca não sofrer com a experiência de fracasso decorrente da falibilidade humana frente ao trabalho real. O sujeito entra em contato com a imperfeição e a falta, elementos indissociáveis do fazer, dada a condição permanente do trabalho, que será sempre inacabado (Merlo e Mendes, 2009, p. 143).

A transformação do sofrimento originado nos constrangimentos, na rigidez, no autoritarismo da organização do trabalho, em criatividade, depende de dois elementos, segundo Dejours & Abdoucheli (1990): ressonância simbólica e o espaço público de discussão. A ressonância simbólica diz respeito a uma compatibilização entre as representações simbólicas do sujeito, seus investimentos pulsionais e a realidade do trabalho. Ou seja, o sujeito tem o



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

desejo de receber de volta, ele quer sentir ressonar nele mesmo que a organização o reconhece que seus desejos, expectativas e necessidades do teatro privado, subjetivo e singular são atendidos pela organização. Isso ocorre quando o sujeito vê sentido no seu trabalho, com base na sua história de vida. O espaço público de discussão é o reconhecimento, por parte do coletivo de trabalho, de criar um espaço no qual os sujeitos podem falar e seus sofrimentos podem ser escutados, no coletivo, mediado por um profissional. O sofrimento é compartilhado com seus iguais. O sujeito se sente acolhido e percebe que não está sozinho. O coletivo ganha força e os sujeitos integrantes são amparados, potencializando a transformação do sofrimento patogênico em criativo.

Mendes (2007) acrescenta que o trabalho é prazeroso quando se vivencia a ressonância simbólica, realização e liberdade, exercício de democracia, socialização com os outros; reforço da identidade (reconhecimento), o uso da inteligência prática, negociação frente à organização do trabalho e emancipação. Já o sofrimento no trabalho ocorre quando o sujeito vivencia indignidade, constrangimentos, desqualificação, inutilidade, vergonha, angústia, medo e insegurança; esgotamento emocional e falta de reconhecimento.

3.3 Defesas e processo de adoecimento no trabalho

Sofrimento é privilégio dos que sentem.
Clarice Lispector

Dejours, Abdouchelli e Jayet (1994) realizam um retorno epistemológico sobre a normalidade enigmática para sair da perspectiva reduzida da psicopatologia do trabalho, no sentido de somente observar e descrever as doenças mentais do trabalho. Para tanto, notaram que, em geral, os sujeitos não se tornam doentes mentais do trabalho. Eles conseguem



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

desenvolver estratégias para suportar o sofrimento e continuar trabalhando. Dessa forma, o questionamento muda de foco: ao invés de enfatizar somente as doenças mentais do trabalho, é necessário enfatizar a “normalidade” como enigma, uma vez que os sujeitos resistem às pressões psíquicas do trabalho e conjuram a descompensação ou a loucura.

A psicopatologia do trabalho tem como objeto de estudo o sofrimento no trabalho. Mas questiona-se como o sujeito tenta se equilibrar, ao ponto do sofrimento ser compatível com a normalidade, ao ponto do sujeito conseguir suportar e não adoecer. Por isso a normalidade como enigma é reforçada aqui. O sofrimento é concebido como a vivência subjetiva intermediária entre doença mental descompensada e o conforto psíquico (Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994) o que induz em um novo enfoque de saúde (Dejours, 1985).

O sujeito, então, está em alerta, em um processo constante de luta e resistência para não permitir que o sofrimento o empurre para doença. Mas nem sempre suas forças são o suficiente para evitar a patologia e/ou a própria organização não oferece recursos para fortalecer esse sujeito. O conflito entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico do sujeito pode culminar em paralização ou resignificação a partir do sofrimento experimentado pelo trabalhador, resultante de tal conflito. Mas o sofrimento suscita estratégias defensivas (Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994; Mendes, 2007; Mendes, Costa e Barros, 2003; Oliveira & Mendes, 2014; Ramagem, 2013). E, para enfatizar a forma de manifestar o fracasso das defesas, Dunker (2011) argumenta que

(...) o sintoma admite tanto o sentido de experiência de sofrimento (sintomas transitórios), como o sentido de signo de um processo patológico (sintomas típicos), além do sentido de mal-estar ainda não reconhecido ou nomeado coletivamente (sintomas individuais). Há formas de sofrimento que ainda não podem ser nomeadas e outras que já não podem mais ser reconhecidas, assim como há mitos individuais e coletivos, transitórios e permanentes, típicos e atípicos. Isso nos habilita distinguir o sofrimento excessivamente nomeado, codificado sob formas jurídicas, morais ou clínicas, ao modo do sintoma típico, do sofrimento insuficientemente nomeado que



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

se apresenta como mal-estar difuso (*Unbehagen*), angústia flutuante ou condição incurável atinente a uma forma de vida (p. 116-117).

A função das estratégias defensivas (individuais e coletivas) é para eufemizar, para minimizar a percepção que os trabalhadores têm da realidade da organização do trabalho que o faz sofrer com suas pressões psíquicas. Ou, como acrescenta Ramagem (2013, p. 14-15)

as estratégias defensivas são modos de agir específicos adotados pelos trabalhadores para fazer frente às organizações de trabalho. Podem ser individuais ou coletivas e auxiliam o trabalhador a resistir psicologicamente às agressões que lhes são impostas pela organização do trabalho. Proporcionando uma adaptação do sujeito às pressões impostas pelo trabalho, mediante novas formas de adaptação ao trabalho. Essas estratégias de defesa são necessárias para a manutenção da saúde mental do trabalhador, pois minimizam o sofrimento diante da pressão do trabalho. São recursos construídos pelos trabalhadores, de forma individual e coletiva, para minimizar a percepção do sofrimento no trabalho, é uma recusa da percepção daquilo que faz sofrer. No entanto, pode também mascarar um sofrimento vivenciado pelo trabalhador individual ou coletivamente. Pode se tornar alienante, podendo ser utilizada pela gestão organizacional para prejudicar ainda mais os trabalhadores.

As defesas construídas e sustentadas pelos trabalhadores, coletivamente, vão além de mecanismos de defesa clássicos descritos pela psicanálise. São estratégias coletivas de defesa, especificamente marcadas pelas exigências reais do trabalho, ao contrário das doenças mentais, não específicas do trabalho.

Ou, ainda, como argumentam Oliveira e Mendes (2014, p. 392)

As estratégias individuais de defesa são caracterizadas pelos mecanismos de defesa operantes, os quais estão interiorizados e operam mesmo sem a presença do outro. Essas estratégias possuem importante papel para a adaptação ao sofrimento, porém são de natureza individual, não atuando sobre a violência social (Dejours, 2007). Já as estratégias coletivas de defesa necessitam de um consenso do grupo e dependem de condições externas ao sujeito (Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994). Essas estratégias são construídas por um grupo de trabalhadores para resistir aos efeitos desestabilizadores e para lidar com as contradições advindas do trabalho. Elas contribuem para a coesão do coletivo de trabalho (Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994). As defesas podem ser pensadas tanto como fatores de alienação por não atuarem na modificação da realidade que faz sofrer e, consequentemente, possíveis causadores de adoecimento, como podem também ser pensadas como aquelas que desempenham um papel considerável para a manutenção da saúde, por minimizarem a percepção que o trabalhador tem do sofrimento (Mendes, 2007).



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

As defesas, então, se estruturam por retorno e eufemização. Retorno pela relação subjetiva com as pressões patogênicas do trabalho. Eufemização porque é um esforço de suportar, de resistir, minimizar, amortecer o sofrimento do trabalho. Essas operações são estritamente simbólicas/mentais, pois elas modificam, no geral, a realidade patogênica (Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994).

Em resumo não há nada de espantoso, já que, como se verá, as estratégias defensivas funcionam como regras. Como toda regra, elas supõem um consenso ou um acordo partilhado. Um tal acordo normativo, quando ele existe, não implica uma coisificação de um sujeito submetido à regra. A regra é de fato possuída pelos indivíduos coletivamente, ela cessa de funcionar a partir do momento em que os sujeitos não desejam mais fazê-la funcionar de comum acordo (por exemplo, quando um dos membros do coletivo trapaceia). A diferença fundamental entre um mecanismo de defesa individual e uma estratégia coletiva de defesa é que o mecanismo de defesa está interiorizado (no sentido psicanalítico do termo), ou seja, ele persiste mesmo sem a presença física de outros, enquanto a estratégia coletiva não se sustenta a não ser por um consenso, dependendo assim, de condições externas. E se falamos de estratégia e não de mecanismo, é também para sublinhar que as contribuições individuais a estas estratégias são coordenadas e unificadas pelas regras, as regras defensivas (Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994, p. 128-129).

É importante ressaltar que o coletivo, para suportar o sofrimento, recria a realidade. Não se trata, porém, de um delírio, pois essa reconstrução simbólica da realidade é legitimada, construída, compartilhada e validada coletivamente. Ao assumir que seu sofrimento é coletivo e a possibilidade de reconstruir uma realidade suportável, os sujeitos percebem que não sofrem sozinhos (Mendes, 2007). E a força que não teria para enfrentar ou amenizar o sofrimento sozinho se faz no coletivo. Mas quando essas defesas são estruturadas, podem se revelar em forma de alienação. Isso ocorre quando o funcionamento das defesas se torna um recurso cômodo de resolver os conflitos do trabalho. Assim, os trabalhadores não questionam as defesas e ficam em uma situação alienada, pois as defesas podem se tornar algo muito precioso para esse coletivo ao ponto deles não quererem se desfazer delas e acabam transformando em um objetivo em si mesa.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

As ameaças contra a estratégia defensiva são vivamente combatidas e a estratégia corre o risco de ser promovida como objetivo. A situação subjetiva enuncia-se como se o sofrimento fosse essencialmente o resultado de um enfraquecimento da estratégia defensiva e não consequência do trabalho. O sofrimento não pode mais ser reconhecido como decorrente do trabalho. Inversamente, a estratégia de defesa que não era vista como promessa de felicidade, e a defesa da defesa, é erigida a ideologia. Por isso passaremos a falar em ideologia defensiva e não mais em estratégia coletiva de defesa, na medida em que a defesa se torna em programa de ação coletiva. Longe de carregar em si os germes de uma organização do trabalho, menos nociva, a ideologia defensiva desemboca em conflitos de poder, que não resultam em nenhuma solução para a questão dos efeitos patogênicos das pressões organizacionais (Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994, pp. 130-131).

Assim, da estratégia coletiva de defesa há a construção da ideologia defensiva: na primeira, observa-se a passagem do plano imaginário, simbólico para ordem do pensamento e na segunda, retoma-se ao primeiro no plano da psicologia social, de acordo com Dejours, Abdouchelli e Jayet (1994), uma vez que as regras sociais, do coletivo, deixam homogeneizado as singularidades dos sujeitos. E, dependendo da lógica estabelecida entre esse processo, pode culminar em violência, por exemplo, dentre outras patologias do trabalho, pois se torna em um coletivo perseguidor das diferenças e uma nova ordem de autoritarismo da organização do trabalho é estabelecida.

Para complementar a concepção sobre as defesas, Dejours (2004a), caracteriza e classifica algumas defesas, conforme presente nos estudos de Oliveira e Mendes (2014, p. 392):

Uma divisão ainda mais específica sobre as estratégias defensivas é feita por Dejours (2004a), em que ele as classifica em defesas (a) de proteção, (b) de adaptação e (c) de exploração. As defesas de proteção são formas de pensar e agir de modo a proteger-se do sofrimento advindo do trabalho e fazem com que esse sofrimento seja racionalizado ou evitado. Com isso, essas defesas auxiliam o trabalhador a tornar-se alheio às causas do sofrimento, tendo por consequências a intensificação deste ou o adoecimento. Já as defesas de adaptação e de exploração estão relacionadas à submissão aos desejos de produção da organização, em que o trabalhador se sujeita a comportamentos inconscientes que atendam à produção e ao funcionamento, por vezes, perverso da organização do trabalho (Mendes, 2007).



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Especificamente sobre a estratégia defensiva da virilidade, a base teórica da psicodinâmica aponta que ora pode ser desenvolvida como uma estratégia de proteção, quando os trabalhadores usam da racionalização, ora podem ser de adaptação e exploração, principalmente quando envolve negação e/ou alienação. Isso sugere, então, uma reflexão de que as estratégias de proteção acabam sendo menos suscetíveis ao adoecimento em comparação às estratégias de adaptação e exploração (Dejours, 2004a; Dejours, 2007; Mendes, 2007; Oliveira e Mendes, 2014; Ramagem, 2013). O que nos interessa na nossa investigação sobre quais tipos de defesa (de proteção, adaptação e/ou exploração) os guardas civis metropolitanos de Goiânia, homens, usam para lidarem com as situações de constrangimentos no trabalho, principalmente como é o funcionamento desses tipos de defesa na dinâmica da estratégia defensiva individual e coletiva da virilidade.



CAPÍTULO 4. MÉTODO

Entende-se por metodologia todo o processo e trajetória dos pensamentos, ideias e práticas percorridos para o desenvolvimento de um estudo, no intuito de investigar os fenômenos da realidade; o que inclui métodos, ou seja, perspectivas, teorias, técnicas, experiências e criatividade do pesquisador (Minayo, Deslandes, Neto & Gomes, 2002).

Nesta ótica, esta tese desenvolve uma pesquisa qualitativa, com recomendações da psicodinâmica do trabalho, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, seguindo as orientações de Duarte (2004) e observação não participante, segundo Marietto (2014). Todas as entrevistas foram gravadas, transcritas, lidas, revisadas e cuidadosamente analisadas. O projeto para o desenvolvimento desta pesquisa foi submetido e aprovado pelo Conselho de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Brasília, com o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 67801717.6.0000.5540; com o número de parecer: 2.158.601 (disponível no anexo 1).

Esse estudo foi dividido em 2 etapas: 1) a pré-pesquisa e 2) a pesquisa (propriamente dita). Essas duas etapas são subsequenciadas pela validação (quando se coloca à prova e se comprova as hipóteses de pesquisa) ou pela refutação (quando as teorias e métodos adotados não explicam o fenômeno estudado, reprovando as hipóteses na perspectiva adotada).

Na pré-pesquisa, foi feita a leitura e busca tanto de diferentes materiais teóricos, de pesquisas e informações sobre toda a realidade da guarda no Brasil e em Goiânia, quanto demais temas que fundamentam essa tese. Assim, foram realizadas visitas a campo, conversas informais, análises documentais, observações não participativas, e uma entrevista coletiva com 4 GCMs.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Na pesquisa (propriamente dita) foram realizadas 15 entrevistas individuais. Destas últimas, foram entrevistados 6 GCMs adoecidos e 9 não adoecidos. Assim, no intuito de atingir os objetivos e perceber o fenômeno/foco desta tese, adotamos a estratégia de realizar entrevistas tanto com os adoecidos, quanto com os não adoecidos, diferenciando esses 2 grupos e acompanhando a trajetória do adoecimento no trabalho. Após realizarmos todas as entrevistas individuais, utilizamos a análise de conteúdo (AC) de Bardin (1977) para interpretar as falas dos sujeitos, conforme demonstrado, adiante, na ilustração 12 e descrita no item 4.3. O acesso a todos os participantes foi mediado, acompanhado e autorizada pelo chefe da Divisão de Segurança do Trabalho e Assistência Social (DSTAS) da GCM de Goiânia.

Para complementar e enriquecer as informações coletadas, o autor da tese pôde observar (observação não participante) uma atividade que foi desenvolvida/conduzida por 2 psicólogas e professoras (do sexo feminino) de uma Instituição de Ensino Superior (IES) em Goiânia, acompanhados de 3 voluntários/estudantes da mesma IES. Esta atividade foi autorizada pelo chefe da DSTAS da GCM de Goiânia e foi realizada somente com os GCMs adoecidos, a convite da própria equipe da DSTAS. Participaram 9 GCMs adoecidos, do sexo masculino, e eles desenvolveram cartazes para ilustrarem as vivências de prazer/sofrimento e saúde/doença no trabalho. Os detalhes estão nos resultados e nos apêndices 4, 5, 6 e 7. A ilustração abaixo sintetiza as atividades e técnicas desenvolvidas nas 2 etapas.

As entrevistas foram gravadas por um aplicativo chamado “gravador”, que tem como função gravar áudios. Esse aplicativo é de um *smartphone* da *Apple*, modelo 5s.



Quadro 10 - Etapas do desenvolvimento da pré-pesquisa e da pesquisa (propriamente dita)

Etapa 1 – pré-pesquisa	Etapa 2 – pesquisa
a) Coleta de informações, estudos, teorias sobre os temas da tese; b) Visitas a campo; c) Conversas informais; d) Observação não participativa; e) Entrevista coletiva	a) Entrevistas individuais com os guardas adoecidos e não adoecidos

Elaborado pelo autor (2017).

4.1 Pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa considera o sujeito como histórico no seu processo singular, particular e único que se constitui nos sistemas complexos em constante movimentação, transformação, mudança e avanço de significações e sentidos subjetivos na perspectiva dialética, contraditória e construtiva da realidade na qual o sujeito interage e constrói seus laços sociais (Minayo, Deslandes, Neto & Gomes, 2002).

A pesquisa qualitativa envolve uma dinâmica na tentativa de apreender um nível da realidade que não é mensurada ou quantificada com os mesmos princípios das ciências naturais. Para Minayo, Deslandes, Neto & Gomes (2002) o objeto das ciências sociais é histórico. E isso implica em uma construção cultural e histórica muito específica de cada sociedade. Assim, passado, presente e futuro estão em um embate, embasados no que já foi, o que está sendo e o que será construído em cada espaço que abriga relações humanas. “Portanto, a provisoriedade, o dinamismo e especificidade são características fundamentais de qualquer questão social. Por isso, também, as crises têm reflexo tanto no desenvolvimento como na decadência de teorias sociais.” (Minayo, Deslandes, Neto & Gomes, 2002, p.13).



Bogdan e Biklen (1991) acrescentam que a pesquisa qualitativa é essencialmente descritiva; a preocupação dos pesquisadores não é somente com os resultados, e sim em como os fenômenos são construídos pelas participantes, ou seja, estão interessados, também, pelo processo; a análise dos dados possui características mais indutivas e a subjetividade, os significados e os sentidos que os participantes desenvolvem são as questões mais relevantes.

Nesse curso, o diálogo e a comunicação entre o sujeito e o pesquisador são fundamentais, pois o sujeito não é passivo, alguém que simplesmente responde perguntas bem formuladas. Não é importante, apenas, o que o sujeito responde ou realiza, mas o que ele fala, as conversações que se suscitam entre o sujeito e o pesquisador, as expressões do sujeito diante do pesquisador. O sentido que uma entrevista, então, adquire para o sujeito procede do nível de relações constituídas no momento da aplicação do instrumento na pesquisa em geral, sendo que a construção do sujeito não é constituída de forma linear e isomorfa e sim complexa e dinâmica. Assim, ressalta-se a subjetividade do trabalhador, a forma dele pensar, sentir e agir no trabalho, o significado, o sentido que ele dá ao trabalho (Dejours, 2008; Mendes, 2007).

4.2 Entrevista semiestruturada e observação não participante

Entende-se por entrevistas semiestruturadas aquelas nas quais o pesquisador constrói um roteiro de perguntas sobre o tema de interesse do mesmo e, a partir dessas perguntas, o pesquisador pode flexibilizar e construir novas perguntas no diálogo com o entrevistado (Duarte, 2004). Assim, apesar de haver um roteiro que norteia as questões que o pesquisador precisa saber para tentar provar sua tese, o diálogo não se limita ou fica condicionado às questões que foram pré-formuladas. E, por observação não participante, aquela na qual o pesquisador não é integrante do grupo e interage apenas com sua própria presença, sem



interferir ou conduzir na dinâmica grupal, fazendo anotações por escrito durante e após a observação da atividade (Marietto, 2014).

4.3 Análise de Contéudo (AC) de Bardin (1977)

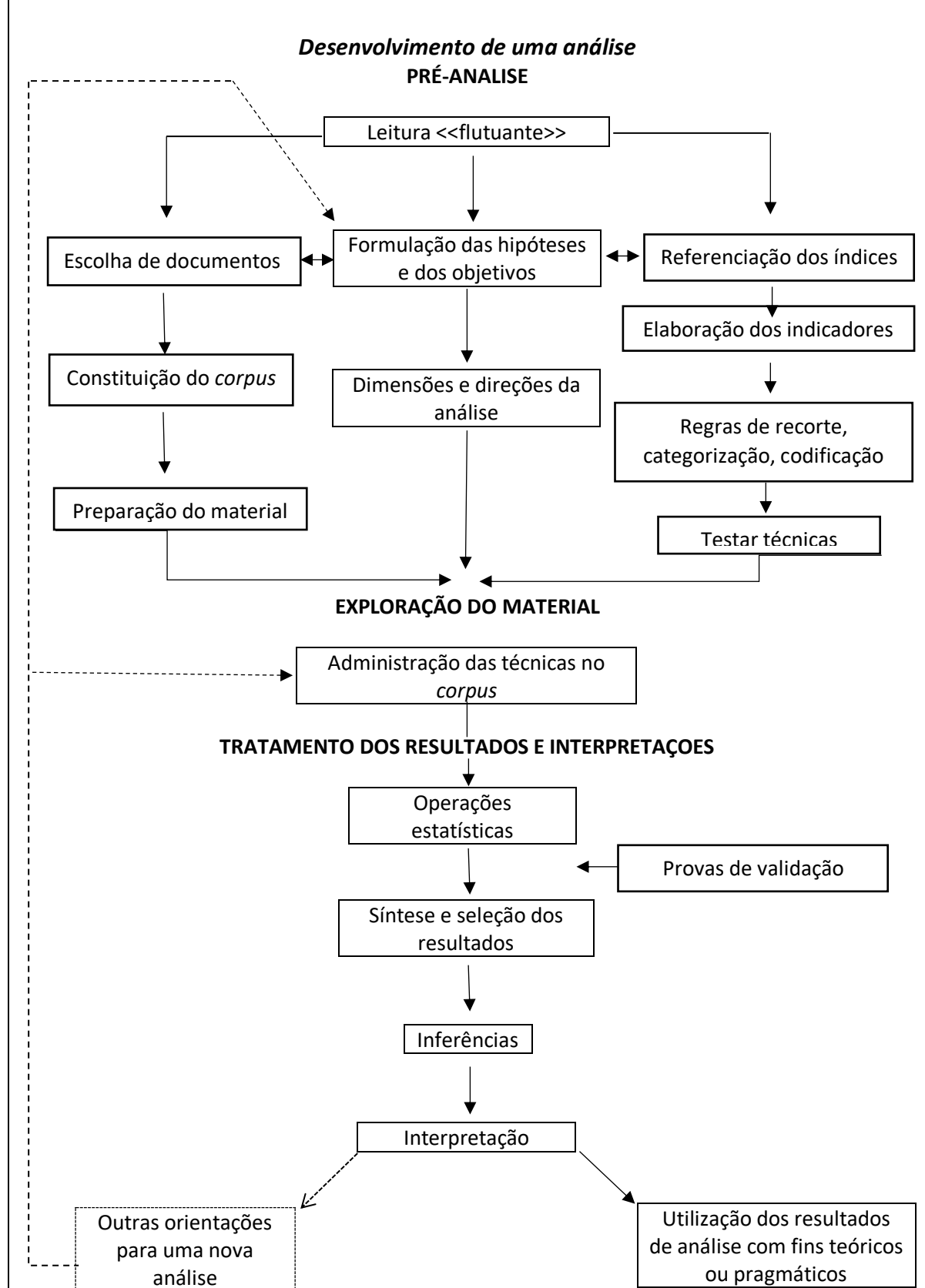
De acordo com Bardin (1977) a AC, conforme ilustrado a seguir (ilustração 12), ocorre em 3 fases: 1^a- pré-análise; 2^a- exploração do material e 3^a- tratamento dos dados e interpretações. Nesta tese, a interpretação dos dados das entrevistas individuais foi desenvolvida por meio destas 3 fases. Assim, na 1^a fase há a sistematização da ideia de pesquisa. No caso, ao entrevistar um GCM de Goiânia sobre a defesa de virilidade no trabalho, houve a busca de indicadores nos referencias teóricos para interpretações das informações coletadas. Essa construção de indicadores é feita após o material da entrevista estar devidamente transcrito.

Então, os conteúdos das entrevistas foram organizados, possibilitando sucessíveis análises, a partir da leitura flutuante (momento inicial da análise de todo material coletado); escolha dos documentos (selecionar o corpo do material que foi analisado); formulação das hipóteses e elaboração de indicadores (a fim de interpretar todo o material que foi coletado). É nesta 1^a fase que o pesquisador deve ouvir, ler e analisar, exaustivamente, todo o conteúdo, no intuito de não perder nenhuma informação que é relevante para a análise em questão. Além disso, é preciso a representatividade, ou seja, a amostra que foi usada deve representar o fenômeno de forma significativa. Há, também, a homogeneidade: o pesquisador deve possuir critérios precisos para conduzir a pesquisa, entrevista e sua respectiva análise. E, por



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Quadro 11 - Processo da Análise de Conteúdo (AC) de Bardin (1977); Adaptado pelo autor (2016).





fim, a pertinência: trata-se da coerência, trata-se de verificar a correspondência entre a fonte dos documentos com o objetivo suscitado.

Na 2ª fase, há a codificação, a transformação por meio de recortes, enumeração, transformando o texto em unidades de registros. As regras de contagem das palavras, classificação e agregação das informações são criadas em categorias simbólicas ou temáticas. A 3ª fase, segundo Bardin (1977), consiste em “enxergar entre linhas”, em fazer a relação entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente. Nesse processo, há a comparação do que foi dito entre os entrevistados a partir da justaposição dos conteúdos e das respectivas categorias de cada análise, separando os conteúdos que foram semelhantes daqueles que se destoam.

As 3 fases foram seguidas para a construção dos resultados das entrevistas individuais, a partir da análise categorial temática elaborada por juízas pesquisadoras, supervisionadas por uma pesquisadora do curso de psicologia, com experiência em AC, da Universidade de Brasília.

4.4 Procedimentos e sujeitos participantes

O pesquisador procurou a GCM de Goiânia para realizar esta pesquisa. Foi explicado o tema da tese e como os participantes poderiam contribuir. Foi exposto as relevâncias sociais, políticas e acadêmicas deste estudo e que a proposta era realizar visitas a campo, conversas informais, análises documentais, entrevistas (uma coletiva e outras individuais) e que todos assinassem um termo de consentimento (Apêndice 1).

A entrevista coletiva durou aproximadamente 120 minutos, a atividade complementar dos cartazes, cerca de 130 minutos e as entrevistas individuais variaram de 15 a 70 minutos, com o tempo médio de 25 minutos cada uma, tanto dos guardas adoecidos quanto dos não



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

adoecidos. Os participantes tinham entre 29 e 60 anos de idade e, todos, com no mínimo 7 e até mais de 20 anos na profissão na GCM. Os dados teóricos e práticos foram coletados, escritos e analisados entre os períodos de 2015/2 à 2017/2.

As entrevistas individuais, com os adoecidos e não adoecidos foram realizadas em diferentes postos de trabalho, na casa de um deles e nas ruas (proximidades dos postos de trabalho) espalhados pelas 7 regiões da cidade (anexo 2).

A estratégia para recrutar os participantes para as entrevistas coletiva e individuais foi desenvolvida junto ao chefe da Divisão de Segurança do Trabalho e Assistência Social (DSTAS) da Guarda Civil Metropolitana (GCM) de Goiânia, de acordo com as regras e limitações da própria instituição. Ele foi o mediador de todo o processo para a coleta de dados para esta pesquisa. Após a leitura e consentimento do chefe da DSTAS, que é responsável pelo acompanhamento de todo o processo da relação saúde/adoecimento no trabalho, ele descreveu como funciona a rotina, os projetos e os programas que a GCM de Goiânia tem para lidar com a relação saúde/doença psíquica dos guardas. Ele apontou e autorizou alguns métodos possíveis de realizarmos a pesquisa.

Assim, uma vez conhecendo e aceitando o projeto da tese em questão, ele reuniria e informaria todas as chefias sobre a pesquisa e, as chefias, mobilizaria e informaria aos demais guardas a existência de uma pesquisa sobre gênero e trabalho (sem entrar em muitos detalhes) e que, provavelmente, eles poderiam ser convidados a participar como voluntários, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias de saúde no trabalho dos GCMs e que a ciência e possível colaboração de todos seria muito importante. Toda semana, pelo menos uma vez, as chefias se reúnem, entre si e com os demais guardas, para tratarem de diversos assuntos. Tornando oportuno, então, a divulgação da pesquisa.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

O chefe da DSTAS sugeriu entregar uma ficha para termos os contatos dos possíveis voluntários (apêndice 8), para aumentarmos a adesão deles em participar. Uma vez que todos estariam cientes que havia um projeto de tese de doutorado da UnB que culminaria na possibilidade de desenvolver uma pesquisa com os guardas (após a aprovação do comitê de ética do instituto de ciências humanas da UnB), os chefes entregariam uma ficha de contato, somente com o número de telefone dos possíveis participantes, para minimizarmos ao máximo a chance de identificação dos mesmos, (de forma mais explícita e direta). Assim, o pesquisador acatou a sugestão do chefe da DSTAS e deixou as fichas para ficar com ele e para entregar para os demais chefes. Após a explicação da pesquisa, enquanto eles discutiam as estratégias de trabalho, a ficha passaria entre os guardas, deixando livre para quem quisesse colocar o número de telefone para ser voluntário da pesquisa e, assim, foi feito.

Outra estratégia foi colocar a lista em um local discreto dentro do trabalho, previamente estudado, combinado e avisado pelo chefe direto ou pelo chefe da DSTAS, para que mais guardas se sentissem mais à vontade para colocar seu número de telefone para contribuir com a pesquisa, entre os não adoecidos, caso não quisessem colocar seus números na ficha durante as reuniões. O controle para a entrevista coletiva foi do próprio chefe da DSTAS que mobilizou mais 3 integrantes da DSTAS para participar da pesquisa. A equipe para lidar com a relação saúde/doença psíquica dos guardas tem 3 psicólogas. Mas, como a pesquisa tem um recorte de gênero (somente masculino), elas não fizeram parte da entrevista coletiva, junto com o pessoal da equipe da DSTAS. Porém, no momento da pesquisa, o chefe avisou que tinha conseguido mais um integrante e, tal integrante era uma GCM, do sexo feminino. Como nesta etapa era para conhecer as prescrições, normas, regras, e demais informações da guarda, foi acatada a ideia do chefe e a autorização da participante. Assim, a entrevista coletiva contou com a participação de 3 GCMs homens e 1 GCM mulher (que quase não interagiu).



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

O controle das entrevistas individuais dos não adoecidos foi por intermédio do chefe da DSTAS que entregou a ficha para os guardas que teve acesso direto e recolheu as demais fichas dos outros chefes, criando, assim, um banco de dados dos guardas voluntários não adoecidos.

Para os adoecidos, foi uma estratégia um pouco diferente. Como o chefe da DSTAS e sua equipe (profissionais da educação física, médico, nutricionista e assistentes sociais) têm um programa de reabilitação/readaptação somente com os adoecidos, ele, juntamente com a equipe dele, mobilizou os guardas adoecidos para preencherem a ficha após alguma intervenção que eles têm semanalmente e que, uma delas, o autor da tese pôde observar (atividade dos cartazes).

Na ficha de identificação não discriminou os adoecidos dos não adoecidos. A ficha foi padrão para todos apêndice. Esse controle foi feito pelo chefe do DSTAS. Como o grupo de intervenção com os adoecidos é distinto dos demais e, geralmente, os adoecidos ocupam cargos administrativos, como processo de reabilitação, facilitou o controle das fichas dos mesmos. Assim, quando o pesquisador pegou as fichas com o chefe do DSTAS, ele indicou qual era o grupo dos adoecidos em relação às demais fichas dos não adoecidos. Assim, para facilitar, ele criou uma ficha somente com os adoecidos e outra com os não adoecidos.

Com as fichas em mãos, o pesquisador ligou e marcou as entrevistas com todos os voluntários, até o fenômeno começar a se saturar e não ser mais necessário ter acesso a mais amostrar. Ao todo, 77 guardas se voluntariaram. Destes, 23 eram adoecidos e 54 não adoecidos. As entrevistas foram realizadas no local que o voluntário escolheu e que esteve ao alcance do pesquisado, ou no próprio local de trabalho deles, em uma sala reservada, em horários compatíveis para ambas as partes. Todos estavam cientes dos procedimentos e assinaram o termo de consentimento (apêndice 1) devidamente explicado pelo pesquisador.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Uma outra forma de controle adotada pelo pesquisador foi, no momento inicial da pesquisa, após explicação do termo de consentimento e aceitação do voluntário em participar da pesquisa, perguntar se o ele teve ou tem alguma doença psíquica, para confirmar se está diante de um guarda adoecido ou não adoecido. Identificando e constatando qual grupo o guarda em questão pertence, mesmo mediado pela ficha de controle pré-elaborada pela chefia do DSTAS, foi direcionado o devido roteiro para conduzir a entrevista (roteiro da entrevista semiestruturada com: 1-adoecidos e 2-não adoecidos, no apêndice 3).

Como o pesquisador não teve acesso ao nome dos voluntários, quando ligou, se identificou, explicando, brevemente, sobre a pesquisa e lembrando-os que eles assinaram uma ficha, enquanto interessados em voluntariar-se para participarem da mesma.

Foi orientado para o chefe do DSTAS descrição sobre os possíveis voluntários e que eles não seriam identificados no texto da tese, mantendo o sigilo e ética em pesquisa e que tal orientação se estendesse aos demais chefes. Assim, o próprio chefe do DSTAS não soube quem foi convidado para as entrevistas individuais tanto entre os adoecidos quanto os não adoecidos. Somente a entrevista coletiva que ele participou diretamente, colaborando com as informações sobre o campo (pois os guardas homens que colocaram os números de telefone nas fichas foram escolhidos aleatoriamente para as entrevistas individuais).

Como nossa pesquisa é qualitativa e usamos a Análise de Conteúdo para a análise das entrevistas, pensamos, inicialmente, em: 5 profissionais que lidam com a relação saúde/doença no trabalho para a entrevista coletiva (ou, no mínimo 3), 10 guardas homens adoecidos para entrevistas individuais e 10 guardas homens não adoecidos, também, para entrevistas individuais. Porém, para as entrevistas individuais, essa quantidade pode variar, uma vez que o fenômeno investigado é saturado (Bardin, 1977), como já mencionado anteriormente. Como experiência em pesquisa, é comum um fenômeno saturar em torno de 4 a 6 participantes. Como



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

isso não é uma regra, pensamos, inicialmente, em 10 participantes para cada grupo para as entrevistas individuais.

Como já mencionado, tivemos um banco de dados de voluntários muito maior que utilizamos. Por isso, quando marcarmos a devolutiva para o campo, essa questão será explicada para aqueles que se voluntariaram, mas não foram convidados para a entrevista. Ao final, os fenômenos saturam em: 6 guardas adoecidos e 9 não adoecidos. Como um dos objetivos foi de investigar a psicodinâmica do adoecimento dos guardas homens antes e depois do adoecimento, estrategicamente, pensamos nessa divisão. Assim, a) entre os adoecidos, como prova do fenômeno, tanto antes como depois do adoecimento e as estratégias adotadas para suportar o sofrimento e/ou o próprio adoecimento (antes, durante e após o adoecimento), e, b) dos não adoecidos, no intuito de acompanhar o processo do possível adoecimento e/ou as estratégias adotadas para não sofrer/adoecer no trabalho.



CAPÍTULO 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Pré-pesquisa – entrevista coletiva

*Não é merecedor do favo de mel
aquele que evita a colmeia porque as abelhas têm ferrões.*
William Shakespeare

Participaram da entrevista coletiva 4 sujeitos GCMs de Goiânia que se voluntariaram para caracterização do campo e complementar informações que não constam nos registros, documentos, leis e demais prescrições da instituição. Perguntamos a eles sobre a organização do trabalho (prescrito e real) e as relações de prazer/sofrimento e saúde/doença do trabalho. Assim, eles compartilharam diferentes sentidos e significados que têm sobre as questões levantadas (Apêndice 2). Como precisávamos de informações gerais sobre a guarda, não fizemos distinção de sexo entre os participantes. Antes do início e após o término da entrevista, houve conversas informais com os participantes da entrevista coletiva, bem como com os demais GCMs que estavam próximos no dia desta entrevista.

O participante 1 tinha, no momento da pesquisa, 22 anos de trabalho na GCM, ensino superior completo, sexo masculino, possui cargo hierárquico de chefia nível 3, com 40 anos de idade. O participante 2 possui 10 anos de profissão na GCM; curso superior completo, sexo masculino, 48 anos. O participante 3 é do sexo feminino, há 9 anos trabalha como GCM de Goiânia; curso superior completo, 35 anos de idade. O participante 4 tem 9 anos de profissão na GCM, é pós-graduado, não informou a idade.

Os participantes argumentaram que a instituição existe há mais de 40 anos, com início da década de 60, e que, historicamente, no ocidente, desde a época feudalista, era comum pensar em formas de proteger os bens do rei, criando-se, assim, a guarda do rei/do Reino. A partir dessa influência, desde a constituição formal do atual território brasileiro pelos



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

portugueses, foi mantida tal necessidade de designar pessoas que poderiam trabalhar em prol da segurança pública; do bem público. Hoje, continua-se essa mesma tradição de manter os patrimônios da cidade de forma segura.

Em Goiânia, assim como todos os municípios do país (e em muitos países do mundo), não foi diferente. O Estado autorizou, homologou e sancionou leis para desenvolver políticas públicas em prol da segurança das pessoas e dos bens e patrimônios dos municípios. Assim, torna-se responsabilidade desses profissionais (dos guardas e demais policiais) proteger os órgãos governamentais de responsabilidade da prefeitura, sendo instituída uma força de segurança desde a fundação de Goiânia para acompanhar as demandas relacionadas à segurança pública da cidade. Tais argumentos vão ao encontro das contribuições de Jábali-Júnior (2013), Paula (2010); Lima (2015) e a própria Matriz Curricular Nacional para Guardas Municipais (2005).

Com o passar do tempo, eles afirmaram que a GCM de Goiânia foi transformando suas atribuições. Em 1985 abriram um concurso que edificou e trouxe melhorias para a instituição. Em 1988 houve uma regulamentação que a formalizou e em 1993 foi realizado um novo concurso, agregando mais 450 servidores, dos 200 existentes na época. Em 2005 houve um novo concurso e os aprovados foram efetivados em 2006, totalizando mais de 1500 servidores na atualidade; com novas ideias e com a exigência e incentivo de escolaridade de nível superior para diferentes cargos.

Os entrevistados complementaram afirmando que as demandas sociais que “*clamam por justiça e mais agentes de proteção*” (participante 1), forçaram o poder público a tomar novas medidas para acompanhar a complexidade que atravessa o cotidiano e os desafios reais da região metropolitana de Goiânia. Assim, foi instituído que a GCM de Goiânia continuaria com seus serviços e proteção dos bens físicos da cidade, porém não se limitariam a mais somente



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

para essa função. Ela passaria a auxiliar na segurança de outros sistemas de segurança pública e não ficariam, por exemplo, somente responsáveis pela segurança de parques, prédios públicos e patrimônios municipais. Agora os GCMs teriam mais autonomia no policiamento comunitário de maneira mais ostensiva e preventiva, em parceria com toda a comunidade (civil e militar).

Foi regulamentada, recentemente, o trabalho da guarda municipal, que, até então, na Constituição de 1988, não esclarecia sobre a mesma. Assim, os participantes defenderam que a guarda foi reconhecida como profissão por leis trabalhistas em todo o país e que, apesar da segurança pública de âmbito mais genérico seja função do Estado, o município não pode se abster da mesma responsabilidade. Assim, passa a ser função também da guarda municipal a segurança da população. Os entrevistados apontaram que, por exemplo, quando algum cidadão necessita de uma ajuda na seara que envolve a segurança pública, ele não vai necessariamente acionar a força da polícia militar. Ele pode acionar, quando possível ou viável, os profissionais da segurança pública, como os GCMs de Goiânia, que hoje conta com formação de treinamento militar, patrulhas, armamento, dentre outros recursos e instrumentos para tal.

Nesse curso, os GCMs possuem uma atuação mais flexível e abrangente, em diferentes níveis de complexidade, desde atender instituições que cuidam de crianças (creches) até compor força tarefa para prender bandidos. Lembraram da Lei 13.022 de 2014 que foi sancionada para aumentar o poder da segurança pública das guardas no Brasil. Os entrevistados argumentaram que, com a Lei, foi efetivada a ação policial da segurança pública de Goiânia que resguarda as devidas atividades e responsabilidades das mesmas perante as autoridades e a sociedade. Eles reforçam dizendo que muitas vezes os moradores das cidades questionavam os “*trabalhos de rua*” (participante 2) e patrulhamento dos GCMs de Goiânia. Hoje, afirmam que têm o apoio total do poder judiciário e das demais forças policiais para desenvolverem o



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

trabalho de segurança de forma mais integral e não somente dos patrimônios do município. Defenderam, ainda, que essa transformação foi um pedido da própria sociedade. Logo, não foi uma iniciativa de mudança somente do Estado, mas sim dos próprios cidadãos.

Os participantes disseram que é fato que é responsabilidade dos GCMs de Goiânia proteger os bens e patrimônios do município, “*Mas o bem mais precioso que se tem é a vida de uma pessoa*” (participante 1). Torna-se trabalho para os GCMs de Goiânia protegerem também esse “bem” mais precioso, tornando mais efetivo o compromisso que ela tem de manter, garantir e melhorar as condições de convivência e cidadania, oferecendo mais segurança para as pessoas. Dessa maneira, os GCMs de Goiânia têm, então, o reconhecimento social (e dos seus pares) de seu trabalho para além da proteção do patrimônio municipal (bens físicos, materiais), mas também dos próprios cidadãos.

De forma interativa, discutiram o termo de policiamento. Que ser policial, exercer funções de polícia, significa algo muito mais abrangente que somente remeter, resumir e reduzir aos policiais militares, civis e federais. Ser policial não é ser um profissional qualquer. Para eles, é um serviço que tem o sentido de policiar, de vigiar, de guardar, de proteger, de cuidar em todos os âmbitos. Assim, os GCMs de Goiânia oferecem o serviço de policiamento, apesar de seu nome não guardar, não ter o nome “policial”. Então trata-se de um policiamento comunitário, mais próximo da comunidade, com a participação da população, em parceria com outros profissionais de segurança pública. Reforçaram que é responsabilidade de todos a defesa e proteção do bem-estar e combate à violência. Quem estiver mais próximo e puder ajudar, deve assumir esse papel, por uma questão de proteção cidadã.

Essa suposta autonomia, flexibilidade e oportunidade de honra para combater a violência e manter a ordem e segurança da cidade e das pessoas, servem como argumentos para persuadir a necessidade de mudanças como algo positivo e necessário. Assim, a novidade de aumentar a



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

complexidade do trabalho da guarda pode ser questionada por um processo de atribuir e exigir novas competências dos GCMs. Ao passo que as novas exigências legitimam responsabilidades de policiamento militar e, assim, a base viril para as ações da guarda, ela também marca o início de um processo de dessubjetivação (Augusto, 2009). Eles têm a oportunidade de mostrar sua masculinidade e colocar sua virilidade à prova ao assumir o compromisso da mudança de exigência das prescrições da organização do trabalho (Heloani & Silva, 2006). Concomitantemente, eles precisarão elaborar, nessa nova configuração, um processo de coisificação de si mesmos, que foram impostas pela própria organização, por isso a dessubjetivação. Uma vez que a organização se enrijece ao não negociar as transformações que são necessárias para ela atender às demandas sociais, ela retira a autonomia dos sujeitos. Nesse processo, deixa lacunas que são preenchidas por estratégias de defesa tanto de proteção quanto, principalmente, de adaptação e exploração (Oliveira & Mendes, 2014), ao forçar os GCMs novas demandas e exigências.

Frente ao paradoxo de mostrar para organização que é homem, viril e manter sua reputação de forte, valente, corajoso, o guarda precisará se deparar com as consequências reais das exigências da organização. O preço que ele pagará para ser o herói que a organização exige que ele seja (Almeida, 1995; Almeida, 2012), pode ser um preço que ele não está disposto a pagar, que ele não deseja pagar. E, diante deste paradoxo, então, reside um desconforto, uma angústia, uma situação de constrangimento. Ao negar o novo “desafio”, de ser mais herói ainda do que ela (a organização) já acostumava exigir dos guardas, eles tanto estão negando sua própria subjetividade (Augusto, 1995) ao não desejar as consequências que implicam em assumir o herói que a organização deseja que eles se tornem com as novas demandas (Mendes, 2007), quanto estão negando suas condições históricas, culturais e sociais de exercerem seus papéis de homem, de exercerem suas masculinidades, de mostrar para seus pares, familiares,



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

sociedade e para organização que aguentam tudo, que são valentes, que são guardas (Baubérot, 2013; Bertaud, 2013; Cerqueira, 2011; Guillet, 2013; Mennitti, 2014; Morgante, 2015; Silva, 2016;). O que acaba se tornando propício, também, para o desenvolvimento da ideologia defensiva da virilidade (Barros & Mendes, 2003; Dejours, 2007; Guimarães-Júnior & Macêdo, 2013; Molinier, 2004).

Por isso um paradoxo muito dinâmico e complexo: ao negar o desejo da organização, estão negando sua masculinidade/virilidade. A saída, então, é dessubjetivar-se, acionando as defesas de virilidade para lidar com sofrimento, com as demandas, desejos e exigências da organização do trabalho (Dejours, 2007; Mendes, 2007).

Complementaram que quando as pessoas notam a presença de ONGs, patrulhas da guarda, de policiais militares, entre outros, as pessoas têm uma sensação, uma percepção de que estão mais seguras. Então, na presença de segurança policial, no sentido que eles construíram e que foi detalhado acima, as pessoas podem transitar naqueles espaços, pois identificam aqueles que usam um uniforme, indicando que são responsáveis pela segurança. O uniforme passa a ser a segunda pele dos GCMs de Goiânia e, quando alguém percebe as patrulhas, as viaturas, dos GCMs de Goiânia e demais policias, se sentem seguras.

E é nessa seara que os GCMs de Goiânia se sentem reconhecidos, segundo os entrevistados, pois “*a própria sociedade clama por segurança*” (participante 1) e quando convivem ou percebem que o governo investe em segurança pública, as pessoas ficam mais satisfeitas. E, então, os GCMs de Goiânia são reconhecidos por serem responsáveis pela satisfação dos cidadãos, pelos serviços que eles oferecerem de segurança. Para tanto, os GCMs de Goiânia contaram com uma formação (treinamento) específica(o) para ampliar suas ações, fazendo cursos de qualificação.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Por outro lado, esse treinamento é uma qualificação para eles assumirem algo que, em conversas informais, muitos deles, não desejam. Os guardas que foram aprovados no último concurso de 2005/6, não tinham em suas prescrições tais exigências impostas, agora, pela GCM de Goiânia. A organização deseja que eles se preparem melhor para os desafios e demandas sociais em relação à segurança pública (Baierle & Merlo, 2008), aproximando-se da formação e contando com o apoio do treinamento da polícia militar (Almeida, 2012). Mas ao assumir de forma mais direta tal formação mais ostensiva, a organização encontra-se perante uma contradição: de manter seu lema e sua finalidade fundante que são: guarda civil metropolitana: guardião da cidadania e o policiamento comunitário com base educativa e não punitiva, repressora.

Tal cenário de contradição, mais uma vez, se torna propício para o sofrimento patológico no trabalho (Baierle, 2007) e o desenvolvimento de uma defesa viril para lidar com tal sofrimento, aumentando a possibilidade de adoecimento (Dejours, 2007).

Há uma equipe multidisciplinar para cuidar dos GCMs de Goiânia. Eles contam com um espaço próprio para desenvolver diferentes atividades biopsicossociais, por meio de avaliações dos próprios profissionais da saúde da guarda, responsáveis pela proposta pedagógica dos cursos e as devidas orientações necessárias para cada função e necessidade que os profissionais são exigidos para cumprir. Em outras palavras, os cuidados com a saúde, bem como a formação necessária para os guardas são adaptados de acordo com as demandas e exigências da gestão da GCM de Goiânia.

Sobre mais alguns exemplos da relação do trabalho prescrito e real, os participantes alegaram que possuem regimento interno, estatuto próprio, o estatuto do servidor público e código de ética. Mas que todos esses elementos que servem para estruturar, dirigir, organizar e formar o trabalho dos GCMs estão em processo de implantação, uma vez que boa parte dessas



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

prescrições são relativamente recentes e estão em fase de adaptação. Essas prescrições também orientam sobre o plano de carreira dos guardas de Goiânia, que foi efetivado recentemente também em termos históricos (não foi revelado o tempo exato; grifo nosso) e pode variar de 1 a 5, como estímulo ao reconhecimento dos anos trabalhados na instituição, bem como benefício e incentivo para continuarem sua formação enquanto tal, exercendo seus cargos com excelência. Porém, inevitavelmente, esse plano de cargos gera hierarquias que ora é fonte de orgulho para alguns e ora é fonte de um sofrimento no qual outros não enquadram no perfil da instituição para ter a oportunidade de possuir uma hierarquia maior.

Para justificar o real do trabalho (Mendes, 2007), foi argumentado que os GCMs de Goiânia também são seres humanos. Que nem sempre está fardado e ocupando o papel de proteger. Que, assim como qualquer pessoa, têm suas famílias ou pessoas queridas para cuidarem, também têm medo de serem assaltados, dentre outros problemas e necessidades sociais que qualquer cidadão possa ter, principalmente morando em um grande centro urbano como Goiânia. Por isso, alguns, em conversas informais, que passam no concurso, afirmaram que preferem ser redirecionados para funções mais administrativas para não irem às ruas e realizarem trabalhos mais ostensivos como fazer patrulha, carregar arma de fogo e combater diretamente atos de violência.

Mesmo que alguns tentem se esquivar da estratégia mais ostensiva, nota-se nas descrições e caracterizações acima como o trabalho dos guardas se configura enquanto atividades que são histórica e culturalmente desenvolvidas por homens: proteger, combater a violência, lutar, usar, ter manejo e treinamento para o uso de diferentes armas, incluindo a arma de fogo, ser corajoso, valente, ter a honra de ajudar a defender o bem público e as pessoas (Guillet, 2013). Essa passa a ser, então, uma caracterização inerente de ser um GCM. São elementos que constituem sua subjetividade enquanto sujeito no trabalho.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Por isso, se ele falhar ou esquivar desta configuração que é exigida tanto pela organização, quanto pelos seus pares e a própria sociedade, ele está comprovando sua fraqueza. Ele está atestando que não serve para ser guarda, para “guardar” no sentido de proteger. O que implica em um constrangimento de se sentir inútil, impotente diante às exigências, demandas e desejos daqueles que o cercam. Como afirma Baubérot (2013), são em bandos que o homem constrói e legitima sua masculinidade/virilidade.

Quando isso é negado no trabalho, segundo Dunker (2011), ele está comprovando seu fracasso, que falhou enquanto trabalhador, desencadeando sintomas e, dependendo como lida com o sofrimento, pode adoecer. E, se adoecer, a organização terá uma prova concreta que ele não “deu conta do recado” e assumirá estratégias para lidar com um guarda adoecido. E, uma vez adoecido, os guardas, geralmente, assumem um cargo administrativo, menos ostensivo. Assim, às vezes, assumir um cargo administrativo é uma prova que o guarda “falhou”, podendo, de forma constrangedora, ser fonte de vergonha para alguns que estão nesta situação: se “recuperando/readaptando” para reassumirem o cargo que tinham antes. E, uma vez mais, questionando seu papel social tanto de guarda, quanto de homem.

O participante 1 falou sobre como é realizado a assistência à saúde desses profissionais. O procedimento é realizado de acordo com as regras da instituição, o que acaba enrijecendo e condicionando o acesso, avaliação e acompanhamento da saúde biopsicossocial dos servidores. Defenderam dizendo que há diferentes tipos de pessoas e que algumas estão mais preparadas ou conseguem adaptar melhor às regras, demandas e exigências da instituição. Acrescentaram que há vezes que os GCMs de Goiânia estão suscetíveis a se machucar, ferir ou até perder a própria vida no exercício de trabalho. E que, sabendo disso, a GCM de Goiânia elabora estratégias de conscientização e prevenção da saúde dos servidores diante dos contextos



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

aversivos da profissão e orientam como podem se tratar, caso desenvolvam uma doença física ou psicológica.

Um dos desafios que compromete a elaboração e execução dessas estratégias que tentam prevenir a doença de tais servidores é a adesão. Antes eles eram convidados para participarem dos treinamentos e novas ações ostensivas. Depois, com a ausência e/ou interesse de grande parte deles, o convite passou a ser convocação. Mas, mesmo assim, ainda há resistência por parte dos servidores de assumirem o compromisso de assistir e participar dos cursos e atividades promovidos pela instituição, o que compromete o objetivo de manter ou melhorar a saúde dos servidores.

Pontuaram, também, que lidar com segurança pública requer muito treinamento e responsabilidade. Reforçaram que nem todos têm o perfil para assumir os cargos designados por não corresponderem às expectativas institucionais. Ou seja, da expectativa da instituição dos GCMs aderirem aos treinamentos para ações ostensivas.

Percebe-se, então, um discurso simbolicamente nefasto, sádico e o uso da defesa de proteção, racionalizando ao externar a responsabilidade pelos erros da organização, culpabilizando os guardas pelo fracasso de não se adaptarem às mudanças e ao negar que é corresponsável da construção do cenário de sofrimento no trabalho. Por outro lado, a organização também se defende, argumentando que possui estratégias para prevenir doenças e promover saúde para todos os servidores da GCM de Goiânia (Dejours, 1988, 1992, 2004b, 2007).

Esta situação corrobora com os estudos de Molinier (2004); Grenier-Pezé (2004); Cianato e Lima (2008); Guimarães-Júnior e Macedo (2013); Almeida (2012); e, principalmente, de Machin et al (2011) ao comparar o processo de menor adesão ao cuidado com a saúde dos homens em relação às mulheres. Machin et al (2011) enfatizam que,



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

historicamente, o homem, por ser cobrado e concebido enquanto símbolo de resistência, força e coragem, nega o adoecimento, tem dificuldade de reconhecer sofrimentos psíquicos e, quando sente dores físicas, tendem a suportá-las e/ou negá-las, com o discurso que quem sente dores e quem fraqueja são mulheres, crianças e idosos e, eles sim, deveriam procurar ajuda dos profissionais de saúde.

Porém, os entrevistados abordaram um tema que complementa a falta de adesão nos cursos e programas de prevenção e promoção de saúde no trabalho. A participante 3 colocou que muitos têm receio de irem ao trabalho e não voltarem para suas casas. Assim, ir nos cursos de capacitação acaba qualificando os servidores a assumirem responsabilidades do cargo que eles não desejam, justamente pelo risco de se machucarem gravemente, ou até mesmo, perder a vida. O que impacta em um descontentamento por parte da instituição de investir na formação e saúde do servidor e não ser reconhecida por isso.

Esta passagem sinaliza um desejo silencioso, velado por parte dos guardas que não se sentem bem ao se qualificarem mais para irem às ruas com uma abordagem mais ostensiva pois, ao passo que estariam honrando suas profissões, auxiliando com mais efetividade com a segurança pública da cidade e, inevitavelmente correspondendo às demandas, desejos e necessidades da organização, estaria, também, ameaçando seu outro papel fundamental de virilidade: o de progenitor, o do homem da casa (Botton, 2007; Machado, 2004; Silva & Leite, 2016).

Outro paradoxo se instaura: ao agradar a organização e, possivelmente, a sociedade, se qualificando, treinando e se empenhando na sua profissão, no seu trabalho para adaptar às mudanças e exigências impostas a ele para resolver/melhorar a violência/segurança da cidade, ele diminui a chance de voltar para a casa e assumir seu papel de marido, de pai, de progenitor. Por isso, fazer-se de forte, valente, “macho”, acaba não sendo uma opção. O guarda se vê em



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

uma encruzilhada. Uma alternativa seria, então, se defender com algo que ele já está acostumado a usar: sua força, masculinidade, sua resistência, sua virilidade (Molinier, 2004). E assim, tenderá a acionar a defesa da virilidade para lidar com esse paradoxo. Uma estratégia para suportar, minimizar o sofrimento no trabalho se consolida frente ao constrangimento (Caniato & Lima, 2008; Carmo, 1992; Mendes, Costa & Barros, 2003; Mennitti, 2014).

Assim, as convocações, muitas vezes, são ignoradas e são, também, fontes de sofrimentos para os servidores. As mesmas são reforçadas pela instituição com o objetivo de relembrar as prescrições institucionais a partir dos estatutos, código de ética, entre outros, que é dever do servidor atender às essas estratégias criadas pela instituição de disciplinar, doutrinar as atividades e responsabilidades exigidas pelos cargos. Os entrevistados acrescentaram que outros vão para não receberem avaliações negativas ou para não serem punidos de alguma forma. Por isso, devem rever as estratégias deles de tentar mostrar a importância e o foco das atividades elaboradas pela instituição para tentarem garantir a saúde biopsicossocial dos servidores.

Os entrevistados reforçaram que a instituição prepara os servidores para eles darem o melhor de si. E que o desejo da instituição é que os GCMs de Goiânia “*vista a camisa*” (participante 2), “*que use a farda*” (participante 2) e defenda os princípios da instituição. Mas nesse processo, o participante 1 ressaltou o comodismo de alguns que estão em seus cargos há anos e não desejam assumir outra frente de trabalho, e que a sociedade, em sua complexidade e dinamicidade, requer mudanças e novas estratégias. O que acaba exigindo do governo medidas para acompanhar as mudanças sociais e impactando, de forma direta, no desenvolvimento de novas estratégias para a segurança pública. Para tanto, a instituição elabora essas estratégias na tentativa de adequar às demandas, exigências e necessidade sociais, mas



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

parece que os servidores não se dispõem de acompanhar essas mudanças, negando a participação das atividades elaboradas pela intuição para tal.

O fato da organização usar convocações e desejar maior adesão dos guardas, se revela, também, em um cenário mais rígido e coercitivo, estimulando mais sofrimento e adoecimento, conforme encontrado nos estudos de Almeida (2012), Baierle (2007) e Magalhães (2015) sobre as prescrições, ordem, relações de poder e hierarquias nas guardas e polícia militar. O que corrobora tanto com os achados de Mendes (2007) e Dejours (2004a; 2004b) sobre a lacuna entre o trabalho prescrito e o trabalho real que é preenchida pelo sofrimento do sujeito, quanto com os desafios e consequências de uma estrutura organizacional que impõe suas necessidades para os trabalhadores enfatizados por Marx (2006); Bock, Teixeira e Furtado (2011) e Borges e Yamamoto (2014). E que, para Grenier-Pezé (2004), implica na construção de uma ideologia de defesa viril para suportar o sofrimento dos guardas homens no trabalho.

O entrevistado 1 contribuiu com informações que justificam a falta de adesão nos programas elaborados pela instituição para adequar às mudanças e exigências sociais. Muitos, por exemplo, usam de suas doenças físicas e, principalmente, psicológicas para se esquivarem. Afirmam que estão estressados, com depressão e por isso não querem adequar às novas frentes e aos novos desafios desenhados pela instituição. Outros alegam que os cursos e atividades entram em conflito com o curso superior de alguns, ou turno de trabalho de outros, por exemplo. Mas mais uma vez, o entrevistado 1 lembra que há prescrições claras que exigem esse compromisso do profissional participar das atividades, para manter as responsabilidades do cargo que exerce.

Todo esse cenário impacta também nas relações de prazer/sofrimento deles. O participante 1 argumenta que os GCMs estão em uma “*zona de conforto*” e que muitos lutam para não sair dela. Assim, os GCMs se sentem desconfortáveis quando a instituição exige deles



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

certas mudanças e, como consequência, os GCMs fazem uma avaliação negativa da instituição. Sair da zona de conforto, para os entrevistados, é uma fonte de sofrimento. O “*sair da caverna*” (participante 1) é reforçado como uma oportunidade de o servidor aprender algo novo e auxiliar o trabalho da guarda “*subir os degraus*” (participante 1). E, segundo o participante 1, alguns que aderem e concordam participar relatam como uma experiência positiva, fonte de prazer.

Além de denotar que a própria GCM de Goiânia é influenciada e pressionada por fatores externos (políticas federais, estaduais e, principalmente, municipais vigente), é possível perceber a dinâmica na qual a organização procura insistir em um discurso de culpabilização do sujeito. Como ela é pressionada por demandas “maiores” que ela própria, ela acaba criando estratégias de exigir e culpabilizar àqueles que a cercam pelos fracassos ou não cumprimento das ordens e expectativas que são incumbidas aos guardas (Bourdieu, 2003).

Mais especificamente por parte do participante 1, que exerce um poder de chefia e que, como representante da cúpula da corporação, de certa forma, inibia a opinião dos demais integrantes da entrevista coletiva, e/ou interferia na qualidade das respostas dos demais que possuíam ou menor tempo de trabalho na guarda ou menor nível hierárquico na organização. Ele se preocupava em registrar que a organização oferece recursos para os guardas não adoecerem e que a culpa era dos guardas que não tinham características pessoais para lidarem com os desafios da profissão ou aqueles que não queriam procurar ajuda.

Aqui, o participante 1 não se dá conta da psicodinâmica do processo da relação saúde/doença e o impacto desta psicodinâmica na reputação subjetiva dos guardas. Como argumentam Molinier (2004) - sobre a ideologia defensiva da virilidade -, e Dunker (2011) sobre o “diagnóstico/atestado” do fracasso no trabalho, os guardas não desejam mostrar suas fraquezas. Procurar ajuda, pode ser sinônimo de fraqueza. E, quando um colega adocece, ele nem se dá conta disso por manifestar, todas as vezes que for necessário, sua defesa viril, se



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

fazendo de forte, de resistente e que, por isso, não precisa de ajuda. É necessário, então, que o outro evidencie que ele precise de ajuda porque o próprio guarda que manifesta estresse ou depressão, por exemplo, não se dá conta disso devido à negação e a ideologia defensiva da virilidade.

Negar o sofrimento e, até mesmo, a doença do trabalho, pode ser uma questão de respeito, honra e sobrevivência na profissão/carreira de profissional de segurança pública. Afinal, histórica e culturalmente, fica difícil de dar credibilidade em um profissional de segurança pública que não seja valente, destemido, corajoso. Assim, um guarda adoecido, pode ser uma prova que ele não conseguirá exercer sua própria profissão. Uma vez que o guarda homem se dá conta que tudo que ele precisa manifestar para manter sua profissão, seu “ganha pão” e sua reputação masculina, ele nega tudo que possa ser associado à fraqueza, fragilidade, sofrimento/adoecimento para continuar defendendo sua honra viril e, conseqüentemente todos os benefícios que essa defesa, aparentemente, pode proporcionar a ele. Adoecer é colocar em risco tudo que o constitui enquanto sujeito e guarda homem (Baubérot, 2013; Beauvoir, 1972; Bertaud, 2013; Dejours, 2007; Grenier-Pezé, 2004; Cianato & Lima, 2008; Molinier, 2004; Zaluar, 2007).

O participante 2 enfatizou outras fontes de prazer no trabalho. Descreveu quando alguém aciona o trabalho dos GCMs de Goiânia e escuta: “*Olha, se não fosse vocês... se não fosse o trabalho de vocês...*” isso é um reconhecimento do trabalho. Então, ser um GCM de Goiânia “... *é gratificante. É bem mais que o salário que a gente ganha*”. Outro exemplo é quando a patrulha passa pelas ruas e as pessoas confiam e solicitam ajuda deles, explicando uma situação na qual podem ser úteis e agradecem pelo auxílio. Já a participante 3 ressaltou a interação, comunicação e trabalho em equipe como aspectos positivos e fonte de prazer no trabalho, ao



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

poder ajudar alguém que solicitou o serviço deles, mesmo diante de várias ocorrências acontecerem ao mesmo tempo.

Aqui reside uma contradição adoecedora: ao passo que se sente prazer em assumir o papel do herói e poder ajudar as pessoas, esse mesmo prazer esconde o medo de perder sua própria vida e não exercer mais seus papéis sociais e, especialmente, reforçar a ideologia defensiva da virilidade (Dejour, 2007; Caniato & Lima, 2008). Certos que manifestar atos de bravura são fontes de reconhecimento tanto por parte da organização quanto da própria sociedade, eles tenderão a alimentar tais atos, em prol do gozo de se sentirem úteis, importantes (reconhecidos), usando estratégias individuais e coletivas da virilidade, quando sentirem desconforto ou constrangimento de não poderem corresponder às expectativas organizacionais (fontes de reconhecimento).

Porém, ao fazerem isso cotidianamente, exercendo suas profissões, treinando, se qualificando para proteger os bens da cidade e proteger as pessoas, outras dimensões do sujeito estão à prova (pai, marido, filho, provedor, “macho”). Nem sempre é o desejo do guarda homem de se arriscar, como já discutido anteriormente. Quando ele é pressionado pela organização e pela sociedade e tem êxito, seja individualmente/pessoalmente ou quando escuta e/ou vê/percebe isso nos demais colegas, os guardas podem sentir uma ressonância simbólica (Dejours & Abdoucheli, 1990; Mendes, 2007) das possibilidades de gratificação da profissão. Todavia, questiona-se quando eles não querem aderir, quando eles falham e quando eles sentem que não estão ou são preparados o suficiente para enfrentarem os desafios que são impostos a eles no trabalho, conforme já apontado nos estudos de Baierle (2007) e adiante nas entrevistas individuais.

O participante 1 pontuou que as políticas dos GCMs de Goiânia tiveram sensibilidade para valorizar a formação acadêmica deles, dando oportunidade para alguns exercerem a área



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

de formação na própria guarda. Essa é uma forma de reconhecimento simbólico que também é fonte de prazer. Outro aspecto pontuado foi a cooperação entre os servidores, pontuada, pelo participante 1, como “*corporativismo*”. Há vezes que um deles têm desafios, adversidades, limitações e/ou problemas e dificuldades pessoais ou do trabalho, mas, mesmo assim, ocorre de os colegas de trabalho os “*guerreiros*” (participante 1) serem solicitados e alguém sempre se sensibiliza, apoia e auxilia o outro na sua demanda. E, nesse processo, criaram uma irmandade chamada “*Azul Marinho*” (participante 1), que lida, dentre outros aspectos, o acompanhamento de luto de algum trabalhador quando perde algum familiar, em honra ao colega de trabalho.

Poder exercer a formação acadêmica na guarda e a sensação de pertença à um grupo, sendo “*guerreiros*”, cooperando uns com ou outros, terem irmandade, configuram relações de prazer/sofrimento e saúde/doença, conforme apontado por Dejours (2004a); Mendes (2007), no que diz respeito ao trabalho, mas também enfatiza uma questão específica do gênero masculino, conforme os estudos de Almeida (2012) e as contribuições de Baubérot (2013) e Guillet (2013) sobre a construção social da masculinidade em grupos (“*bandos*”). Como a construção e manutenção da virilidade precisa de plateia, do coletivo, o contexto de trabalho dos GCMs de Goiânia sugere a vivência de práticas que reforçam a masculinidade.

O que dificulta o desenvolvimento coletivo ou individual de defesa diante do sofrimento do trabalho, uma vez que atos heroicos são desejados, reconhecidos, valorizados, esperados pela organização, sustentando a ideologia da virilidade como um método eficaz de eufemizar, minimizar ou enfrentar as situações de sofrimento. Outrossim, esse sentimento de pertença pode ser saudável quando um guarda em adoecimento ou já adoecido se dá conta que não está sozinho e que pode compartilhar seu sofrimento com os seus colegas. Aqui, a irmandade pode ganhar um novo sentido mobilizador para que os guardas criem um espaço de escuta no



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

trabalho na tentativa de resinificarem seus sofrimentos em prazeres no trabalho (Mendes, 2007).

Quiçá, a dificuldade está justamente nesse ponto: apesar da organização oferecer tratamento, prevenção de doenças e promoção de saúde biopsicossocial para os guardas, os métodos utilizados, por não levarem em conta as questões do gênero masculino, não têm tanto potencial de sucesso. Principalmente quando notamos o discurso deles pela falta de adesão dos guardas homens ao tratamento/cuidado com a saúde.

Nessa irmandade, foi pontuado que é uma fonte de prazer muito grande poder servir e ajudar os outros. Seja um cidadão ou um servidor (um guarda). Afirmaram ainda que até mesmo diante de sofrimentos psíquicos, a irmandade se une para auxiliar o colega, por exemplo, em episódios de depressão, reabilitações e afastamento, incentivando-os a melhorar a situação, estimulando-os a continuar a fazer os devidos acompanhamentos.

Uma fonte de descontentamento desses servidores está voltada para o salário. Os entrevistados pontuaram que os servidores acham a remuneração injusta e comparam o salário com os demais profissionais da segurança pública, como os policiais civis, militares e federais, que possuem uma remuneração melhor. O participante 1 argumentou que refletiu sobre a questão e questionou com os colegas presentes quanto que vale uma vida e, até que ponto seria justo pagar pelo trabalho desses servidores, que arriscam suas vidas; “... *quantos, em reais, vale o seu trabalho de arriscar a sua vida?*”. Acrescentou dizendo que pessoalmente já enfrentou desafios maiores, com tal salário, com menos recursos e piores condições de trabalho que hoje (até a data presente da entrevista). Mas “... *com a proteção divina e com a proteção dos colegas...*” (participante 1) sempre conseguiu voltar para casa. Ainda, disse que muitos querem ascender hierarquicamente mais rápido e ganhar melhor. Mas acabam não conseguindo



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

na velocidade desejada, ficam frustrados e adoecem, segundo o participante 1, “... *eles querem pular de graus*”.

Nessa fala, evidencia-se a defesa de proteção de racionalização e negação para lidar com o sofrimento de desvalorização da profissão (Dejours, Abdouchell & Jayet, 1994; Grenier-Pezé, 2004). E marca, também, outra situação de angústia, desamparo e constrangimento profissional de ser um guarda, em contraste com a variável gênero masculino. Ser guarda, na seara da segurança pública no Brasil, é ser considerado como a “escória”, o elemento mais periférico, mais inferiorizado em comparação às polícias civil, militar e federal. Tanto em relação ao salário, quanto à autonomia, jurisprudências envolvendo a profissão/categoria, preparo físico/instrumental e mental, a falta de reconhecimento da população e, especialmente, dos próprios demais profissionais de segurança pública.

Ou seja, como se não bastasse as diferentes fontes de sofrimento que já enfrentam internamente na corporação e individualmente/pessoalmente por inúmeras implicações do trabalho, eles ainda têm que lidar com o sentimento de inferioridade por não ser reconhecido pela população e pelas demais categorias de servidores de segurança pública. Como já descrito, os guardas, em sua formação mais ostensiva e histórica, servem de suporte para as demais polícias e não necessariamente o contrário. Há uma hierarquia dentro segurança pública no Brasil e as guardas, segundo as prescrições e estudos de Baierle e Merlo (2008); Castro (2010); Heloani e Silva (2006); Jábali-Júnior (2013); a Lei municipal nº 9354 (2013); Lei federal nº 13.022 (2014) e informações do *Blog* da Guarda civil metropolitana: a guardiã da cidadania (2015), mostram qual é a ideologia, papel, missão e visão da GCM de Goiânia, bem como as relações de poder existentes entre os demais profissionais.

Por isso que tal cenário se configura em uma questão de gênero: a disputa, o duelo e poder de dominação existente (Bourdieu, 2003; Foucault, 1986; Guillet, 2013). Por isso, outra



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

vez, a psicodinâmica do trabalho e do sofrimento dos GCMs impactam na masculinidade/virilidade deles. Uma situação de castração simbólica impregna-se na subjetividade dos guardas, empurrando eles para a ideologia defensiva da virilidade. Que, mesmo diante deste dilema de poder, ou falta dele, ou, até, limitações dele, eles têm que se fazer de forte, valente e conseguem manter sim seu trabalho de proteger os bens e patrimônios municipais e, também proteger as pessoas, quando possível ou necessário.

Outra fonte de sofrimento que adoce os GCMs de Goiânia, de acordo com o participante 1, são os “*bicos*”, voltados para área de segurança, que eles se submetem, consequência da insatisfação com o salário. Os entrevistados alegaram que essa complementação de renda sobrecarrega, estressa e compromete o desempenho deles no trabalho, adoecendo-os.

Além dos salários, o participante 2 atentou para o espaço físico de trabalho, afirmando que a estrutura é uma das fontes de sofrimento por não favorecer muitas atividades necessárias para realizarem suas próprias atividades e responsabilidades, em prol da promoção, assistência e manutenção da saúde e bem-estar biopsicossocial dos servidores. Também pontuou a precariedade de recursos, instrumentos e equipamentos de qualidade (Jilou, 2013) e proteção para realizarem seus trabalhos. Porém, mesmo diante desses desafios, reconhecem que tiveram melhoras significativas no trabalho e que continuam lutando por melhorias.

Os bicos acabam se revelando como uma prova que as demais dimensões da masculinidade transbordam as limitações do trabalho, impondo uma atitude viril. Como há uma castração simbólica que o impossibilita de realizar suas próprias atividades e em um lugar onde o adoecimento não é bem-vindo e nem bem visto no trabalho, o mesmo se dá fora dele. Por isso, talvez, também, a necessidade de complementar a renda. Afinal, não pega bem para um provedor não conseguir pagar suas contas e depender de outros ou, até mesmo, em uma postura



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

machista, depender de sua esposa. É como se ele sentisse na obrigação de manter sua honra, seu compromisso de contribuir, significativamente, em casa. E, se na perspectiva de um guarda a GCM não o remunera o suficiente para manter suas necessidades, ele buscará fora.

Uma reflexão importante para tentar complementar a compressão do fenômeno dos bicos é que a guarda, por uma necessidade de prover de imediato demandas das famílias, acaba fazendo carreira lá porque o *status* de guarda coaduna com o *status* de homem, uma vez que a atividade de ser um guarda pode se plasmar em conhecimentos que se adquire fora da escola e que envolve força física. E, como aponta Pereira e Souza (2016), historicamente, desde o início dos anos de 1950, em diferentes cidades do ocidente, por exemplo, o jovem homem, mesmo empregado, destinava boa parte do salário para ajudar os pais em casa e/ou contribuir com itens de sobrevivência, conforto e segurança para seus familiares, legitimando seu papel de provedor. Assim, a guarda garante, parcialmente, para alguns, que eles ocupem esse papel. Isso significa que a organização, mais uma vez, pode ser fonte de constrangimento e castração simbólica para os guardas homens de serem os “homens da casa”, arriscando e/ou “decepcionando” a organização, buscando complementação financeira fora do trabalho.

Assim, uma nova armadilha é acionada e mais um elemento é incorporado ao processo de sofrimento e defesa do GCM: a questão da remuneração. Não é somente uma questão de ganhar pouco ou procurar ganhar mais dinheiro/complementar a renda. Mas é, outrossim, uma questão de honra. É de honrar seu papel enquanto homem, correspondendo às expectativas dos outros papéis sociais que ele assume (pai, filho, marido, provedor, macho...). É buscar um reconhecimento de batalhador, que vai atrás, que é forte, que consegue manter dois empregos, que é potente, que consegue pagar as constas, etc, e, assim, manter os benefícios, os prestígios sociais que não são garantidos pela organização.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Todavia, a organização, claro, tenta resgatar a lealdade para com a corporação do trabalho. Lembrando esse guarda que ele não pode fazer isso. Que o compromisso dele é com a GCM de Goiânia. E, quando ocorre algum episódio de cansaço ou trabalho malfeito, acidente ou adoecimento, os guardas que fazem “bicos” ficam mais vulneráveis aos ataques institucionais ao acusa-los que esses episódios ocorreram porque não seguiram as regras e demais prescrições da organização. Ou, ainda, dizem que eles adoecem e ficam cansados como fatores externos à organização, por fazerem tais “bicos” (defesa de proteção; racionalização). Legitimando, uma vez mais, a psicodinâmica do adoecimento dos guardas embasadas no orgulho e na defesa viril para lidar com as fontes de sofrimento no trabalho (Baubérot, 2013; Beauvoir, 1972; Bertaud, 2013; Dejours, 2007; Grenier-Pezé, 2004; Cianato & Lima, 2008; Molinier, 2004).

As principais doenças desenvolvidas no contexto do trabalho relatadas pelos participantes e enfatizada pelo participante 4 são: alcoolismo, depressão, tristeza, estresse; fraturas e lesões. O participante 1 defende o motivo pelo qual se justifica o desenvolvimento de tais doenças. Em relação às físicas, ele reconhece que precisam melhorar os treinamentos em relação a ergonomia da atividade e postura corporal. Ele acrescenta que os GCMs não recebem orientações corretas para fazer certos movimentos com o corpo e/ou não se alimentam adequadamente. E, nem sempre, os servidores procuram o acompanhamento médico correto, principalmente os homens. Sobre as doenças psicológicas, foi explicado pelo participante 1 que depende do nível de resiliência pessoal de cada um, afirmando que alguns são mais suscetíveis ao adoecimento que outros e, aqueles que não se isolam e que procuram ajuda no coletivo, têm mais sucesso na recuperação. Por isso a insistência da participação dos GCMs de Goiânia nos cursos, acompanhamentos e tratamentos para evitarem o desenvolvimento dessas doenças e o incentivo ao uso do plano de saúde também.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

As questões de falta de recursos, instrumentos, treinamentos e consequentes adoecimentos, relações de prazer/sofrimento e saúde/doença e a culpabilização dos sujeitos trabalhadores da GCM já foram enfatizados e discutidos e também encontrados nos estudos de Baierle (2007); Castro (2010) e Heloani & Silva (2006). Enfatiza-se aqui a questão do alcoolismo/“bebedeira” consumida por homens (Baubérot, 2013; Guillet, 2013) e sua relação com a negação e a ideologia defensiva da virilidade. Os estudos de Donato & Zeitone, (2006); e Turazzi e Demarco (2016); são exemplos que o alcoolismo se revela em forma de negação dos problemas psicológicos no trabalho.

Os autores (2006; 2016) enfatizam que os trabalhadores, para amenizarem as fontes de sofrimento no trabalho, e trazer mais alegria para suas vidas e suportar os desafios organizacionais, negam que estão sofrendo, encontrando no consumo alcoólico a forma de minimizar os problemas. Assim, um GCM de cargo de chefia, como o participante 1; dentre os demais participantes da entrevista coletiva corroboram com tais estudos, afirmando que há muitos guardas (não quantificaram o número exato – grifo nosso) que consomem álcool para enfrentar suas fontes de sofrimento.

Para o participante 1, os guardas que fazem uso de álcool ou apresentam demais problemas psicossociais, são guardas que já vinham com essas questões, dificuldades, fraquezas, antes de entrarem para a GCM de Goiânia. Usando da defesa de racionalização para esquivar dos possíveis nexos causais com o trabalho. E, uma analogia preciosa é a questão do vínculo social positivo que, historicamente, a bebedeira, o consumo de álcool tem com a construção da masculinidade/virilidade.

Para Baubérot (2013); e Guillet, (2013); consumir bebidas alcoólicas é signo de masculinidade tanto sozinho, quanto, principalmente, em grupos, com seus pares (amigos homens) em bares. Donato e Zeitone, (2006); Turazzi & Demarco, (2016) auxiliam na



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

compreensão do processo do uso da estratégia defensiva da virilidade, ao reforçar comportamentos tidos e reconhecidos como tipicamente masculinos para enfrentar seus problemas psicossociais, como os de ser herói, honrado, provedor, corajoso, etc., com a relação com a defesa de adaptação e exploração por envolver negação. Já que o consumo de álcool é um recurso tipicamente e historicamente desempenhado pelas pessoas e, principalmente homens, para lidarem com seus sofrimentos, não é de se espantar que toda a configuração da organização da GCM de Goiânia, que empurra os GCMs para a construção da ideologia defensiva da virilidade, estejam consumindo álcool.

Ou, dito de outra forma, como os homens têm a tendência de negar o seu sofrimento e o recurso que alguns utilizam para minimizar o sofrimento é o uso de álcool, parece que há uma relação entre a negação do sofrimento que envolve o escudo/defesa viril que pode explicar o uso de álcool dos guardas homens. Para se fazerem de forte, eles acionam a defesa da virilidade, expressando que são fortes, resistentes e que não adoecem. Eles têm a incapacidade de reconhecer e detectar que já estão adoecidos e a defesa se torna um fim em si mesma, em nome da defesa da honra viril. Mas como o sofrimento existe, mesmo que velado ou escondido, incumbido, o que aparece são as defesas. Assim, para lidar com a angústia, talvez, inconsciente das fontes de sofrimentos, eles negam o sofrimento e as doenças, procurando, no álcool, uma forma de quebrar, de afrouxar um pouco as amarras das defesas, em busca do prazer, mesmo que o efeito disso for correspondente ao efeito da presença do álcool nos corpos deles.

São ao todo mais de 1400 servidores atualmente e, de acordo com o participante 1, há um serviço de assistência bem organizado no local da pesquisa para acompanhar a saúde/doença dos servidores. Quando os servidores, por exemplo, solicitam licença médica/psicologia, eles passam, primeiro, pela equipe multidisciplinar de saúde para saber se há algo que eles podem auxiliar. Esse auxílio, de acordo com os entrevistados, chega até ir na



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

casa do servidor. A equipe se responsabiliza de conhecer, orientar, informar, e até acompanhar os próprios familiares sobre os cuidados da instituição em relação ao servidor que solicitou a licença, no intuito de avaliar mais de perto a necessidade do mesmo em termos mais amplos e entrarem em ação.

Com certeza esse movimento de acolhimento é uma estratégia reconfortante e prazerosa que a organização usa tanto para dar um suporte psicossocial para os guardas quanto mantém um certo controle de confiança e lealdade dos que receberam esse tipo de serviço. Por outro lado, fica o questionamento do desejo ou iniciativa por parte dos guardas de acionarem esse tipo de serviço. Apensar de eles reforçarem na entrevista que existe um companheirismo e uma cooperação intensa e potente entre eles, questiona-se se muitos se sentem à vontade com a situação.

Uma vez que já foi pontuado que os GCMs têm que lidar com várias limitações no trabalho, a falta de reconhecimento, de respeito da população, das demais policiais, e, até em alguns momentos, dos familiares, indaga-se como é para ele externalizar mais um episódio de suposta vulnerabilidade e castração simbólica. Especialmente daqueles que já foram afastados, estão de licenças, adoecidos, em readaptação... com diagnósticos que comprovam que eles fracassaram no trabalho. Parece mais uma vez um campo fértil para acionar a defesa da virilidade para suportar tudo isso. Nota-se, então, mais estratégias defensivas do tipo de proteção nos participantes da entrevista coletiva, em comparação às estratégias de adaptação e exploração (Oliveira & Mendes, 2014).

Foi enfatizado a importância da existência dos GCMs de Goiânia e o valor que a organização dá para seus próprios servidores e a importância do trabalho deles para a sociedade. Para tanto, o participante 1 fez uma analogia do trabalho deles com uma fala da Madre Teresa de Calcutá sobre um trabalho que ela realizava com as crianças e demais pessoas



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

africanas com AIDS. Questionaram a Madre, afirmando que o trabalho dela não fazia sentido porque não traria mudanças significativas para aquelas pessoas. Assim, ela disse, nas palavras dele: “*O meu trabalho é uma gotinha de água no meio no oceano. E, sem o meu trabalho, o oceano seria uma gotinha a menos*”. E reafirmou, então, que o trabalho dos GCMs de Goiânia é essa gotinha no oceano no cenário da segurança pública nacional. Mas sem essa gotinha a menos, “... *um braço, um dedinho a menos no meio de tudo isso*” (participante 1), faz toda a diferença.

Para complementar a compressão tanto de reconhecer a GCM como fonte de prazer/sofrimento para os guardas, quanto de saúde/doença, a seguir o autor desta tese pôde observar uma atividade na qual foi desenvolvida por GCMs adoecidos, como exemplo que organização se preocupa em atender as demandas dos guardas, fazendo parcerias com outras comissões, instituições, em prol da promoção da saúde dos mesmos. Tal atividade é um retrato para confirmar aspectos que já foram discutidos e pontuados na entrevista coletiva. Ainda, auxilia na compreensão das relações de prazer/sofrimento e saúde/doença dos GCMs, complementa tanto as discussões das entrevistas individuais (temas, relatos e categorias da AC adiante) quanto à interpretação da psicodinâmica do adoecimento dos guardas homens, orientando reflexões sobre defesa, gênero e virilidade.

5.1.2 Atividade complementar sobre saúde do trabalhador com GCMs adoecidos

*A violência é uma questão de poder.
As pessoas se tornam violentas quando se sentem impotentes.*
Andrew Schneider

Abaixo, estão os quadros que descrevem as imagens que os 9 GCMs colaram nos cartazes, bem como as frases que eles escreveram ao desenvolver a atividade. As fotos dos



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

cartazes estão nos apêndices 4, 5, 6 e 7. As psicólogas que conduziram a atividade dividiram os guardas em 2 grupos: um com 5 guardas (grupo 1) e outro com 4 (grupo 2). Todos eram do sexo masculino.

Foram distribuídas 4 cartolinas; 2 para cada grupo. Em uma cartolina, foi instruído para os grupos escreverem quais eram as fontes de sofrimento no trabalho da Guarda Civil Metropolitana e, no outro cartaz, as fontes de prazer. Cada grupo foi orientado para criar um título para os cartazes.

Quadro 12 - Descrição das imagens e frases do cartaz sobre as fontes de sofrimento do trabalho do GCM – grupo 1 (Apêndice 4)

Título do cartaz dado pelos GCMs (grupo 1): <i>As dificuldades do trabalho de guarda civil</i>	
Figura colada no cartaz	Frases (literais) que os GCMs escreveram próximo à imagem colada no cartaz
1. Super-herói	<i>A população precisa que sejamos seus heróis. Temos condições para isso?</i>
2. Bolsa de sangue	<i>Na tentativa de sermos heróis damos o sangue; para nossa corporação</i>
3. Pessoa com uma arma de fogo	<i>O desafio: trabalhamos em trabalho que necessita armamento para própria proteção do guarda – só que a corporação de 1300 guardas apenas 300 possui porte e armamento</i>
4. Um gato e um cachorro “Guia de saúde do pet”	<i>Representa o policiamento comunitário. A guarda é amiga da população</i>
5. Um homem com as palmas das mãos para frente, insinuando um movimento de calma (se defendendo)	<i>Mediador de conflitos o GCM tem que ser moderador.</i>
6. Mãos próximas ao tornozelo insinuando dor	<i>O trabalho as vezes traz dores intensas</i>
7. Um ciclista e um pedestre insinuando um desentendimento	<i>Às vezes há maus relacionamentos entre os próprios GCMs e chefias.</i>
8. Relógios (de pulso)	<i>Cargas horárias pesadas – escalas. Dificuldades para chegar nos horários p/ assumir os postos de trabalho.</i>
9. Pessoas no ambiente de trabalho	<i>Há dificuldades de entrosamento para realização do trabalho em equipe</i>

Elaborada pelo autor (2017).



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Como ilustrado acima, há 9 figuras com suas respectivas frases para explicar cada uma delas. O título escolhido por este grupo “As dificuldades do trabalho de guarda civil” e foi caracterizado por várias prescrições do trabalho deles, concebidos por eles enquanto desafiador. Destaca-se aqui a imagem do super-herói e a da bolsa de sangue. Como já registrado, o trabalho dos GCMs envolve características que constituem atividades que foram social, cultural e historicamente construídas acerca de uma masculinidade/virilidade, descritas enquanto um ser que deve proteger as pessoas, ser corajoso, forte...

O curioso é que os participantes são todos adoecidos. Reconhecer, então, que sua própria função na guarda requer comportamentos heroicos e que isso é uma fonte de sofrimento vai ao encontro da tese de que eles acionam suas defesas para lidar com o sofrimento. E, além disso, cabe questionar o tipo de defesa utilizada por eles. Ao relatarem sobre essa experiência, muitos afirmaram que não se deram conta que estavam adoecidos. Foi necessário os colegas e/ou familiares para falar que eles estavam estressados, com depressão...

Essa falta de noção de não se perceber doente, reforça a ideia de se fazer forte, valente, de ser destemido, de não reconhecer auxílio dos outros, para lidarem com seus problemas psicossociais. O que sugere a defesa da virilidade. É bem provável que muitos deles negaram o adoecimento. Mas, hoje, após o tratamento e todo o processo de readaptação que estes participantes estavam desenvolvendo, eles são capazes de perceber que essa história de bancar o herói todos os dias pode adoecer. Principalmente diante de uma organização que encontra certas dificuldades para manter a qualidade e quantidade de instrumentos e treinamentos necessários para os guardas enfrentarem os desafios diários. Desafios estes, contraditoriamente, exigidos pela própria organização. Por isso, o questionamento deles



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

próprios: eles dão o sangue, é exigido que eles sejam heróis, mas eles ficam receosos se são qualificados para atender às demandas da organização.

Tal cenário sugere, então, que ser guarda é ser herói. E ser herói na guarda implica em sofrimento e, os guardas que participaram dessa atividade relataram que, ao ocuparem o papel de herói, eles foram acionando suas defesas, seus escudos para enfrentarem o sofrimento no trabalho, desenvolvendo uma ideologia defensiva da virilidade. Assim, como negavam o adoecimento e não tinham consciência que as defesas já estavam falhando, ou seja, estavam em processo de adoecimento, eles entram, então, em um ciclo vicioso de sempre acionar a mesma defesa, se fazendo de forte, imbatível, que não poderia adoecer. Afinal, ele é um agente de segurança pública, um homem e, como um homem, ainda mais da segurança pública, ele aguenta tudo. Que aqueles episódios de desconforto, constrangimento, não era nada demais, que é natural da própria profissão. Ele, historicamente, como não aprendeu a procurar ajuda para manter sua saúde, aliena-se do seu próprio adoecimento, convencendo a si mesmo que a melhor estratégia é contar com sua coragem força e bravura todas as vezes que se sentir mal, em nome de uma defesa da honra viril.

Defendendo sua virilidade, o homem está protegido: ele protege sua honra, sua força, sua identidade social. Ele protege todos os elementos que, historicamente, os outros convenceram ele de que são motivos de glória e prestígio: pelo simples fato de ser um homem e poder exercer os papéis sociais que são exigidos deles (pai, filho, provedor, herói - protetor, valente, corajoso, honrado...). Porém, no trabalho, quando ele mostra o que ele tem (sua coragem, disposição, força...) e isso não é o suficiente para ele realizar o seu próprio trabalho, quando ele se dá conta que as prescrições e os recursos oferecidos pela organização são insuficientes para ele lidar com o real do trabalho, a defesa viril o abraça, o envolve e o protege.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Porém, parece que o uso dessa estratégia anestesia as fontes do sofrimento e aliena o sujeito do adoecimento uma vez que a base dessa anestesia é a própria negação. Então, se ele é um guarda, um homem e não consegue enfrentar os desafios do real do trabalho, ele tende a se convencer que é incompetente e vai usar sua masculinidade como escudo para suportar o sofrimento, mostrando ao outro e a si mesmo que mesmo diante de poucos recursos, ele enfrenta as adversidades e continua trabalhando defendendo os bens públicos e as pessoas. E, como abordado na imagem 3, sobre a arma de fogo, o grupo 1 denuncia que muitos precisam trabalhar desarmados em um contexto que exige arma de fogo. Ou seja, mesmo sem a organização oferecer os instrumentos de trabalho, ela exige que ele assume o papel de herói e o guarda, ao se perceber homem, destemido, nega seu sofrimento e, mesmo adoecido, pode cumprir o seu dever. Em termos de classificação das estratégias, nota-se mais o uso de estratégias de negação, logo, mais próximas da ideia de estratégias defensivas de adaptação e exploração (Oliveira & Mendes, 2014).

Para complementar o uso da ideologia defensiva da virilidade e a variável gênero como agravadora da situação perante os episódios de constrangimento no trabalho, os guardas adoecidos que participaram do grupo 1 levantaram a contradição de assumirem o papel de mediadores/moderadores. Eles argumentaram que, como muitas vezes não tinham arma de fogo, ou outro instrumento físico que impunha autoridade de segurança pública, com a *taser* (arma não letal, arma de choque) ou uma coifa (cassetete), nem sempre as pessoas respeitavam a presença dos guardas em seus postos de trabalho. E isso ocorreu, muitas vezes, porque a própria instituição não oferecia esse recurso para os guardas. Alguns precisavam comprar por conta própria e, nem todos, conseguiam economizar para adquirir um instrumento para realizar seu próprio trabalho. Assim, os integrantes do grupo 1 levantaram a questão de como seria



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

possível a guarda proteger os outros se, ela mesma, os servidores que lá trabalhavam, estavam desprotegidos.

Nota-se a situação de desamparo e constrangimento por parte dos guardas de enfrentarem o real do trabalho e ter que mediar situações desarmados. Ou, a única arma que eles tinham era o seu poder de diálogo, de tentar amenizar, apaziguar as situações do dia-a-dia dos postos de trabalho. Eles argumentaram que chegavam muitas pessoas irritadas nas escolas, creches e/ou postos de saúde e eles, os GCMs, desarmados, precisavam manter a segurança daquele lugar, muitas vezes sozinhos e sem equipamentos de proteção. Por isso, esse papel de mediador/moderador entrou no cartaz como uma “dificuldade” da profissão. Porque para eles, os guardas deveriam enfrentar situação de uma forma mais segura, usando equipamentos adequados e com o devido treinamento para tal.

E, sobre o treinamento, eles também questionaram que não recebiam treinamentos para realizar essas mediações/moderações. Gerando, então, insatisfação, angústia e constrangimento nos GCMs. Como se eles fossem invadidos por um sentimento de inutilidade, castrando todo o potencial que ele teria de mostrar sua força e coragem de proteger os cidadãos e os patrimônios da cidade. A organização, assim, tira o direito do gozo do guarda dele exercer o papel do herói, não oferecendo os instrumentos e treinamentos necessários para eles ocuparem seus papéis de guarda, de um profissional da segurança pública, de homem. Mais uma vez um contexto propício para acionar a defesa viril e desencadear adoecimentos nos GCMs. Para legitimar o impacto, o resultado deste contexto na relação saúde/doença nos guardas é que todos os integrantes da atividade são provas de que suas defesas falharam e a organização teve que elaborar uma estratégia para “recuperá-los”.

Outro elemento de destaque é que não são todos os GCMs de Goiânia que adoeceram. Mas aqueles adoecidos que participaram da dinâmica e que relataram sobre a explicação das



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

figuras, pareciam vir de um histórico no qual negaram o sofrimento e/ou o adoecimento para não perderem o cargo e se tornarem um readaptado. Pois, se tornar um readaptado, para eles, é uma prova que eles fracassaram, que não foram “homens de verdade”. Ou, de tanto resistir e insistir na ideologia defensiva da virilidade, se forçando a todo momento que conseguiria ser forte e corajoso, o escudo furou e eles adoeceram. Assim, o que eles temiam ou se esforçaram para não acontecer, acabou se tornando real. Ser um readaptado é uma concretização, então, de fracassos: enquanto guarda, enquanto homem, impactando em casa, no seu suposto papel de filho, pai, marido, provedor.

O que contrastou um pouco dos resultados da entrevista coletiva foi a dificuldade de entrosamento de alguns GCMs com a chefia. Segundo os participantes do grupo 1, às vezes há desentendimentos entre seus pares e com os chefes que são tidos como dificuldades. O que não foi percebido na entrevista coletiva. Talvez pela presença de um integrante da chefia na entrevista e, por isso, não ocorreu de os demais se sentirem a vontade para fazer o mesmo contraste que os participantes adoecidos relataram. Eles complementaram que há falhas na comunicação e conflitos de cargos, o que gera estresse e desânimo por parte de alguns. Além do fato da gestão mudar com a mudança de prefeito. Eles alegam que isso é ruim e acaba acontecendo situações de favoritismos políticos nos quais os líderes não são escolhidos pelos guardas, e sim pela gestão defendida e indicada pelo prefeito vigente (poder público – executivo – municipal).

Esse cenário por ser fonte de sofrimento e torna palco ideal para o uso de defesas para suportar a situação. Sugere-se um desgaste, então, do abuso da imposição viril, para lidar com as frustrações e constrangimentos no trabalho. Como o uso de negação e a defesa viril, aqui enquanto defesa de adaptação e exploração, acaba não sendo recursos psíquicos saudáveis para suportar e ressignificar o sofrimento, o GCM fica suscetível ao adoecimento (Baubérot, 2013;

Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Beauvoir, 1972; Bertaud, 2013; Dejours, 2007; Grenier-Pezé, 2004; Cianato & Lima, 2008; Molinier, 2004).

As demais figuras e suas respectivas descrições sobre as dores, questões psicossociais, dificuldades interpessoais, de relação de poder, de carga horária, de gestão e questões políticas da profissão corroboram com os achados de Baierle, (2007); Castro (2010); e Heloani e Silva (2006).

Quadro 13 - Descrição das imagens e frases do cartaz sobre as fontes de prazer do trabalho do GCM – grupo 1 (Apêndice 5)

Título do cartaz dado pelos GCMs (grupo 1): <i>Os prazeres do trabalho nosso de cada dia</i>	
Figura colada no cartaz	Frases (literais) que os GCMs escreveram próximo à imagem colada no cartaz
1. Duas pessoas dando as mãos	<i>As amizades que fazemos.</i>
2. As palavras e frase “sociedade; respeito; relacionamento; nosso compromisso é construir o melhor”	Sem frase(s) sobre.
3. Um homem com sacos de dinheiro e moedas em volta dele	<i>É bom recebermos o pagamento para saldarmos nossas dívidas comprar bens e ter bem-estar</i>
4. Cozinha com eletrodomésticos	<i>O dinheiro que ganhamos nos ajuda a trazer bem-estar</i>
5. Frutas e salada	<i>Alimentação saudável</i>
6. Praia com a palavra “Viagem”	<i>O GCM precisa repor as energias</i>
7. Livros	<i>O GCM gosta do prazer da boa leitura e do estudo (p/ concurso)</i>
8. <i>Laptop</i>	<i>O GCM tem prazer em atualizar-se</i>

Elaborado pelo autor (2017).

O quadro acima destaca os elementos que são fontes de prazer no trabalho dos guardas. Foram utilizadas 8 figuras e o título para o cartaz foi “Os prazeres do trabalho nosso de cada dia”. Nesta atividade, houve um problema de interpretação. Com exceção dos itens 1, 3 e 4, os



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

demais foram para expressar o que seria interessante para os guardas terem, como ideal, e não o que, de fato eles, necessariamente têm.

O item 1 retrata a amizade que é construída na guarda. Eles relataram que, apesar das dificuldades, eles têm os colegas de trabalho como parceiros/companheiros e isso é uma fonte de prazer. O item 3 é a satisfação de ter um salário. Eles reclamam que é insuficiente e menor em relação aos demais profissionais de segurança pública, mas é o salário que eles podem contar para sobreviver e agradecem por tê-lo. Além disso, comentaram que se sentem orgulhosos por serem funcionários públicos e os benefícios que tinham enquanto tal, como o benefício do acesso à saúde tanto para eles próprios quanto para os familiares, por exemplo. O item 4 é um complemento do item 3, que, mesmo pouco, eles podem usufruir do bem-estar e satisfação com o salário que recebem, adquirindo bens materiais e serviços.

O item 2 abrigou contradições. Foi comentado que eles, às vezes, são reconhecidos pela sociedade e que há respeito tanto por parte dos pares guardas quanto pela própria sociedade, mas há vezes que não. E que seria prazeroso se houvesse mais respeito e reconhecimento principalmente pela sociedade. Acrescentaram que possuem, na maior parte das vezes, bom relacionamento tanto dentro quanto fora da guarda e que eles sempre dão o melhor no trabalho.

Os itens 5 e 6 foram usados como um sonho que eles têm: da organização oferecer comidas mais saudáveis e/ou ele ter acesso à alimentação mais saudável, bem como horários e planejamento de descanso e lazer mais atrativos, justos e negociáveis, para curtir mais a família e poderem fazer cursos.

O item 7 revela um descontentamento velado pela organização. Um guarda comentou, e os demais concordaram, dizendo que muitos GCMs, por estarem insatisfeitos com as condições de trabalho e com a remuneração, ficaram e ficam estudando para concursos “melhores”. Muitos saíram, então, por serem aprovados em outros concursos. Então é

Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

prazeroso estudar para outros concursos, segundo eles, para tentarem melhores condições de trabalho, maior remuneração, melhor reconhecimento e qualidade de vida. Outros comentaram que gostam da guarda e pretendem seguir carreira lá, mesmo diante das limitações políticas e demais questões que atravessam a organização. O fator prazeroso aqui neste item seria poder lutar por melhores condições, uma vez que, mesmo que as jornadas de trabalho sejam cansativas, é possível se programar para buscar novos lugares para trabalhar (Baubérot, 2013; Baierle, 2007; Bertaud, 2013; Castro, 2010; Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994; Dejours, 2007; Grenier-Pezé, 2004; Cianato & Lima, 2008; Molinier, 2004).

Já o item 8 foi enfatizado o prazer de ter acesso às notícias, informações para acompanhar as transformações do mundo. E, na guarda, há esse tipo de estímulo.

Quadro 14 - Descrição das imagens e frases do cartaz sobre as fontes de sofrimento do trabalho do GCM – grupo 2 (Apêndice 6)

Título do cartaz dado pelos GCMs (grupo 2): <i>Desafios de ser um GCM</i>	
Figura colada no cartaz	Frases (literais) que os GCMs escreveram próximo à imagem colada no cartaz
1. Um <i>leptop</i> projetando uma imagem de dois balões de diálogo	<i>Falta de comunicação entre os GCMs dentro da corporação</i>
2. Um soldado batendo continência com a palavra “ditadura” acima	<i>Existe uma certa ditadura de alguns comandantes</i>
3. Instrumentos cortantes	<i>Falta de EPIs pertinentes a função exercida</i>
4. Pessoas uniformizadas escalando um prédio	<i>Pouco treinamento específico</i>
5. Mesa com caneca	<i>Sem mudanças nas gestões</i>
6. Cabideiro	<i>Inacessibilidade da chefia superior</i>
7. Caixa azul com objetos de decoração dentro dela	<i>Espaço físico inadequado</i>
8. Frutas fatiadas com letras, insinuando classificação/hierarquia	<i>Os benefícios são para poucos</i>
9. Mulher com equipamento de proteção (óculos) no trabalho	Sem frase(s) sobre

Elaborada pelo autor (2017).



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

O cartaz construído pelo grupo 2 para expressar a experiência que são fontes de sofrimento no trabalho contou com 9 figuras e o título foi “Desafios de ser um GCM”. Eles retrataram as dificuldades da profissão, ressaltando: 1- problemas e falhas na comunicação; 2- relações de poder e gestão rígida; 3- falta de instrumentos para realizar o trabalho; 4- falta de treinamentos em qualidade e quantidade; 5- falta de expectativa de ascensão vertical e mudanças organizacionais; 6- outra vez problemas de gestão e relação de poder, indicando fragmentação do trabalho e distanciamento dos superiores em relação aos demais guardas sem cargo de chefia; 7- injustiça organizacional; 9- está equiparado ao item 3 sobre a falta dos equipamentos/instrumentos necessários para desenvolver o trabalho.

É possível notar que o grupo 2 elencou itens que caracterizam as dificuldades políticas e de gestão da organização do trabalho na GCM de Goiânia, bem como demais fatores que são fontes de constrangimento como a qualidade dos treinamentos, que pode melhorar, assim como o espaço físico de trabalho e equipamentos. Essas características corroboram com as colocações de Baierle (2007), ao descrever sobre as condições de trabalho; Baierle e Merlo (2008), ao caracterizarem as fontes de sofrimento dos guardas; Heloani e Silva (2006) ao comprovarem os desafios de gestão e as fontes de adoecimento no trabalho dos guardas; e Jábali-Júnior (2013), ao pontuar a realidade do trabalho dos guardas e suas respectivas implicações e desafios, como a jornada de trabalho e questões de gestão.

Quadro 15 - Descrição das imagens e frases do cartaz sobre as fontes de prazer do trabalho do GCM – grupo 2 (Apêndice 7)

Título do cartaz dado pelos GCMs (grupo 2): <i>Exercício do prazer</i>	
Figura colada no cartaz	Frases (literais) que os GCMs escreveram próximo à imagem colada no cartaz



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

1. Três pessoas uniformizadas e armadas	<i>Valorização com equipamentos treinamento</i>
2. Uma pessoa armada	<i>Valorização com equipamentos treinamento</i>
3. Um texto com o título “Treinamento e seleção”	<i>Valorização com equipamentos treinamento</i>
4. Imagem da modelo Gisele Bündchen	<i>Sonho GCM</i>
5. Refeição	<i>Adequada alimentação diária: orientação</i>
6. Quatro pessoas	<i>Orientação para cada um exercer sua profissão</i>
7. Academia para exercícios físicos	<i>Sonho: academia estruturada</i>
8. Troféu	<i>Somos vitoriosos e...</i>
9. Super-herói	<i>Super-heróis</i>

Elaborada pelo autor (2017).

Para representar as fontes de prazer que os guardas do grupo 2 sentem no trabalho, eles colaram 9 figuras e deram o título ao cartaz de “Exercício do prazer”. Os itens 1, 2 e 3 foram usados para ilustrar o investimento que a guarda está fazendo com os equipamentos e treinamentos. Mesmo que a falta de equipamentos e treinamentos ainda sejam alvo de queixas, fontes de sofrimento deles, os guardas reconhecem e sentem prazer que essa situação está em processo de mudança porque eles percebem que, gradativamente, a organização está investindo nestes alvos de sofrimento e, por isso, se sentem valorizados.

O item 4 serviu para ilustrar que o guarda homem gosta de mulher bonita e bem cuidada e que isso é o sonho de todos os GCMs. Tal item é ilustrado pela ideia de que “(...) a virilidade social se capitaliza no registro da identidade sexual e confere segurança, prestígio, esperança de sucesso com as mulheres àquele que é reconhecido pelos outros homens como um deles (Molinier, 1997, citada por Grenier-Pezé, 2004, p.13). Ainda sobre sonhos, como no grupo 1, houve uma falha na interpretação e eles argumentaram que seria um sonho poder se alimentar melhor na organização, no item 5. A mesma lógica se repetiu nos itens 6 e 7.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Acrescentaram que, mesmo sendo muito difícil ser um GCM da região metropolitana de Goiânia, eles se sentem vitoriosos (item 8) e se consideram um super-herói e que é prazeroso ocupar tal papel, de poder ajudar os outros, de salvar os outros, combater o crime... O que foi apontado pelo grupo 1 como fonte de sofrimento.

Os grupos 1 e 2 se aproximaram sobre as percepções de vivências de prazer e sofrimento de trabalhar na GCM de Goiânia. Enfatizaram aspectos de sofrimento vinculados às prescrições, à precarização das condições de trabalho e às relações grupais e de poder. Já em relação às vivências de prazer, destacaram o orgulho de ser um guarda, de poder proteger/salvar vidas e proteger os monumentos, prédios, instalações e patrimônios públicos da cidade. Apontaram, também, contradições que ora são fontes de prazer, ora são fontes de sofrimento como a falta de equipamentos e treinamentos. Mas a organização está se mobilizando para novos investimentos e ocupar o papel de herói. Ao passo que é complicado, difícil e, muitas vezes, os guardas se sentem despreparados, desqualificados, sem os devidos treinamentos e instrumentos de proteção e/ou armamento, também é prazeroso quando conseguem reverter uma situação de perigo e poder perceber e sentir o reconhecimento dos pares e da sociedade quando salvam ou protegem alguém e/ou algum bem público (Baubérot, 2013; Baierle, 2007; Bertaud, 2013; Castro, 2010; Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994; Dejours, 2007; Grenier-Pezé, 2004; Cianato & Lima, 2008; Molinier, 2004).

5.2 Entrevistas individuais com GCMs adoecidos e não adoecidos

O homem é dono do que cala e escravo do que fala.
Freud

Após a coleta dos materiais teóricos, análises documentais, visitas ao campo, conversas informais, entrevista coletiva e as atividades com os cartazes, pensamos em aprofundar na



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

compreensão do fenômeno da psicodinâmica do adoecimento dos guardas homens adoecidos e não adoecidos, realizando entrevistas individuais semiestruturadas. Assim, mergulhamos nas falas dos sujeitos homens, buscando os significados e sentidos que eles atribuíam à organização do trabalho e o impacto dela no processo da construção das estratégias de defesa e/ou, até, do próprio adoecimento. As entrevistas foram categorizadas conforme ilustrado a seguir, com diferentes temas para ambos os grupos e com 7 categorias provenientes da AC com os GCMs adoecidos e 11 com os não adoecidos, e suas respectivas frequências (F).

5.2.1 Entrevistas individuais com GCMs adoecidos

Os guardas adoecidos (GCMs 1, 2, 3, 4, 7 e 8) geraram os temas abaixo para interpretação das entrevistas (que são apresentadas e discutidas a seguir e, para ilustrar tais temas, há a contextualização com as categorias e algumas amostras com as falas deles):

Quadro 16 - Temas da Análise de Conteúdo (AC) dos guardas adoecidos

- Negação do sofrimento e da doença;
- Constrangimento causado pela organização – falta de recursos e treinamentos para lidar com as demandas do trabalho;
- Precarização no trabalho;
- Força e aspectos positivos nas relações com os colegas e chefia no trabalho;
- Falta de reconhecimento da sociedade;
- O argumento como arma/instrumento de trabalho;
- Constrangimento da ineficiência da política de repressão contra os problemas sociais de violência;
- Falta de reconhecimento da sociedade;
- Racionalização e relação gênero/defesa de virilidade x saúde psíquica no trabalho;
- Implicações do atestado que suas defesas falharam e você fracassou no trabalho;
- Atestado que legitima seu fracasso; formas de enfrentar;
- Masculinidade/virilidade;
- Armamento/defesa de si e dos outros;



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Já as categorias a partir da AC dos guardas adoecidos e suas respectivas frequências e resumos estão na tabela (2) abaixo. Cada AC é detalhada e discutida a seguir, complementada por alguns relatos.

Tabela 2 - Categorias a partir da Análise de Conteúdo dos guardas adoecidos

Categorias	F	Resumo das categorias
1	65	O trabalho da Guarda Civil Metropolitana e seus empecilhos
2	48	Antecedentes do adoecimento
3	43	Processo de adoecimento, sintomas e tratamento
4	39	Consequentes do adoecimento
5	25	Apoio de terceiros, estratégias de superação e atual situação
6	23	Relação com colegas e chefia e satisfação no trabalho
7	17	Visão da população sobre a Guarda Civil Metropolitana

Elaborada pelo autor (2017).

Categoria 1: O trabalho da Guarda Civil Municipal e seus empecilhos

*Há dois momentos na vida de um homem em que não se deve especular:
quando não tem os meios e quando os tem.*
Mark Twain

Nessa categoria, os participantes relatam suas diferentes funções na Guarda Civil de Goiânia, apontando os principais impedimentos para a sua plena execução. São descritos trabalhos administrativos, em unidades de saúde, na casa de acolhida cidadão, em escolas e em policiamento comunitário.

O trabalho desenvolvido na casa de acolhida cidadão consiste em aguardar do lado de fora e solucionar eventuais problemas que venham a acontecer, uma vez que afirmam que, em decorrência de conflitos com o SEMAS e a distribuição da verba pública, a função de manterem os registros de entrada e saída do local e fazer a revista dos frequentadores lhes foram tiradas.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Uma outra tarefa relatada é a de fazer pesquisa sobre alguns cidadãos a pedido dos servidores da educação social, o que ocorre esporadicamente, sem treinamento prévio e apoio progressivo por parte da organização.

O trabalho realizado no hospital é feito por duplas ou trios de guardas. Os mesmos não portam arma de fogo, apenas arma de choque (*taser*), a qual deve ser utilizada apenas em casos de surto. O trabalho neste local é descrito como tenso, devido à dificuldade em discernir entre ajudar os funcionários ou os pacientes, quando em situações de conflito.

O trabalho feito no SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência) e no pronto socorro psiquiátrico é descrito no que tange às suas dificuldades, quanto à contenção de pacientes psiquiátricos. Isto devido ao fato de que havia orientação de não intervenção pelos próprios profissionais de saúde, porque isso acabaria por agravar a situação.

O trabalho desenvolvido em ambiente administrativo consiste no agendamento e na liberação das férias dos guardas, no recolhimento de atestados médicos e no despacho de documentos. O pequeno número de funcionários é apontado como o principal empecilho para sua execução, resultando no atraso no desenvolvimento das tarefas e insatisfação dos guardas. O trabalho administrativo é caracterizado como menos estressante do que o operacional (e, por isso, os readaptados são orientados a ocuparem atividades/cargos administrativos, segundo os entrevistados); uma vez que no primeiro, a cobrança vem apenas de seus superiores e seus pares, enquanto na segunda, a cobrança vem também da imprensa e da população em geral. Há queixas da falta de treinamento e orientação específica para trabalhar em locais como estes.

Todos os guardas adoecidos que foram entrevistados (GCM1, GCM2, GCM3, GCM4, GCM7 e GCM8), que ocupam os cargos administrativos por estarem em processo de readaptação, ou o que estava de licença (GCM 2) ou afastado (GCM3) tiveram que lidar com esse contexto – de sofrimento, constrangimento e impotência. Além disso, é percebida maior



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

produtividade e menor sentimento de impotência, as tarefas iniciadas e finalizadas dentro das ocupações não administrativas. É apontada a incoerência de que alguns trabalhadores administrativos portem arma de fogo e outros que fazem patrulha ou policiamento comunitário não a possuem, o que abriga uma contradição da organização do trabalho, legitimando, uma vez mais, a falta de suporte, a situação de constrangimento e medo, eliciando a ideologia defensiva da virilidade para lidar com os desafios da organização do trabalho.

Notamos, então, situações que envolvem o sentimento de impotência, constrangimento e ameaça da imagem masculina e da virilidade. Esse cenário sustenta a visibilidade do fracasso da utilidade dos guardas de ocuparem o papel de herói e das suas identificações masculinas ao encontrarem, no trabalho, uma configuração na qual há a falta de suporte e reconhecimento. Tal cenário é propício para a defesa da virilidade e, mais uma vez, eles são invadidos por um sentimento de impotência e constrangimento que culminaram em adoecimento. Os participantes também relataram a dificuldade de reconhecer que estavam adoecidos, negando seu sofrimento e próprio adoecimento, para evitar o constrangimento de ser concebido como fraco, impotente, incapaz.

Categoria 2: Antecedentes do adoecimento

Todo o homem é culpado do bem que não fez.
Voltaire

Nessa categoria estão contidos os antecedentes do adoecimento, situações que são apontadas como fatores que causaram ou intensificaram os sintomas. Com exceção dos participantes GCM1, GCM2, GCM7 e GCM8, todos os demais apontaram condições de trabalho como antecedentes do adoecimento. GCM1, que tinha um problema de drogadição, nega que a dependência tenha a ver com situações de trabalho. GCM2 aponta problemas de



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

relacionamento como antecedente do adoecimento. GCM7 sofreu um acidente de trânsito e GCM8 afirma que a instituição não é causadora desses problemas nos guardas, mas eles que levam esses problemas para o trabalho. Ele nega que o estresse no trabalho possa acarretar em estresse em casa. Uma das características da negação é se culpar por não ter tido êxito, no caso, de ter o controle emocional e não ficar estressado.

Percebe-se que a defesa da virilidade e o processo de negação envolve a alienação e o fortalecimento da ideologia defensiva da virilidade e, em termos de classificação, se aproxima mais de estratégias adaptativas e exploratórias (Oliveira & Mendes, 2014). Ao acionar suas defesas individuais e coletivas da virilidade, por estar cercados, em sua grande maioria, por outros guardas homens, se força e se cobra para não demonstrar fraquezas, que não sofre, nem adoece. Por isso, frente aos episódios de sofrimento, por não poder realizar o trabalho, por não receber os devidos treinamentos e instrumentos oferecidos pela organização do trabalho, e terem que lidar com mediações de conflitos todos os dias, sem ter o devido preparo e sem um espaço de escuta coletivo para tentar ressignificar seu sofrimento, ele acionará o único escudo que o protege: sua masculinidade/virilidade. Se fazer de forte e negar seu do sofrimento, então, se torna um fim em si mesmo.

E, todas as vezes que ele passar por essa situação, terá dificuldades de detectar o sofrimento e negará ajuda pois, para ele, está tudo bem. Parece, então, que o processo de negação e alienação atravessam a psicodinâmica do adoecimento dos guardas, quando acionam a estratégia defensiva da virilidade, desenvolvendo, assim, uma ideologia defensiva que aprisiona o sujeito em uma espiral na qual ele sempre recorrerá à mesma estratégia para manter sua honra viril. Ele não é incapaz de perceber que seu escudo está furado, que a defesa falhou. Por isso, recorre a uma ideologia, uma falsa sensação que pode salvá-lo daquela situação de angústia, de constrangimento.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Entre os fatores do trabalho que são antecedentes do adoecimento, destacam-se: falta de treinamento para lidar com situações difíceis e insegurança; atmosfera estressante no trabalho de patrulha e nos postos de trabalho, por estar lidando diretamente com a população; escala 12 horas de trabalho por 36 horas de descanso, que compromete os finais de semana, os momentos de descanso e de lazer, prejudicando a distinção entre espaço e tempo de trabalho e espaço e tempo de casa; sentimento de impotência, devido à persistência dos problemas de segurança; cobrança e treinamento excessivos e cansaço mental. O que configura em constrangimento e o uso da ideologia defensiva da virilidade para tentar suportar os problemas (Baubérot, 2013; Baierle, 2007; Barros & Mendes, 2003; Bertaud, 2013; Castro, 2010; Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994; Dejours, 2007; Grenier-Pezé, 2004; Cianato & Lima, 2008; Molinier, 2004). O participante GCM3 ressalta a importância dos administradores se atentarem para o bem-estar dos trabalhadores, a partir de uma visão sistêmica, em detrimento da valorização excessiva da produtividade (Gaulejac, 2006; Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994; Dejours, 2007; Barros & Mendes, 2003; Mendes, 2007).

Categoria 3: Processo de adoecimento, sintomas e tratamento

Um soldado que não quer lutar, não serve.
Logan – o filme (Mangold, 2017).

Esta categoria trata das doenças pelas quais os participantes foram acometidos. Dentre elas: dependência química, depressão, estresse, síndrome do pânico e AVC com hemiparesia. Existem relatos também de comportamento agressivo.

Todos os participantes mencionam tratamento psicológico e/ou psiquiátrico, após o alerta de terceiros para eles se darem conta que estavam adoecidos. O participante que relata



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

comportamento agressivo declara passar por tratamento neuropsicológico e sendo que outros dois participantes tiveram que recorrer à internação. Um destes participantes descreve a experiência na clínica, que atende principalmente agentes de segurança pública, como agradável. Diz que sempre há profissionais disponíveis para ajudar, que realizava 5 refeições diárias e cita atividades físicas e de integração desenvolvidas, como o bingo. Um participante se revela inseguro em relação ao uso de medicamentos psiquiátricos, acredita que eles apenas “maquiam” os sintomas, não curando a doença (Dunker, 2011; Mendes, 2007).

Nota-se aqui que as estratégias defensivas frente aos constrangimentos causados pela organização do trabalho poderiam ser amenizadas ou, até mesmo, ressignificadas como foi abordado a experiência de um dos participantes na clínica. Mas como a organização, predominantemente masculina, estimula episódios de constrangimento aos quais os guardas são empurrados para uma estratégia viril de resolver seus problemas, acabam ficando mais vulneráveis ao adoecimento (Barros & Mendes, 2003; Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994; Dejours, 2007; Grenier-Pezé, 2004; Cianato & Lima, 2008; Molinier, 2004).

Categoria 4: Consequentes do adoecimento

Esta categoria revela que todos os participantes tiveram que ser afastados de suas atividades originais. Alguns demonstraram esse desejo espontaneamente, a outros houve a necessidade de solicitação por supervisores. Alguns participantes ficaram um tempo afastado de qualquer trabalho na guarda, e depois voltaram para o trabalho operacional. Outros foram afastados para funções administrativas e pretendem voltar a seus postos de origem, e outros ainda foram readaptados, isto é, perderam suas funções originais e ganharam uma nova função, no administrativo. Os participantes relatam que a readaptação atrapalha a progressão da carreira.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Assim, os readaptados podem se tornar um sinônimo de punição por ter fraquejado, por ter fracassado, por ter adoecido. Ele ganha um atestado que comprova que ele fracassou, que não foi forte o suficiente, que não foi “homem” e, por isso, deve ser desviado da sua função viril de super-herói, de poder salvar e proteger as pessoas. De usar armas e policiar as ruas, praças, escolas, postos de saúde... (Baubérot, 2013; Bourdieu, 2003)

A organização, então, castra o sujeito. Impedindo-o de ter acesso a uma das suas fontes de prazer: ser homem, viril, ser reconhecido por sua força, coragem e bravura, para assumir o seu oposto; fazendo serviços menos perigosos, que não exige as competências do super-herói, não precisa usar armas, etc., facilmente associado à uma impotência viril no trabalho. Assim, o uso da ideologia defensiva da virilidade é disparado para reconquistar sua honra perante aos colegas e familiares a partir do resgate dos benefícios e progressão que foram prejudicadas por causa do adoecimento.

Outras consequências negativas citadas foram: prejuízos nos relacionamentos (amizades, de trabalho e familiares), divórcio, tornar-se dependente de terceiros, dívidas, outras doenças como obesidade e depressão e perda de credibilidade pela instituição que, por exemplo, retira a autorização de porte de armas de guardas que procuram ajuda psiquiátrica. Marcando, então, mais episódios de dessubjetivação, impotência, constrangimento, sofrimento e fracasso.

Houve relato de que, após a readaptação para uma função administrativa houve necessidade de aposentadoria, uma vez que o adoecimento se revelou muito severo. Não conseguiu a aposentadoria integral e isso comprometeu muito o salário e hoje ele tem dificuldades em pagar o aluguel e os medicamentos. Neste contexto, há percepção de injustiça no que tange a aposentadoria não integral, uma vez que relata postura ética, trabalhadora e competente antes do adoecimento. Revela que essa determinação deveria ser feita mediante



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

análise da vida pregressa do indivíduo. Relata que os erros cometidos não foram por negligência e que sempre buscou conhecimento e foi comprometido com o trabalho, independentemente do salário.

Nota-se uma organização do trabalho rígida com aqueles que “fracassam”, que não conseguiram lidar com os desafios da realidade da profissão. Reforçando a ideia de punição com os adoecidos sendo que, a própria organização, que propicia os contextos de sofrimento, constrangimento, impotência e adoecimento, como descrito no relato acima (Barros & Mendes, 2003; Cianato & Lima, 2008; Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994; Dejours, 2007; Grenier-Pezé, 2004; Molinier, 2004).

Esta categoria revela ainda que há relato de constrangimento e medo de revelar aos pares sobre sua condição de adoecimento, desenvolvendo um certo receio de interações sociais, havendo contradição da condição de adoecimento com a imagem forte na qual demonstravam. Houve relato de rejeição após o retorno ao trabalho, mesmo quando este se dava em outro espaço. Torna-se propício, então, a analogia de um homem que “não dá conta do recado, é fraco” (Guillet, 2013) e perde prestígio e respeito no coletivo de trabalho, reverberando, mais uma vez em sofrimento, constrangimento, impotência e adoecimento. Entendo que a psicodinâmica do adoecimento nos cenários descritos acima se dá a partir das situações de constrangimento e sofrimento causadas pela organização do trabalho e que são enfrentadas pelos guardas homens a partir de estratégias defensivas coletivas e individuais da virilidade, nas quais aliena e nega a condição de adoecimento no trabalho (Cianato & Lima, 2008; Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994).

Categoria 5: Apoio de terceiros, estratégias de superação e atual situação



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Os temas incluídos nessa categoria são: apoio de colegas de trabalho, incluindo chefia, de familiares e da própria instituição na superação da doença; estratégias de superação individuais; apoio religioso; mudança de moradia e atuação situação de trabalho.

São citados os serviços de saúde oferecidos aos servidores, como planos de saúde, o IMAS, serviço de psicologia, de psiquiatria e as casas de repouso. A terapia foi citada como importante agente na superação do adoecimento.

Uma postura otimista, “viver um dia após o outro”, ocupar o tempo com tarefas rotineiras e boas amizades e se envolver em atividades espirituais foram outras estratégias enunciadas. Além disso foram apontadas que o suporte familiar, da área de psicologia e religioso da guarda, do Centro de Reabilitação e Readaptação e dos colegas foram fundamentais para que a ajuda fosse solicitada e alcançada.

Há relato de participantes que retornaram normalmente ao trabalho, outro que desenvolve atividades administrativas e outros que desejam voltar a atividades desenvolvidas anteriormente.

Um dos participantes apresenta com dificuldades financeiras para pagar o aluguel, os medicamentos e os cuidados com o filho de 11 anos. Mudou-se para ficar mais perto da família, da igreja, onde pretende arrumar outro trabalho e procurar um serviço de psicologia. Conta que a irmã o telefona bastante para saber como está, principalmente devido aos efeitos da medicação. Diz que mesmo que ele perca sua casa por não conseguir pagar o aluguel, ele precisa estar ali, porque está em busca de sua própria melhora.

Esta categoria evidencia que o apoio do coletivo de trabalho, suporte dos colegas, bem como outras estratégias para enfrentar o sofrimento e o adoecimento no trabalho é possível. Mas eles só se dão conta disso porque estão na condição de “doentes”. Ou seja, eles precisaram desgastar ao máximo o escudo da virilidade para perceberem que poderiam contar com a ajuda



dos seus pares e, até mesmo, com algumas estratégias oferecidas pela própria organização. Nesta passagem, mostra também a eficácia da equipe de saúde e assistência social da guarda, quando os guardas aderem aos programas e frequentam regularmente.

Tal descrição vai ao encontro dos estudos de masculinidade, ao descrever a dificuldade que os homens têm de reconhecer que estão doentes, pedir ajuda, ou cuidar da sua saúde. Corroborar, então, com a concepção de masculinidade apontadas por Almeida (2001); Almeida (1995); Botton (2007); Bourdieu (2003); Machado (2004); Machin et al. (2011); Mennitti (2014); Muszkat (2011); Nascimento (2011); Salvagni (2013); Silva (2000); e Viana e Ferrarini (2016).

Categoria 6: Relação com colegas e chefia e satisfação no trabalho

Esta categoria revela que, no geral, os participantes relatam um bom relacionamento com os colegas de trabalho e com a chefia e satisfação com o trabalho. São citados apenas alguns problemas, como: excesso de chefes para pouco subchefiados e pressão psicológica decorrente disso; assédio moral de colega de trabalho sobre um dos participantes adoecidos e alguns conflitos com o chefe e colegas por parte de um dos participantes com comportamento agressivo. Há relato de melhoria na relação com os colegas após o tratamento, apontando, também, falhas e êxitos; e fragilidade das estratégias organizacionais de lidar com a relação saúde/doença dos guardas.

Denota, ainda, a relação de masculinidade/virilidade, pelo fato de os homens se reconhecerem em bandos e que precisam de “plateia” para expressar sua virilidade, coragem, astúcia e força, e, também, as relações de poder; com possíveis disputas, competições e insatisfação entre os diferentes níveis hierárquicos, a relação de dominação e obediência e o constrangimento velado, oculto ou explícito que é fruto dessa última relação.



Categoria 7: Visão da população sobre a Guarda Civil Municipal

*O orgulho mais inacessível nasce
principalmente de uma impotência.*
Paul Valéry

Esta categoria revela que os guardas se sentem altamente cobrados pela população, que pouco compreende as funções da guarda civil. Quando estão nas ruas, os guardas se sentem obrigados a atender aos pedidos dos cidadãos, mesmo que o que for solicitado não configurar como função da guarda. Há relato de que a guarda ganhou maior visibilidade quando houve um grande aumento do efetivo, havendo inclusive conteúdo televisionado a esse respeito. Houve relato que o quadro será ainda maior, com a possibilidade de um novo concurso. No entanto, é manifestada também a percepção de que parte da população desvaloriza o trabalho da guarda, referindo-se ao trabalho como algo que é sem importância e que não demanda esforço.

O trabalho da guarda, então, fere os princípios básicos de masculinidade/virilidade fragilizando os guardas homens de serem vistos e concebidos como os “guardinhas”, que “não servem para nada”, que “não são nem policiais, a maioria não tem arma” e/ou não são qualificados para ocuparem o papel de profissional de segurança pública (Baierle, 2007; Castro, 2010), tornado suscetível à ideologia defensiva da virilidade (Cianato & Lima, 2008; Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994).

Porém, contrastaram argumentando que há vezes que as pessoas recorrem aos guardas por ajuda. Nestes episódios, sim, eles ocupam o papel de herói. Mas quando falham ou não são acionados, é tirado dele essa possibilidade de ser o herói. Esses contrastes, geram estresse por parte da guarda municipal, acompanhados de angústia, desamparo e constrangimento ()



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Ressalta-se nesta categoria a importância da conscientização da população acerca da função dos agentes de segurança municipal, por meio da própria instituição ou da prefeitura. Afirma que a população não reconhece a guarda municipal como agente de segurança pública por ser uma instituição nova e por não ser uma força policial como apontado nos estudos de Lima (2015); Paula (2010), Baierle (2007), Castro (2010); Heloani e Silva (2006); Lima (2015) na constituição federal de 1988 e nas leis 9.354/13 e 13.022/14.

Para complementar a configuração das categorias, relacionando a organização dos trabalho, gênero masculino, virilidade e a psicodinâmica das defesas, apresentamos adiante as falas de alguns GCMs adoecidos. Nos relatos, observamos que os participantes descreveram a organização do trabalho da GCM de Goiânia como contraditória: apesar de ser um local de trabalho no qual o coletivo é fortalecido e os GCMs têm, em geral, uma boa relação entre os colegas de trabalho, por outro lado, a instituição exige deles ações que eles não têm ou não tinham preparo ou recursos para tal (Gaulejac, 2006).

Os GCMs 2 e 3 reconheceram que adoeceram no trabalho, argumentado que a configuração do cotidiano das atividades era muito estressante/tensa (fonte de sofrimento e doença) e se sentiam inseguros ao terem que ir ao posto de trabalho sem o preparo necessário. O participante GCM1 nega que adoeceu no trabalho. Ele colocou que já possuía alguns problemas afetivos e dependência química antes de ingressar para a guarda. Acrescentou que continuou a ser dependente químico, mesmo trabalhando na área de segurança pública. Ele disse que o maior medo dele era que descobrissem que ele era usuário de drogas.

A ilustração abaixo (17) retrata a perspectiva do GCM1 sobre seu adoecimento e a relação que ele estabelece com seu sofrimento e seus vínculos pessoais e profissionais.

É possível notar que o GCM1, apesar de não reconhecer que seu adoecimento é proveniente do trabalho, ou que seu adoecimento não possui relação com o trabalho, ou até que

Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

foi agravado devido às circunstâncias do trabalho, ele relata uma situação de constrangimento no trabalho.

Quadro 17 - Relato do GCM1 sobre quando percebeu que estava adoecido

GCM1

... não tem nada ligado uma coisa com a outra... né? Então, é... eu pensei que eu não estava bem a partir do momento que as pessoas ficaram sabendo. Antes parece que eu levava tudo muito tranquilo, não me afetava no trabalho num (sic)..., era uma coisa que, né!? ...infelizmente eu fazia uso do prazer daquilo. Só que depois que as pessoas descobrem, seu psicológico fica abalado, então aí você começa a desenvolver um certo tipo de medo, certo tipo de aversões de estar com as pessoas e... tudo isso. Então, assim..., foi bem ruim, nesse momento quando descobriram. Alguns amigos descobriram, alguém da família e do trabalho... aí foi! Aí... desandou totalmente, foi desse momento... Então, mas eu escondi isso e ninguém sabia, nem da família, nem amigos, nunca compartilhei isso com amigos. Descobriu através de conhecido, né? Mas é uma coisa que eu convivia no meio deles não levava ninguém não, sabia? é... as pessoas não sabiam, então quando descobriram não acreditavam..., Então quando as pessoas descobriram... Hoje eu já consigo levar numa boa. Eu já... aprendi a não ter vergonha, né? De que isso é um problema, todo mundo enfrenta algum tipo de problema... então né? Eu tenho que olhar pra frente e o problema e a dificuldade que passei eu tô (sic) lidando, eu tô (sic) aprendendo e... e tô (sic ... esperando que, com certeza é..., eu vá (sic) ficar melhor a cada dia.

Elaborado pelo autor (2017).

O participante acrescentou que depois que as pessoas descobriram uma informação na qual tinha medo que os outros soubessem pela possível vergonha que poderia causar, ele disse que foi a pior parte e que isso impactou na dimensão psicológica dele. No caso, ele ficou impactado, abalado quando os outros descobriram algo que era fonte de sofrimento e vergonha para ele. Ou seja, ser usuário de droga seria sua “fraqueza”. Uma fraqueza que ele escondia.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Ele também disse que pelo fato de ser um profissional que cuida da segurança pública reforça ainda mais o espanto por parte dos familiares, alguns amigos e o pessoal do trabalho ao saber o segredo dele. Esse relato também reforça a psicodinâmica do adoecimento do guarda homem ao lidar com as situações de constrangimento no trabalho e o esforço de esconder ou inibir seus sofrimentos, suas fraquezas, se fazendo de forte, valete, viril (Baubérot, 2013; Caniato & Lima, 2008).

Como o homem é concebido como progenitor, protetor, forte, valente, corajoso, etc., o entrevistado GCM1 demonstra que seu papel enquanto homem foi ameaçado tanto na dimensão pessoal quanto na dimensão profissional. Para ele, usar drogas, seria um sinônimo de fraqueza, e, logo, motivo para se sentir envergonhado diante seus familiares e seus pares (os demais guardas). Recorrer à substâncias tóxicas seria uma prova que ele fracassou ao enfrentar seus problemas. Assim, ele deve lidar com o constrangimento causado pela situação, de assistir sua virilidade e seu papel enquanto homem e guarda ameaçados. Para lidar com o sofrimento, recorre às drogas, principalmente a bebida alcoólica, para minimizar a dor, típico de uma defesa viril cultural entre homens (Baubérot, 2013).

O GCM2 relata sobre o sentido que seu trabalho tem, bem como demais características sobre o processo de adoecimento no trabalho (ilustração 18).

O GCM2 relatou que se sentiu angustiado, dividido, estressado, constrangido e desamparado no trabalho, uma vez que suas atividades exigiam dele uma formação que ele não tinha para oferecer para resolver as fontes de sofrimento e conflito no trabalho. Ele desejava oferecer ajuda e proteção, em diferentes circunstâncias, para os cidadãos que necessitavam do serviço de saúde e para os demais servidores públicos do posto de trabalho,

Quadro 18 - Relato do GCM2 sobre a falta de preparo e adoecimento no trabalho

GCM2

É um.... tenso, né?! É um trabalho tenso porque eu trabalho em um hospital, né?! É tenso porque tem muita gente reclamando da saúde pública... [breve pausa] cê (sic) tá lá... Cê (sic) fica em dúvida porque cê (sic) não sabe se você protege os funcionários, que tratam mal as pessoas, ou cê (sic) protege o usuário que é a principal coisa do sistema de saúde, né?! (...) é por isso que eu falo: “é uma faca de dois gumes”; cê (sic) não sabe se protege um, ajuda um, ou o outro. A gente tem que entrar em um consenso. Pa (sic) você vê as duas partes, mais ou menos iguais. Porque é muito estranho você está vendo, assim, uma pessoa sofrendo e o pessoal de lá já... como se diz assim, ... não está nem aí se a pessoa está sofrendo. Entendeu? Então eu tô (sic) lá vendo o sofrimento da pessoa e quero ajudar elas... mas eu tenho que ajudar os ... porque eu sou pago para isso, né? Para ajudar as pessoas no posto de saúde. Por isso que eu falo que assim: é um trabalho muito esquisito, assim, é um trabalho muito tenso.(...) eu adoeci no trabalho. (...) deu depressão, estresse... (...) fui afastado e fiquei internado 3 meses.

Elaborado pelo autor (2017).

mas se sentia impotente ao ocupar o posto de trabalho dele. Como resultado da tensão vivida no trabalho, ele afirmou que adoeceu e precisou ficar internado durante 3 meses.

Notamos que, a partir do relato do GCM2, que a organização do trabalho foi quem desencadeou e agravou o adoecimento psicossocial dele, em forma de estresse, seguido de depressão. Inicialmente ele nega o sofrimento e o adoecimento. Depois de acatar a ajuda da



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

equipe do trabalho, conseguiu entrar em um processo de ressignificação do sofrimento no trabalho, principalmente, porque, segundo ele, o fato de ser pai impactou muito ele ao ponto dele se esforçar mais para se recuperar. Ele mostrou a filha, recém-nascida (2 meses, na época da entrevista), durante a entrevista (ele estava afastado, quando a entrevista foi realizada).

Retomamos, então, à uma questão de gênero ao depararmos com a psicodinâmica da defesa utilizada pelo GCM2. Sua virilização, seu papel de pai, provedor, de ser o “homem de verdade” foi utilizado para se proteger da possível desonra que sofreria ao ter que ser um pai que fracassou em seu papel de ser o provedor, de proteger a sua filha recém-nascida, de ser o “homem da casa”. Mesmo adoecido, a ideia de ser um pai que não protegeria ou cuidaria da sua filha e esposa, seria insuportável. Como se já não bastasse a autocobrança e culpa por estar afastado, castrado por não exercer o papel de herói, de homem, da sua própria profissão, devido ao adoecido no trabalho, simbolicamente, seria inadmissível ter um segundo atestado que comprovasse, de novo, que ele era “fraco”, “impotente”, que falhou ao ser forte, ao ser “homem”. Assim, há um espaço para a reflexão de como ele iria lidar com o fato de não poder proteger os outros, sendo guarda, e como iria guardar, proteger sua família, caso continuasse “doente”, fraco, afastado do seu trabalho que o dignifica enquanto homem.

A seguir, o GCM3 compartilha como ele adoeceu no trabalho (ilustração 19). O GCM3 ressaltou a falta de preparo para assumir as responsabilidades que eram exigidas pelo seu cargo, seus pares, seus superiores e a própria população. Ele afirmou que devia estar preparado para qualquer situação que envolvesse segurança pública, mesmo não possuindo treinamento e/ou instrumentos apropriados para uma abordagem mais ostensiva, quando necessária. Ele se sentia obrigado a fazer algo, ele era pressionado a realizar atividades de segurança usando somente o uniforme (farda). Como o trabalho dele exigia algo além do que ele poderia oferecer na época e ele não conseguia solucionar os problemas diários, ele

Quadro 19 - Relato do GCM3 sobre a falta de preparo e adoecimento no trabalho

GCM3

Para não ficar só nas palavras foi passado uma..., nos telejornais, a população foi entrevistada falando, pedindo aos entrevistadores o que eles achavam da situação dos guardas, porque foi..., era de conhecimento de todos, porque foi um grande fluxo de guardas para os postos, mas não tinha um preparo (sic) e acontecia muita ocorrência... Em todo tempo sabendo que a gente não iria, na época acho que não tinha nada, eu tinha um momento, mas no que era a favor, eu tive que de alguma forma, alguma maneira de me proteger e de dá segurança pros outros mesmo que falava assim: “ a função do guarda é..., vigilância de postos de..., posto de saúde, de educação, os prédios.” Mas na verdade quando você coloca um fardamento, essa história muda. Lá, qualquer ocorrência, ela vem diretamente em você. Não importa se é A, B, X, o que for vai direcionar a você, aí que cê (sic) tem que ter um..., está preparado para responder a um ser da sociedade, tem que... independente se você é preparado para aquilo ou não, igual falei: “você... com o fardamento, qualquer um vai te chamar”. Você é guarda. Se te ensinar, vai ficar sentado guardando um prédio. Mas se você tiver fardado, eles vai (sic) te chamar para qualquer ocorrência que for de vida, de tiro, o que for, vendo você fardado eles vai (sic) te chamar. (...) E eu não tinha arma, não tinha nada. (...) Só meu fardamento (sic). Então acho que a situação minha foi surgindo alguns outros problemas pelo serviço ou para algumas outras coisas, que não tinha, mas veio aparecendo... eu me coloco nisso, foi uma ansiedade, eu senti uma falta de preparo. Foi isso! Foi crescendo essa ansiedade e foi com o tempo... eu passei até... eu ir ao médico veio a diagnosticar síndrome do pânico.

Elaborado pelo autor (2017).

Na entrevista, ele acrescenta que sentia vergonha, se sentia constrangido de assumir uma responsabilidade que era criticada pela população. O GCM3 argumentou que muitas vezes, ele e seus colegas, foram alvo de piadas e constrangimentos por parte da população que questionava a utilidade dos guardas de prestarem o serviço de segurança sem treinamentos e



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

recursos apropriados. Como o GCM3 afirma, muitas pessoas, diariamente, abordavam e solicitavam o serviço deles, na esperança deles poderem solucionar, principalmente, atos de violência em relação ao patrimônio público dos postos onde trabalhavam. Mas isso não era possível pois eles só ficavam de vigia, sem abordagem ostensiva.

Para exemplificar, o GCM3 relatou um episódio no qual estava havendo muita depredação e furtos de objetos dentro dos veículos do posto de trabalho onde ele atou boa parte do tempo antes de pedir afastamento, o SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência). Mesmo diante dessa situação na qual era exigida uma posição dos guardas de impedir ou punir os infratores, uma vez que eram eles os responsáveis pela segurança do local, nada podiam fazer a não ser ouvir os deboches das pessoas que reforçavam a suposta inutilidade e o fracasso do serviço da guarda de Goiânia.

Diariamente, quando o GCM3 precisava trabalhar, era difícil ocupar seu papel profissional e seu papel de “homem da casa”, principalmente, durante seu processo de adoecimento. Além de ele ter que enfrentar o desrespeito e desvalorização da população, da falta de suporte e recursos da organização e do baixo salário, ele precisou enfrentar o mesmo processo de desvalorização dentro de casa, com sua esposa. Ele disse que o adoecimento dele impactou no orçamento da casa devido aos preços do tratamento e dos remédios. Mesmo ele tendo o plano de saúde da prefeitura, ele disse que não era o suficiente para conciliar todas as despesas, o que resultou na separação dele com a esposa e o afastamento dele com o seu filho.

Segundo o relato do GCM3, foi o seu trabalho que o adoeceu. E isso dificultou muito todos os demais papéis sociais que ele ocupa e ocupava. Ele se sentiu duplamente rejeitado: pelo trabalho, que não o amparava de acordo com suas necessidades e por sua esposa e filhos que deixaram ele em uma situação de muita vulnerabilidade psicossocial. Assim, um sentimento de impotência, de constrangimento, e desamparo constituam o cotidiano do GCM3,



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

que acrescentou que no processo de assinar os documentos de afastamento, perdia direitos que diminuiriam ainda mais na sua renda mensal. O que agravou o adoecimento dele. Assim, se fazer de forte, negando o sofrimento, e se defendendo com sua virilidade o tempo todo foi necessário para suportar a realidade do trabalho, que impactou na sua figura de ser homem. Hoje ele conta com a ajuda da mãe e da irmã. Agora, a defesa falhou, e deparamos com um homem castrado simbolicamente, sem poder gozar dos seus papéis que o legitima enquanto guarda e “homem da casa” para continuar suportando os desafios da vida.

Quando os entrevistados foram questionados em relação à estratégia que usaram para enfrentarem o adoecimento, os GCMs adoecidos mostraram certa resistência de elaborar o sofrimento, mas compartilharam e reconstruíram os métodos e recursos que usaram para tal.

O GCM1 admitiu que o medo que ele sentia dos outros descobrirem que ele era dependente químico abalou “(...) o psicológico (...)” dele. Ele afirmou que quando mais amigos, familiares e colegas do trabalho ficaram sabendo, “(...) aí desandou tudo”. A ilustração a seguir detalha a fala dele na tentativa de descrever como ele fez para tentar lidar com as dificuldades do seu adoecimento.

O GCM2 disse que não percebeu que estava doente. Os colegas de trabalho e a equipe de psicologia da guarda que alertou ele de certos sintomas de um possível adoecimento. Ele disse que achava que a depressão era algo que não aconteceria com ele. Ele disse que não entendia “*desses trem (sic)*” (de adoecimento psíquico).

Quadro 20 - Relato da estratégia para lidar com o adoecimento do GCM1

GCM1

Então, na verdade é..., eu tenho que a..., aprender a lidar com os buracos que foram deixados, por que é avassalador, né? Então assim é foram vários problemas que foram deixados, é... na vida financeira, na vida emocional..., né? Então eu tenho que além de conseguir levantar e falar assim: “eu tenho que viver hoje...”, eu ainda tenho que lidar com os problemas que foram deixados [breve pausa] através da droga, é... relacionamento que foi deixado, relacionamento com amigos, é..., coisas que eu perdi, coisas que eu tive que vender, coisas que eu tive que..., pra poder me é..., ah, dívidas que eu fiz, né? Eu tenho que aprender a lidar com isso, então eu tento olhar pra frente é só isso hoje eu olho pro meu trabalho, tento lidar com minha rotina dentro de casa ocupar meu tempo com amigos bons, né? É... meu espiritual também é... a gente tá sempre falando de coisa boas e... na igreja, no centro, né? Então é isso! Dessa forma que eu consigo lidar, eu não penso muito, fico pensando assim a longo prazo, senão eu não consigo lidar. (...) Então assim, a minha melhora hoje é... está vivendo um dia após o outro, não fico pensando muito no que eu tenho que fazer, eu era muito estressado não conseguia dormir, desligado te falava eu tenho que fazer isso... tenho que fazer aquilo..., eu tenho que recuperar isso, eu tenho que tentar, aí cê (sic) não consegue.

Elaborado pelo autor (2017).

Quando tomou ciência que faria tratamento em uma clínica psiquiátrica e que ficaria internado, pensou em desistir do tratamento e fugir da clínica porque achava que aquela abordagem e a imagem que ele tinha acesso de “clínica psiquiátrica” não seria útil nem necessário para ajudar a enfrentar o adoecimento. Adoecimento esse que ele sequer reconhecia. Depois que percebeu que precisava de ajuda e, aos poucos, na clínica, percebeu, por meio de

Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

um colega da polícia militar que estava nessa mesma clínica, que, aos poucos, poderia melhorar tanto a depressão quanto o estresse.

Quadro 21 - Relato da estratégia para lidar com o adoecimento no trabalho do GCM2

GCM 2

(...) esse negócio de depressão nem sei o quê que era. Aí, uma pessoa marcou consulta pra mim. (...) Aí eu expliquei lá pra psicóloga, aí ela foi lá junto comigo, outro pessoal que faz parte da (...) da guarda... (...) Aí nós fomos lá e marquei uma consulta pra mim... aí o médico da clínica falou: cê (sic) nu (sic) tá (sic) bão (sic) não. Inclusive fui até nele hoje... (...) Fiquei afastado, por três meses. (...) Eu não conseguia dormir (...) É..., foi assim um baque porque eu tive que ficar internado... eu nem sabia o que era uma clínica psiquiátrica. (...) a sorte é que, ... é uma clínica que vai mais é o pessoal da segurança pública: bombeiro, polícia civil, militar... Encontrei um colega meu da polícia militar lá dentro. Daí eu falei: vou fugir desse negócio aqui agorinha. Vou é pular essa cerca e oh... embora. Mas o meu colega... "...não, pode ficar de boa, aqui é tranquilo..." (...) Ele passou por uns bons bocados também, sabe? (...) eu consegui enfrentar porque eu pensei que lá dentro... se eu chegasse naquelas clínicas assim... eu pensei que ia ficar amarrado, essas coisas assim. Quando eu cheguei lá dentro, vi que lá é diferente, que tem profissionais que... é uma clínica boa. (...) a gente jogava bola, fazia cinco refeições por dia (...).

Elaborado pelo autor (2017).

Como o GCM2 reconheceu em seus pares, profissionais de segurança pública, que adoecer não era algo tão distante, que havia outros homens naquela situação, favoreceu no seu processo de recuperação. Processo esse que foi reforçado por uma questão de gênero: ver que outros homens também poderiam falhar ao usar a defesa da virilidade para suportar, minimizar os sofrimentos do trabalho, se fazendo de forte, negando o adoecimento. Foi ouvindo e interagindo com os outros que ele se deu conta que poderia se recuperar e encontrar outras



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

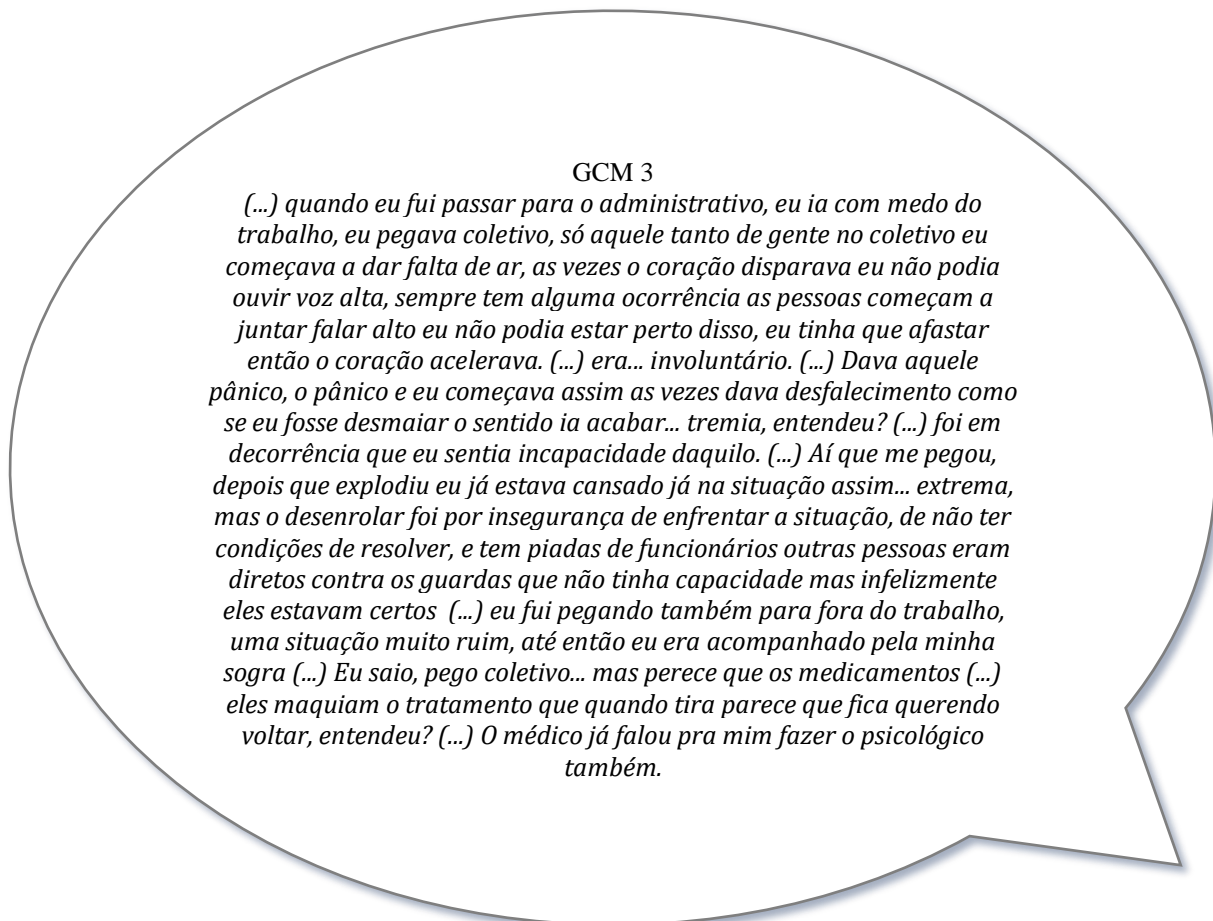
estratégias para se identificar com os recursos da masculinidade e virilidade de forma mais saudável, ao invés de negar os sofrimentos e o adoecimento, se fazendo de forte, de inabalável.

Já o GCM3, para lidar com o adoecimento no trabalho, disse que fez e faz uso de remédios. Ele acrescenta que passou no concurso e que foi convocado em 2006 e que, nesse período inicial, não tinham preparo para realizarem muitas demandas de segurança pública, principalmente as mais ostensivas como fazer rondas, deter agressores, bandidos e portar armas, por exemplo. O entrevistado reconhece que, com a nova lei federal, a 13.022 de 2014, isso mudou. Mas ele adoeceu justamente porque na época dele não havia preparo. Hoje a organização mudou e investiu muito em novos materiais, treinamentos e, até, a possibilidade de novos concursos, reconhece o participante.

Nesse processo de adoecimento, ele, em diferentes momentos, era designado a realizar atividades ostensivas no posto do SAMU. Como ele foi afastado por causa disso, a guarda ofereceu uma readaptação e ele assumiu um cargo administrativo. Todavia, ele ainda apresentava sintomas de ansiedade, pânico e insônia no trajeto de casa para os diferentes destinos que ele precisa se locomover.

Notamos que a estratégia adotada pelo GCM3 para lidar com suas fontes de sofrimento e com seu adoecimento é a partir dos remédios e, ele mesmo, reconhece que os mesmos não ajudam na origem do problema. Ele precisa, às vezes, de ajuda de terceiros para se locomover devido aos efeitos colaterais da medicação e, pelo fato dos remédios somente anestesiarem as demandas psicossociais dele. Assim, ele é destronado da sua própria autonomia, como se o trabalho tivesse dessubjetivado ele tanto como um GCM quanto como um homem. Adoecido e medicado, ele parece ainda tentar se fazer de forte, negando ajuda psicológica, mesmo indicada pelo médico, para poder usar outras estratégias talvez mais saudáveis para lidar com o adoecimento.

Quadro 22 - Relato da estratégia para lidar com o adoecimento no trabalho do GCM3



Elaborado pelo autor (2017).

Podemos ver então que os GCMs adoecidos 1, 2 e 3 relataram que suas relações com amigos e, principalmente, conjugais foram afetadas no processo de desenvolvimento do adoecimento.

O GCM1 alega que seu relacionamento amoroso acabou. O GCM2 se separou da esposa, mas hoje, depois dos tratamentos, ele assume estar melhor e, por isso, permitiu-se entrar em um novo relacionamento e casou-se de novo (já até tem uma nova filha recém-nascida, como já mencionado). O GCM3 afirmou que seu casamento não resistiu ao adoecimento dele. A



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

esposa não conseguiu lidar com ele naquelas condições e eles se separaram. Quando ele passou pela readaptação e teve melhoras, eles reataram o casamento. Porém, de novo, se separaram. Eles dividem a guarda de um adolescente de 11 anos, filho deles. O GCM3 acrescentou que se sente constrangido em ter a responsabilidade de criar seu filho separado da esposa, e enfatizou a variável financeira, dizendo que, a situação dele de afastamento não foi integral no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) e, por isso, sua remuneração foi significativamente reduzida. Assim, aumenta o desafio de ajudar na criação do filho, por falta tanto de recursos biopsicossociais (como detalhado anteriormente) quanto por recursos econômicos/financeiro.

Para complementar os temas, relatos e categorias que foram discutidos até aqui, os GCMs 4, 7 e 8, contribuem com diferentes relatos para ilustrar questões de gênero, virilidade, sofrimento e a psicodinâmica do adoecimento dos guardas homens do município de Goiânia. Sobre o constrangimento da ineficiência da política de repressão contra os problemas sociais de violência, o GCM4 argumenta:

**]Quadro 23 – Relato sobre o constrangimento da ineficiência da política de repressão
contra os problemas sociais de violência do GCM4**

GCM 4

(...) no administrativo chegou um documento para mim aqui agora, “...despacha isso...” Você faz o memorando, o ofício, você despachou, acabou o serviço. E você estando nas ruas, você jamais vai acabar com a criminalidade. Você jamais vai acabar com os problemas. Pelo contrário, né? Eles vão estar sempre lá. Você não precisa nem ir atrás deles, eles vêm até você. ... então é o tipo de serviço que você pode chegar ao final do dia com o sentimento de dever cumprido, quando você recupera um carro, você tira um bandido que está sendo..., um sentimento assim: “Poxa, hoje eu fui útil a sociedade estando na rua.” Entendeu? Hoje eu fiz o meu salário valer, hoje me orgulho, mas sabendo que o próximo plantão você vai encontrar o mesmo problema em outro cidadão, sabe? Então essa é uma coisa que você jamais vai resolver, até o momento eu não vejo situação política no Brasil. Então é aquela questão: você vem para a casa no final do dia, mas no próximo plantão você vai estar sujeito aquela situação novamente. E isso acarreta problemas de saúde no servidor dessa área. Assim... também como acontece com médicos, professores também, né? É um nível de estresse muito alto. Agora no administrativo é mais light, nesse sentindo.

Elaborado pelo autor (2017).

Complementando a interpretação sobre a falta de reconhecimento da sociedade, o GCM 4 argumenta que:



Quadro 24 - Relato de falta de reconhecimento da sociedade do GCM4

GCM 4

a própria população, a própria sociedade, não nos enxergam como agentes de segurança pública. A sociedade, pra mim, a população em geral, é um dos grandes obstáculos, sabe é um dos grandes problemas para a gente trabalhar hoje. Acho que tanto para nós quanto para polícia. Mas para nós, a gama, o peso, é um pouco maior por ser uma instituição nova. Eles dizem: "Ah! Os guardas não tem preparo." O nosso preparo de arma é duas vezes mais do que a própria polícia. Mas a maior dificuldade para mim hoje é conscientização da população que nós somos agentes de segurança pública, não estamos ali brincando, estamos ali para fazer um serviço, um trabalho digno, né? Estudamos passamos em um concurso e tal. Então acho que deveria haver um pouco mais... assim..., maior conscientização por parte da população sobre a relação guarda x cidadão. O papel da guarda na cidade, no município. A própria instituição ou órgão maior. A prefeitura deveria fazer uma divulgação maior do papel do agente de segurança pública municipal, o que é muito grande e não é tão divulgado. Mas desempenhar um trabalho... assim... primordial na segurança pública municipal.

Elaborado pelo autor (2017).

No intuito de representar o que já foi discutido sobre racionalização e relação gênero/defesa de virilidade x saúde psíquica no trabalho, o GCM7 acrescenta:



Quadro 25 – Relato de racionalização e relação gênero/defesa de virilidade x saúde psíquica no trabalho do GCM7

GCM 7

Ah..., vou te falar, viu? É um dia após o outro, sabe? Todos têm vida social, todos têm sua vida quando tira a farda e tudo, mas são pouco que procuram ajuda de psicólogos, psiquiatras, é uma terapia para que possa esvaziar aquela caixinha que vai sobrecarregando todos os dias. Eu, particularmente, procurei por isso. Mas tem muitos colegas que não procuram que vai se passando dias, meses e anos e aquilo vai acarretando, né? Mas eu acho assim: apesar que já temos... assim... Hoje, a guarda civil já tem psicólogos, tem corpo clínico muito bom. Mas são poucos que vão atrás.

Elaborado pelo autor (2017).

Sobre a consequência de se ter um atestado que confirma que se fracassou no trabalho, o GCM8 contribui dizendo:

Quadro 26 - Relato da consequência de se ter um atestado que confirma que se fracassou no trabalho do GCM8

GCM 8

Temos plano de saúde, temos clínicas psiquiátricas, clínicas de repouso... Todos ali para dar apoio para o servidor. Mas existe também na instituição essa questão... Uma vez que você procura uma clínica de repouso ou uma psiquiatria, a própria instituição já te vê com outros olhos.

Elaborado pelo autor (2017).

**Quadro 27 - Relato sobre formas de enfrentar o constrangimento;
masculinidade/virilidade... armamento/defesa de si e dos outros do GCM4**

GCM 4

Assim como outros colegas também, vieram para guarda e, por um momento e outro, precisaram de um amparo psicológico uma ajuda, e quando os nomes deles foram mandados para junta médica, foram barrados. Porque procuraram ajuda. Ou seja, quem teve passagem por clínico psiquiátrico eles entendem que não servem, não podem usar arma. É um rigor... tudo bem. Mas tem outro lado da moeda, tem muitos que nunca foram, nunca passaram e, sabe? Então eu vejo assim: uma balança. Ela é desigual nesse sentido. ...os colegas falam: “Poxa eu tô... aqui na viatura sem arma e trabalhando na rua...” (...) você não pode usar arma porque passou por clínica psiquiátrica, por tratamento psiquiátrico. (...) Aí você vê a covardia a falta de administração nesse sentido. Tudo bem... eu passei então me coloca no administrativo. Existe vários administrativos aqui que nunca foram para rua e estão armados: incoerência. (...) Se algum dia eu for enviado para trabalhar na rua, eu não vou trabalhar desarmado. Porque como eu posso dar segurança para segundos, terceiros se nem a minha própria está garantida.

Elaborado pelo autor (2017).

A partir dos relatos, temas e categorias, nota-se que o medo da impotência, de não ser forte o bastante, gera constrangimento. Para não ser visto/tido como fraco, impotente e, logo, sentir-se constrangido, arma-se de uma defesa para lidar com o medo de não ser homem, guarda, aquele que protege, aquele que cumpre seu dever e mantém sua honra. Ele defende-se com sua virilidade, negando as dificuldades, impondo sua masculinidade, seu heroísmo, sua potência - sua virilidade. Desenvolve-se, então, uma ideologia defensiva. Ele blinda sua própria defesa para ora negar ora suportar o sofrimento no trabalho (Dejours, Abdoucheli & Jayet, 1994).



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Defesa da virilidade – não é uma ação por coragem e sim uma reação ao medo... E essa reação é lida pelos outros e por si mesmo como uma ação corajosa, por isso a blindagem da defesa e a legitimação da ideologia defensiva da virilidade (Caniato & Lima, 2008; Dejours, Abdoucheli & Jayet, 1994; Grenier-Pezé, 2004; Molineir, 2004). Afinal, a virilidade é tida como uma virtude, uma qualidade positiva de um homem. Ele, então, a usa pelas consequências positivas (de se sentir e ser visto como homem, forte, poderoso), mesmo diante de recursos negativos (sofrimento, medo, não tendo o desejo de realizar certas ações/funções/cargos, para não ter que enfrentar o constrangimento de ser um fracassado e/ou ser visto ou se sentir impotente), que trazem prejuízos psicossociais para o sujeito no trabalho (Facas, 2013; Mendes, 2007). Ele, por medo da castração simbólica das consequências na carreira (perda de progressões e demais benefícios e chances de crescimento na carreira), do fracasso, da impotência, se submete ao constrangimento de se fazer de forte muito mais para evitar seus medos do que para agir, de fato, de forma heroica (Dejours, 1988; Dejours, 2007; Molinier, 2004).

Assim, o guarda civil metropolitano, para não perder sua identidade enquanto homem, defende sua defesa (ideologia defensiva – defesa da defesa), racionalizando, negando e alienando-se do seu sofrimento no trabalho (Grenier-Pezé, 2004). E como argumentam Caniato e Lima (2008), quando o homem se convence de sua coragem, ele dispensa a avaliação alheia, neutralizando o medo. Isso tem consequências perigosas para a relação saúde/doença no trabalho porque o sujeito, ao enfrentar o processo de tal neutralização, agrava o processo de negação do sofrimento (Machin, 2011), não possibilitando o reconhecimento de ajuda e recursos para sua saúde psíquica, potencializando o adoecimento psíquico, já que o próprio sujeito se convenceu que aquela é a melhor estratégia para enfrentar o sofrimento no trabalho, defendendo-a, e cegando-se para outras estratégias (Salvagni, 2013).



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Um outro agravamento é que a virilidade sempre precisa de uma plateia. Uma plateia para o discurso viril, na qual os outros homens reforçam e reconhecem o poder e a força do outro. Como a defesa viril não abre brechas para o fracasso, os demais pares acabam auxiliando na cristalização da ideologia defensiva da virilidade ao elogiar, apoiar, reconhecer o colega que “tudo aguenta”, que pode tudo, que não adocece, que não procura a assistência social, que não vai a psicólogo, que não dá trabalho para ninguém, não precisa de remédios, ou auxílio para sua saúde.

A psicodinâmica do adoecimento do guarda homem possui uma analogia com o filme “Logan” (Mangold, 2017). Trata-se de um filme (longa) de ficção, drama e ação que conta a história de um personagem de quadrinho de super-heróis mutantes, os “*X-men*”. Seu verdadeiro nome é James Howlett e, após um incidente laboratorial e organizacional, seu nome foi mudado para James Logan, mas ele é conhecido, principalmente em capo de batalha e pelos demais mutantes (inimigos ou aliados), como Wolverine.

Logan/Wolverine tem superpoderes sensórios (percepção olfativa aguçada), projeta sua estrutura óssea acima das suas mãos com 3 garras afiadas (em torno de 30 centímetros cada) em cada mão, além de ser forte, resistente e ter poder de regeneração, o que possibilita, também, retardar seu envelhecimento. É conhecido por sua força, coragem e brutalidade.

Sabendo de seus poderes, principalmente o de regeneração, uma organização militar o captura para fazer um experimento laboratorial revolucionário: torna-lo em uma máquina de guerra mortal, implantando *adamantium* (uma liga metálica -fictícia- mais resistente, quase indestrutível) em sua estrutura óssea. Contando com seu poder de cura, de resistência, os pesquisadores esperavam que o Logan/Wolverine sobrevivesse e isso aconteceu, às custas de muita dor e sofrimento, ao ponto da própria organização apagar as memórias dele, adaptando-o de acordo com seus desejos, demandas e necessidades.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

No filme em questão, em longo prazo, essa nova identidade que o personagem Logan assume, após a intervenção cirúrgica/laboratorial, acaba evidenciando alguns problemas psicossociais que são negados pelo personagem, que sempre foi tido como “durão”, valente, que é resistente a tudo, que é corajoso, herói, forte, másculo, viril... Porém, seus poderes começam a dar sinais de fraqueza. O que ele era capaz de fazer e de atuar, começa a fracassar e ele nega ajuda, continuando a desempenhar sua identidade como se nada estivesse acontecendo com ele (Mangold, 2017). Continua usando seus poderes para se defender ou atacando os outros, ignorando suas limitações.

Para marcar esse sinal de fraqueza, um outro mutante (personagem também fictício), Caliban, que tem um poder extrassensorial de sentir o poder dos mutantes à distância e/ou na ausência deles, diz ao Logan: “Eu sei que você é diferente, mas há algo dentro de você que te envenena”. E acrescentou: “...você está doente por dentro. Eu posso sentir o cheiro.” (Mangold, 2017).

Logan, então, se dá conta, mais uma vez, que o *adamantium* implantado nos seus ossos, forçadamente, pela organização, estava envenenando ele aos poucos, há anos. O que o fazia mais forte (o *adamantium*), mais temível, mais mortal, mais perigoso, mais herói, mais viril, era o que estava enfraquecendo ele; adoecendo ele; matando ele. O *adamantium* (em longo prazo) fazia com que ele ficasse mais lento, mais fraco, ameaçando a postura da sua força, coragem, heroísmo e virilidade.

Porém, em nome da sua honra viril, ele continuava a se defender e a lutar, realizando os mesmos atos de heroísmo, mesmo nestas condições (fraco, impotente, etc..), maquiando seu sofrimento, negando ajuda e negando seu próprio adoecimento.

A analogia com os GCMs é justamente neste sentido, como se os guardas vivenciassem o “Mal de Logan”. A organização do trabalho dos GCMs querem implantar uma abordagem



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

mais ostensiva, exigindo deles, ainda mais, um papel de herói, mais forte, mais valente, mais armado... Como ela não ofereceu, ao longo da sua história, os recursos necessários para que os guardas assumissem tal papel, devido à falta de recursos e treinamentos, os guardas homens se fazem, frente a tal constrangimento, de fortes, valentes, negando o sofrimento. E, ao negar o sofrimento, acionando a estratégia defensiva da virilidade (se embrutecendo, se fazendo de forte) ele promove a defesa como objetivo, e começa a defender a defesa (ideologia defensiva). Alienando-se dos sinais de sofrimento, negando a doença (Caniato & Lima, 2008; Dejours, Abdoucheli & Jayet, 1994; Dejours, 2007; Barros & Mendes, 2003; Mendes, 2007).

Com as novas leis (Lima, 2015), desejos, necessidades e demandas da GCM de Goiânia, parece que a organização do trabalho quer implantar um novo recurso, deixando os guardas mais fortes, armados, fortes, “respeitáveis” com uma abordagem mais ostensiva. A organização do trabalho, com suas novas prescrições, então, simbolicamente, seria esse *adamantium*. Porém, ao implantar esse *adamantium* nos guardas homens, a GCM pode tanto estar os envenenado mais e/ou implantando (mesmo que em poucos GCMs, mas exigindo de todos os GCMs) sem oferecer os recursos necessários, quanto pode enfrentar, a médio e longo prazo, consequências indesejáveis de gerar mais sofrimento e adoecimento.

5.2.2 Entrevistas individuais com os GCMs não adoecidos

Se o Estado é forte, esmaga-nos. Se é fraco, perecemos.
Paul Valéry

As entrevistas individuais com os GCMs não adoecidos são apresentadas pelos resultados a partir dos temas gerados na AC, seguidos dos relatos (falas dos participantes), das



categorias e suas respectivas discussões. Assim, os guardas não adoecidos (GCMs 5, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15) geraram os temas e relatos abaixo para a interpretação das entrevistas:

Quadro 28 - Tema: Doenças no trabalho

Relato do GCM5: Um terceiro problema dentro da guarda que eu vejo é o problema de uso de álcool e outras drogas, né? Há muitos problemas de internações em clínicas de recuperação e a gente tem também esbarrado também com esses problemas e ajudando essas pessoas. Eu creio que tem mais uns outros problemas mas eu posso apenas citar mais dois outros casos, que são problemas de surto psicológicos, até psicóticos, e também doenças graves que as pessoas, assim... ou descuidou ou omitiu quando entrou ou conseguiu entrar na guarda civil.

Quadro 29 - Tema: Família como explicação de ter problemas psicológicos e enfrentarem o sofrimento usando drogas; a doença começou em casa, fora da guarda, na família e a solidão/falta de suporte da família.

Relato do GCM5: Então cada um tem um problema, a gente conversa com ele e a gente percebe alguns aspectos meio familiar, ...pessoas é..., ela foi criada em um ambiente propício para isso e ela cresce, então é aquele filho que quando era pequeno, alguns já vindo a e a história dele levantando é, "Olha filho vai buscar ali para mim uma garrafa.", né? E acaba, né?... o fumo, a bebida perto da criança e torna crescendo um adulto que vai ter problemas, que tem problemas e geralmente esses são recorrentes, eles sempre estão com problemas, outra coisa curiosa que eu tenho observado que de vez enquanto aqui é questão de estarem sós em Goiânia. Porque esse concurso ele atrai pessoas do entorno, pessoas até de um pouco mais longe, são pessoas de Brasília aqui trabalhando, pessoas de municípios distantes, cento e cinquenta ou duzentos quilômetros, e a e o que ocorre, muitos vem só, solteiros e não tem ninguém, uma família para apoiar e acaba..., e alguns deles tem esse problema por conta da solidão, por conta da falta de apoio familiar.

Elaborado pelo autor (2017).

Quadro 30 - Tema: falta de estrutura, materiais, espaço físico, recursos, instrumentos e negação das doenças, problemas, sofrimentos psicológicos

Relato do GCM5: por um outro lado, tem alguns que tem resistência. Eles têm resistência de virem se tratar. Nesse ponto já fica chato, né? Porque o chefe querer que ele vem, quer o melhor para ele e ele não vai entender. Porque geralmente quando uma pessoa está com problemas é difícil ela reconhecer que está com problemas mesmo que o outro esteja falando, querendo o melhor para ela, tem uns que são muito resistentes. Não querem ser tratados, não querem ser removidos, senta lá no seu canto e "Está tranquilo aqui no meu canto, não vai mexer comigo, me mandar lá para o Setor Bueno tão longe da minha casa."

Elaborado pelo autor (2017).



Quadro 31 - Tema: orgulho do que faz

Relato do GCM6: *A gente gosta do que a gente faz, entendeu?*

Elaborado pelo autor (2017).

Quadro 32 - Tema: os GCMs sem defesa própria para defender a população

Relato do GCM6: *Não há como um agente de segurança pública fazer a segurança de terceiros sem a própria segurança*

Elaborado pelo autor (2017).

Quadro 33 - Tema: gênero masculino, força do coletivo, brincadeiras...

Relato do GCM6: *essa relação com os colegas é muito (risos), é... onde tem muito homem, queira sim, queira não, muito homem, a gente é... tem muita brincadeira. Logicamente sempre tem uma desavença. Em qualquer lugar, ambiente tem uma certa desavença. Mas a gente sempre tenta a melhor maneira possível de controlar. Pelo menos eu gosto de ser bem maleável como todo mundo. Mas também, tipo assim, prego muito a questão do respeito aqui, entendeu? Apesar que um ou outro sempre solta um palavrão alguma coisa até pode estar de uma forma de brincadeira, outras pessoas que está do lado de fora não interpreta essa questão... Mas sempre em ambiente que a gente está, tipo assim, que a gente pode estar brincando, entendeu? Então a gente sempre tem essa amizade, fala uma bobeira uma coisa em ambiente fechado, mas de uma forma externa quando a gente está na rua de frente da população, isso é uma coisa que alcança todos. É uma postura séria perante ao cidadão, entendeu? A gente já modera o jeito das brincadeira não tem brincadeiras, quando a gente sai para rua. Queira sim, queira não, a gente tá colocando nossa vida em risco. Então queira sim, queira não, se já não pode tá brincando mais, entendeu? A gente leva já no lado profissional, entendeu? Mas graças a Deus, aqui dentro, pelo menos no meu plantão, eu sempre..., como eu falei anteriormente, eu sempre prego a boa convivência, entendeu? Então a gente sempre tem reuniões a gente sempre conversa para ver o melhor jeito da gente atuar. Eu acho que eu pra meu entendimento como eu ocupo uma chefia de turno, acho que eu não seria justo comigo, até com meus colegas, fazer do jeito que eu acho melhor. Acredito sim numa compreensão melhor para até entendimento melhor do serviço para o serviço sair de uma forma mais tranquila. Eu acho que eu conto com a participação de todo mundo até na questão dos palpites, entendeu? Eu não sou o senhor da verdade e também eu não sei de tudo. Então tem muitas situações que queria sim, queira não, eu acho que é muito importante é todos terem uma voz ativa aqui perante a equipe. É importante isso aí...*

Quadro 34 - Tema: constrangimento e contradições

Relato do GCM11: *Eu acho que passa pela dificuldade todo agente de segurança pública: a gente prende, o judiciário solta. (...) A gente faz o trabalho de enxugar gelo. Por que o sistema tinha que funcionar como um todo e ele está funcionando nessa parte aqui, a polícia prende muito, tanto é que nossos presídios está amarrotado, mas lá são lixos humanos que está ali dentro. Ele sai de lá pior do que entrou. Ele entra lá de uma forma até meio ser humano ainda, mas quando sai de lá, ele é um bicho. Aí acabou. Não tem mais jeito de segurar esse camarada. Então fica difícil. Se não houver uma reformulação, provavelmente nosso sistema vai ficar falido.*

Elaborado pelo autor (2017).



Quadro 35 - Tema: racionalização, negação, rigidez e mais contradição

Relato do GCM11: *Eu tenho que fazer o meu trabalho aqui na rua, eu faço o meu serviço para mim... sair dessas dificuldades, ...contornar essas dificuldades, eu faço o meu trabalho simplesmente eu não tento fazer o trabalho da polícia civil, eu não tento fazer o trabalho da polícia militar, eu faço o meu trabalho. Que é o... como é que fala? O feijão com arroz. Porque não tem jeito de fazer outra coisa aqui, porque hoje o sistema me impõe isso. Eu não posso sair, eu não posso inovar, porque se eu inovar eu tenho uma corregedoria que impõe. Eu não posso fazer algo diferente disso. Então tenho que fazer aquilo que... eu tenho que... seguir rigidamente as normas. Às vezes a criatividade da gente fica cessada, né? Fica um pouco inibida porque você não tem como colocar em prática aquilo que você pensa, você tem que fazer aquilo que..., de acordo com as regras que é ditado para você, se você falar diferente, se você agir de forma diferente está sujeito a ser punido...*

Elaborado pelo autor (2017).

Quadro 36 - Tema: Masculinidade, virilidade e impacto na saúde psíquica

Relato do GCM11: *Eu tenho um gênio muito forte. Eu tenho posições muito firmes. Aquilo que eu penso, eu não mudo porque o outro acha que não está certo. Eu não mudo por causa dele. Eu sigo as normas... de acordo com as normas, se eu estiver correto, eu vou até as últimas consequências... eu não aceito extrapolar no serviço. Então acaba tornando uma pessoa chata. Eu creio que se eu estiver do outro lado, eu me acharia chato. Então eu prefiro entrar por esse lado que meu relacionamento com eles é bom, ...profissional... Mas eu, para mim, eu sou uma pessoa chata. (...) a chefia eu acho..., é aquele negócio, né? Chefia a gente fica longe. Chega perto mesmo só quando precisa conversar o necessário. Eu não fico muito próximo não. Não tenho relação ruim, mas também não me aproximo muito, porque a chefia minha é muito fechada. Embora o guarda não seja..., seja guarda civil, eles agem como se fossem militares. Então eu não gosto disso. É um sistema, para mim, que é ultrapassado. Então eu procuro ficar longe dessa situação.*

Elaborado pelo autor (2017).

Quadro 37 - Tema: Discurso de masculinidade, relação de poder, GCM vs Polícia Militar (PM); analogia instituição pública vs privada

Relato do GCM11 - *a guarda... eu falo até assim... que funcionam como naquela empresa onde o patrão é ruim para o funcionário. Se o funcionário tiver uma ideia boa, o patrão não põe ela em prática. Depois que o funcionário vai embora, passou um tempo, esqueceu aquele negócio, ele põe em prática e fala que foi ideia dele. Então na guarda funciona assim, se eu tiver hoje uma ideia, um projeto e eu colocar no papel e levar lá eles pegam ela e engavetam, mesmo sendo bom. Depois de algum tempo eles vão lá desengavetam ele e põe lá como se fosse outra pessoa que fez o projeto. Então a guarda municipal, a guarda civil metropolitana funciona desse jeito, o seu quadro hierárquico, nós somos comandados por pessoas que o compromisso deles, eles têm aqueles que são compromissados com a corporação, não estão comandando hoje. Então eu acho meio assim difícil, assim, de..., então meu relacionamento com a chefia é mais ou menos isso aí. É ficar um pouco mais longe observar primeiro os fatos acontecendo só para quando for chamado eu participar. Eu nunca sou voluntário, porque se você for voluntário, causa ciúmes.*

Elaborado pelo autor (2017).



Quadro 38 - Tema: doenças no trabalho

Relato do GCM11: *eu não usava óculos, mas devido ao clarão, exposição ao sol muito forte, eu acabei adquirindo problema de vista. Eu adquiri outros problemas como veias, varizes, eu não fiz o tratamento ainda, mas eu tenho. Eu sinto muita dor na perna, meu estado de saúde hoje..., eu tenho refluxo devido à má alimentação, alimentar fora de hora, gastrite... Então, assim, vem... vem um monte de situações que vai... acaba te atingindo, né? Sem contar a poluição sonora que hoje minha audição é reduzida. Eu vou assistir filma lá em casa, minha esposa fala “Amor, está alto demais...” ...tem que pôr para mim ouvir senão não adianta. Mas para ela, ela está ouvindo... tá alto, não está baixo. Problema sério isso... dia a dia mesmo que veio... Então, assim, foram situações que foram acontecendo no longo dos anos, dias... e hoje eu estou aqui. Eu não sou mais quem eu era quando entrei na corporação.*

Elaborado pelo autor (2017).

Quadro 39 - Tema: precarização, falta de estrutura, equipamento, mudança da lei de 2013 (municipal)/2014 (federal).

Relato do GCM12: *A instituição, por uma questão de economia, ela não vai te pagar os melhores equipamentos para o próprio benefício da questão pública e, por isso, evita que as vezes a gente possa prestar um serviço com mais qualidade, por exemplo, com o armamento que foi adquirido os coldres, que a própria instituição oferece, eles não são adequados para o porte de uma arma que foi a pistola adquirida que é a 59. A pistola é maior que o coldre. Então ele te causa um certo problema na utilização do dia a dia. O que acontece? O profissional, para melhor a própria segurança dele e prestar um bom serviço, ele adquire um coldre de melhor qualidade. Então essa questão a gente enfrente essas dificuldades, precisa tirar do bolso, e em segundo lugar que entra a questão da própria resistência da sociedade.*

Elaborado pelo autor (2017).

Quadro 40 - Tema: novas demandas na segurança pública; preconceito e falta de reconhecimento da sociedade e constrangimento

Relato do GCM12: (...) *quando eu falo na questão financeira nem todo mundo consegue adquirir os melhores produtos, os melhores equipamentos, eu por exemplo ainda não consegui adquirir um coldre de qualidade, então nesse ponto a gente bate de frente com a necessidade de ter um bom equipamento com a realidade que você tem em casa, com sua administração financeira a gente se sente frustrado, porque em alguns casos a gente não está conseguindo atingir a qualidade que deveria se ter, não consegue prestar um serviço com qualidade que deveria, a gente se sente frustrado nesse ponto.*

GCM13: *não te dá um suporte que você precisa para trabalhar, como um fardamento... Então a gente trabalhou muito aos trancos e barrancos, trabalhamos um ano sem o curso de formação depois que nós fomos para academia*

Elaborado pelo autor (2017).



**Quadro 41 - Tema: qualificação dos guardas;
referencia para outros; masculinidade / virilidade e o
trabalho do guarda**

Relato do GCM13: *sempre está até mesmo trabalhando essa questão de intermediar, acalmar, de conversar com os amigos, mas graças a Deus não nunca tive (doença psíquica – grifo nosso).*

Elaborado pelo autor (2017).

Quadro 42 - Tema: Masculinidade / virilidade

Relato do GCM13: *Converso com todo mundo desde os superiores, né? Eu acho que uma dificuldade da categoria em geral é a falta de estrutura coisa que está sendo resolvido agora, graças a Deus. Quando nós entramos, o salário não era bom. Nós entramos, eu saí de uma empresa privada, trabalhei doze anos em uma empresa privada, aí a questão da empresa privada: pressão, idade chegando, então eu comecei a fazer concursos. E aí, a princípio, eu não queria porque tem sempre aquela coisa "... o guardinha", né? E eu tinha feito concurso na AGANP (Agência Goiana de Administração e Negócios Públicos), em outros lugares aí saí muito bem na AGANP. Só que, infelizmente, não passei. E achei que cheguei a passar na nota. Mas os níveis dos candidatos era muito forte e aconteceram umas questões aí até de cansaço na hora da prova lá... Até de marcar um gabarito errado... coisa de você perder três pontos, coisa que não podia ter perdido... Esses três pontos estava no cadastro de reserva. E teve uma questão que eu mudei de última hora. Sabe quando você está na dúvida você marca e quando vai na hora você vai e troca? Então era seis pontos eu estava nas vagas entendeu, pela minha visão religiosa eu falo não era para ser, é de Deus, estamos na guarda de boa e tal, mas depois foi melhorando sabe assim no começo pai de família e tudo mais, já teve época de pegar muito pouco dinheiro eu falo "... meu Deus do céu..."*

Elaborado pelo autor (2017).

Quadro 43 - Tema: masculinidade, virilidade, heroísmo, valentia

Relato do GCM13: *(...) Aqui não é tudo que se fala para nós. Sempre conversa, fala... Não é bem assim não. Antigamente, tudo queria colocar no guarda, sumia alguma coisa acontecia qualquer coisa e tal, então com o passar do tempo, nós tinha um chefe aqui que chamava ele que ele era meio doidão. Mas ele resolveu muita coisa aqui. Essa questão realmente ele tem um temperamento muito doidão, um cara que fala pelos cotovelo e tudo... Mas ele organizou muita coisa aí, a gente agradece muito isso, questão de, por exemplo, a gente ficar distribuindo senha na saúde que não era coisa para nós. A gente tinha era que estar fazendo a segurança e não era entregar senha para o povo e tudo mais..., então a gente enfrentou muita dificuldade nesse sentido... tudo quanto é coisa que acontecia era do guarda aí a gente começou a mudar o discurso*

Elaborado pelo autor (2017).



Quadro 44 - Tema: relação virilidade ao longo do tempo; lidar com os problemas e estresses dos outros

Relato do GCM13: *A arma nossa era o diálogo (...) Tá certo, você também não pode abrir as pernas em geral porque tem muita gente que é folgada e muita mesmo. Mas pelo menos meio termo, pelo menos olhar na pessoa, “...me passa seu documento para eu fazer sua ficha...”, qualquer coisa nesse sentindo e tal... Você vê assim... “...tá atendendo hoje não?” A pessoa já sente, já chega, né? Então assim... complicado a gente vê muito isso, então é pessoa já vem de uma carga de estresse é mal atendida, né? (...)Então a nossa função, ela é cansada nesse sentindo, e o funcionário não tá nem aí. Ele joga a bomba e “...chama o guarda lá, chama o guarda lá...” E aí você tem que intermediar.*

Elaborado pelo autor (2017).

Quadro 45 - Tema: herói, virilidade, justiça, honra, masculinidade

GCM16: *Porque guarda parece que não é bem visto na área de saúde nos postos de saúde. Porque eles acham que a gente está aqui só para defender o lado do funcionário, mas não é dessa forma. Você tem que ser imparcial com todos, você vai fazer seu pré-julgamento, mas sempre tendendo para o lado da mediação de conflitos, visando o lado correto da coisa. Não é porque você está aqui que tem que defender o funcionário, você tem que defender o que é correto.*

Elaborado pelo autor (2017).

Quadro 46 - Tema: constrangimento

GCM16: *No caso da mediação é através da verbalização, né? Com todos, tem que verbalizar, ter um pouquinho de conhecimento na área para não ser preciso usar a força. A questão da estrutura mesmo é no caso nosso ter o devido respeito, porque as vezes a gente não tem nem sala para ficar, ... fica aí... Se você não cobrar, fica à mercê. (...) Inclusive teve uma ocasião aí que chegou um paciente veio a óbito com meningite. Nós tivemos contato direto com ele porque as vezes está aí o coração da gente... temos que ajudar, não é a nossa função, mas pegamos, levamos para internação... aí nós tivemos que comprar essa medicação de próprio bolso, isso é coisa pequenas mas é..., a secretaria de saúde acho que não vê a guarda com bons olhos não, só quer nosso trabalho.*

Elaborado pelo autor (2017).



Quadro 47 - Tema: enrijecimento, defesa viril, racionalização...

GCM16: No caso da mediação é através da verbalização, né? Com todos, tem que verbalizar, ter um pouquinho de conhecimento na área para não ser preciso usar a força. A questão da estrutura mesmo é no caso nosso ter o devido respeito, porque as vezes a gente não tem nem sala para ficar, ... fica aí... Se você não cobrar, fica à mercê. Inclusive teve uma ocasião aí que chegou um paciente veio a óbito com meningite. Nós tivemos contato direto com ele porque as vezes está aí o coração da gente... temos que ajudar, não é a nossa função, mas pegamos, levamos para internação... aí nós tivemos que comprar essa medicação de próprio bolso, isso é coisa pequenas mas é..., a secretaria de saúde acho que não vê a guarda com bons olhos não, só quer nosso trabalho. Pela falta de experiência, as vezes queria resolver os problemas tudo da sua forma, chegava um paciente você já ficava daquele jeito: coração meio amolecido e tal... Mas de acordo que vai passando o tempo você vai tomando conhecimento das coisas, igual área médica: coração dele, ele não vai pelo coração, vai pela cabeça pelo entendimento porque se não acaba ficando meio louco, igual na área da saúde... professor também... se ele não ter acompanhamento psicológico adequado, ele vai acabar sendo hospitalizado, afastado por problemas médicos.

Elaborado pelo autor (2017).

Tabela 3 - Categorias a partir da Análise de Conteúdo dos guardas não adoecidos

Categorias	F	Resumo das categorias
1	53	Organização, tarefas, atribuições e funções da Guarda Civil de Goiânia
2	48	Estresse e adoecimento no trabalho da Guarda Civil de Goiânia
3	45	Dificuldades estruturais enfrentadas no trabalho na Guarda Civil de Goiânia
4	37	Transformações na Guarda Civil de Goiânia
5	26	Estratégias para lidar com as dificuldades no trabalho da Guarda Civil de Goiânia
6	21	Relacionamento entre colegas na Guarda Civil de Goiânia
7	19	Relações com a chefia
8	19	Relação da Guarda Civil Metropolitana com a sociedade
9	15	Satisfação e apreço pelo trabalho
10	14	Influências da política sobre o trabalho da Guarda Civil Metropolitana
11	11	Rejeição ao militarismo e à estagnação dos sistemas de segurança e judiciário

Elaborada pelo autor (2017).

Categoria 1: organização, tarefas, atribuições e funções da Guarda Civil Metropolitana de Goiânia (GCM)

Essa categoria evidencia a variedade de funções existentes na GCM de Goiânia, tematizada por todos os entrevistados (GCM5, GCM6, GCM9, GCM10, GCM11, GCM12,



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

GCM13, GCM14 e GCM15). Estão contidas nessa categoria descrições acerca das atribuições básicas, da organização da Guarda Civil Metropolitana de Goiânia e de tarefas específicas desempenhadas por diferentes postos. A atribuição básica da GCM é a proteção de bens, serviços e instalações. Entretanto, muitos participantes ressaltaram a proteção do próprio cidadão como dever da guarda civil. Neste sentido, relatam abordagens, mediação de conflitos e policiamento comunitário. Alguns participantes descrevem sua principal atribuição como a de manter a ordem. O principal método citado pelos guardas para a execução de suas tarefas cotidianas é o diálogo “*a arma nossa era a diálogo*” – GCM9, e a farda (uniforme).

Relata-se que a GCM de Goiânia é organizada em 7 regionais (Anexo 2), tendo cada uma seu próprio inspetor. Alguns locais de trabalho citados são: a Capelania, a DSTAS, o Paço Municipal, parques, CAIS (Centro de Atenção Integral à Saúde), PSF (Posto de Saúde da Família) e escolas.

Descreve-se que o trabalho da Capelania é o de acompanhar guardas que passam por algum tipo de adoecimento, bem como os seus familiares. Este trabalho é descrito como espiritual, assistencial e administrativo. No Paço Municipal, o principal trabalho da guarda é conter manifestações políticas e mediar conflitos entre contribuintes e servidores, além de prezar pela preservação do patrimônio. Nos CAIS, PSF e nas escolas, o trabalho se resume à mediação de conflitos. Um dos entrevistados diz acreditar que a Secretaria da Saúde não valoriza o trabalho do guarda. Isto porque nem sempre o funcionário é defendido. Existe ainda o trabalho de ronda, em que os guardas saem em viaturas, com uma postura mais ostensiva.

O Projeto “Goiânia Mais Segura” é um projeto itinerante que se instala por cerca de três meses em um bairro violento, onde são montadas uma base física e uma base móvel para que seja feito patrulhamento da área.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Com exceção dos trabalhos de patrulhamento e ronda, os guardas descrevem suas funções como tranquilas, devido ao baixo número de ocorrências e ao fato de raramente terem que conduzir alguém à delegacia. Além disso, alguns participantes relatam que, quando necessário, deixam seus postos de serviço para dar suporte a alguma outra equipe.

Como o trabalho envolve a mediação de conflitos, sem o devido treinamento e, muitas vezes, sem armas/instrumentos de proteção, só resta o poder de persuasão. Ou, como alguns comentaram antes, eles só contam com o próprio uniforme (“fardamento”). Eles se sentem, muitas vezes, constrangidos ao não poderem resolver os problemas de forma mais robusta impondo mais “respeito”, agindo com mais “autoridade” em situações que exigem funções de policiamento e/ou como os demais policiais geralmente são treinados para agir. A diferença é que, como já citado, tanto os treinamentos quanto os equipamentos não são suficientes para todos. Por isso, o guarda se sente constrangido e, para não piorar a situação, tenta resolver de forma a manter seu trabalho, negar o sofrimento, e se fazer de forte, valente. Ao ponto de ir desarmado, desprotegido, em nome de uma honra viril (Baubérot, 2013; Bertaud, 2013; Guillet, 2013; Cianato & Lima, 2008; Dejours, Abdoucheli & Jayet, 1994; Molinier, 2004).

Categoria 2: Estresse e adoecimento no trabalho da Guarda Civil Metropolitana de Goiânia

*Não tenho problema com bebidas,
tenho problema com humanos, por isso que bebo.*
Ridlav Schneider

O trabalho da Guarda Civil Metropolitana é caracterizado pelos participantes como estressante (Heloani & Silva, 2006) e árduo. Existem relatos de que o trabalho pode ser prejudicial fisicamente por três fatores principais: longos períodos sentados ou longos períodos em pé, longos períodos em exposição à luz solar e poluição sonora. Os principais problemas



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

de saúde citados são: acidentes de trânsito, drogadição e alcoolismo, doenças crônicas, obesidade e doenças relacionadas, alterações de humor, ansiedade e outros problemas psicológicos.

Assim como já evidenciado na entrevista coletiva, na atividade dos cartazes e nas entrevistas individuais dos guardas adoecidos, são evidenciados as mesmas dificuldades e doenças, complementando outras (e que se aproximam e/ou se assimilam às demais já citadas). Discute-se aqui, de novo, a questão do alcoolismo com possível relação com a negação e a defesa da virilidade, já detalhada na entrevista coletiva.

Outros desencadeadores de adoecimento são a dupla jornada de trabalho e a dificuldade em conciliar as exigências do trabalho e da família, o que acaba por gerar sobrecarga. As causas citadas para a drogadição e o alcoolismo (Baubérot, 2013; Donato & Zeitone, 2006; Guillet, 2013; Turazzi & Demarco, 2016) são histórica, ambiental, anterior ao ingresso na GCM e solidão, uma vez que muitos guardas que trabalham em Goiânia vêm de outras cidades.

O Departamento Social é responsável por lidar com queixas de adoecimento psíquico, entretanto, muitos guardas têm resistência em aderir ao tratamento e há relatos que algumas vezes, os guardas são levados até lá à força. O que evidencia a negação do adoecimento, provavelmente pela variável do gênero masculino (Machin *et al*, 2011) e todo o contexto de expectativa e exigência viril presente no trabalho destes profissionais de segurança pública (Almeida, 1995; Almeida, 2012; Bourdieu, 2003; Dejours, Abddoucheli & Jayet, 1994).

Categoria 3: Dificuldades estruturais enfrentadas no trabalho na Guarda Civil de Goiânia



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Esta categoria revela que todos os participantes se mostraram insatisfeitos com a estrutura oferecida pela Guarda Civil Metropolitana de Goiânia para a realização de seu trabalho.

As queixas referem-se a instalações físicas; aos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), como coletes, armamento e coldre, câmeras de segurança, veículos e combustível, fardamento (uniforme), cursos de formação.

Os trabalhadores das unidades de saúde são os que demonstram maior insatisfação, relatando menosprezo por parte da organização do trabalho, uma vez que eles são os últimos a receberem as novidades, como, por exemplo, dos cursos de armamento, que, até então, não havia sido ofertado a eles. Além disso, eles exigem gratificação de salubridade, por estarem diariamente expostos a agentes infecciosos. Um dos participantes relata a inadequação da sala em que trabalha, onde anteriormente era utilizada como sala de escape e controle de tuberculose.

O tamanho da corporação foi citado por dois participantes, porém, enquanto um ressalta a redução do número de funcionários e a necessidade da realização de um novo concurso, o outro afirma que não falta mão de obra na categoria, mas sim organização. Essa categoria, então, enfatiza mais situações de contradições da organização do trabalho e constrangimentos (Alves, 2011; Antunes & Alves, 2004; Gaulejac, 2006; Dejours, 2004a; 2004b; Dejours, 2007; Mendes, 2007).

Categoria 4: Transformações na Guarda Civil Metropolitana de Goiânia

Não sou pedra, mas posso endurecer.
Franciso, El Hombre – Calor da rua



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Essa categoria contém os temas relacionados às transformações observadas na Guarda Civil Metropolitana de Goiânia nos últimos anos. No ano de 2014, foi sancionada, pela ex-presidente Dilma Rousseff, a lei número 13.022, que regulamenta o trabalho da guarda civil em todo o Brasil. Esse acontecimento acarretou inúmeras mudanças na atuação da guarda municipal, incluindo a necessidade de capacitação. Foram observadas também melhorias salariais, contribuindo para o prestígio da profissão.

Em Goiânia, a Guarda Civil Metropolitana passou a ter direito ao porte de arma, o que revela uma configuração mais ostensiva da mesma. Estão sendo realizados treinamentos de rondas ostensivas e de uso de armas de fogo, e parcerias com as polícias civil e militar. Além disso, novas viaturas e equipamentos de segurança foram adquiridos em função dessa nova configuração.

No geral, os participantes avaliaram positivamente essas transformações, alegando maior visibilidade para o seu trabalho e maior capacidade de prover segurança aos cidadãos, estando eles também aptos a proteger a si mesmos. Muitos citam ainda uma preocupação por parte da sociedade. Mas afirmam que o armamento não suscita abuso de poder, ressaltando que todos os guardas armados são adequadamente instruídos. Outro ponto levantado é o fato de haver um acompanhamento psicológico antes do curso de armamento.

Por fim, destaca-se a busca por qualificação pessoal por parte dos GCMs. O aumento do número de trabalhadores com nível superior e em busca de pós-graduação é tido como um potencializador da qualidade dos serviços oferecidos. A autoqualificação permitiu que instrutores goianienses pudessem oferecer treinamentos a guardas em atividade, inclusive em outras cidades. Reverencia-se a gerência de ensino e pesquisa da Guarda Civil Metropolitana de Goiânia.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Evidencia-se a transição da guarda que foi impactada pela nova lei e a “militarização” e/ou o “embrutecimento” e resgate da virilidade da GCM de Goiânia) para lidar com os desafios reais da profissão. Porém, cabe uma crítica: ao passo que eles se qualificam para terem uma abordagem mais ostensiva e, conseqüentemente, no imaginário deles, mais respeito terá daqueles que os desqualificam (policiais, população, imprensa...), mais eles podem se distanciar do próprio lema que possuem – guardiã da cidadania. Afinal, questiona que guardiã da cidadania é essa que busca se militarizar, se aproximar do serviço policial já existente e, conseqüentemente, lidar com uma lógica de repressão.

Questiona-se, ainda, o preço que eles pagaram por essa transformação e o suposto prestígio que ganharão da sociedade ao se tornarem mais “fortes”/“respeitados”. Almeida (2012) e Magalhaes (2015) apontaram as dificuldades que os policiais militares enfrentam para manterem tal prestígio, força e respeito.

Categoria 5: Estratégias para lidar com as dificuldades no trabalho da Guarda Civil de Goiânia

O fracasso é um evento, nunca uma pessoa.
William D. Brown

Quando insatisfeitos com alguma situação no trabalho, os guardas elaboram relatórios ou destinam suas reclamações aos superiores, à ouvidoria ou à corregedoria. No geral, os guardas reconhecem que se não exigir o que precisam jamais o conquistarão. Quando percebem que algum colega enfrenta dificuldades de saúde ou emocionais, os guardas relatam conversar com a pessoa e então informar a chefia, para que sejam tomadas as medidas adequadas.

Para enfrentar a falta de equipamentos de segurança, muitos guardas o adquirem com seu próprio dinheiro, alguns compram inclusive armas, as quais depois podem ser pagas pela



instituição. Enfatizando, então, os temas de constrangimento e possibilidade de levantar os escudos da defesa da virilidade (Caniato & Lima, 2008; Grenier-Pezé, 2004).

Mais uma vez é relatado a dificuldade dos guardas homens de reconhecerem que estão sofrendo, ao ponto dos demais colegas terem que alertá-los. Por outro lado, cabe a reflexão que eles não querem demonstrar que precisam de ajuda. Como se fossem capazes, fortes, astutos o suficiente para resolverem seus próprios problemas. Ou, de outra forma, por saber das consequências negativas e possíveis desvalorização da organização perante a possibilidade de assumir um tratamento psicológico ou se tornar um afastado, parece ser temida/não desejada. O que abriga ideias sobre as contradições da organização, da própria masculinidade (Viana & Ferrarini, 2016), identificação com o lema da guarda, vergonha de assumir o adoecimento/"atestado do fracasso" (Dunker, 2011; Gaulejac, 2006; Caniato & Lima, 2008).

Categoria 6: relacionamento entre colegas na Guarda Civil Metropolitana de Goiânia

No geral, os participantes relataram ter uma boa relação com os colegas, destacam-se termos como "amizade", "companheirismo", "respeito" e "conversa", corroborando com as analogias históricas, sociais e culturais da masculinidade (Bourdieu, 2003; Foucault, 1986), da forma camarada de tratarem os iguais/homens. Mesmo os que mencionaram desavenças, avaliaram positivamente o convívio com os colegas. Os guardas ressaltaram a importância do trabalho em equipe para a resolução de problemas e para situações em que um dos colegas não está armado e, portanto, não pode se expor a situações de risco.

O companheirismo também foi citado em situações em que havia necessidade de trocas de plantão. O representante da Capelania relatou sentimentos de reconhecimento por parte de seus colegas, que o demonstram conferindo-lhe espaço em celebrações. Apenas um dos participantes apontou dificuldades no trato com os colegas, referindo-se a si mesmo como



“chato”, por ter opinião forte e não se render facilmente. Ainda sim, avaliou positivamente esse relacionamento, o qual denominou “profissional”.

A guarda mostra que possui um potencial positivo para fortalecer o coletivo em prol de mudanças. Mas com o enigma da possibilidade do uso das estratégias defensivas da virilidade (Barros & Mendes, Caniato & Lima, 2008; Molinier, 2004) frente às situações do sofrimento causado pelos constrangimentos, pode ameaçar novas dinâmicas amigáveis e construtivas em prol da almejada qualidade de vida no trabalho, saúde e bem-estar.

Categoria 7: Relações com a chefia

Essa categoria contém diferentes descrições de relações com a chefia. Alguns citam seus chefes diretos, outros falam de chefes de outros departamentos, e outros ainda se remetem ao presidente comandante. Grande parte dos participantes descrevem sua relação como “tranquila”, há relatos de líderes que dialogam e buscam resolver os problemas em conjunto, mas também de outros mais distantes. Existe exposição de relacionamento de amizade entre subordinados e chefe por parte de participante, que diz ter orgulho de poder ter seu inspetor como líder.

Enquanto alguns participantes elogiaram o trabalho do presidente comandante pelas mudanças trazidas à Guarda Civil Metropolitana de Goiânia, outros relataram que o comando tinha uma postura distante em relação aos departamentos, demonstrando o desejo de que houvesse uma maior aproximação e mais visitas.

Há relato de participante de que o comandante de sua regional ainda não havia visitado seu posto de trabalho, mas apenas enviado viaturas para patrulhamento. Outro participante afirma que, apesar de se mostrar aberto ao diálogo, seu coordenador às vezes mostra pouco empenho em trazer mudanças que favoreceriam o trabalho da guarda ambiental.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Há relato de que os chefes dependem dos recursos oferecidos pela guarda civil para proporcionar boas condições de trabalho à sua equipe, e que muitas vezes falta esse apoio.

Destaca-se ainda a importância dos chefes em se mostrarem flexíveis, capazes de se adaptar ao ambiente em que estão inseridos e às necessidades do serviço. Aponta-se que há dificuldades neste ponto, sendo está um dos motivos pelos quais algumas chefias são insatisfatórias.

Esta categoria revela diferentes tipos de relação com a chefia, sendo que há aqueles que já tiveram problemas com outras chefias, mas agora vivem uma relação tranquila com seu inspetor; há aqueles na qual a relação com a chefia é distante e que se limitam a fazer o que lhe é solicitado, não se voluntariando para qualquer atividade. Um dos guardas acredita que isso gera disputa. Além disso, há um participante que afirma que, no geral, o comando da Guarda Civil Metropolitana de Goiânia não está comprometido com a corporação.

Quando a relação com a chefia não é favorável, isso pode moderar o uso da estratégia de defesa da virilidade: afrouxar, tendendo a obedecer e acatar as ordens (defesa de adaptação e exploração – Oliveria & Mendes, 2014), o que poderia ter consequências negativas, a longo prazo, por não ter autonomia, sobre dessubjetivação, castração simbólica e impotência; potencializar, tendendo a criar rixas, boicotar, desqualificar os chefes, colegas e as tarefas solicitadas, tudo em nome da honra viril.

Categoria 8: relação da Guarda Civil Metropolitana de Goiânia com a sociedade

Essa categoria revela que, no geral, os guardas enfrentam dificuldades em terem seu trabalho reconhecido pela sociedade, sendo que se afirma que esse é um problema enfrentado por todos os trabalhadores da área de segurança pública.



A configuração mais ostensiva da Guarda Civil Metropolitana de Goiânia (a Ronda Municipal – ROMU) gerou resistência e críticas por parte da população. No entanto, alguns participantes relataram que isso gerou aproximação, uma vez que agora que eles estão em contato mais direto com a sociedade. Há relato de que a continuidade do trabalho e de que o fato de trabalhar sempre no mesmo bairro contribui para um maior apreço da comunidade pelos guardas.

A falta de reconhecimento é apontada como um fator que dificulta o trabalho da guarda (Baierle, 2007; Castro 2010; Heloani & Silva, 2006) e entristece os trabalhadores, gerando sofrimento, constrangimento, sentimento de impotências, castração. No entanto, revela-se um desejo e um esforço de conscientizar a população acerca das atribuições da Guarda Civil Metropolitana de Goiânia.

No geral, os participantes dizem tratar bem os cidadãos, com respeito e profissionalismo. No que tange ao trabalho em unidade de saúde, há relato de que, em certa ocasião, os guardas extrapolaram sua função para ajudar um paciente, levando-o até a internação e adquirindo os medicamentos necessários. Colaborando com a compreensão do papel do herói que a profissão acaba proporcionando (Baubérot, 2013).

Categoria 9: Satisfação e apreço pelo trabalho

Essa categoria agrupa as falas em que os participantes revelaram estar satisfeitos com o trabalho de ser Guarda Civil Metropolitana em Goiânia. Aparecem os adjetivos “tranquilo” e “empolgante”. Apesar de reconhecerem os problemas, os guardas cujas verbalizações se encontram nessa categoria revelam estar felizes em seu trabalho. O guarda GCM13 afirma que gostaria de aposentar em seu posto, no Paço Municipal, e cita alguns benefícios em



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

desempenhar o trabalho lá, como o sistema de plantão e alternância, a relação com a chefia e com os colegas.

A fala do GCM13 é um exemplo daquele que não desejam se qualificar para ter o trabalho/cotidiano que exija mais ações ostensivas, uma que no Paço, como descrito, é mais “tranquilo”. Talvez os demais papéis que esse guarda possui, com o de filho, pai, marido..., pesa mais do que o fetiche da profissão de segurança pública, não querendo poder arriscar a vida e perder os demais papéis. Se isso fosse dito no coletivo, indaga-se se os demais colegas, principalmente os que possuem o cargo de chefia e que lutam para os GCMs participarem dos treinamentos, pensariam sobre o discurso velado que ele incita, especialmente sobre o simbolismo da masculinidade/virilidade e da própria profissão que está em jogo (Almeida, 2012; Botton, 2007; Muszkat, 2011; Nascimento, 2011; Salvagni, 2013).

Categoria 10: Influências da política sobre o trabalho da Guarda Civil Metropolitana de Goiânia

Nessa categoria, os participantes revelam que a política tem importante papel no desenvolvimento da Guarda Civil Metropolitana de Goiânia, na medida em que toma decisões acerca de abertura de concursos públicos, destinação de verbas e a nomeação de cargos de comando. Segundo relato, nas últimas eleições municipais, a guarda civil foi um tema muito mencionado por todos os candidatos à prefeitura.

Como a GCM de Goiânia está em mudança e quando é percebida possíveis melhoras, isso se reverbera em fontes de prazer e reconhecimento por parte dos guardas (Baierle, 2007; Dejours, 2004a; Mendes, 2007).

Categoria 11: Rejeição ao militarismo e à estagnação dos sistemas de segurança e judiciário



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Esta categoria revela a rejeição de 3 participantes a práticas de caráter militar na Guarda Civil Metropolitana de Goiânia. O primeiro deles é mais incisivo, caracterizando o sistema militar como “ultrapassado” e dizendo que fez a opção por ser guarda pelo fato de esta ser uma posição civil, uma vez que não gosta do militarismo. Aponta uma incapacidade sua em seguir ordens sem questionar. O segundo apresenta em sua fala que, o gabinete militar que antes existia no Paço Municipal acarretava em um excesso de chefia para pouco pessoal. Por fim, outro participante demonstra pouco interesse em realizar os cursos de armamento e tiro, dizendo-se satisfeito com sua capacitação em armas não letais. No entanto, ele diz que quando chegar o momento, ele fará os cursos sem problemas, os acolherá com carinho.

Há relato de insatisfação com os sistemas de segurança e judiciário como um todo. Expõe a necessidade de uma reformulação nesse sentido e de uma maior integração entre as partes, apontando dificuldades como: o fato do poder judiciário soltar aqueles que são presos pelos agentes de segurança; a ineficiência do sistema prisional, que não se preocupa com a ressocialização dos detentos; a superpopulação prisional e má qualidade de vida nos presídios. Em sua fala, ele aponta que caso não haja uma reformulação do sistema, ele se tornará “falido”. Além disso, esse mesmo participante ressalta a estagnação da organização da guarda municipal, afirmando que esta não está aberta a inovações, apresentando normas extremamente rígidas e punindo ações criativas.

Tanto os guardas do grupo “adoecidos” quanto os do “não adoecidos” reconheceram as diferenças na organização do trabalho antes e após das Leis: a- n° 9354 (municipal; 2013) e b- Lei n° 13.022 (federal; 2014). Eles descrevem que o trabalho deles tinha mais desafios, limitações e eram mais propícios ao adoecimento antes das Leis (Lima, 2015). Porém reforçam que não era falta de tentativa por parte do comandante e da equipe de saúde dos guardas. Eles ressaltaram que, muitas vezes, era a própria má administração da prefeitura que reverberava na



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

precarização do trabalho dos guardas e, inclusive, das demais instituições sociais, para além da segurança pública da cidade, como as de transporte público, lazer, educação e saúde, por exemplo. A diferença é que com as Leis municipal e, principalmente, federal, as guardas do país todo foram obrigadas a se adaptarem às novas demandas, ganhando mais recursos do próprio governo federal (Lima, 2015). E, conseqüentemente, puderam investir mais em armamentos e treinamentos, que eram alvos de queixas de muitos GCMs de Goiânia, como pontuado em diferentes momentos no texto da tese.

Por outro lado, alguns criticaram essas mudanças e novas aquisições da guarda, uma vez que ao passo que a organização promove um processo de desprecarização de recursos, treinamentos e infraestrutura, ela precariza as relações de trabalho ao militarizar suas estratégias de ação para com os cidadãos da região metropolitana de Goiânia, conforme já pontuado.

Os novos instrumentos de trabalho e novos treinamentos, segundo os entrevistados, ao mesmo tempo que oferece mais recurso de defesa e ação dos guardas para realizarem seus trabalhos, eles se distanciam mais do seu próprio lema de serem os guardiões da cidadania, devido ao treinamento que eles estão recebendo que é bem próximo ao treinamento que os PMs recebem. Assim, são alvos não somente da crítica dos próprios guardas que estão atuando de forma mais ostensiva, mas também da própria população. Enfim, estamos diante de uma contradição: por um lado a Lei garante melhorias nos recursos e amparo para os guardas trabalharem, algo que não era bem estruturado, segundo os entrevistados e, por outro lado, vemos as conseqüências desses novos investimentos que assustam ou afastam os guardas e a própria população ao realizarem o trabalho de segurança pública.

Pensamos, ainda, nas conseqüências de terem um treinamento mais rigoroso e um investimento mais intenso em armamentos em contraste à sua iniciativa e lema de serem



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

amigos da cidadania, guardando os bens, serviços e a própria população da região metropolitana de Goiânia. É como se tentassem resolver um problema criando outros. De um lado resolveríamos o problema da falta de suporte aos guardas, a visão negativa que a população da região tem sobre os guardas, dando mais visibilidade, respeito e reconhecimento da própria população ao terem mais rondas, guardas armados e treinados. Mas, ao mesmo tempo, eles teriam esses “benefícios” a que custo? Já temos estudos sobre outros profissionais de segurança pública (Almeida, 2012; Magalhães, 2015) e o impacto psíquico sobre eles, desdobrados em adoecimentos como estresse, depressão e, até suicídio, devido à própria organização do trabalho e a realidade do cargo que requer deles certa virilidade que pode reverberar em sofrimento e, como já ressaltado, até em adoecimentos.

Questionamos, então, as consequências dessas mudanças na GCM de Goiânia. Tais processos indicam que os guardas homens ficariam mais vulneráveis ao sofrimento e ao uso de ideologias defensivas da virilidade para suportarem o peso da responsabilidade de desempenharem seus próprios trabalhos ao defenderem os bens públicos, serviços e os cidadãos de Goiânia, conforme já evidenciado em diferentes relatos tanto na entrevista coletiva, quanto nas atividades dos cartazes e nos temas, relatos e categorias da AC nas entrevistas individuais.



CAPTÍTULO 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O tiro te acertou e você nem deu conta
A espada atravessou e você sentiu nada
(...)
A bomba explodiu e você nem viu o clarão
Veneno tá na veia e você não quer cura
(...)
As cores foram embora e você nem se pintou
O açúcar foi embora levou todo o sabor
Tristeza pôs um véu em você, te cegou
(...)
Depois que arde o corte sempre alivia
Enquanto os meses vão passando anestesia
Scatolove – O tiro*

Este estudo aborda os temas gênero, sofrimento e virilidade na perspectiva da psicodinâmica do trabalho, investigando o adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia, homens, a partir da relação entre organização do trabalho, sofrimento, estratégia defensiva individual e coletiva da virilidade utilizada pelos participantes pesquisados e a negação do adoecimento no trabalho.

Em relação ao método, evidencia-se, aqui, suas implicações, relevâncias e limitações. As entrevistas individuais foram interpretadas a partir da Análise de Conteúdo (AC; Bardin, 1977), o que permitiu mergulhar na construção dos sentidos e significados construídos pelos guardas no contexto de trabalho, frente aos temas, relatos e categorias gerados e compartilhados. Como nosso objetivo era dar voz para os guardas e ganhar mais no aprofundamento do fenômeno (método qualitativo) e não no poder de generalização (método quantitativo), foi adotada a pesquisa qualitativa. Realizando a entrevista coletiva e a atividade de observação, foi possível detectar o fenômeno do desenvolvimento das estratégias defensivas, individual e coletiva, da virilidade, e como a variável “gênero masculino” contribuiu na compreensão do processo de negação do sofrimento, (no fato dos guardas homens usarem a defesa da virilidade), e a psicodinâmica do adoecimento desse processo.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

A dinâmica do sofrimento causado pela organização do trabalho dos GCMs homens se configuram em diferentes episódios de constrangimento, que contrastam com a base social e cultural que se tem do macho viril desde diferentes momentos históricos. Não poder assumir o papel do homem, do herói, do valente, por falta de preparação física, instrumental e psicológica compromete a reputação de virilidade do guarda homem, causando desamparo e constrangimento que são, muitas vezes, racionalizados e negados por eles (Machin *et al*, 2011).

Assim, para não comprovar no coletivo que ele “não deu conta do recado”, não deseja arriscar ter a sua imagem julgada pelos seus pares e pela sociedade como fraco, inútil, ele aciona a estratégia da virilidade (Caniato & Lima, 2008), negando o sofrimento, mas, nesse processo, em longo prazo, vai adoecendo silenciosamente e sem o sujeito homem se dar conta, sem ter consciência (e/ou não desejar assumir) que precisa de ajuda (negação).

A dinâmica do sofrimento encontrada na base da virilidade, então, envolve o guarda homem:

- a) precisar de se fazer de forte, valente, resistente, não demonstrar suas emoções, fragilidades e fraquezas, para manter seu respeito em relação ao coletivo. Afinal, no imaginário deles, a partir do fato real do quantitativo mais expressivo da guarda ser do sexo masculino, eles precisam reforçar a sua virilidade masculina, o que engloba a defesa da virilidade. E lembrando que o guarda homem não é “qualquer homem”, e sim um homem que é um profissional de segurança pública, que é herói;
- b) acionar defesas da virilidade, individual e coletiva, com muita frequência, para os guardas homens suportarem o constrangimento por não poderem corresponder aos desejos, demandas e necessidades da organização do trabalho e da sociedade, é agravada pelo gênero masculino, conduzindo ao adoecimento, uma vez que a organização inviabiliza os recursos materiais e psicossociais necessários para os



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

guardas ocuparem o papel de GCMs, principalmente em uma perspectiva mais ostensiva.

Para um homem, é muito importante manter sua honra viril por uma questão de identificação social e histórica que o papel do gênero masculino desempenha nele, que é pressionado pela própria sociedade, ao longo da história, para ele assumir o seu lugar de “macho” (Bourdieu, 2003; Baubérot, 2013; Guillet, 2013; Viana & Ferrarinni, 2016). Quando seu lugar não é assumido, no caso no contexto do trabalho, e a própria organização o impede de ocupar o seu papel, não oferecendo os recursos necessários para desenvolverem suas atividades de segurança pública, o guarda homem é impedido de experimentar sua virilidade, se sentido inútil, castrado, impotente.

As defesas individual e coletiva (Dejours, Abdoucheli & Jayet, 1994; Mendes, 2007) dos guardas são desenvolvidas em contextos nos quais envolvem contradições prescritas e reais do trabalho, bem como no duelo simbólico de poder vivenciar ou não sua masculinidade/virilidade. Há uma pressão externa, da mídia/impressa, da sociedade, da família e do trabalho para que o guarda homem seja um herói e tenha sucesso ao defender o patrimônio público de Goiânia e os cidadãos de toda sua região metropolitana. Porém, eles se queixam de falta de equipamentos para própria proteção e treinamento adequados. Como o fracasso é uma castração simbólica, eles, mais uma vez, se sentem impotentes e frustrados.

Quando têm que realizar uma tarefa mais ostensiva e um dos colegas não tem o armamento apropriado, por exemplo, é uma situação constrangedora para todos, principalmente para aqueles que estão indefesos, sem os instrumentos necessários para promover a defesa dos outros e de deles próprios. Geralmente eles se mobilizam para ajudar o colega sem recursos/instrumentos do trabalho. Recursos/instrumentos estes que deveriam ser oferecidos pela organização.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Muitos adquirem os instrumentos por conta própria. Mas há alguns que possuem outras prioridades mais urgentes e acabam não os adquirindo e/ou aguardando que a organização os forneça. Nessa dinâmica, a tensão entre prazer e sofrimento da profissão é colocada à prova e, muitas vezes, para vários deles, o sofrimento acaba pesando mais. Como “homem não chora”, não deve mostrar suas emoções, fraquezas, fracasso, ele se endurece, se embrutece, negando o risco, o perigo – muitas vezes usando somente as duas armas que ele possui: o uniforme/“fardamento” e o diálogo – e, mesmo com medo, vai enfrentar os desafios do trabalho para garantir sua tarefa, sua profissão e, conseqüentemente, sua fama e reputação como durão, valente, homem, viril, “guarda de verdade”.

As defesas individual e coletiva de virilidade (Caniato & Lima, 2008; Dejours, 2007; Grenier-Pezé, 2004) dos guardas homens são caracterizadas, muitas vezes, tanto como defesas de proteção (principalmente para os não adoecidos), pela racionalização, quanto de adaptação e exploração (principalmente para os adoecidos); pela negação do sofrimento, (Oliveira & Mendes, 2014) embrutecimento para corresponder aos desejos, demandas e necessidades de todos que os cercam, sendo atravessadas, então, pelo gênero masculino (Baubérot, 2013; Beauvoir, 1972).

Assim, individualmente, o guarda vai se forçar para negar ajuda, negando o sofrimento e disfarçando o adoecimento, pela vergonha e constrangimento de não poder executar seu trabalho como deveria, como é esperado dele. Coletivamente, os guardas tecem uma teia simbólica de companheirismo e amizade (Baierle, 2007; Castro, 2010). Ora essa teia serve para, realmente, promover mais saúde aos seus pares, com apoio, ajuda, suporte para os guardas; ora para mostrar para os demais que eles são valentes, fortes, não sofrem, não adoecem e podem, até, assumir o papel daquele que reconhece que o outro precisou de ajuda.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Ou seja, nessa última lógica, simbolicamente, aquele que sofre/adoece “fraquejou”, “fracassou”, não foi “homem o bastante” criando uma relação de poder, uma relação de dominação: o mais forte e o menos forte. E, nesse cenário do coletivo, ninguém deseja ser o elo fraco, o “não herói”. Na dimensão individual, fica a reflexão que essa teia pode ser construída de forma coletiva a partir de outra dinâmica: os guardas homens se veem em uma encruzilhada ideológica na qual tem que se convencer que os demais colegas homens, de alguma forma, devem fazer o mesmo. Ou seja, usar o mesmo recurso da virilidade masculina e acionar a defesa da virilidade frente ao sofrimento psíquico que preenche as lacunas entre as prescrições e o real do trabalho.

Como visto nas entrevistas coletivas, na atividade de observação, nos temas, relatos e categorias da Análise de Conteúdo das entrevistas individuais, a psicodinâmica do adoecimento reforça uma defesa coletiva dúbia, que sugere intervenção. Orienta-se que a guarda se atente às questões de gênero que interferem na psicodinâmica do adoecimento psíquico dos GCMs homens, principalmente diante do processo de mudança que eles estão passando, de se “militarizar” cada vez mais. Ainda, como a GCM já possui programas de prevenção de doenças e promoção de saúde no trabalho, bem como contam com o plano de saúde da prefeitura de Goiânia, sugere-se criar um espaço de escuta, usando os conhecimentos da psicodinâmica e clínica do trabalho para realizar o serviço de ressignificação do sofrimento no trabalho dos guardas homens.

Além disso, é importante ressaltar que a guarda está com um projeto de melhorias tanto de treinamento quanto de aquisição de materiais e melhores condições de trabalho em geral. Por isso, essa tese auxilia como um alerta da importância de pensar a organização do trabalho em parceria com os guardas, de forma democrática, para esse processo de mudança ser mais saudável e justo, minimizando as chances dos guardas de acionarem suas defesas e/ou



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

ideologias defensivas patológicas de virilidade (Caniato & Lima, 2008) para enfrentarem as situações de constrangimento, de sofrimento e adoecimento no trabalho.

Ou seja, o quão é importante criar boas condições de trabalho, conhecendo melhor o perfil e as características históricas, culturais e sociais do gênero masculino e dos próprios guardas que são servidores públicos da GCM de Goiânia, e suas respectivas implicações da construção/imposição das prescrições, bem como nas relações de prazer/sofrimento e saúde/doença no trabalho (Mendes, 2007). Assim, poder-se-ia prevenir estratégias defensivas que empurram os sujeitos para o adoecimento, buscando aproveitar o potencial da equipe interna e de parcerias que promovem saúde para os guardas.

Este estudo mostrou, então, o modo que o gênero masculino influencia no agravamento do sofrimento e no uso da defesa individual e coletiva da virilidade. E, como alerta Dejours, Abdouchelli e Jayet, (1994); se os guardas sentirem que suas estratégias defensivas de se fazer de fortes/valentes, viris forem ameaçadas, a estratégia corre o risco de ser promovida como objetivo. E, se isso ocorrer, uma ideologia defensiva da virilidade será desenvolvida. É como todo sinal de sofrimento, de constrangimento na guarda, fosse resultado do enfraquecimento da estratégia defensiva e não consequência do trabalho. Assim,

O sofrimento não pode mais ser reconhecido como decorrente do trabalho. Inversamente, a estratégia de defesa que não era vista como promessa de felicidade, e a defesa da defesa, é erigida a ideologia. Por isso passaremos a falar em ideologia defensiva e não mais em estratégia coletiva de defesa, na medida em que a defesa se torna em programa de ação coletiva. Longe de carregar em si os germes de uma organização do trabalho, menos nociva, a ideologia defensiva desemboca em conflitos de poder, que não resultam em nenhuma solução para a questão dos efeitos patogênicos das pressões organizacionais (Dejours, Abdouchelli & Jayet, 1994, pp. 130-131).

Parece que o constrangimento se revela como um sofrimento muito significativo para os guardas. O constrangimento é um dos nomes do sofrimento vivenciado pelos guardas a partir



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

do uso da estratégia defensiva individual e coletiva da virilidade, que impacta na negação do adoecimento. Nessa psicodinâmica, ele usa e abusa, de forma a não ter consciência das consequências do uso excessivo dessa defesa (ideologia) e esse escudo vai perder o seu efeito. E, quando a defesa falhar, ele, por se fazer de forte, valente, corajoso, destemido, que aguenta tudo, por ser homem, negará o adoecimento, usando a defesa de novo, criando o ciclo vicioso, retornando ao recurso da defesa e defendendo a defesa (a defesa como objetivo).

A escolha de desenvolvermos a entrevista coletiva, a observação não participante com os guardas adoecidos, e as entrevistas individuais com os guardas adoecidos e não adoecidos (com seus respectivos temas, relatos e categorias) possibilitou perceber o impacto do uso da estratégia defensiva de virilidade antes e após o adoecimento. Mesmo que os guardas da entrevista coletiva e os não adoecidos não adoeceram, (no processo de entrevistas, durante a pesquisa), foi evidenciado que a organização do trabalho da GCM de Goiânia, principalmente frente à mudança de se tornar mais ostensiva (Paula, 2010; Lima, 2015), e procurar manter as Leis Lei 9.354/13 e Lei 13.022/14, eles correm o risco de intensificar o processo de adoecimento dos guardas. Principalmente correm o risco de reproduzir a psicodinâmica do adoecimento dos guardas que provaram para organização que a estratégia defensiva da virilidade não é uma forma saudável de lidar com o sofrimento no trabalho, uma vez que foi possível perceber que tanto os próprios os guardas homens adoecidos quanto os não adoecidos usam da mesma estratégia.

A partir dos relatos, antes do adoecimento, foram usadas estratégias de defesa de racionalização, negação e virilidade. Alguns, antes de adoecerem ou os participantes que não eram (ou foram) adoecidos, tendiam a racionalizar o sofrimento, os constrangimentos, medos, angústias, vergonhas, atribuindo a culpa e fonte dos sofrimentos a fatores externos (Barros & Mendes, 2003; Dejours, Abdoucheli & Jayet, 1994). Posteriormente, foi identificando a defesa



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

da virilidade e da negação, principalmente durante e após o adoecimento, e/ou principalmente nos guardas adoecidos: se embrutecendo, se fazendo de forte, não reconhecendo e negando o adoecimento (Caniato & Lima, 2008; Grenier-Pezé, 2004; Guimarães-Júnior & Macedo, 2013).

Os que adoeceram, tiveram problemas psicossociais:

- estresse, depressão, ataque do pânico, agressividade;
- problemas familiares como abando da esposa, divórcio, perda da guarda do filho e;
- injustiça organizacional por tirar direitos trabalhistas, uma vez que ocupavam a categoria de afastado. Ou seja, ser afastado é sinônimo de perda de direitos, benefícios e remuneração. Como se a organização o punisse por ter fracassado, ficado doente, fraco, indefeso. E, aqueles que estão na readaptação, que ocupam os cargos administrativos, lutam para atender às demandas e estratégias da organização para não serem diagnosticados/caracterizados enquanto afastados, certos que eles têm consciência das consequências de tal ação. O que implica em um processo de dessubjetivação

A psicodinâmica do adoecimento dos guardas homens envolve, principalmente, a virilização e negação do sofrimento e do próprio adoecimento, frente às situações de constrangimento no trabalho. Neste e em outros momentos neste trabalho, então, legitimam a tese de que os guardas civis metropolitanos de Goiânia, homens, para confrontar o sofrimento originado nos constrangimentos da organização do trabalho, usam a estratégia defensiva individual e coletiva de virilidade, que é reforçada pelo gênero e produtora da ideologia da negação do adoecimento no trabalho da categoria.

Além da confirmação da tese, esta pesquisa cumpriu seu objetivo geral de relacionar organização do trabalho, sofrimento e estratégia defensiva individual e coletiva da virilidade utilizada pelos guardas civis metropolitanos de Goiânia do gênero masculino com a negação



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

do adoecimento no trabalho. E, também, cumpriu os específicos de a) avaliar os constrangimentos da organização do trabalho dos guardas e o sofrimento dela decorrente; b) identificar as estratégias defensivas individual e coletiva de virilidade usadas pelos guardas civis metropolitanos de Goiânia e; c) descrever a dinâmica de negação do adoecimento.

Conclui-se que a toda a configuração social e cultural que envolve a história da guarda, envolve:

- falta de treinamento e equipamentos de segurança, defesa e/ou armamento;
- a base da hierarquia que os GCMs ocupam na relação de poder dentre os demais profissionais de segurança pública no Brasil;
- menosprezo, desqualificação, desrespeito e a falta de reconhecimento pelos demais profissionais de segurança pública (policiais), pela imprensa (mídia) e pela população,
- as mudanças e novas exigências, leis, normas, regras, prescrições da GCM de Goiânia; interferem na psicodinâmica do adoecimento dos guardas, principalmente porque esse cenário, dentre outros fatores, gera constrangimento e acionam as defesas individual e coletiva da virilidade, que é atravessada e agravada pelo gênero masculino. “É por isso que nos encontros entre o sujeito masculino e os constrangimentos deletérios das situações de trabalho, o risco de captura da identidade masculina pela virilidade defensiva é real. O homem virilizado escora seu funcionamento mental e social” (Molinier, 2004, p. 22).

O que impera, então, é o medo da castração, da impotência (Dunker, 2011; Mendes, 2007). Para que isso não ocorra, eles desenvolvem toda a tese de que, frente aos constrangimentos originados pela organização do trabalho, os guardas tendem a acionar estratégias de defesa da virilidade para tentar suportar o sofrimento, (que eles negam), se fazendo de forte/resistente/valente, o que os cega para se darem conta que estão sofrendo, agravando o iminente adoecimento como consequência do uso abusivo de tal defesa viril



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

(ideologia defensiva da virilidade – Caniato & Lima; Dejours, Abdoucheli & Jayet; Dejours, 2007; Mendes, 2007), na qual a própria defesa falha. Então ele falha e adocece. O escudo é atravessado, perfurado pelo constrangimento, que atinge a saúde mental do guarda homem, agravando e legitimando o seu fracasso, a sua impotência, o seu adoecimento. E, uma vez adoecido, pode ser rejeitado pelos seus pares, familiares e pela sociedade, é tido como uma prova de seu próprio fracasso e, seu medo, seu “pesadelo”, se torna realidade: ele se vê castrado, impotente.

Uma outra reflexão é pertinente aqui. Parece que os guardas vivem o “Mal de Logan” que é um ícone de masculinidade/virilidade dos “X-Men”, dos quadrinhos de super-heróis:

- estão em um contexto real e histórico no qual são exigidas coisas novas, que distanciam-se da ideologia e das práticas que são exigidas deles (policimento comunitário/guardiã da cidadania);
- a nova organização foi implantada na estrutura subjetiva deles, a partir da “militarização”, como se fosse o *adamantium* que foi implantado na estrutura óssea do Wolverine/Logan.
- as novas políticas e armas funcionam por muitas vezes, mas ela começa a falhar, exigindo do guarda estratégias para enfrentar o sofrimento mas ao usar a defesa da virilidade, tende a usar e abusar dela todas as vezes que for constrangido, e/ou nas vezes que tiver que lidar em um contexto de sofrimento no trabalho.

Porém, essa nova estrutura (Lima, 2015), que dá mais força e potência, que dá mais poder de fogo, que é uma arma poderosa (nova organização do trabalho em processo de implantação nos guardas / *adamantium* implantado no Logan/Wolverine), também esconde um trágico segredo: é um veneno. Assim, em longo prazo, a arma que ajudou o Logan a combater a violência, foi a arma que o envenenou, o adoceceu e o matou... Ao militarizar os GCMs, a organização do trabalho da GCM de Goiânia pode virilizar a psicodinâmica do adoecimento



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

dos guardas, se aproximando ou concretizando os resultados encontrados nos estudos de Almeida (2012) e Magalhães (2015) sobre o adoecimento psíquico dos PMs.

Este estudo mostrou, dentre outros aspectos, que o gênero influencia no agravamento da psicodinâmica do adoecimento dos guardas homens, ao usarem a estratégia (e, em alguns casos a ideologia) defensiva de virilidade, frente ao constrangimento causado pela organização do trabalho, contribuindo para a seguinte reflexão: a forma que o guarda homem concebe sua masculinidade/virilidade na sua profissão de segurança pública e com os recursos prescritos e reais do seu trabalho, interfere na forma dele de lidaram com suas fontes de constrangimento no trabalho, na mobilização, nas estratégias defensivas e nos destinos que darão para as relações de prazer/sofrimento e saúde/doença no trabalho. E contribuiu cientificamente no aprofundamento sobre a psicodinâmica do adoecimento dos guardas homens, a partir das estratégias defensivas individual e coletiva de virilidade, atravessadas pela variável gênero masculino, bem como a dinâmica da ideologia defensiva da virilidade da profissão.

Ainda, este estudo mostrou relevância: cultural, por abordar valores e questões de gênero, formas de gestão, relações de poder e seus desdobramentos; política, econômica e social por investigar sobre questões de trabalho, segurança pública e saúde psíquica, enfatizando e demonstrando a psicodinâmica do adoecimento dos guardas, servindo como um construto teórico-prático de mobilizar políticas públicas e promover saúde e qualidade de vida no trabalho. Evidencia como as condições do trabalho podem adoecer e como é importante levar em consideração tanto toda a complexidade histórica, social e cultural da construção da masculinidade e o impacto que ela tem nos próprios sujeitos homens, e os demais que o cercam, quanto mobiliza ações educativas para formar as pessoas de forma mais justa e democrática; seja no combate a violência, sejam nos demais desafios de convivência que enfrentamos e enfrentaremos.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Convida-se a todos para pensar, estudar, planejar e propor novos estudos sobre o fenômeno, usando diferentes variáveis, perspectivas teóricas e metodológicas, no intuito de suprir as lacunas e limitações deste estudo. Assim, pode-se contribuir para a continuação da construção do conhecimento e ajudar na compreensão da complexidade que envolve o contexto do trabalho de segurança pública no Brasil, o contexto de diversos desafios sociais como a violência e o impacto das relações poder, dominação de gênero dentro e fora do trabalho, em prol de um mundo mais saudável, prazeroso, criativo e ético.

A banca, após arguição, sugeriu algumas adequações e avanços teóricos e metodológicos, como:

- a) apresentar e discutir melhor sobre o conceito de castração simbólica, a partir de uma leitura mais psicanalítica, que conecte ao possível sentimento de culpa que os guardas homens sentem diante dos fenômenos de constrangimento no trabalho e o impacto desta percepção da castração simbólica com o processo da psicodinâmica do adoecimento no trabalho deles. Foi sugerido uma contribuição lacaniana sobre castração simbólica, que envolvesse as variáveis do imaginário, simbólico e real.
- b) no método, foi sugerido uma outra organização, que deixasse os resultados mais claros. A sugestão foi apresentar e organizar os resultados e discussão a partir das perguntas de pesquisa e os objetivos da tese, ao invés da forma que foi utilizada.
- c) sobre os sujeitos investigados, recomendou-se enfatizar as relações de prazer e sofrimento e não destacar/enfatizar tanto as questões de sofrimento. Mas, também, evidenciar o que a guarda tem “de bom”.

Uma última observação relevante é que a pesquisa está inserida dentro de um recorte histórico de coleta de dados (entre 2015 e 2017). E, por isso, possui sua limitação temporal para investigar os fenômenos em questão. Além disso, novos investimentos sobre a melhora de



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

grandes fontes de insatisfação e fontes de sofrimento da categoria foram evidenciados durante o processo de pesquisa, a partir das ações da DSTAS, junta médica, plano de saúde do servidor municipal, equipe interna de psicólogas, parcerias com outras instituições com diferentes programas sobre saúde no trabalho, etc. Vale ressaltar que foi evidenciado a transformação histórica da profissão e que boa parte das queixas e situações de adoecimento foram frutos de outras configurações históricas, sociais, político-econômicas e de gestão da GCM de Goiânia. O curioso é que mesmo a instituição oferecendo uma estrutura de apoio biopsicossocial para a saúde e qualidade de vida para os GCMs homens, nem todos aderem às propostas, acionando suas defesas de virilidade para lidar, contraditoriamente, com as situações de constrangimento da organização do trabalho.



REFERÊNCIAS

- Abramovay, M., Castro, M. G., Pinheiro, L. C., Lima, F. S., & Martinelli, C. C. (2002). *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: Desafios para políticas públicas*. Brasília, DF: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Recuperado de unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127138por.pdf
- Almeida, C. V. R. (2012). “Manda quem pode, obedece quem (não) tem juízo” – corpo, adoecimento mental e intersubjetividade na polícia militar goiana (p. 131). *Dissertação de Mestrado em Antropologia Social*, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Almeida, F. M. N. D. S. (2001). Identidade profissional e aquisição de competências: Um estudo com pilotos de aeronaves da aviação comercial. *Doctoral dissertation*, Instituto Superior de Psicologia Aplicada - Portugal.
- Almeida, M. V. (1995). *Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.
- Alves, G. (2002). *Trabalho e sindicalismo no Brasil: um balanço crítico da “década neoliberal” (1990-2000)*. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n19/14624.pdf> em 22/03/2015.
- Alves, G. (2011). Trabalho flexível, vida reduzida e precarização do homem-que-trabalha: perspectivas do capitalismo global no século XXI. In: Vizzaccaro-Amaral, A. L., Mota, D. P. & Alves, G. (Orgs). *Trabalho e saúde: a precarização do trabalho e a saúde do trabalhador no século XXI*. São Paulo: LTR.
- Antunes, R. & Alves, G. (2004). As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. In: *Revista Educação & Sociedade*. Campinas, vol. 25, n. 87, pp. 335-351, maio/ago. Recuperado em 02/06/2015 de: <http://www.cedes.unicamp.br>
- Arendt, H. (1989). *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense.
- Augusto, A. G. (2009). A dessubjetivação do trabalho: o homem como objeto da tecnologia. *R. Econ. contemp.* 13 (2) 309-328.
- Baierle, T. C. & Merlo, A. R. C. (2008). Saúde mental e subjetividade no trabalho de uma guarda municipal: estudo em psicodinâmica do trabalho. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 11 (1), 69-81.
- Baierle, T. C. (2007). Ser segurança em tempos de insegurança: sofrimento psíquico e prazer no trabalho da Guarda Municipal de Porto Alegre (201 p.). *Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

- Barros, P. C. R., & Mendes, A. M. (2003). Sofrimento psíquico no trabalho e estratégias defensivas dos operários terceirizados da construção civil. *Psico USF*, 8 (1), 63-70.
- Baubérot, A. (2013). Não se nasce viril, torna-se viril. In: A. Corbin; J-J. Courtine; G. Vigarello. (Org.) *História da Virilidade: a virilidade em crise? Século XX-XXI*. Vol. 3. (pp. 189-220). Petrópolis: Vozes.
- Beauvoir, S. (1972). *Tout compt fait*. Paris: Gallimard.
- Bertaud, J-P. (2013). A virilidade militar. In: A. Corbin; J-J. Courtine; G. Vigarello. (Org.) *História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX*. Vol. 2. (pp. 195-248). Petrópolis: Vozes.
- Bock, A. M. B., Teixeira, M. L. T. & Furtado, O. (2011). O mundo do trabalho e das organizações. In Bock, A. M. B., Teixeira, M. L. T. & Furtado, O. (Orgs), *Psicologia Fácil* (159-171). São Paulo: Saraiva.
- Borges, L. O., & Yamamoto, O. (2014). O mundo do trabalho: construção histórica e desafios contemporâneos. In J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade, & A. V. B. Bastos (Orgs.), *Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil*, 2ª ed. (pp.25-72). Porto Alegre: Artmed.
- Botton, F. B. (2007). As Masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. *Revista Vernáculo*, 19 e 20, 109-120.
- Bourdieu, P. (2003). *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Braverman, H. (1975). *Trabalho e capital monopolista: a degradação do trabalho no século XX*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Caniato, A. M. P., & Lima, E. C. (2008). Assédio moral nas organizações de trabalho: Perversão e sofrimento. *Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho*, 11(2),177-192. doi:10.11606/issn.1981-0490.v11i2p177-192.
- Carmo (1992). *A ideologia do trabalho*. São Paulo: Moderna.
- Castro, T. C. M. (2010). Reconhecimento e vida dos guardas municipais: clínica do trabalho na atividade de segurança pública. (142 p.). *Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Cerqueira, F. V. (2011). Sobre efeminação e virilidade, a Grécia vista do pampa. *Métis: história & cultura*, 10 (20), 81-109.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (1998). Brasília. 1988. Recuperado em 30 de maio de 2015, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm
- Dahlberg, L. L. & Krug, E. G. (2007). Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência e saúde coletiva*, 11, 1163-1178. doi: 10.1590/S1413-81232006000500007.
- Dejours, C. & Abdoucheli, (1990). E. Itinéraire théorique en psychopathologie du travail. *Revue Prevenir*, 20, 21-38.
- Dejours, C. (1985). Construire as santé. In Cassou, B. et al (dir.) *Les risques du travail* (18-21). Paris: Éditions de la Decouverte.
- Dejours, C. (1988). *La Souffrance en France: la banalisation de l'injustice sociale*. Paris, Seuil.
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. 5. ed. São Paulo: Cortez-Oboré.
- Dejours, C. (1993). *Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. São Paulo: Atlas.
- Dejours, C.; Abdouchelli, E. & Jayet, C. (1994). *Psicodinâmica do Trabalho – contribuições da escola Dejouriana à análise de prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Dejours, C. (2004a). Adendum. In: Lancman, S. & Szneman, L. (Orgs). *Christopher Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Fiocruz; Brasília: Paralelo 15.
- Dejours, C. (2004b). O trabalho como enigma. In: S. Lancman, L. Szneman (Orgs.) *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Fio-cruz/Brasília: Paralelo 15.
- Dejours, C. (2007). *A banalização da injustiça social*. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Dejours, C. (2008). A metodologia em psicopatologia do trabalho. In S. Lancman, L. Szneman (Orgs.) *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. (2ªed., PP. 107-128). Rio de Janeiro: Fio-cruz/Brasília: Paralelo 15.
- Donato, M. & Zeitoune, R. C. G. (2006). Reinserção do trabalhador alcoolista: percepção, limites e possibilidades de intervenção do enfermeiro do trabalho. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*. 10 (3), pp.399-407. doi:10.1590/S1414-81452006000300007.
- Duarte, R. (2004). Entrevistas em pesquisa qualitativas. *Educar*, (24), 213-225.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

- Dunker, C. I. L. (2011). Mal-estar, sofrimento e sintoma: releitura da diagnóstica lacaniana a partir do perspectivismo animista. *Tempo social*, 23 (1), 115-136. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702011000100006> em 01/09/2014. ISSN 0103-2070.
- Facas, E. P. (2013). Protocolo de avaliação dos riscos psicossociais no trabalho - contribuições da psicodinâmica do trabalho. *Tese de doutorado*. Universidade de Brasília, Brasília-DF.
- Fernandes, R. C. P. (2011). Precarização do trabalho e os distúrbios musculoesqueléticos. *Caderno CRH*, 24 (1), 155-170.
- Foucault, M. (1986). *A História da Sexualidade II – O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.
- Franco, T., Druck, G. & Seligmann-Silva, E. (2010). As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Saúde Ocupacional*, 35 (122), 229-248.
- Freud, S. (1930). *O mal-estar na civilização*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Frigotto, G. (1995). *Educação e crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez, 1995.
- Gaulejac, V. (2006). *Gestão como doença social*. São Paulo: Ideias e Letras.
- Gómez, J. J. O. (2014). O mal-estar subjetivo derivado da fragmentação do trabalho. *Tese de doutorado*. Instituto de Psicologia; Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo. São Paulo-SP.
- Grenier-Pezé, M. (2004). Forclusão do feminino na organização do trabalho: um assédio de gênero. *Revista Produção*, 14 (3), 6-13.
- Guarda civil metropolitana: a guardiã da cidadania [Blog]. (2015). Recuperado de <http://guardamunicipalgoiania.blogspot.com.br/>
- Guillet, F. (2013). O duelo e a defesa da honra viril. In: A. Corbin; J-J. Courtine; G. Vigarello. (Org.) *História da Virilidade: o triunfo da virilidade o século XIX*. Vol. 2. (pp. 97-152). Petrópolis: Vozes.
- Guimarães-Júnior, E. H. & Macêdo, K. B. (2013). Saúde e trabalho do empreendedor: um estudo em psicodinâmica do trabalho. *Fragmentos de Cultura*, 23 (3), 335-347. doi: 10.18224/frag.v23i3.2954.
- Heloani, J. R. & Silva, E. P. (2006). O desgaste da realidade sócio-institucional, identidade e stress no trabalho de guardas municipais. In G. Gutierrez (Org.), *Qualidade de vida e fadiga institucional* (pp. 271-289). Campinas: Unicamp/IPES.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

- Ionesco, E. (2015). *O rinoceronte*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Jáballi-Júnior, P. (2013). Formação da guarda civil metropolitana face ao papel do município na segurança urbana (116 p.). *Dissertação de mestrado em Gestão e Políticas Públicas*, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo.
- Jilou, V. (2013). Capitalismo flexível, trabalho precarizado e sofrimento psíquico de professores universitários. *Uberaba*, 1 (1), 187-201.
- Lacan, J. (1998). *Para-além do princípio de realidade (1936)*. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lei nº 9354, de 08 de novembro de 2013. (2013). Dispõe sobre o Plano de Carreira e Vencimentos da Guarda Civil Metropolitana de Goiânia, e dá outras providências. Goiânia. 2013. Recuperado em 20 de setembro de 2016, de https://www.goiania.go.gov.br/html/gabinete_civil/sileg/dados/legis/2013/lo_20131108_00009354.pdf
- Lei nº 13.022, de 8 de agosto de 2014. (2014). Dispõe sobre o Estatuto Geral das Guardas Municipais. Brasília. 2014. Recuperado em 30 de maio de 2015, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13022.htm
- Lima, M. C. (2015). Análise jurídica da lei nº 13.022 de 08/08/14 diante das atribuições constitucionais das polícias militares. *RHM*, 15 (1), 184-201.
- Lima, M. E. A. (2005). Transtorno mental e trabalho: o problema do nexos causal. *FEAD-Minas*, 2 (1), 73-80.
- Machado, L. Z. (2004). Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: M. R. Schpun (Org.) *Masculinidades*. (pp. 35-78). São Paulo: Boitempo; Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- Machin, R. et al. (2011). Concepções de gênero, masculinidade e cuidados em saúde: estudo com profissionais de saúde da atenção primária. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(11), 4503-4512. Recuperado em 01 de setembro de 2016, de <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n11/a23v16n11.pdf>.
- Magalhães, J. C. D. (2015). Entre amarras e possíveis: atividade de trabalho e modos de viver dos policiais militares capixabas em análise. (108p.). *Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e Institucional*, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.
- Mangold, J. (Diretor). Parker, H.; Donner, L. S.; Simon, K.; Lee, S. & Mangold, J. (Produtores). (2017). *Logan*. [Filme/DVD – 137 min]. EUA. Twentieth Century Fox.
- Marx, K. (2006). *O capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

- Matriz Curricular Nacional para Guardas Municipais: para a formação em Segurança Pública. (2005). Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Segurança Pública/SENASP. Brasília. 2005. Recuperado de <http://pdba.georgetown.edu/Security/citizenssecurity/brazil/documents/matrizcurricular.pdf>
- Mendes, A. M. Costa, V. P.; Barros, P. C. R. (2003). Estratégias de enfrentamento do sofrimento psíquico no trabalho bancário. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 3 (1), 59-72.
- Mendes, A. M. (2007). *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Mennitti, D. (2014). A (des) construção do ideal de virilidade e o homoerotismo: compreendendo a(s) masculinidade(s) no principado romano. *Em Tempo de Histórias*, 24, 38-59.
- Merlo, A. R. C. & Mendes, A. M. (2009). Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. *Cadernos de psicologia social*, 12 (2), 141-156.
- Minayo, M. C. S. (Org.); Deslandes, S. F.; Neto, O. C. & Gomes, R. (2002). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, 21ª edição. RJ: Vozes.
- Molinier, P. (2004). Psicodinâmica do trabalho e relações sociais de sexo. Um itinerário interdisciplinar. 1988-2002. *Produção*, 14 (3), 14-26. doi: 10.1590/S0103.65132004000300003.
- Molinier, P. (2013). *O trabalho e a psique: uma introdução à psicodinâmica do trabalho*. Brasília: Paralelo 15.
- Morgante, M. M. (2015). Trabalho e virilidade sexual: a violência de gênero quando ela questiona – DEAM/Vitória-ES. XXVIII Simpósio Nacional de História: velhos e novos desafios. 27-31 de julho de 2015. Florianópolis – SC, Brasil. Recuperado em 05 de setembro de 2016, de http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427483186_ARQUIVO_ArtigoANPUH2015.pdf.
- Marietto, M. L. (2014). *Observação participante e não participante*. Working Paper. São Paulo, UNINOVE.
- Muszkat, S. (2011). *Violência e masculinidade*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Nascimento, M. A. F. (2011). Improváveis Relações: produção de sentidos sobre o masculino no contexto de amizade entre homens homo e heterossexuais. *Tese de doutorado em Saúde Coletiva*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Oliveira, C. R. (1995). *História do trabalho*. São Paulo: Ática.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

- Oliveira, J. N. D., & Mendes, A. M. (2014). Sofrimento psíquico e estratégias defensivas utilizadas por desempregados: contribuições da psicodinâmica do trabalho. *Temas em Psicologia*, 22(2), 389-399. doi: 10.9788/TP2014.2-10
- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO): Mapa da violência revela que 116 brasileiros morrem todos os dias por arma de fogo. (2016, março 04). Retirado de <https://nacoesunidas.org/unesco-mapa-da-violencia-revela-que-116-brasileiros-morrem-todos-os-dias-por-arma-de-fogo/>
- Paula, L. A. M. (2010). Poder de polícia e atribuições das guardas municipais. Recuperado em 16 de abril de 2014, de: <https://jus.com.br/artigos/17604/poder-de-policia-e-atribuicoes-das-guardas-municipais>
- Pereira, M. A. D. & Sousa, L. M. (2016). Sofrimento psíquico, gênero e o trabalho na área do cuidado. In K. B. Macêdo; J. G. Lima; A. R. D. Fleury & C. M. S. Carneiro (Orgs). *Organização do trabalho e adoecimento: uma visão interdisciplinar*. (pp. 275-285). Goiânia: PUC-Goiás.
- Ramagem, E. D. (2013). Dinâmica da organização do trabalho, o uso de estratégias de defesa e as vivências de prazer e sofrimento dos policiais legislativos. Trabalho de Conclusão de Curso da IV Turma do *Curso de Especialização em Psicodinâmica do Trabalho* do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho – PST – da Universidade de Brasília. Recuperado em 12/03/2017, de <http://bdm.unb.br/handle/10483/8403>.
- Rego, V. B. (2013). Virilidade. In Vieira, F. O., Mendes, A. M. & Merlo, A. R. C. (Orgs), *Dicionário crítico de gestão e psicodinâmica do trabalho* (pp. 499-501). Curitiba, PR: Juruá.
- Rodrigues, P. F; Alvaro, A. L. T; & Rondina, R. (2006). Sofrimento no trabalho na visão de Dejours. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*. 4 (7), 01-08. Recuperado em 16/12/2016 de: http://www.faeF.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/lh21p1iEajxlWcK_2013-5-10-15-30-2.pdf
- Salvagni, J. (2013). Risco, trabalho e masculinidade. Um estudo sobre os trabalhadores do setor elétrico. *OPSS*, 13 (2), 15-32. doi: 10.5216/o.v13i2.22089.
- Sampaio, J. R. (1998). As três faces da Psicologia do Trabalho. In: *Psicologia do Trabalho e Gestão de Recursos Humanos: estudos contemporâneos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Sayão, D. T. (2003). Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu. In: *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação*. UFSC-CED, 21 (1), 121-149.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

- Silva, F. V. & Leite, F. F. (2016). A invenção do lumbersexual: memórias de uma virilidade perdida?. *Maringá*, 38 (2), 207-2016. doi: 10.4025/actascilangcult.v38i2.27927.
- Silva, S. G. (2000). Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos. *Psicol. cienc. prof.* 20 (3), 8-15. doi: 10.1590/S1414-98932000000300003.
- Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde gerido pela Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS). (2016, 04 de março). Retirado de <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/oministerio/principal/secretarias/svs/mortalidade>
- Stenger, E., Monteiro, M. I., Sabino, M. O., Miquilin, I. O. C. & Corrêa-Filho, H. R. (2014). Lean production e riscos psicossociais: o caso de uma fusão multinacional de grupo metalmeccânico no Brasil. *Saúde Pública*, 30 (8), 1765-1776.
- Taylor, F. W. (1998). Princípios de Administração Científica. São Paulo: Atlas.
- Tosta, T. L. D. (2011). Desigualdade de gênero e a precarização das relações de trabalho. In J. H. Nunes & R. A. Freitas (Orgs). *Trabalho e gênero: entre a solidariedade e a desigualdade*. (pp.53-68). Goiânia: PUC-Goiás.
- Turazzi, D. L. & Demarco, T. T. (2016). O alcoolismo nas organizações na perspectiva dos assistentes sociais. *Anuário Pesquisa Extensão Unoesc Videira*. Recuperado em 28/12/2016 de <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/apeuv/article/view/12776/6831>.
- Vasconcelos, A. C. L. (2015). Antecedente e construção da psicodinâmica do trabalho. In: R. D. Moraes & A. C. L. Vasconcelos (Orgs). *Trabalho e emancipação: a potência da escuta clínica*. (pp. 47-59). Curitiba: Juruá.
- Viana, M. A. & Ferrarini, N. L. (2016). A lacuna moral na educação de meninos: o impacto das novas configurações de masculinidade na subjetividade infantil. *PsicoFAE*, 5 (1), 13-30.
- Waiselfisz, J. J. (2015). Mortes matadas por armas de fogo. Retirado de <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>
- Waiselfisz, J. J. (2016). *Mapa de violência 2016: homicídios por arma de fogo*. Brasília: FLACSO
- Zaluar, A. (2007). Democratização inacabada: fracasso da segurança pública. *Estudos Avançados*. 21 (61), 31-49. doi: 10.1590/S0103-40142007000300003.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

APÊNDICES



Apêndice 1 - Termo de consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado para participar, como voluntário e livre de qualquer remuneração ou benefício, do Projeto de Pesquisa sob o título **Gênero, Sofrimento e Virilidade: psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia**. Projeto este que tem como objetivo de relacionar a psicodinâmica do trabalho dos guardas do gênero masculino com a negação do adoecimento no trabalho, já foi defendido e aprovado no exame de qualificação no Programa de Pós-graduação (*stricto sensu*) em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (PPG-PSTO), da Universidade de Brasília (UnB). Meu nome é **Ronaldo Gomes Souza**, sou membro da equipe de pesquisa deste projeto (de tese) de **doutorado** no PPG-PSTO da UnB. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias e em todas as páginas, sendo a primeira via de guarda e confidencialidade da equipe de pesquisa e a segunda via ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins. Em caso de recusa, você não será penalizado de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador pelos contatos de telefone ou e-mail: (62) 98199-3484; ronaldopsicologo@hotmail.com. Ou com a orientadora da pesquisa: Professora **Ana Magnólia Mendes** no telefone: (61) 3107-6918, ou através do e-mail: anamag.mendes@gmail.com.

Para desenvolver a pesquisa, é preciso realizar procedimentos que envolvem a organização e rotina de trabalho dos guardas. Dessa forma, ter acesso aos documentos, leis, regras, normas e demais prescrições institucionais, fazer entrevistas individuais e coletivas e visitas ao campo, são necessárias. As entrevistas serão gravadas, transcritas e cuidadosamente analisadas. As gravações dos áudios serão realizadas por um aparelho celular e ficarão arquivadas pelo pesquisador doutorando pelo prazo de três anos. Após esse período, os áudios serão inutilizados. A pesquisa em questão não apresenta nenhum risco aparente. Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo.

No que concerne à divulgação dos dados e todas as demais prescrições e exigências presentes na Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 466 de 2012, será mantido o caráter ético e sigiloso da pesquisa. A colaboração dos participantes ajudará significativamente na caracterização, compreensão e aprofundamento das relações de trabalho, auxiliando no desenvolvimento de projetos e práticas mais saudáveis no contexto da realidade da psicodinâmica do trabalho da Guarda Civil Metropolitana de Goiânia. A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de um relatório escrito e apresentado, oralmente, para a instituição de acordo com a disponibilidade da mesma, para esclarecer as possíveis dúvidas sobre o relatório, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica. Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - CEP/IH. As informações com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidas através do e-mail do CEP/IH cep_ih@unb.br.

Assim, Eu, participante desta pesquisa, abaixo assinado, discuti com o professor Doutorando Ronaldo Gomes Souza sobre a minha decisão em ser entrevistado e colaborar para o desenvolvimento da tese de doutorado em questão. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia de assistência integral e gratuita



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios, quando e se necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste serviço.

Goiânia, ____, de _____, de 2017.

Assinatura do participante

___/___/_____
Data

Assinatura do pesquisador

___/___/_____
Data



Apêndice 2

Roteiro de entrevista coletiva com os GCMs de Goiânia

- 1- Conte-me sobre o trabalho de vocês GCMs de Goiânia.
- 2- Quais são as principais fontes de sofrimento da profissão de vocês?
- 3- Quais são as principais fontes de prazer da profissão de vocês?
- 4- Quais são as principais fontes de doença da profissão de vocês?
- 5- Quais são as principais fontes de saúde da profissão de vocês?
- 6- O que vocês fazem para enfrentar os sofrimentos e os adoecimentos no trabalho?



Apêndice 3

Roteiro de entrevista individual com os GCMs de Goiânia

Roteiro para entrevista com os adoecidos:

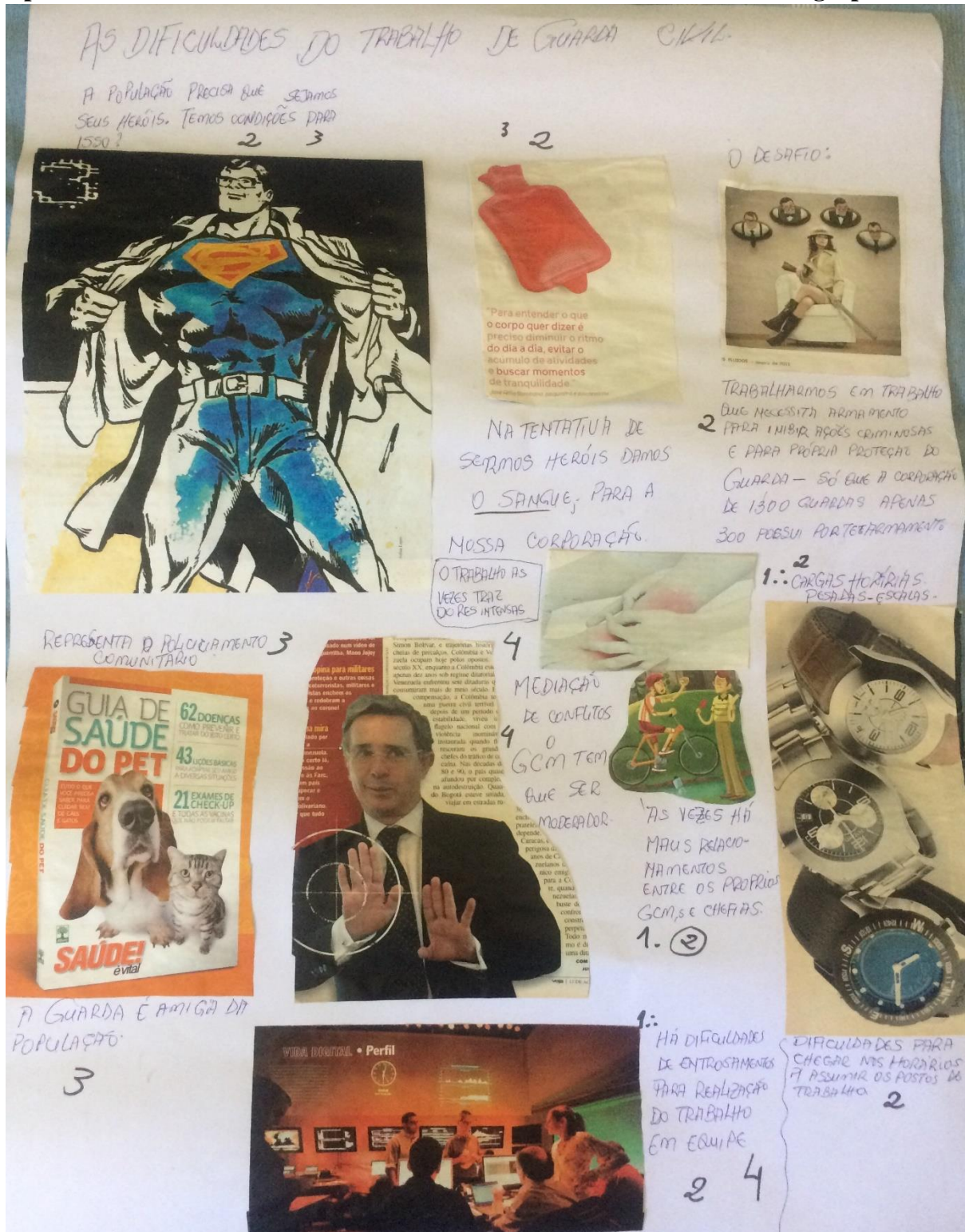
- 1- Como (é)era um dia típico do seu trabalho?
- 2- Quais (é) eram as principais dificuldades que você enfrentava, as mais difíceis de lidar?
- 3- Como (é)era a relação com os colegas?
- 4- Como (é)era a relação com a chefia?
- 5- Quando foi que você perceber que não estava bem/que estava adoecendo?
- 6- Como você enfrentou?

Roteiro para entrevista com os não adoecidos:

- 1- Como é um dia típico do seu trabalho?
- 2- Quais são as principais dificuldades que você enfrenta, as mais difíceis de lidar?
- 3- Como você lida com elas?
- 4- E quando não dá certo, o que acontece?
- 5- Como é a relação com os colegas?
- 6- Como é a relação com a chefia?
- 7- Tem alguma coisa que eu não e perguntei e que você gostaria de falar?

Gênero, Sofrimento e Virilidade:
 Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
 Ronaldo Gomes Souza

Apêndice 4 – Cartaz sobre as fontes de sofrimento do trabalho do GCM – grupo 1.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Apêndice 5 – Cartaz sobre as fontes de prazer do trabalho do GCM – grupo 1.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Apêndice 6 – Cartaz sobre as fontes de sofrimento do trabalho do GCM – grupo 2.

DESAFIOS DE SER UM G.C.M

1: FAITA DE COMUNICAÇÃO ENTRE OS GCMs DENTRO DA CORPORAÇÃO

1 EXISTE UMA CERTA DITADURA DE ALGUNS COMANDANTES

2 FAITA DE EPIS. PERTINENTES A FUNÇÃO EXERCIDA

2 SEM MUDANÇAS NAS GESTÕES

2 POUCO TREINAMENTO ESPECÍFICO

4º ESPAÇO FÍSICO INADEQUADO

1 INACESSIBILIDADE DA CHEFIA SUPERIOR

1 POUCOS SÃO BENEFICIADOS

2

OS BENEFÍCIOS SÃO PARA POUCOS

1

2

Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Apêndice 7 – Cartaz sobre as fontes de prazer do trabalho do GCM – grupo 2.



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Apêndice 8

Pesquisa sobre gênero e trabalho
Pesquisador doutorando: Ronaldo Gomes Souza



Ficha de voluntários para a pesquisa

Favor preencher, somente, o número de telefone para entrar em contato:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____
11. _____
12. _____
13. _____
14. _____
15. _____
16. _____
17. _____



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

ANEXOS



Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Anexo 1

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Gênero, Sofrimento e Virilidade: psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia

Pesquisador: RONALDO GOMES SOUZA

CAAE: 67801717.6.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UNB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.158.601

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências ou inadequações dignas de nota.

Situação do Parecer:

Aprovado


Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Gênero, Sofrimento e Virilidade:
Psicodinâmica do adoecimento no trabalho dos guardas civis metropolitanos de Goiânia
Ronaldo Gomes Souza

Anexo 2 – mapa do município de Goiânia, suas respectivas administrações regiões e população por região

Administrações Regionais		
Regional	População	Superfície (km²)
1 Centro	282.559	37,46
2 Sul	248.990	36,22
3 Sudoeste	187.676	71,88
4 Leste	186.959	79,53
5 Noroeste	160.030	46,35
6 Norte	140.098	85,52
7 Oeste	124.239	86,82
<u>Goiânia</u>	1.318.148	739



Fonte: IBGE/2011